FUNDADOR — JOAQUIM MANSO

QUINTA-FEIRA, 7 DE ABRIL DE 1966

ANO 46.º — NÚMERO 15555

Diário de Lisbôa

DIRECTOR — NORBERTO LOPES
DIRECTOR-ADJUNTO — MARIO NEVES

TELEFS.: 320271 a 320273, 321154 e 321155
END. TEL.: D I B O A — TELEX.: 363

REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO.
RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA

ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º
PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA

NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO
EDITOR — J. CHRISÓSTOMO DE SÁ

O MESMO RUMO

No dia em que completou um ano de vida, o «Diário de Lisboa», pela pena do seu Fundador, assinalou o acontecimento com algumas palavras sóbrias e justas que vale a pena transcrever hoje, em que perfaz quarenta e cinco anos de existência, quanto mais não seja a título de curiosidade:

«O «Diário de Lisboa» completa hoje o seu primeiro aniversário. Nasceu num dia calmo, claro e rescendente das paisagens de Portugal.

As pessoas que se empenharam no seu aparecimento sentiram-se de tão bom humor que nem pensaram que ele duraria um ano. Todo o seu cuidado foi lançá-lo sem nuvens nem preocupações, entregando-o ao publico com a boa fé de quem acredita que neste mundo há uma justiça amável para os esforços honestos. O sucesso excedeu as nossas tímidas esperanças.

Como o «Diário de Lisboa» não vinha para destronar ninguém, mas tão sòmente para, fora de pelejas, ser uma voz bem portuguesa, a sua sinceridade agradou. Havia quem lhe apontasse insuficiências, defeitos graves, contradições, erros, excessos de publicidade, desconhecimento da técnica do jornal Ele calava-se para poder ser mais modesto.

Da crítica benévola ouvia atento todas as indicações, da malévola escutava as censuras, para lhes

(Continua na pág. 33)

COMENTÁRIO INTERNACIONAL de CARLOS FERRÃO

HAROLD WILSON

Harold Wilson fez, no seu partido e na política do seu país, uma carreira fulgurante. Há dezasseis anos entrou, pela primeira vez, para o Governo e era então considerado uma esperança da esquerda trabalhista, alinhando com Aneurin Bevan contra a ala moderada. Durante a campanha para a sucessão de Attlee combateu a candidatura de Gaitskell, mas acatou disciplinadamente a sua efemera direcção. Entretanto inclinara-se para o centro, de que se tornou, com Crossman, a figura intelectual mais em vista. Bevan não deixou sucessor e a esquerda trabalhista perdeu, com ele, o seu chefe indisputado e um político pugnaz e imaginoso, rico de recursos dialécticos e de argumentos convincentes. Michael Fott, que o substituiu na direcção de «Tribune», é um polemista combativo e contundente, sem audiência nem irradiação, e Zilliacus, orador e escritor de mérito, é o filho pródigo, regressado da sua digressão comunisante e visto com desconfiança pelos chefes sindicalistas, cuja influência na marcha do partido continua a ser predominante.

O «Herald Tribune» escreve a propósito do primeiro-ministro e do papel que desempenhou nas eleições de quinta-feira: «Atribuir a vitória trabalhista a Wilson é, talvez, simplificar demasiado o que se passou. Mas, em boa verdade, além dessa razão não se vê outra que levasse o eleitorado a manifestar a sua preferência pelo partido que ocupar o Poder». O «Times», de Nova York, diz por sua vez: «O resultado das eleições deu a medida de como Harold Wilson se desempenhou da sua tarefa de primeiro-ministro. A votação maciça que recebeu o Partido Trabalhista confirmou a sua capacidade para lhe dar a oportunidade de que precisava para governar o país nos próximos cinco anos». Na Imprensa inglesa e estrangeira todos reconhecem que a vitória do trabalhismo foi, fundamentalmente, uma prova de confiança no primeiro-ministro.

O aniversário do «Diário de Lisboa»

O nosso prezado colega «O Século» referiu-se hoje á passagem do 45.º aniversário do «Diário de Lisboa» em termos que muito nos sensibilizam e que nos apraz transcrever:

«Comemora hoje o seu 45.º aniversário o nosso prezado colega «Diário de Lisboa», que no conjunto da Imprensa portuguesa ocupa um lugar do mais merecido relevo, conquistado mercê da invulgar independência que tem sabido assumir em face dos acontecimentos, da impecável honestidade com que os relata e do inabalável desassombro com que os comenta.

Por todas estas razões o «Diário de Lisboa» soube ganhar e manter a consideração, a estima e o respeito dos seus leitores e do publico em geral.

Pela passagem de mais este aniversário endereçamos aos seus ilustres director e director-adjunto, respectivamente srs. drs. Norberto Lopes e Mário Neves, assim como a todos os seus colaboradores, os melhores votos por uma longa e próspera vida daquele vespertino».

Febril actividade diplomática em todo o Mundo devido ao caso da Rodésia

LONDRES, 7 — (A.N.I.) — Foi febril a actividade diplomática em todo o Mundo, durante o dia de ontem, devido ao caso da Rodésia — a que a presença de um petroleiro a duas milhas do oleoduto Beira-Untali—deu um acréscimo de acuidade.

Em Londres, o primeiro-ministro convocou novamente a comissão ministerial de defesa e negócios estrangeiros, e convidou lorde Caradon — o representante britânico nas Nações Unidas para assistir á reunião.

Afirmou-se depois que o delegado britânico na O. N. U. advertira da «impossibilidade» de evitar sanções compulsivas se o embargo de petróleo fosse quebrado — abertamente e ás claras.

Por seu turno, o ministro dos Negócios Estrangeiros, Michael Stewart, convocou o embaixador sul-africano, para o prevenir das graves consequências de uma atitude de aberta rebelião contra as sanções impostas á Rodésia.

Entretanto, chegavam de Lisboa notícias da conferência entre o sub-

(Continua na 18.ª página)

«Lord» Walston, subsecretário de Estado do «Foreign Office», voltou hoje a conferenciar com o ministro dos Negócios Estrangeiros. (Ler notícia na 15.ª página)

Foi recuperada a bomba atómica perdida no mar

MADRID, 7 — (A. N. I.) — A bomba atómica de 1,1 megatoneladas desaparecida ao largo de Palomares, na costa sueste da Espanha, foi recuperada e trazida á superfície, ás 7 horas e 40 minutos de hoje — foi anunciado em Madrid.

O engenho jazia numa fenda, a uma profundidade de, aproximadamente, 750 metros e a cinco milhas da costa.

Nota do dia

«ABRIL EM PORTUGAL»

Estão a decorrer em Lisboa conversações entre representantes da Inglaterra e de Portugal acerca dos acontecimentos resultantes do bloqueio britânico que tem estado a exercer-se no canal de Moçambique, a fim de impedir o abastecimento de petróleo à Rodésia, de acordo com as sanções decretadas pelo Governo de Londres. Deslocaram-se ao nosso País altas individualidades inglesas, que vêm expor às autoridades portuguesas os pontos de vista do Foreign Office acerca deste momentoso problema, que pode transformar-se numa questão explosiva, dada a natureza do produto que está em causa, ou seja o petróleo. O Governo português explicou já, em termos firmes e inequívocos, que não deixam lugar a dúvidas, a posição do nosso País no diferendo que divide os Governos de Londres e de Salisbury. Como quer que seja, Lisboa está a ser, neste momento, teatro de acontecimentos que apaixonam a opinião mundial, ou seja a vedeta, como agora se diz, da actualidade internacional. Estão de parabéns os correspondentes da Imprensa estrangeira, que raras vezes têm o ensejo de fazer entre nós o gosto ao dedo, dada a escassez de assunto com que lutam, num país onde a discrição é norma habitual. Como estão a preparar-se activamente as festas de «Abril em Portugal», que devem atrair ao nosso País numerosos forasteiros, estamos certos de que as conversações de Lisboa, dada a repercussão que vão ter em todo o Mundo, não deixarão de contribuir para uma propaganda útil e compensadora dessa feliz iniciativa. Há que tirar proveito de tudo quanto possa acarretar-nos benefício, já que temos sido, infelizmente, vítimas de tanto mal-entendido e de tanta incompreensão que só nos têm causado prejuízo.

Convite Schweppes

Férias em Londres no «Mundial» de Futebol

Um grande movimento está a caracterizar a recepção das colecções com todas as respostas

Terminou ontem a publicação das perguntas respeitantes ao sensacional concurso «Convite Schweppes», mas não cessou o entusiasmo dos concorrentes cujas colecções chegam, em grandes quantidades ao nosso jornal, quer em entrega pes-

(Continua na 31.ª página)

O HOMEM NO FORMIGUEIRO URBANO

por BARAHONA FERNANDES

O chamado *Homo Sapiens* está a multiplicar-se num ritmo progressivamente crescente e a concentrar-se cada vez mais em gigantescos aglomerados citadinos. Tal é um dos caracteres mais salientes da evolução actual do mundo — fonte de problemas de toda a ordem e motivo de preocupação, de estudo e prospecção para todos os que se não quedam em adoração do passado e querem forjar um mundo mais saudável e mais «humano» para as futuras gerações.

Vamos, pois, atentar, cá na nossa regedoria, no tema do *Dia Mundial de Saude 1966* sobre «O Homem na grande cidade».

Por volta de 1800, ainda cerca de

(Continua na 8.ª página)

VISADO PELA CENSURA

60 PÁGINAS

VIDA LITERÁRIA E ARTÍSTICA

TRANSPORTADO PARA O FUNCHAL NOS AVIÕES DA TAP

De ontem para hoje

DE REGRESSO AO BRASIL

O antigo governador do Estado do Guanabara, dr. Carlos Lacerda, regressou ao Brasil, no avião da Varig que esta madrugada escalou no aeroporto de Lisboa. Era acompanhado dos banqueiros Almeida Braga e Magalhães Lima. No aeroporto compareceram funcionários superiores da Embaixada do Brasil, amigos, com quem esteve reunido durante a meia hora em que o avião ali permaneceu. Falando aos jornalistas, Carlos Lacerda disse que durante a sua permanência no velho continente tratou de vários problemas relacionados com investimentos no Brasil, principalmente na construção de habitações. Acrescentou que tenciona voltar a Portugal, possivelmente em Maio próximo, depois de uma viagem ao Japão, durante a qual pensa também visitar a província portuguesa de Macau.

AS CRIANÇAS E AS ARMAS DE FOGO

Perto de Maceira-Lis, no lugar de Porto do Carro, José Manuel da Piedade Mateus, de 7 anos, filho de Diamantina da Piedade Mateus encontrou a caçadeira de seu tio, o sr. Darlindo Vitorino Pereira, com a qual começou a brincar. Em dada altura avistou-se com a sua prima Maria Manuela Mateus Pereira, filha do sr. Darlindo. Apontou-lhe a arma e desfechou. A pequena caiu redonda no chão banhada em sangue.

O AUTOMÓVEL E O CEGO

José Domingos Pereira Gonçalves, de 19 anos, internado no Instituto de Cegos Branco Rodrigues, em S. João do Estoril, e aluno da Escola Ferreira Borges, em Lisboa, ia ao começo da noite a atravessar a estrada marginal, em S. João do Estoril, defronte do Forte de St.º António. Apanhado pela frente do veículo, o infeliz ceguinho sofreu ferimentos de gravidade. Encontra-se internado no Hospital de S. José.

O MOTORETISTA E A ROCHA

Regressava de Seixo Amarelo a Gonçalo o motoretista sr. Manuel Augusto dos Santos, de 34 anos, mais conhecido por «Manuel Branco». Em dada altura foi embater numa rocha e cuspido a 20 metros de distância. Ali ficou ao sereno da noite, a sangrar e a morrer. Tinha ido a Seixo Amarelo levar o sr. João Soares Carpinteira e foi este que, no dia seguinte, deu com o corpo inanimado...

TRUCIDADO PELO COMBOIO

Tinha 68 anos o sr. Francisco Costa, natural de Louriçal de Cima. Era surdo e seguia ontem da Figueirinha para Castro Verde. Caminhava pelo meio da linha. Um comboio o despedaçou. O maquinista ainda apitou forte, mas foi o que pôde fazer, não lhe dando tempo para parar a composição.

PALÁCIO DE BELÉM

O sr. Presidente da Republica recebeu em audiência, no Palácio de Belém, os srs. eng.º D. Sigismundo de Saldanha; Jaime Pinho; e dr. Luís Ataíde, Freitas da Costa, mons. Lopes da Cruz e eng.º Manuel Bivar, do conselho de administração da Radiotelevisão Portuguesa, que lhe foram oferecer a medalha comemorativa do décimo aniversário da empresa. Recebeu ainda os pintores dr. Jaime Murteira, Silva Lino, Domingos Rebelo e Aires Ferreira, membros da junta directiva do Grupo de Artistas Portugueses, que lhe foram dirigir convite para a inauguração da próxima exposição colectiva dos artistas plásticos que fazem parte daquele grupo.

Famosos poetas do Algarve
estudantes de Coimbra

«Porta Férrea», o apreciado programa, sugestivo e evocador da vida académica de Coimbra, dirigido pelos drs. António Correia e Geraldo Soares, que Rádio Clube Português transmite depois de amanhã, ás 22 horas, focará a iniciativa do I Encontro do Fado de Coimbra e as tradicionais e famosas festas da «Queima das Fitas» dos estudantes da velha e prestigiosa Universidade.

As magníficas tradições poéticas e literárias de Coimbra, com a sua larga projecção na vida nacional e além-fronteiras, serão evocadas, também, neste admirável programa de «Porta Férrea».

Serão recordados dois altos poetas do Algarve e dos maiores de Portugal, João Lúcio e Cândido Guerreiro, que foram estudantes de Coimbra, através de um expressivo episódio que o escritor e jornalista nosso prezado camarada César dos Santos, grande amigo de Coimbra, descreve admiràvelmente no seu belo livro «Terra Morena - Algarve do Sonho e da Tradição».

O mesmo programa de «Porta Férrea» será transmitido pela Estação de Miramar de Rádio Clube Português, na próxima quinta-feira, ás 15 e 30.

RECEPTOR DE TELEVISÃO (PARA CASAL) COM DOIS «ÉCRANS»

TORONTO, 7 — (A. N. I.) — Preocupado com o crescente aumento das desavenças conjugais causadas pela Televisão, Mel Lastman, vendedor num grande armazém de Toronto, criou um aparelho de TV com dois «écrans», colocados em ângulos diferentes e capazes de captarem, simultaneamente, canais diferentes. A cada um desses «écrans» pertencem auscultadores, de forma a que marido e mulher possam ver e ouvir programas diferentes, sem chegarem a vias de facto...

«MOTOR»

Saiu mais um numero, o 124, deste excelente semanário inteiramente dedicado aos problemas do automobilismo, com relevo especial para os do automobilismo de competição.

Do amplo sumário salientam-se as reportagens sobre os «Mil Quilómetros do Benfica» e o «XIV «Rallye» Internacional do R. A. C. E.», uma pormenorizada referência ás próximas competições de Le Mans, um artigo a recordar o grande mestre de carroçarias Pinin Farina, e as habituais secções: jurídica, a cargo da dr.ª Susana Duarte Pedro, de consulta técnica e «Album do Motor».

Bem orientado gráficamente, atento ás mínimas incidências do automobilismo sobre uma vasta série de problemas, «Motor» firma-se de numero para numero como uma das melhores publicações desportivas e técnicas do nosso País.

EM TRÊS LINHAS

Foi concedida a nacionalidade portuguesa ao cidadão espanhol Serafim Melon Cortes.

Timor — a primeira terra portuguesa aquém da «barreira do tempo»

Educação e ensino
por VIRIATO CAMPOS

Quando, em 1945, no fim da última guerra mundial, Timor ficou liberta do «pesadelo» em que viveu sob a ocupação estrangeira e se pôde visitar a província, deu-se conta que as escolas tinham sido destruídas, os professores, quando não haviam perecido sob as ruínas ou sido eliminados, estavam desprovidos de qualquer meio de acção, e os alunos tinham-se dispersado ao sabor das necessidades da luta pela sobrevivência das respectivas famílias.

Houve, portanto, que começar pràticamente de princípio, não apenas com a reconstrução dos edifícios escolares, mas ainda com a organização dos novos quadros docentes e o reagrupamento dos corpos discentes, por forma a conseguir a estruturação de núcleos escolares.

A organização escolar de Timor enquadra-se no plano educativo ao nível nacional, embora incompleto no que respeita a alguns ramos e graus de ensino, cuja existência não se justifica pela pequenez do território e, consequentemente, da população escolar que poderia ascender-lhes. Os programas de ensino, apenas adaptados ao particularismo do meio, são os mesmos que vigoram em todo o espaço português.

Presentemente, existem na província os seguintes graus de ensino: infantil, pré-primário, primário, elementar de artes e ofícios, de aprendizado agrícola, de preparação de professores de posto escolar, secundário liceal, eclesiástico, e de preparação de quadros técnicos.

Foi recentemente criada uma escola técnica elementar, a qual entrará em funcionamento no ano lectivo de 1966-67. As suas novas instalações prevêem já a existência de cursos de formação do ensino técnico-profissional, comercial e industrial.

A falta do ensino dos graus médio e superior é suprida pela concessão de bolsas de estudo, que permitem aos interessados a sua frequência na Metrópole ou em outras províncias ultramarinas. Actualmente, encontram-se a estudar fora da província, beneficiando desta regalia, estudantes dos cursos liceal, técnico, profissional, industrial, de topografia, do magistério primário, de Direito, de Medicina e de Engenharia. Igualmente são concedidas bolsas de estudo a estudantes do interior da ilha que frequentam o liceu de Díli e cujas famílias não dispõem de meios suficientes.

Nesta altura, o número destes estudantes ainda é reduzido, mas com certeza que estará no pensamento dos governantes, perante o constante aumento da massa estudantil, em cursos intensivos dirigidos pelo pessoal docente mais qualificado. Recentemente, foi criado em Díli a Escola Oficial de Habilitação de Professores de Posto e, pertencente á diocese, existe, também, uma escola idêntica para a preparação de raparigas para o Magistério Primário. No seu conjunto, estas escolas têm registado a seguinte frequência: 1962-63, 43; 1963-64, 56; e 1964-65, 101.

Também para Timor se previu o funcionamento da classe pré-primária, criada pelo diploma que promover o acesso de um maior número de alunos ao ensino imediatamente superior e o aproveitamento, ao máximo, dos que revelarem qualidades excepcionais em qualquer campo (artístico, literário, da matemática, etc).

O Estatuto Político Administrativo da província, promulgado em 1963, previu a constituição da Repartição Provincial de Educação. À sua criação correspondeu o alargamento do respectivo quadro burocrático, de modo que os serviços ficassem aptos a corresponder ás exigências da nova orgânica e de todo o dispositivo funcional do ensino.

Cumulativamente, e porque o quadro docente exige uma assistência que não pode ser descurada, foi a província dotada de dois inspectores escolares, de forma que cada agente de ensino possa contar com uma orientação didáctica assídua e eficaz.

Um dos principais problemas a resolver situa-se, contudo, no campo do pessoal docente, cuja preparação eficiente se faz por forma a conseguir que acompanhe o ritmo de criação e construção de escolas. Por isso, a Administração dedica neste momento uma atenção especial á preparação dos agentes de ensino.

Está prestes a sair um novo Regulamento do Ensino Primário destinado a actualizar e coordenar os diversos actos respeitantes á administração escolar e á função educativa. O pessoal docente para o ensino primário da província compreende: professores de ensino primário, diplomados pelas respectivas Escolas do Magistério da Metrópole, de Angola, Moçambique, Macau e do Estado Português da India; professores de posto escolar, com diploma obtido nas respectivas escolas de habilitação; e monitores escolares preparados na província,

(Continua na 9.ª página)

FESTAS DA PÁSCOA

Batalha de flores no domingo em Alenquer

ALENQUER, 7 — No domingo de Páscoa, com início ás 14 horas, efectuam-se nesta vila o tradicional e importante corso e Batalha de Flores e o majestoso Julgamento do Bacalhau, com a colaboração dos Ranchos Folclóricos Infantil e de Adultos de Vila Franca de Xira, Rancho Folclórico «Ceifeiras e Campinos» de Azambuja e Rancho Infantil de Alenquer, que faz a sua apresentação em publico.

A organização pertence á comissão de festas da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Alenquer. Na «batalha» apenas será permitido arremessar flores, serpentinas e papelinhos. As ruas do percurso — Largo Rainha Santa Isabel, Avenida Duarte Pacheco, Largo Palmira Bastos e Rua Triana — estarão ornamentadas a carácter.

Além de carros alegóricos, participarão no corso trompeteiros e «cabeçudos».

Horário do encerramento dos estabelecimentos no sábado da Aleluia

Informa-nos a União de Grémios de Lojistas de Lisboa de que, pelo Instituto Nacional do Trabalho e Previdência, foi autorizado que os estabelecimentos do comércio a retalho, no sábado de Aleluia, se conservem abertos até ás 21 horas, devendo fazer-se, nos termos da legislação em vigor, o pagamento das horas extraordinárias ao pessoal.

OS ÚLTIMOS TRABALHOS
do VI Seminário Internacional de Caracterologia

No Centro de Investigação Pedagógica da Fundação Calouste Gulbenkian realizaram-se hoje as ultimas sessões de trabalhos do VI Seminário Internacional de Caracterologia, que decorre sob os auspícios daquela Fundação e da Associação Internacional de Caracterologia Geral e Aplicada.

Durante a sessão da manhã, presidida pelo reverendo padre Bougerol, foram apresentadas e discutidas três comunicações subordinadas ao tema «Os caracteres e as condutas»: «Caracteres femininos e maternidade», pela dr.ª Suzane Simon, da Associação Internacional de Caracterologia; «Reflexões sobre os estilos de chefia», pelo prof. Gaillat, do Instituto Nacional de Administração Escolar (França); e «Conduta de grupo e condutas pessoais», pelo prof. Muchielli.

O mesmo tema, agora desenvolvido sob o aspecto patológico, preencheu parte da sessão da tarde. Presidiu o prof. Sarro e foram apresentadas as seguintes comunicações: «Os caracteres e as condutas patológicas, principalmente na criança», pelo dr. Aubin, médico-chefe da Clínica Neuropsiquiátrica de Solliespont, e «Condutas naturais e condutas reaccionais nas crianças em idade escolar primária», pela dr.ª Bourcier, assistente de Psicologia na Faculdade de Letras de Rennes.

A partir das 16 horas, e sob a presidência de um português, o prof. Delfim Santos, discutiu-se o segundo tema do dia, «Caracterologia e Pedagogia», que contou com duas comunicações apresentadas pelo prof. Lhotte, inspector distrital de Ensino (França), e pelo psicólogo dr. Manzione. Títulos em apreciação: «O estilo pedagógico e o carácter do pedagogo» e «Carácter, personalidade biológica e condutas dos adolescentes no meio escolar». Os professores Sarro e Delfim Santos orientaram as conclusões sobre os temas tratados.

Seguiu-se um debate de «mesa redonda» sobre «A caracterologia como meio de eficácia e de harmonia», sob a presidência do prof. Mucchielli. O dr. Breda Simões e o prof. Le Gall, presidente do VI Seminário, proferiram as alocuções de encerramento.

Esta noite haverá no Hotel Rex, um jantar de encerramento em que participam todos os cientistas e estudiosos inscritos no seminário.

Estilos de chefia

Teve especial interesse a comunicação apresentada pelo prof. Roger Gaillat, secretário-geral da Associação Internacional de Caracterologia. Há dois casos bem determinados de chefes, acentuou o prof. Gaillat: o espontaneo e o institucional. A comunicação incidiu sobre cada um desses casos, e ainda sobre as relações entre os chefes e os grupos.

Falando do chefe espontaneo, pôs o prof. Gaillat o exemplo da escolha do local e itinerário para uma excursão: «Nesta primeira fase pode apelar-se para um membro que conheça mais ou menos os locais, ou cuja competência geográfica seja considerada util. Mas quando se passar do plano á realização, o grupo tenderá então a confiar a sua sorte a um membro dinamico, julgado apto para organizar e prever e, se possível, possuidor de competência neste domínio. No decorrer da viagem sentir-se-á talvez necessidade de um organizador de diversões, e um terceiro ««leader» temporário pode aparecer. Por fim, se se quer publicar um relatório, é a um membro de pluma ágil que se fará de preferência apelo».

CONCURSO "DIZE TU-DIREI EU"

BOLETIM DE INSCRIÇÃO

Nome .....

.....

Morada .....

.....

Localidade .....

Telefone .....

À

RADIOTELEVISÃO PORTUGUESA

CONCURSO

"DIZE TU-DIREI EU"

Alameda das Linhas de Torres, 95

LISBOA - 5

A CIDADE

RESENHA DE FACTOS QUOTIDIANOS

O árbitro agredido quis receber o dinheiro da indemnização imposta ao futebolista agressor

Jogaram, no domingo, no Campo Eng.º Carlos Salema, no Poço do Bispo, para o campeonato de futebol de juniores, as equipas do Oriental e do Vila-franquense. O desafio decorreu em ambiente de nervosismo na primeira parte e de certa efervescência na segunda. Em determinado lance, um dos jogadores vila-franquenses foi agredido per um adversário, sem que o árbitro e o fiscal de linha o notassem. Um dos companheiros daquele, Francisco José Soares Neves, conhecido pelo Chico, *não tendo sido atendido nos seus gestos de reclamação, nem pelo fiscal de linha, nem pelo árbitro, agrediu este com um pontapé.*

Francisco Neves, franzino, de cabelo curto puxado sobre a testa, calça apertada e casaco bem justo ao corpo, compareceu no Tribunal de Polícia, a responder perante o juiz sr. dr. Bettencourt da Câmara, acusado de agressão ao árbitro Ilídio Coelho.

Interrogado, confessou, dizendo que a sua atitude resultou de o árbitro não ter tomado as providências devidas quando da agressão ao seu companheiro de equipa.

— Mas isso é tudo quanto há de menos desportivo! — observou o magistrado.

— E' que eu sou bastante nervoso...

Ouvidas as testemunhas de defesa, foram unânimes em afirmar o bom comportamento do arguido.

Antes de pronunciar a sentença, o magistrado perguntou ao árbitro Ilídio Coelho se queria perdoar ao jogador impulsivo. Disse aquele que estava pronto a fazê-lo, mas até onde for possível.

Intervindo, o magistrado acentuou:

— A pergunta que lhe fiz é se o senhor está na disposição de perdoar ao arguido!

— Vamos lá ver, senhor doutor juiz, se...

Então, o magistrado ditou para a acta, ao pronunciar a sentença:

— O réu cometeu a infracção de que vem acusado, mas, atendendo á sua menor idade, á confissão expontânea, ao arrependimento manifestado, bom comportamento anterior e ter cometido a agressão em estado de exaltação, por ver um seu companheiro de equipa anteriormente agredido.

Assim, o réu foi condenado em 20 dias de prisão, remível a 10$00 diários, no mínimo de imposto de justiça e na indemnização de 500$00 ao ofendido, pena suspensa por dois anos. No caso, porém, de não pagar imediatamente o imposto de justiça, teria de cumprir cinco dias de prisão.

O magistrado disse, depois, ao futebolista que acabava de julgar:

— Espero que a lição lhe aproveite. Se o senhor é nervoso, como diz, o melhor será abandonar o desporto, que é cheio de emoções.

No final, o árbitro Ilídio Coelho exclamou:

— Senhor doutor juiz, eu não posso prescindir dos quinhentos escudos que V. Ex.ª me arbitrou, como indemnização, porque me fazem grande arranjo...

A audiência já estava encerrada, mas o oficial de diligências informou-o de que, para receber os quinhentos escudos, teria de tentar uma acção.

A quem pertencem os ovos?

Na Secção de Justiça da Polícia de Segurança Pública de Lisboa, no edifício do Governo Civil — encontram-se algumas grades com uma grande quantidade de ovos, presumindo-se que foram furtados de dentro de um veículo que se encontrava estacionado próximo de Moscavide.

Assim, solicita-se aos lesados de tal furto que compareçam, quanto antes, naquela repartição policial, com vista ao reconhecimento dos aludidos artigos.

QUEM PERDEU?

Relação dos achados no dia de ontem e entregues na P. S. P. de Lisboa: Uma quantia em dinheiro; uma bolsa de prata com dinheiro; uma sombrinha; um casaco de ganga com um recibo em nome de João Henriques Barata; uma carteira com documentos e selos fiscais; o bilhete de identidade passado a favor de Luís Garcia dos Santos; uma caderneta com bilhetes para transporte turístico; um chapéu de feltro; uma sombrinha; uma luva; uma roda completa para automóvel; um tampão de roda de automóvel; e diversas argolas com chaves.

Recintos de diversões

No próximo domingo, efectua-se, no Restaurante Típico Carlos Velez, na Rua dos Sete Moinhos, 37, um almoço de confraternização de «Os Marialvas dos Sete Moinhos».

Diario de Lisboa

COIMBRA

AUMENTO DE 2500 CONTOS POR ANO NOS ENCARGOS COM O PESSOAL DOS SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS

Na reunião da Camara Municipal, o presidente, sr. eng.º Araújo Vieira, levou ao conhecimento dos vereadores uma alteração de salários do pessoal dos Serviços Municipalizados.

Afirmou que o concelho de administração dos referidos serviços, procurou, sempre que lhe foi possível, melhorar os salários, ajustando-os aos das actividades particulares, mas, ultimamente, entre estes e aqueles existe um grande desfasamento, o que provoca uma fuga dos assalariados para a actividade particular.

Como é natural, disse o sr. eng.º Araujo Vieira, essa fuga tem causado uma perturbação no programa dos investimentos, pois há a necessidade de ampliar a rede de distribuição de energia eléctrica a todos os pontos do concelho e cuidar com todo o interesse e atenção a distribuição de energia junto dos centros de maior consumo, pois é destes que depende o equilíbrio económico dos Serviços Municipalizados e, se eles forem abandonados, aumentarão as perdas.

Os Serviços Municipalizados — acrescentou o presidente — investiram muitos milhares de contos que permitem manter os níveis tarifários actuais, mas a verdade é que, com as actuais tarifas, e com os aumentos sempre crescentes dos preços dos materiais e da mão-de-obra, tem de haver o maior cuidado com a exploração.

O sr. eng.º Araújo Vieira lamentou que os Serviços Municipalizados não disponham de pessoal qualificado em quantidade para acompanhar a constante evolução do consumo, apesar da preparação permanente do pessoal nas escolas de formação dos Serviços Municipalizados, pois a saída para as actividades privadas é superior ao número de operários que as escolas fornecem. Para evitar essas fugas e manter o equilíbrio económico, seria necessário o ajustamento de salários aos da actividade particular. Lembrando o volume de energia vendida, cerca de 90 milhões de kWh, disse que uma simples estagnação pode trazer uma grande diminuição de receitas, quer pelas perdas verificadas, quer pelo risco de inutilização de máquinas, por efeitos de sobrecargas. E precisamente pela potência das instalações se impõe pessoal altamente especializado.

Prosseguindo na sua clara exposição, o presidente do Município afirmou ainda que a adaptação dos Serviços a novas técnicas de fabrico e o aumento do rendimento de trabalho, á melhor utilização da mão-de-obra e melhor utilização dos capitais investidos, permitiram aos Serviços Municipalizados um aumento de rendimento que os mantém em relativa prosperidade, estando neste momento quase em dia com os seus fornecedores, pois estão práticamente liquidadas as dívidas vencidas, tendo sido recuperado, em pouco tempo, cerca de cinco meses, o atraso dos pagamentos, o que permitiu uma certa estabilidade.

Essa recuperação em tão curto prazo, permite uma remodelação de vencimentos do pessoal, na ordem dos 2500 contos anuais, que a exploração suportará; e só se se verificar a continua evolução dos preços dos materiais e da mão-de-obra, haverá necessidade de tomar outras medidas.

A proposta do sr. eng.º Araujo Vieira mereceu a aprovação unânime da Câmara, manifestando todos os vereadores a sua satisfação pela resolução, que provocou uma larga troca de impressões.

A Câmara Municipal ocupou-se ainda da adjudicação do fornecimento de uma viatura destinada ao Corpo dos Bombeiros Municipais, pela importância de 77 480$00, da concessão de vários subsídios para obras no concelho e da construção de um pavilhão gino-desportivo, coberto, com as dimensões de 45 x 32 m.

Imposiço de insígnias doutorais

No próximo dia 1 de Maio realiza-se, na Universidade, a cerimónia para a imposição de insígnias de doutor «honoris causa», pela Faculdade de Medicina, ao sr. prof. Hilário de Carvalho, da Universidade de S. Paulo. Será apresentante do novo doutor o sr. prof. Maximino Correia, antigo reitor da Universidade de Coimbra e doutor «honoris causa» pela Universidade de S. Paulo, e oradores os srs. profs. Meliço Silvestre e Duarte Santos.

Bons espectáculos de teatro

No Teatro Avenida apresentam-se nos dias 12 e 14 as companhias de Raul Solnado e Amélia Rey Colaço, respectivamente. Solnado e a sua companhia, apresentam-se em estreia, antes de Lisboa, na comédia «Quando casas com a minha mulher ?»; e Amélia Rey Colaço, com a companhia do Teatro Nacional D. Maria II, na peça «Duas dúzias de rosas vermelhas».

Duas noites de teatro que nos vão deliciar.

Novos corpos gerentes do Teatro dos Estudantes

Por portaria do Ministério da Educação Nacional, foi aditado ao artigo 9.º dos Estatutos do T. E. U. C. um parágrafo, que veio a possibilitar a homologação do director artístico deste organismo, prof. Paulo Quintela, para o cargo de presidente da mesa da assembleia geral, que sempre ocupara desde a fundação do T. E. U. C., e para o qual não havia sido homologado nos dois ultimos anos.

Ficaram, assim, finalmente, homologados todos os corpos gerentes do Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra, eleitos em Janeiro passado, ficando os cargos assim distribuídos:

Mesa da assembleia geral — prof. Paulo Quintela, presidente; António Amaro Correia e Ludwig Franz Scheidl.

Direcção administrativa — Carlos António de Magalhães Antunes Baptista, presidente; Alberto de Sousa Martins, José Norberto Saavedra Baeta de Queirós, José André Canhoto Antunes, Maria Manuela da Rocha Cabral Botelho, Manuel Ferreira Dinis Jacinto e Maria Fernanda Matos Pires.

Conselho fiscal e consultivo — Efectivos: Arménio Augusto Malheiro Sottomayor, Henrique de Lemos Vaz Velho, Maria da Graça Rodrigues da Silva Pestana. Suplentes: José Pinto Ribeiro Labaredas, Maria Isabel Lopes de Carvalho e Virgílio Amandio da Cunha Pimenta.

Conselho técnico — António Pereira Marques e Eurico Teixeira Dias.

Conselho cultural — Ada Viganó, Maria Manuela Tavares Costa e Nestor de Sousa.

As comemorações do 9 de Abril

A comissão administrativa da Agência da Liga dos Combatentes comemora no sábado o 48.º aniversário da batalha de La Lys, com uma cerimónia junto do monumento aos Mortos da Grande Guerra, na Avenida Sá da Bandeira, e uma romagem ao cemitério da Conchada, onde serão colocadas flores nas campas dos antigos combatentes.

O Coral dos Estudantes da Faculdade de Letras em França

Os elementos do Coral dos Estudantes da Faculdade de Letras, que seguem, no dia 8 do corrente, para França, estiveram no Paço das Escolas, onde apresentaram cumprimentos de despedida ao magnífico reitor, prof. Jorge Andrade de Gouveia.

Morte sem assistência médica

Na sua residência, no Almegue, faleceu, sem assistência médica, o sr. José Francisco, de 70 anos, casado, pelo que o cadáver, depois das formalidades legais, foi removido para o Instituto de Medicina Legal.

I Acampamento de Campismo de Montanha

O I Acampamento Nacional de Montanha, a realizar na serra da Lousã, organizado pela Secção de Campismo do Ateneu de Coimbra, foi marcado definitivamente para 9 a 12 de Junho próximo.

Espectáculos para hoje

Tivoli — A's 21 e 30: «Cantinflas o Bom Pastor» (12 anos).

Nas outras casas não há espectáculos.

Farmácias de serviço

Miranda — Praça do Comércio (Tel. 23261).

Viegas & Coelho — Rua da Sofia (Tel. 22080).

Santa Isabel — Avenida Sá da Bandeira (Tel. 24916).

Silva Soares — Rua Mouzinho de Albuquerque (Tel. 26654).

objectiva

Rua Nova do Almada, 51 — Lisboa

ARTIGOS PARA FOTOGRAFIA E CINEMA

— LABORATÓRIO ESPECIALIZADO —

COMUNICA A TODOS OS SEUS CLIENTES E AMIGOS, QUE DENTRO EM BREVE, INAUGURARÁ O SEU NOVO ESTABELECIMENTO NA AVENIDA DUQUE DE LOULÉ, 108

A Comédia Humana de BALZAC

«...nunca poderei dar a sublime nota da realidade eterna, como o divino Balzac...»

Eça de Queirós

PORTUGÁLIA EDITORA

DIVERSÕES

TEATRO * CINEMA * CIRCO * VARIEDADES * ÓPERA * BAILADO * TV * RÁDIO

ATRAS DO REPOSTEIRO

- *Foi encenada por Francisco Nicholson a nova peça que a Companhia de Raul Solnado vai estrear a Évora.*
- *Regressa em breve a Lisboa a actriz e cançonetista Manuela Novais, que está a trabalhar no Brasil há alguns meses.*
- *Estreia-se na próxima semana a peça «O Mar», de Miguel Torga, interpretada pelo Teatro Experimental de Cascais, sendo o principal papel feminino confiado a Mirita Casimiro.*

TEATRO VILLARET

«As Raposas», de Lillian Helman

É já no próximo sábado que o moderno e confortável Teatro Villaret reabre as suas portas ao publico da capital para apresentar o segundo espectáculo da Companhia Portuguesa de Comediantes, o vigoroso drama de Lillien Helman e versão portuguesa de José Palla e Carmo, «As Raposas».

Pelo mesmo elenco que fez o êxito de «O Homem que fazia chover» agora enriquecido com outros valores dos nossos palcos, esta peça que retrata a luta de uma família americana pelo poderio de bens e pessoas, batalha essa onde até se esquece a cor do próprio sangue, é o empolgante drama que após 23 dias duma triunfal «tournée» o publico da capital espera com justificada ansiedade.

Dirigida e encenada por Rogério Paulo num cenário de Vítor André, «As Raposas» conta com um «cast» de famosos e prestigiosos actores: Eunice Muñoz e, por ordem de entrada em cena, Madalena Braga, Jaime Santos, Costa Ferreira, João Perry, Luís de Campos, José de Castro, Henriqueta Maya, Rogério Paulo e, em sensacional reaparição, Maria Lalande.

Para este espectáculo, que se destina a maiores de 17 anos, estão desde já abertas as bilheteiras do Teatro Villaret.

TRINDADE

«A Barca sem Pescador»

Apesar da magnífica carreira que está a fazer, sairá de cena, impreterívelmente no dia 17, a peça de Alejandro Casona «A Barca sem Pescador», que a Companhia Nacional de Teatro (subsidiada pelo Fundo de Teatro) está a apresentar para fecho da temporada, depois do que seguirá em digressão pela província.

Esta peça de Casona foi dirigida e encenada por António Manuel Couto Viana e para ela desenhou Juan Soutulho excelentes cenários. A interpretação está a cargo de Assis Pacheco, Hortense Luz, Álvaro Benamor, Virgílio Macieira, Mário Pereira, Ana Paula, Fernanda Montemor, Herminia Tojal, Manuel de Oliveira, Pereira Saraiva e Marcos Caeiro

Depois do êxito de «Todos Eram Meus Filhos», de Miller, esta peça de Casona veio confirmar o excelente nível á atingido pela Companhia Nacional de Teatro, que pode ombrear, sem receio de confrontos com as melhores europeias

MARIA VITORIA

Nova revista popular

Original de Aníbal Nazaré, António Cruz e Eduardo Damas, com musica de Manuel Paião e João de Vasconcelos, os autores que assinaram os ultimos grandes êxitos deste Teatro, reabre, ainda esta semana, o elegante e popular Teatro Maria Vitória para apresentar, em estreia, a nova revista popular, em 2 actos, «Tudo á Mostra!», numa nova e brilhante realização de Rosa Mateus.

Espectáculo dinamico, colorido, alegre e popular, a nova revista vai ser apresentada por um novo e sensacional elenco artístico, á frente do qual se encontram o popularíssimo actor cómico Camilo de Oliveira; a insinuante vedeta popular Ivone Silva; a cantora brasileira Maria Helena; o engraçadíssimo actor Spina; Yola, a linda artista bailarina que reaparece; Angela Ribeiro, que faz a sua estreia em revista; o jovem e popular actor Octávio Matos; a vedeta do fado Ada de Castro; as cançonetistas Rogélia Paulo e Odete Ritto; o cantor de fados de Coimbra João Queirós; Manuel Martins e as gentis artistas Alba Clington, Janine Osório, Virgínia Silvestre, Nina Flores e Mitó Ramos e ainda o actor convidado Artur Semedo, que faz a sua estreia neste género de teatro, e Barroso Lopes, que vai, com a sua graça, tão característica e irresistível, interpretar o «compére».

Um elegante friso de bailarinas, bailarinos e «girls», sob a direcção coreográfica de mestre Charles, completa este sensacional e grandioso conjunto artístico.

O QUE SE PASSOU EM
TELEMARK?

ABC
TEL 36 67 45
As 20.45 e 23 horas
(M. 17 anos)
JOSÉ MIGUEL
Apresenta

Fernanda Borsatti
A dinâmica realização de
BADARÓ
«ADÃO • E • ELAS»
Uma revista sensacional com
AIDA BAPTISTA
FERNANDA BORSATTI — WILMA PALMER — RUDOLFO NEVES
ANTÓNIO SILVA
BEATRIZ DA CONCEIÇÃO
PAULO JORGE
DUO OURO NEGRO

CASINO ESTORIL
APRESENTA NUM EXCEPCIONAL «SHOW»

LYNN ROGERS
NOME FULGURANTE DOS CARTAZES DE LAS VEGAS
DEL REY BROTHERS
EXÍMIOS MALABARISTAS
MARIA VALEJO
UMA VOZ EXPRESSIVA DA CANÇÃO NACIONAL
LES DORISS GIRLS
DO «MOULIN ROUGE» DE PARIS
UM FRISO DE «CHARME» E ELEGÂNCIA
PREÇOS: Sábados, consumo mínimo 60$00. Nos outros dias, consumo mínimo 40$00. Todos os dias, jantar 80$00
(Estes preços não compreendem taxas nem impostos)
TODOS OS DOMINGOS «Matinée» às 17 horas
Chá completo 25$00 (Taxas e impostos não incluídos)
Os mesmos artistas actuam também todas as noites no
Terraço das Estrelas do Hotel Embaixador
(Maiores 17 anos)

RIA PERDIDAMENTE!
no CAPITÓLIO AS 21.45 H. — (12 ANOS)
VASCO MORGADO apresenta
A FARSA DE HENRIQUE SANTANA
MORRa AGORa e Pague Depois

COM
HENRIQUE SANTANA / IRENE ISIDRO / IRENE CRUZ
á frente da C.ª TEATRO ALEGRE
HUMOR NEGRO DE SABOR COR-DE-ROSA
AMANHÃ, atendendo à solenidade do dia, não há espectáculo
SÁBADO, às 21.45 h. * DOMINGO, 3 Espectáculos, às 16—20.45 e 23 h.
LAURA ALVES em «O COMPRADOR DE HORAS»
HOJE, Penafiel — Sábado e Domingo, Aveiro — em 11, Santo Tirso — 12, Viana do Castelo — 13, Espinho — 14, Arrifana — 15, Mealhada

COLISEU
HOJE
À TARDE, às 16 horas
À NOITE, às 21.30
(Maiores 12 anos)
2 GRANDES FILMES 2
«O MÁRTIR DO CALVÁRIO»
(A VIDA DE CRISTO)
e
«Lágrimas de Sangue»
AMANHÃ:
o mesmo programa
À TARDE E À NOITE
— Bilhetes à venda —

Castiça Casa A CESÁRIA
(último reduto fadista Lisboa)
Rua Gilberto Rola 20 — Alcântara
Comunica-se aos estimados clientes e amigos que na próxima sexta-feira devido à solenidade do dia nos encontramos encerrados
Sábado grande noite do FADO
(17 anos)

SEQUEIRA COSTA TEM A HONRA DE ANUNCIAR
O
III CONCURSO INTERNACIONAL DE PIANO
VIANNA DA MOTTA
(Sob o alto patrocínio de Sua Excelência o Senhor Presidente da República)
no IMPERIO
dos dias 18 a 30 de Abril
O MAIOR ACONTECIMENTO MUSICAL DO ANO
COM A PARTICIPAÇÃO DE 60 PIANISTAS DE 25 NAÇÕES
BILHETES A VENDA PARA TODOS OS ESPECTACULOS
Maiores 6 anos

VISITE ELVAS
Organização Hoteleira e Turística
OFERECE:
RESIDENCIAL C/ SNACK-BAR
O LIDADOR
ESTALAGEM DE SANTO ANTÓNIO
com parque para automóveis no BAIRRO DE STA. LUZIA
Micro — Produtos regionais
Estação de serviço Sonap
RESERVAS TEL. 602 — ELVAS
Guias para a visita á cidade e a Espanha

DOMINGO DE PÁSCOA
FESTIVAL DE KARTING
NA
PISTA DE CAMARATE
ORGANIZADO PELO SPORT LISBOA E BENFICA
PROGRAMA
9.30/10.30 horas — TREINO LIVRE
10.30/11.30 » — TREINO OFICIAL
16.00 » — INÍCIO DA COMPETIÇÃO
Estão assegurados transportes e serviço de Snack-Bar
Vias de acesso á pista: Charneca do Lumiar/Camarate, Sacavém/Camarate

A PARTIR DE HOJE!
Em exibição simultânea nos Cinemas MONUMENTAL e EUROPA
A obra imorredoira de PASOLINI
O EVANGELHO SEGUNDO S. MATEUS
O filme cujo fim só será visto no fim do Mundo
ATENÇÃO: Este filme só será exibido nos dias 7, 8 e 9 e não voltará a ser apresentado em Lisboa antes de 365 dias.
MAIORES DE 12 ANOS
UM EXCL. RIVUS

TV DIA A DIA

O que vimos e ouvimos

NOITE DE TEATRO — **Intitula-se a peça «O Mistério da Paixão — O Armeiro». E' seu autor Figueiredo de Barros de quem ainda há pouco tempo a Televisão nos deu um «ensaio dramático» dedicado a Bocage, e também incluído em «Noite de Teatro».**

Como o próprio nome da peça indica, enquadra-se ela na época que atravessamos. Foi representada com solenidade e luzimento em Obidos, onde a Televisão se deslocou para uma transmissão directa. Pretendeu-se, deste modo, já não digo recriar, mas recordar a tradicional magia da vida, paixão e morte de Cristo trazida para a rua. Usança velha e, em tantos lugares do nosso País, ainda viva.

Assistimos, isso é inegável, a um enorme esforço de realização, de coordenação complexa da riqueza de figurantes, guarda-roupa, cenário, iluminação, captação de som e de imagem e outros muitos pormenores. E se nem tudo esteve impecável, podemos em todo o caso considerar que o pensamento e a intenção do autor não terão ficado comprometidos com o trabalho realizado.

O mal maior está, porventura, naquilo que para muitos constituirá qualidade. Refiro-me ao facto de Figueiredo de Barros se ter cingido mais á letra do que ao espírito. As figuras resultam, assim, demasiado esquemáticas, sem aquele fogo interior que é a vida — ou que é a arte, como queiram. A Sarça Ardente não esteve lá. E a subita adesão do Armeiro surge-nos como um processo pouco natural, logo pouco convincente sob o ponto de vista artístico.

O peso excessivo das palavras (O' Claudel, que bem fariam se te lessem bem!) foi ainda agravado pela ênfase desnecessáriamente posta nos gestos e na voz pelos actores. Não se sabe bem porquê, mas quando se trata de romanos ou de gregos há-de romper o braço largo ou a pose hierática e a voz dominadora ou a ostensiva imprecação. Mesmo por dá cá aquela palha. Os actores gritaram muito, o que desfavorece o teatro. Não houve uma equipa: houve unidades a remar cada qual para seu lado.

A maior utilidade de uma peça com as características desta, seria levar a uma funda meditação sobre a grandeza do Homem. Se o conseguiu ou não, eis o que compete a cada espectador determinar.

TV MUNDO — *...E é, de súbito, o Dia que se instala com armas e bagagens no reino da Noite. O dia, a arte, o poder criador do Homem: escolham daqui o que quiserem e tudo estará certo. Com a presença de Miguel Ângelo, como que a nossa presença ganha justificação. Está aí a força da Arte: dar aos homens a consciência de uma dignidade.*

Embora separada em muitas semanas da primeira parte, a segunda matou muita sede que ainda restava. Foi copioso o material fornecido. E, dado que a televisão serve melhor a escultura do que a pintura, por isso o nosso conhecimento de Miguel Ângelo se processou favorávelmente, ao contrário do que tem acontecido com outros nomes da rubrica «No mundo da Arte».

Ontem, para além dos trabalhos do genial escultor, tivemos muitas das suas geniais palavras a fazer-nos companhia para o resto da noite — ou quem sabe se para o resto da vida.

Claro que o conhecimento da vida de Miguel Ângelo não ficou esgotado com estas duas sessões. Pode mesmo dizer-se que a importância da sua obra não terá sido, no plano histórico, suficientemente sublinhada. Mas este TV Mundo cumpriu, inegávelmente, uma função cultural relevante.

Agora, «Moisés» olha-nos do mais fundo das suas pupilas ardentes. A noite esfarela-se-lhe aos pés.—M. C.

TV CONTACTO — Sou um leitor constante de «TV dia-a-dia» desde o seu primeiro numero. O que vou dizer, portanto, não tem o valor de uma censura, pois tenho a certeza de que a falta terá sido involuntária.

«Sigo com muita atenção a sua permanente crítica aos desenhos animados, tão deseducativos. Ora, se se aponta o que está mal, não deve deixar de se dizer o que está bem, e, nesse caso, há que lembrar os desenhos animados franceses transmitidos na ultima emissão de «Cinema 66». Que maravilha de técnica e de poesia!

«Já agora, permito-me sugerir o seguinte: não seria possível dar na Televisão os filmes animados incluídos no Festival Cinematográfico? E' pena que só algumas poucas centenas possam admirá-los:..».

FERNANDO BRITO S. CUNHA — «A ligação directa á Eurovisão teve muitas vantagens, no plano técnico: a imagem é muito mais nítida. Mas a Eurovisão só transmite pontapés na bola e corridas de cavalos? Só desporto? Manifestações artísticas não há? Estará, também, o resto da Europa assim tão vazia de preocupações sérias?

M. MANUELA FERNANDES — Almada.

«Acho bem feitos os seus comentários sobre a divulgação do método directo aplicado nas línguas estrangeiras através de uma professora liceal. Assim, o ensino liceal ganhará em conhecimentos.

«Simplesmente, os processos, os métodos agora divulgados, como mesmo V. disse numa passagem dos seus comentários, estão em utilização desde 1948 no Ensino Técnico, e encontram-se neste ensino os verdadeiros e experimentados pedagogos dos métodos directos.

«Ora acontece que nem o insp. Baptista Martins nem a dr.ª D. Maria Emília Marques realçaram ainda devidamente este aspecto. Aliás, os trabalhos publicados pelo Ensino Técnico são numerosos».

JOÃO PERESTRELO DA CUNHA — Lisboa

Hoje pode ver...

● **Às 23 e 20: «Via Dolorosa»** Uma realização de Correia Alves inspirada nas solenidades da Páscoa. Poema em cinco quadros com textos de Gil Vicente e do poeta brasileiro Menotti del Picchia, musica de António de Almeida Garrett, orquestra e coros dirigidos pelo maestro Silva Pereira, cenários de A. Baganha e direcção de cena de Pirmine Trecu. No elenco: Alda Rodrigues, Alina Vaz, Fernanda Alves, Liliana de Abreu, José de Oliveira Lopes, Manuel Joaquim Paço e um grupo de alunos da Academia de Bailado Clássico.

FESTIVAL INTERNACIONAL DE CINEMA DE LISBOA

O EXCELENTE FESTIVAL DE ANIMAÇÃO

TERMINOU ontem, á noite, o III Festival Internacional de Arte Cinematográfica de Lisboa, iniciativa do maior interesse para o cinema e para o País, que se fica devendo á Casa da Imprensa, á Corporação dos Espectáculos.

Embora este ano o Festival não tenha sido competitivo, não tendo havido, portanto, prémios oficiais, houve, á margem da organização, quatro prémios para as longas metragens: «Prémio da Crítica», para «Vidas Secas» (Brasil); «Prémio Cine-Clube», também para «Vidas Secas»; «Prémio do Secretariado do Cinema e da Rádio», para «Akahige» (Japão); e «Prémio Seiscês», dos cineclubes de orientação cristã, para «Alphaville» (França).

O «Prémio da Crítica» da curta-metragem (animação) foi para o filme «Love Me, Love Me, Love Me» (Grã-Bretanha).

A comunicação dos prémios teve o clima habitual, com a participação entusiasta do publico. Um grande triunfo, sem duvida, para o novo cinema brasileiro.

★

A noite de ontem foi dedicada, inteiramente, aos filmes de animação. E é chegada a altura de assinalar, como merece, o interesse de que se revestiu este I Festival de Cinema de Animação, que trouxe até nós obras de diferentes técnicas e de numerosos países, num acto de afirmação e de revelação surpreendentes.

Este inestimável serviço deve-se, incontestávelmente, a Vasco Granja, que nos seus contactos com os Festivais de Nancy e com o seu interesse pelo cinema de animação criara as condições indispensáveis para dar realidade ao Festival de Animação de Lisboa. Sem ele teria sido impossível valorizar o Festival de Lisboa com esta notável amostra de um sector cinematográfico tão pouco conhecido e apreciado entre nós.

Apesar das imensas dificuldades com que deparou, Vasco Granja saiu vitorioso dos seus esforços, embora não tenha sido possível — por motivos comerciais lamentáveis — exibir três filmes de McLaren, embora o autor tenha autorizado expresamente para tanto o Festival de Lisboa.

Aliás a incompreensão de certos

(Continua na 14.ª página)

Prémio «Cineclube»

Os cineclubes ABC, Imagem e Universitário, de Lisbóa, e o Cineclube do Porto decidiram instituir o «Prémio Cineclube» destinado a distinguir o filme que mais tenha contribuído para afirmar e integrar o cinema no mundo da cultura.

Este prémio foi atribuído, por maioria, ao filme «Vidas Secas», de Nelson Pereira dos Santos, crónica viva e impressiva de uma condição humana, a dos habitantes do Nordeste brasileiro, desenvolvida embora através de uma problemática linear mas suficientemente clara e comunicativa nas suas extraordinárias imagens que, só por si, constituem um relevante documento humano e que são já parte integrante de um cinema novo — o cinema brasileiro.

Decidiu ainda o mesmo juri fazer uma menção especial ao filme checo «Cerny Peter», de Millos Forman.

«70 Anos do Cinema»

Efectua-se amanhã, ás 21 e 30, no Centro Espanhol, Rua Nova da Trindade, 20-2.º, uma sessão de formato reduzido, integrada nos «70 Anos do Cinema» e subordinada ao tema «O Expressionismo alemão», em que serão exibidos os filmes «O Gabinete do Dr. Caligari» (R. Wiene) e «A Morte de Siegfried» (Fritz Lang). No final, haverá um colóquio orientado por Manuel Machado da Luz.

PRÉMIO DA CRÍTICA

1 — Sem carácter oficial, a crítica cinematográfica de Lisboa decidiu atribuir, este ano, um prémio da crítica ao melhor filme de fundo e ao melhor de animação exibidos respectivamente nos III Festival Internacional de Arte Cinematográfica e I Festival de Cinema de Animação.

2 — Constituíram o juri do Prémio da Crítica todos os críticos dos jornais diários e das publicações periódicas editadas em Lisboa que, tendo acompanhado diáriamente, com críticas o desenrolar do Festival ou estando indicados para o virem a fazer, deram o seu apoio á iniciativa.

3 — Verificou-se depois que o juri do Prémio da Crítica era constituído pelos seguintes críticos: Silva Correia (de «A Voz»); Saldanha da Gama (do «Diário da Manhã»); Miguel Freitas da Costa (de «Novidades»); Manuel de Azevedo (do «Diário de Lisboa»); Nuno Rocha, Adelino Cardoso e Dinis de Abreu (do «Diário Popular»); Afonso Cautela (da «Republica»); José Vaz Pereira (do «Jornal Letras e Artes»); Lauro António (de «Plateia» e «Século Ilustrado») e Manuel Machado da Luz (de «Seara Nova»).

4 — Reunido o juri, decidiu o mesmo atribuir, por maioria, o «Prémio da Crítica» da longa metragem ao filme brasileiro «Vidas Secas», de Nelson Pereira dos Santos.

5 — Decidiu ainda o juri, em virtude das qualidades evidentes de «Muriel» e «Cerny Peter», atribuir a estas duas películas menções honrosas.

6 — O juri, felicitando-se pelo indiscutível interesse assumido pelo I Festival de Animação, atribuiu o «Prémio da Crítica» do filme de animação a «Love Me, Love Me, Love Me» (Ama-me), da Grã-Bretanha.

Prémio Secretariado do Cinema e da Rádio

O juri do Secretariado do Cinema e da Rádio, reunido a 6 de Abril de 1966, decidiu por maioria absoluta, atribuir o «Prémio Secretariado do Cinema e da Rádio» do 3.º Festival de Arte Cinematográfica de Lisboa ao filme «Akahije» (O Barba Ruiva), de Akira Kurosawa, por ser aquele que pela sua inspiração e qualidade mais contribui para o progresso espiritual e para o desenvolvimento dos valores humanos e cristãos.

PRÉMIO SEISCÊS

(dos Cineclubes de Lisboa de orientação Cristã)

O Centro Cultural de Cinema e o Cineclube Católico, Cineclubes de orientação Cristã, decidiram por unanimidade atribuir o «Prémio Seiscês», agora instituído, ao filme de *Jean-Luc Godard*, «*Alphaville*».

ACÇÃO TREPIDANTE E DIABÓLICA!

UMA AVENTURA INFERNAL
ONDE SE LUTA POR PRAZER
E ONDE SE MATA POR SADISMO!

OPERAÇÃO ISTAMBUL

(VERSÃO INGLESA)

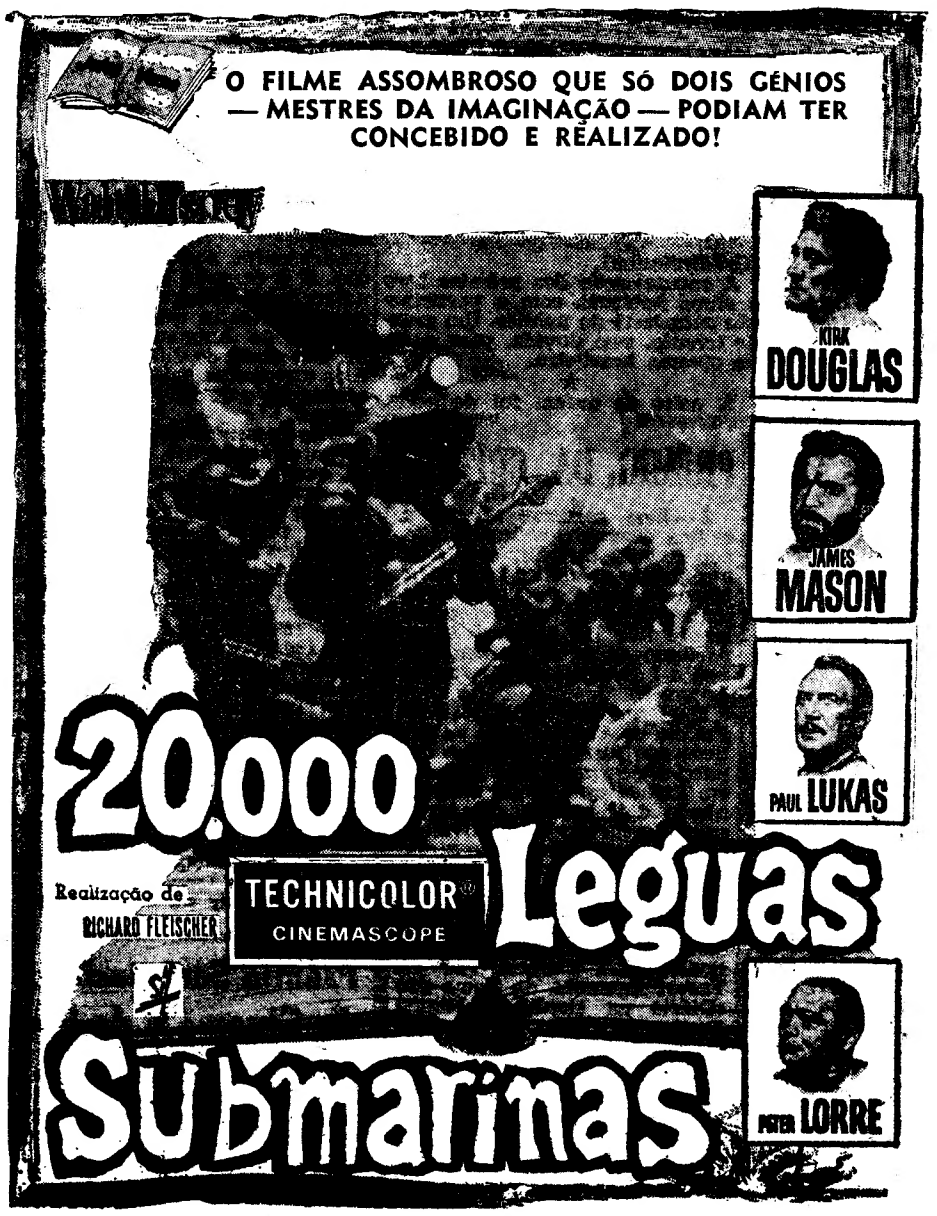
ESTREIA, A SEGUIR

ROMA E AVIS

Exclusivo DOPERFILME — M/ 12 ANOS

HORST BUCHHOLZ
SYLVA KOSCINA
PARRETTE PREDIER
CHRISTINE MERCIEL

EASTMANCOLOR
SCOPE



UM DOS FILMES MAIS CAROS DA HISTÓRIA DO CINEMA!

As figuras lendárias

do CAPITÃO NEMO,
de NED LAND,
do PROFESSOR ARONAX
e do CONSEIL.

HOJE

POLITEAMA

APRESENTA
ÀS 21.30
Para maiores de 12 anos

A FABULOSA E EMOCIONANTE AVENTURA
DO SUBMARINO «NAUTILUS»

A LUTA CONTRA O MONSTRUOSO POLVO, TERROR DOS OCEANOS!

UMA PRODUÇÃO QUE CUSTOU CINCO MILHÕES DE DOLARES E DEMOROU QUATRO ANOS A SER FILMADA

SÓ ATÉ AO DIA 17
FINAL DA TEMPORADA

TRINDADE
— T.N.A.T. —

COMPANHIA NACIONAL DE TEATRO

(subsidiada pelo Fundo de Teatro)

Às 21 45 (Maiores de 12 anos)
SÁBADO «MATINÉE» AS 17 e 30
UM NOVO ÊXITO
A COMÉDIA DE **A. CASONA**

A BARCA SEM PESCADOR

Com extraordinárias interpretações de

ASSIS PACHECO
HORTENSE LUZ
ÁLVARO BENAMOR
VIRGÍLIO MACIEIRA
MÁRIO PEREIRA
ANA PAULA
FERNANDA MONTEMOR
HERMÍNIA TOJAL
MANUEL DE OLIVEIRA
PEREIRA SARAIVA

Cenários de
JUAN SOUTULHO

Encenação de
COUTO VIANA

AVENIDA
Às 21.45
(Adultos)
Tel. 320379
Só até Domingo de Páscoa
ISABEL DE INGLATERRA
com Henriette Morineau
SÁBADO — Última tarde

UM FILME VULCÂNICO E ABRASADOR. INCOMPARÀVELMENTE INTERPRETADO POR UMA DAS MULHERES MAIS FASCINANTES DA TELA!

RIGOROSO EXCLUSIVO DE ÉPOCA — *(MAIORES DE 12 ANOS)*

BILHETES À VENDA

A PARAMOUNT E KURT UNGER apresentam

SOPHIA LOREN
em
"JUDITH"
(JUDITH)

com
PETER FINCH · JACK HAWKINS
E um filme Paramount

HANS VERNER · TERENCE ALEXANDER · FRANK WOLFF · ARMILDO FOA · ANDRE MORELL — *PROD. DE* KURT UNGER — *REALIZ.* DANIEL MANN
Baseado no livro de JOHN MICHAEL HAYES — *versão de* LAWRENCE DURRELL — *música de* SOL KAPLAN — **TECHNICOLOR® PANAVISION®**

UM FILME SELECCIONADO PARA A SUA ESTREIA MUNDIAL NO FAMOSO "RADIO CITY MUSIC HALL" DE NEW YORK!

SÁBADO GRANDE ESTREIA A MATINEE NOS DOIS CINEMAS **SÃO LUIZ** e **ALVALADE**

ESTREIA — SÁBADO 9 DE ABRIL

AR CONDICIONADO
TEATRO VILLARET
o mais moderno e confortavel de lisboa

BILHETES DESDE JÁ À VENDA

COMPANHIA PORTUGUESA DE COMEDIANTES

apresenta

Um vigoroso e empolgante drama

«AS RAPOSAS»
DE LILLIAN HELMAN
Tradução de **José Palla e Carmo**
com
EUNICE MUÑOZ
e por ordem de entrada em cena
MADALENA BRAGA
JAIME SANTOS
COSTA FERREIRA
JOÃO PERRY
LUÍS DE CAMPOS
JOSÉ DE CASTRO
HENRIQUETA MAYA
ROGÉRIO PAULO
e em reaparição
MARIA LALANDE
Direcção e encenação de:
ROGÉRIO PAULO

ADULTOS

CASACOS DE CAMURÇA
LIMPAM-SE
Com garantia de não ficarem estragados
MERCADO DAS PELES
Rua dos Fanqueiros, 286

No CARREGADO o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se na CASA VIOLANTE.

VIDA MUSICAL

O concerto por I Solisti Veneti

Ainda não se tinha apagado o nosso deslumbramento por um acontecimento operático (o «Werther» em S. Carlos, com Alfredo Kraus), outro gozo de igual altitude — mas provocado por musica de feição muito diferente — nos esperava com o concerto do grupo «*I Solisti Veneti*» (promovido pela Fundação Calouste Gulbenkian, no seu Auditório, sob o patrocínio da Embaixada de Itália).

O conjunto do programa pode traduzir-se por uma esplêndida lição de História da Musica setecentista (ou muito afim), apresentando-nos documentos que iluminam aspectos pouco, ou muito pouco, ou até nada conhecidos, mesmo nas duas obras de Vivaldi escolhidos por I Solisti Veneti: o Concerto em mi bemol maior para quatro violinos solistas acompanhados pelos graves do grupo e o cravo, a Sinfonia em Sol maior, que não desmentem a originalidade e a multipla riqueza de invenção do autor. Precediam Vivaldi o Concerto op. 5 n.º 2 de Albnoni, a abrir o programa, com o seu «Allegro assai» final, já próprio a galvanizar o publico que encheu o Auditório, e um Concerto, em Dó menor, de Galuppi, de belo estilo. Na segunda parte, contrastava com a terna e lírica juvenilidade do Concertino em Fá maior de Pergolesi a Sexta Sonata para cordas de Rossini, — bem o mesmo Rossini do «Barbeiro de Sevilha», tão pouco conhecido como autor de musica instrumental: mas o 1.º andamento da sua Sexta Sonata, sem ter forma mais específica de abertura, tem o seu estilo; no 2.º, as perguntas e respostas teatralizam-se automáticamente, e o 3.º, «A tempestade», é uma aliança de forma de concerto virtuosística para aplicar a efeitos descritivos inultrapassáveis, não faltando sequer a sugestão do arco-iris no apaziguamento dos ultimos compassos. Apesar de não ser nem a primeira nem a ultima das tempestades representadas pelo engenho musical, não deixa de ser uma página magistral, de mais a mais na incomparável execução de «I Solisti Veneti».

Achamos que seria intempestivo apontar pequenos, pequeníssimos, acidentes ocasionais, na totalidade de interpretações do famoso grupo, composto apenas de 11 executantes. Todos os sectores de técnica e respectivas pormenorizações necessárias a uma caracterização de estilos levada ao mais alto grau, (com prepotência dos aspectos genialmente sorridentes), são atingidos por uma preparação de elevadas garantias virtuosísticas; favorecida pelo atavismo e pelo meio favorável? Provavelmente. Mas mesmo assim, que exemplo de continuidade e disciplina de trabalho!

Aspiramos a que voltem a Lisboa «I Solisti Veneti», apresentando-nos então também peças da parte do seu repertório dedicado «á difusão de obras contemporaneas e romanticas que raramente são interpretadas», segundo a sucinta apresentação do programa distribuido pela F. C. G.

FRANCINE BENOIT

Concurso para admissão de novas figuras na Orquestra de Câmara Gulbenkian

Encerra-se em 21 do corrente o prazo para inscrição no concurso para admissão de novas figuras na Orquestra de Camara Gulbenkian, nos naipes de violinos e contrabaixos. Os interessados deverão enviar uma carta ao Serviço de Musica da Fundação Gulbenkian com a indicação do nome completo, filiação, nacionalidade, data do nascimento, estado, morada, habilitações literárias e musicais.

Só serão admitidos a concurso concorrentes de nacionalidade portuguesa, com menos de 40 anos.

O programa do concurso inclui uma leitura á primeira vista, execução de uma peça obrigatória (Sonata de J. S. Bach, para violino solo, e a Sonata de Marcello, para contrabaixo) e a interpretação de uma sonata ou concerto á escolha do concorrente.

As provas efectuar-se-ão na primeira semana de Maio num dos Auditórios da Fundação Gulbenkian.

PUBLICAÇÕES

«SELOS E MOEDAS»

Recebemos o numero referente ao primeiro trimestre do ano corrente da revista «Selos e Moedas», da Secção Filatélica e Numismática do Clube dos Galitos de Aveiro, que se ocupa largamente de dois grandes acontecimentos marcados para este ano: o 1.º Congresso Nacional de Filatelia e a 1 Exposição Filatélica Nacional Temática, em Aveiro.

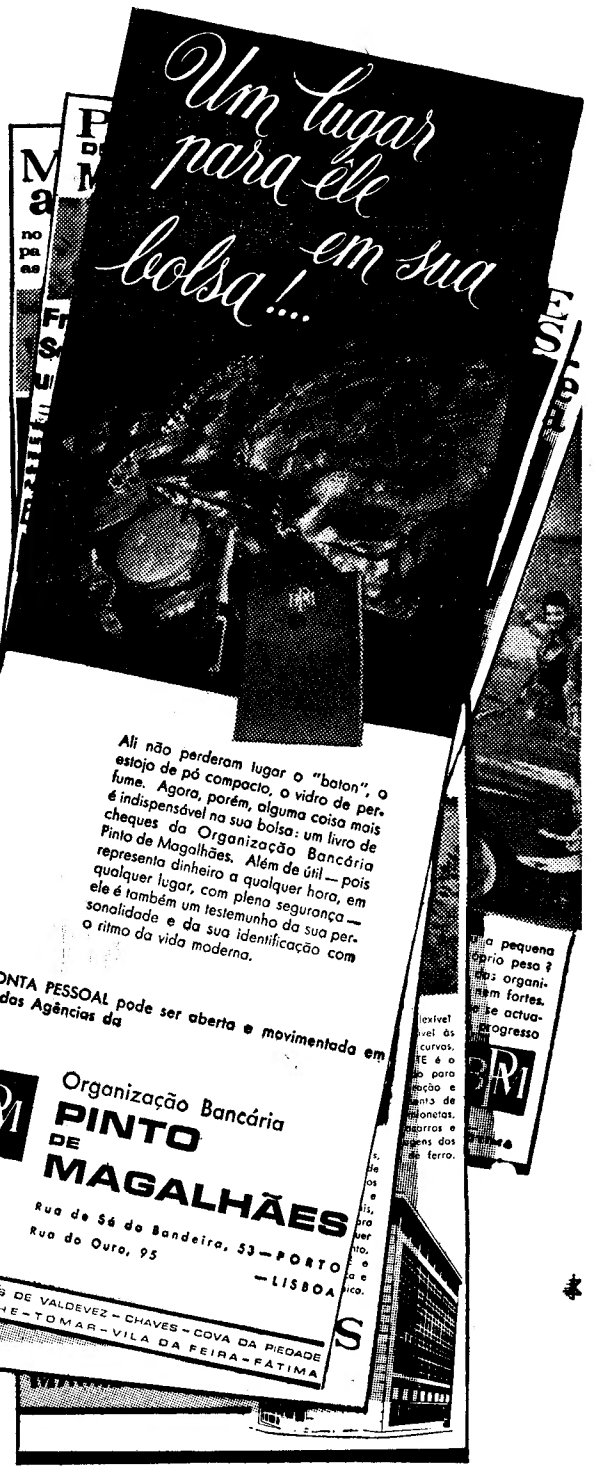
CÂMARA DE COMÉRCIO ALEMÃ

Recebemos o relatório e as contas de 1965 da Camara de Comércio Alemã, aprovado em assembleia geral. Esse documento é precedido por um interessante estudo sobre o desenvolvimento geral económico em Portugal no ano passado, e nomeadamente acerca da evolução do intercambio comercial luso-alemão e dos investimentos estrangeiros no nosso País.

NOS NOSSOS PLANOS DE ACTIVIDADES A SENHORA NÃO TEM SIDO ESQUECIDA

****

Confie-nos as suas economias
e utilize também o SEU crédito



Já contamos com uma boa clientela feminina: Senhoras que assinam cheques e movimentam dinheiro — perfeitamente identificadas com o ritmo da vida moderna. Muitas utilizam o crédito — e a Senhora também pode fazê-lo. Confie-nos, pois, as suas economias e, quando for necessário, venha expor-nos o seu problema de crédito — certamente teremos para ele uma boa solução

Organização Bancária
PINTO DE MAGALHÃES
PORTO — Rua de Sá da Bandeira, 53 ✣ LISBOA — Rua do Ouro, 95
AGÊNCIAS E CORRESPONDENTES EM TODO O PAÍS E NO EXTERIOR

O HOMEM NO FORMIGUEIRO URBANO

(Continuação da 1.ª página

98 % da população mundial viviam fora das cidades. Em 1950, apenas 70 %; e dos seis biliões de seres humanos que se prevêm para o ano 2000, sómente 38 % não formigarão em gigantescas metrópoles. Seis mil anos de civilização agrária (depois de 800 a 900 000 da pré-história) estão dando lugar a uma nova «civilização» industrial... ainda bem pouco madura.

— E' um desafio prometeico ao génio do Homem *este* de planejar a sua existência futura, no âmbito vital, económico, industrial, educativo, político, social...

Não estaremos a comprometer irremediàvelmente as possibilidades da vida e da saude? — para não falar já da felicidade e do sentido autêntico da existência.

Não têm faltado Cassandras predizendo os maiores males. E os que habitam as urbes densíssimas (em Paris há 32 300 habitantes por km²!) sabem como o viver se torna penoso e tenso, como as pessoas suspiram pela paz e o silêncio do campo, como se sentem isoladas e desligadas no meio dos milhões... quando não angustiadas pelo temor da guerra atómica, das coisas económicas. dos conflitos pessoais, dos sofrimentos físico e moral, a morte, a loucura, a perda da fé...

Na cultura agrária o viver corria (e corre ainda em muitos lugares) ao ritmo da Natureza — com outra espécie de problemas, penas e sofrimentos. O indivíduo era moldado pelas vicissitudes do ambiente, pelas tradições e hábitos familiares, pelas rígidas leis dos grupos sociais. A vida moderna nas cidades veio romper muitos desses sólidos quadros onde se nascia, crescia, educava, trabalhava, amava, convivia e morria. A tecnologia e o espírito de inovação alteraram as próprias condições físicas — a casa, a água, a iluminação, o aquecimento, os alimentos, as comunicações, os transportes, o próprio ar que se respira. Com os milhões de pessoas, os motores, a circulação rodoviária, os bairros em crescimento neoplásico, invasor... a breve trecho foram devorados os espaços verdes, as terras de cultivo, a água inquinou-se (ou sabe a «fénico»...) e o ar está poluído, irrespirável. São necessárias novas técnicas para o purificar... para evitar a contaminação dos alimentos, prevenir os contágios, socorrer os enfermos e cuidar dos necessitados.

E assim se desenvolveu a sanidade urbana, com todos os seus métodos de profilaxia e higiene física e mental. Bem conhecida é a acção de estímulo, ajuda técnica e investigação científica da Organização Mundial de Saude, contribuindo decididamente para o vero «milagre» médico da nossa era — a redução das doenças evitáveis, o aumento da duração da vida, a melhor compreensão e aceitação das doenças e anormalidades.

O crescimento rapidíssimo de muitas cidades pela migração mal planeada de massas rurais em más condições sociais e económicas vem pôr em causa todo este progresso sanitário. São os «bairros de lata», os «bidonvilles», as «favelas», os «ranchitos»... Desta maneira, em 20 anos quintuplicou Caracas a sua população, por exemplo; e em toda a parte, nos países em rápida evolução se levantam os problemas — até os que pareciam mais singelos — o espaço habitacional para dormir e estar, a água, a alimentação, o ar, os esgotos... Enquanto milhões de pessoas têm fome, por vezes sede, e dormem nas ruas (17 % da população de Calcutá!) ou partilham com outras famílias o mesmo quarto, planejam-se já futuras cidades de maravilha, com construções suspensas, libertando o solo, e muitas outras inovações arquitectónicas e tecnológicas de verdadeira ficção («cidades-galáxias», construções móveis...) de modo a permitir maior liberdade de acção e de expansão, sossego e recreio — jardins nos tectos das casas, desportos compestres, a pesca, natação, etc.... em plena urbe. Numa palavra — o retorno do campo á cidade, para retemperar os homens, desligando-os da vida mecanizada, por meio das amenidades da natureza. As possibilidades parecem imensas no âmbito da saude física e vital.

E a saude mental? — cabe agora perguntar. Como vivencia ou como se adapta a Personalidade humana a estas novas condições de vida?

— Do alto dos arranha-céus de Nova York ausculta-se aquele «ruído da cidade», que é como o fluir de uma nova forma de vida colectiva (além da temperatura, humidade, poluição do ar, etc., já se mede hoje, também, o ruído exterior por meio de «barómetros» acusticos!). O homem a «tudo» se habitua, e já há peritos que defendem que, dentro de certos limites, o ruído das cidades é estimulante da actividade mental. Embora perturbe o sono de muitos, convida outros á interiorização e á reflexão. Mais penosos são, sem duvida, os ruídos próximos — gritos da vizinhança, rádios estridentes, as pessoas comprimidas em espaços restritos, a conviver e em conflito umas com as outras.

E' o formigueiro humano em todos os lugares das grandes cidades — desde os corredores e átrias das escolas e universidades, até ao metropolitano e outros transportes; e, até, nos lazeres dominicais e nas férias — as praias com mais gente do que seixos, as matas invadidas, as plantas pisadas, as flores profanadas .. A vida torna-se artificial, plasma-se á escala mecânica, industrializada, desumaniza-se até á estereotipia burocratizada.

Mas, ao mesmo tempo, como são belas e fecundas as cidades! E' nelas que desabrocham as melhores criações do Espírito humano, que se concentram os escritores, artistas, investigadores. E' nelas que estão as Catedrais, as Universidades, os museus, as Academias. E' nelas que se governam as nações, se decretam as leis, os costumes, a moda...

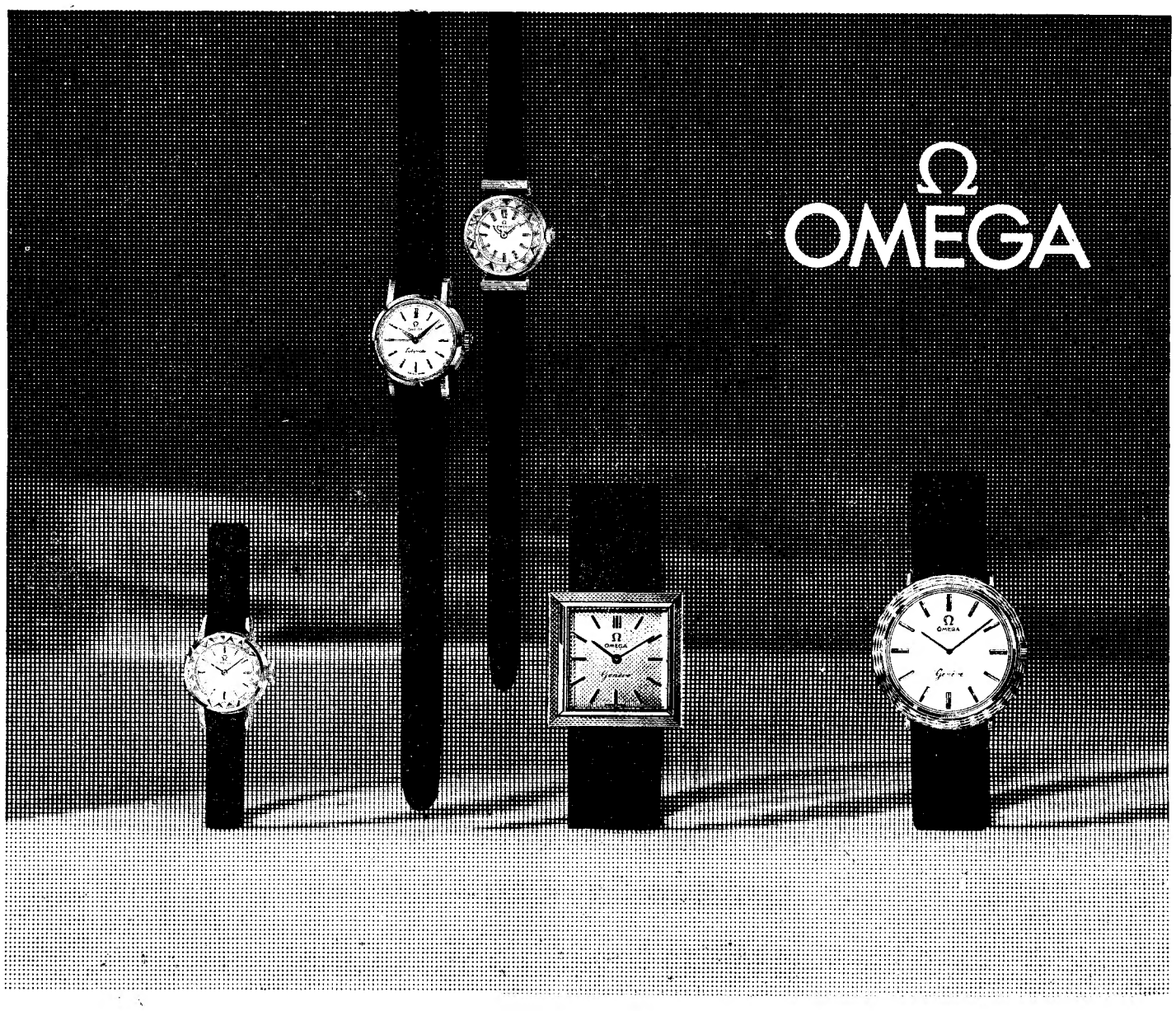
Discutem os especialistas se há ou não nas cidades, relativamente, mais suicídios, divórcios e doenças mentais. Certas formas de psicose e de criminalidade adensam-se em bairros superpopulados, com baixo nível económico e educacional.

Além do ar e das águas, também a mente e o Espírito humano podem ser «poluídos» nas grandes cidades. E o Homem diluído na massa, no anonimato, mecaniza-se em «robots», deixa de comunicar com o semelhante, a não ser pelo telefone, a rádio, a televisão, pensa por calculadoras electrónicas...

Ou, então, ao invés, regressa á violência, ás grandes descargas emocionais, aos divertimentos massificados.

E' todo um novo mundo contrastante — de possibilidades fecundas e de degradações desumanizantes.

O escopo principal da saude de tal formigueiro humano das metrópoles será o de respeitar o indivíduo, cultivando os dotes da Personalidade e enlaçando-o com os outros, em formas de convívio de mais alto valor e sentido espiritual. — *B. F.*



O RELÓGIO OMEGA

UM PRESENTE DE AGRADO CERTO

OFERECER UM OMEGA É DAR A ALGUÉM UM RELÓGIO PARA A VIDA

Na colecção OMEGA, a mais vasta do Mundo em relógios de precisão, há sempre um relógio que satisfaz o mais exigente — porque OMEGA é a elegância ao serviço da precisão. Quer se trate de um *Ladymatic*, o relógio automático para senhora, ou de um *Saphette*, com vidro facetado como um diamante e que cintila como ele; quer se trate, ainda, dum OMEGA "Genève", o relógio criado para os que desejam uma elegância original, sóbria, mas distinta, todos os relógios OMEGA têm o aspecto simples e a linha clássica que desafia os caprichos da moda.

Ω
OMEGA

De Ouro

Saphette	Desde	3.800$
Genève	»	4.400$
Ladymatic	»	4.500$

A PREÇOS FIXOS NAS AGÊNCIAS OFICIAIS, COM GARANTIA INTERNACIONAL

Os Jogos Olímpicos de 1968 serão cronometrados por OMEGA. O México coroa, assim, 36 anos de cronometragem Olímpica OMEGA.

Na TABACARIA POLAR, RUA 5 DE OUTUBRO, 1-2, em CASCAIS, encontra-se á venda o «DIÁRIO DE LISBOA».

A primeira terra portuguesa aquém da «barreira do tempo»

(Continuação da 2.ª página)

reorganizou o ensino primário no Ultramar, e se destina a crianças de 6 anos de idade, visando a aquisição do vocabulário corrente da língua nacional e actividades preparatórias da receptividade para o ensino primário. O ensino desta classe é oral, baseado em actividades lúdicas, e tem por objectivo despertar na criança, racionalmente, as suas faculdades específicas e integrá-la no ambiente mais directo e imediato do seu desenvolvimento.

Esta classe correspondeu á necessidade de ampliação do ensino infantil, conjugado com o primário, e resultou de ensinamentos colhidos na experiência e na aplicação das mais modernas técnicas psico-pedagógicas.

É no âmbito do ensino primário que se trava a maior batalha, a qual começa a vencer-se em várias frentes, como sejam a construção de edifícios, o seu apetrechamento em mobiliário e material didáctico e a preparação do pessoal docente em número e qualidade satisfatórios. Durante o ano transacto foram construídos vários edifícios que totalizaram 30 novas salas de aula; introduziram-se importantes reparações noutros; e o volume do mobiliário e material didáctico distribuído aumentou. Igualmente foram organizadas pequenas mas criteriosamente seleccionadas bibliotecas, com algumas centenas de livros infantis e de educação de base, as quais foram confiadas ás várias escolas primárias. Para se poder avaliar o incremento do ensino, neste grau, comparem-se os números respeitantes aos anos lectivos de 1961-62 e 1963-64 (ainda não foram divulgadas as estatísticas referentes ao ano lectivo passado): em 1961-62, nas escolas a cargo do Estado, 3551 alunos; das Missões Católicas, 5988; particulares, 1315, e das unidades militares, 870, num total de 11 724; em 1962-63, nas mesmas escolas, aqueles números subiram respectivamente a 4672, 10 242, 1307 e 1556, num total de 17 774; em 1963-64, o total já foi de 18 327. Embora não estejam ainda apurados dados exactos referentes a 1964-65, sabe-se contudo que o número de matrículas subiu a cerca de 22 000.

Paralelamente, o número de professores foi o seguinte: em 1961-62, do Estado, 34, das missões católicas, 134; e particulares, 61; num total de 229; em 1962-63, o total passou a 391 e, em 1963-64, a 411.

O número de salas de aula de construção definitiva é, actualmente, no ensino oficial, 51; missões católicas, 78; e colégios particulares, 18; no total de 147. Além destas, existem ainda as das unidades militares e outras de instalação provisória, que têm satisfeito ás necessidades imediatas.

Através de caixas escolares mantidas, fundamentalmente, com o produto das granjas agrícolas a cargo das autoridades administrativas, é prestada assistência ás crianças oriundas de famílias de mais débil economia e ás que se deslocam de longe para frequentar a escola.

O ensino elementar de artes e ofícios não tem tido, em Timor, o desenvolvimento que se regista nas outras províncias, talvez em consequência do ancestral pendor do povo timorense para o campo e a tendência para a pulverização populacional, que não facilita a formação de aglomerados em que possam surgir necessidades mais complexas.

Alguma coisa, no entanto, se tem realizado: além da acção levada a efeito pelas unidades militares e de difícil determinação, existe em Fuiloro, no concelho de Lautem, a cargo dos Salesianos, uma escola elementar de artes e ofícios para a preparação dos marceneiros, mecânicos, sapateiros e alfaiates.

No ramo do ensino elementar agrícola, construiu-se, no ano passado, em Fatu Maca, próximo de Baucau, uma escola agro-pecuária, a qual, na fase inicial, compreenderá dois corpos de rés-do-chão e primeiro andar, com doze salas de aula e mais seis pavilhões separados, para dormitórios, cozinha, refeitório, residência de professores, teatro e capela, além das instalações próprias para a recolha dos produtos e das alfaias agrícolas. Nesta fase comportará 250 alunos internos e 100 externos. A escola de Fatu situa-se numa zona ondé é possível a prática de uma agricultura extremamente diversificada e a criação de diversas espécies pecuárias, o que permitirá beneficiar rapazes de todas as regiões da província.

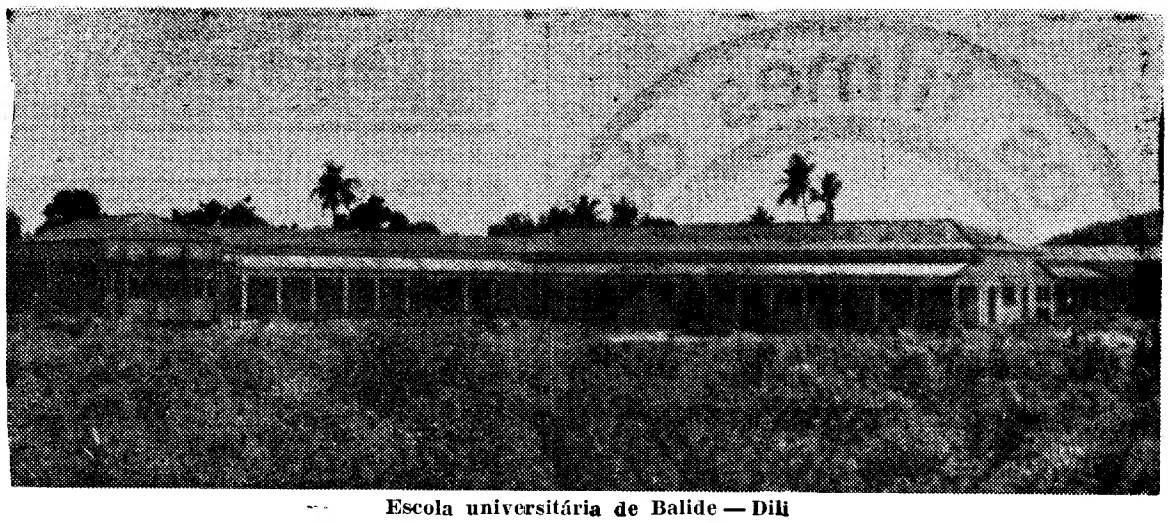
O ensino secundário conta, por enquanto, apenas com o ramo liceal, que se ministra no liceu de Díli; e, no interior, nas unidades militares. O número de alunos matriculados nos anos de 1962, 1963 e 1964 foi, respectivamente, de 201, 368 e 384. Nos mesmos anos lectivos houve, respectivamente, 22, 35 e 31 professores. A colónia luso-chinesa possui em Díli um colégio-liceu, para o ensino secundário, o qual, em 1964-65, registou a frequência de 149 alunos, leccionados por 10 professores.

À margem do plano educativo nacional, determinados serviços provinciais mantêm cursos não regulares para a preparação de pessoal para preenchimento dos seus próprios quadros e aperfeiçoamento do existente. Neste campo, os cursos mais importantes, pela sua regularidade, são os efectuados pelos Serviços de Saúde e Assistência, dos quais, desde 1947, sairam já numerosos enfermeiros, parteiras visitadoras, auxiliares de enfermagem e auxiliares de farmácia. Em 1964, foi reorganizada a Escola Técnica dos Serviços de Saúde e Assistência, que teve, nesse ano, a frequência de 58 alunos, como dissemos já. Nas oficinas mecânicas dos Serviços de Obras Públicas, nos campos de estudo dos Serviços de Agricultura e nos Serviços de Correios, Telégrafos e Telefones, industriam-se práticos para ocorrer ás necessidades próprias.

A diocese de Díli possui um seminário em Dare, nos arredores da capital, a cargo dos padres da Companhia de Jesus, onde se ministra o ensino eclesiástico até ao 6.º ano. A conclusão do curso é efectuadá no seminário de Macau.

A obra realizada ou em curso na província portuguesa de Timor, no capítulo da educação e ensino, pode não assumir aspectos espectaculares. Encarada, porém, do ponto de vista da amplitude do seu significado humano e do seu alcance social, ela dá-nos uma certeza: a sólida base em que assenta o trabalho, incontestàvelmente profícuo, de elevação do nível de vida das populações, que tem constituído o fulcro da acção civilizadora dos portugueses no Mundo, esta desde muito cedo revelada, quanto a Timor, na ciência cartográfica do Atlas de Francisco Rodrigues de 1513 ou, mais provàvelmente, de 1514.

VIRIATO CAMPOS



Escola universitária de Balide — Díli

bom apetite

RESTAURANTE
MONTE ALENTEJANO
Diàriamente servimos os pratos de MIGAS com carne de porco Ensopado de Borrego Sopa de cachola, e mais pratos regionais
Rua D. Luís de Noronha, 32-A
(A Av de Berna) — Telef. 778095
ABERTO TODOS OS DIAS

Restaurante CUBANA
Av Miguel Bombarda, n.º 14
Telefone 77 32 80
COZINHA PORTUGUESA
Amanhã
Bacalhau á Cubana
Sábado
Caldeirada á Cubana

TAVERNA DO EMBUÇADO
RESTAURANTE DE LUXO
DE UTILIDADE TURISTICA
Comunica a todos os seus Ex.mos Clientes que fecha nos próximos dias 7 e 8 devida á solenidade dos dias.

RESTAURANTE
RESTAURAÇÃO
AS MELHORES E MAIS RÁPIDAS REFEIÇÕES AOS MAIS BAIXOS PREÇOS
Especialidade de Churrasco
RUA 1.º DE DEZEMBRO, 105
Telef 369495

RESTAURANTE
BÓLIDE
(Premiado nos concursos do S N I)
A MANHÃ
BACALHAU NO FORNO À BÓLIDE
ARROZ DE FRANGO À TRIPEIRINHA
Diàriamente especialidades da casa
AV. DE ROMA, 7-A — Telef 763522

RESTAURANTE
ALIMENTAÇÃO RACIONAL VEGETARIANA COOK
Encerrado aos domingos
R. Emenda, 110-2.º (ao Camões)
T. 370500 LISBOA

Restaurante CASTANHEIRA
DECLARADO DE UTILIDADE TURÍSTICA
Est. da Torre — Lumiar — Tel. 790168
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
SALAS RESERVADAS PARA BANQUETES E LANCHES DE CASAMENTO
AMBIENTE DISTINTAMENTE FAMILIAR

COZINHA ALENTEJANA
AV. DO AEROPORTO, 66
Telef. 727071
SERVIÇO DE RESTAURANTE
Servem-se lanches de casamento e banquetes
ENCERRA AS 2.as-FEIRAS

CHURRASCO
RESTAURANTE
ABERTO ATÉ AS 3.30 H
Rua das Portas S Antão, 83
Telef. 323059

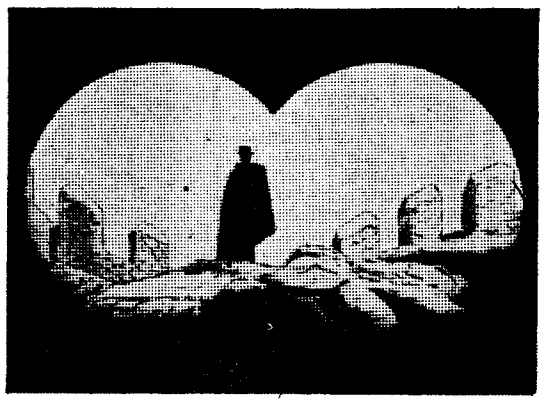
O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30 e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto, em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

Companhia de Seguros
FIDELIDADE

CAPITAL E RESERVAS
Esc. 480.240.498$68

SÉDE: LARGO DO CORPO SANTO, 13 — LISBOA



debaixo da capa está o segredo
porto SANDEMAN o melhor

os filmes de EXITO da semana

TERMINOU o «Festival». Foi um corrupio para os lados do paçato bairro lisboeta onde se instalou o novo Europa. O «Festival» terminou com a indiferença da crítica e do publico. Não é fácil obter, mesmo com o desmedido esforço dos organizadores, os filmes de primeira água... porque o «Festival» tem um ar caseiro de anteestreias.

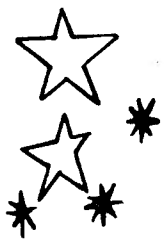
Todo o mundo sabe que esta festa anual da Casa da Imprensa tem muito mérito no campo das nossas limitações, mas tudo fica por aí. A própria palavra «festival» pode confundir as pessoas que, ao chegarem a Campo de Ourique se sentiam como em Cannes ou Veneza, Berlim ou Moscovo... Não estamos perante obras virgens a que concorrem entusiásticamente produtores e realizadores. Em Campo de Ourique, o «festival» tem outras características — e só nesse aspecto o devemos encarar.

Houve quem se revoltasse (o que seria muito justo em Cannes ou Veneza, Berlim ou Moscovo) por se exibirem nos intervalos filmes de publicidade...

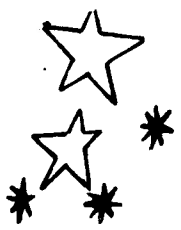
E porque não? De resto, ainda não existem cintos de segurança nas plateias dos cinemas. Cada um é livre de se levantar e meter arrogantemente o seu cigarro na boca — e entre duas fumaças, entrar no bate-papo dos críticos e homens do cinema. Os homens do cinema... os mesmos que também fazem filmes de publicidade.

FLASHES

«Judith» aparecerá ainda esta época numa das salas de Lisboa. Interpretado por Sophia Loren e Peter Finch, «Judith» tem ainda o privilégio de revelar, através do cinema, um dos maiores escritores contemporâneos, Lawrence Durrel.



A próxima estreia do Odeon e do Aviz, «A Dama de Beirute» traz de novo até nós Sarita Montiel. A popular actirz espanhola, que goza hoje dum prestígio invulgar em todo mundo, tem uma interpretação de grande nível neste filme. «A Dama de Beirute» vem precedido de um longo «palmarès» de êxitos, nas cidades onde já foi exibido.



É interessante assinalar que no inquérito promovido pela revista «O Tempo e o Modo», acerca dos dez melhores filmes exibidos em Portugal em 1965, foi «O Cabo de Guerra», de Jean Renoir, o mais votado. E dizemos interessante, porque o público ignorou quase totalmente a passagem entre nós desta notável obra do grande realizador francês.

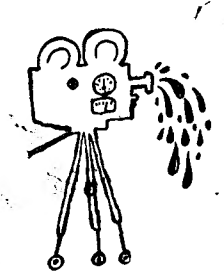
O REALIZADOR DA SEMANA

Pier Paolo Pasolini não conta com uma extensa filmografia, mas desfruta de um sólido prestígio internacional, mercê do elevado nível das suas obras.

Iniciou-se nas lides artísticas como escritor, e aí alcançou um lugar de grande relevo. Os seus livros estão traduzidos em muitos países e a crítica reconhece em Pasolini um escritor talentoso e polémico.

Mas o cinema atrai o jovem escritor e, em 1961, realiza a sua primeira grande-metragem, «Accattone». Filiado numa tradição neo-realista, Pasolini debruça-se sobre os delicados problemas sociais da Itália dos anos 60. «Accattone» é a crónica dos fora-da-lei romanos. Depois do êxito deste filme realiza, sucessivamente, «Mamma Roma», um episódio de «Rogopag» e «O Evangelho Segundo S. Mateus» (agora em exibição no Monumental e no Europa), considerado pela crítica como a sua melhor obra, e premiado em vários festivais.

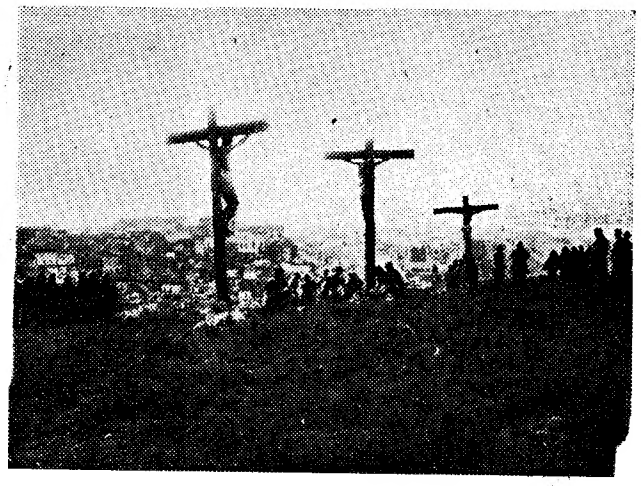
Pier Paolo Pasolini, quer como escritor quer como realizador, enfileira hoje ao lado dos maiores nomes da Itália, pela riqueza dos seus temas e pela visão crítica dos problemas da nossa época.



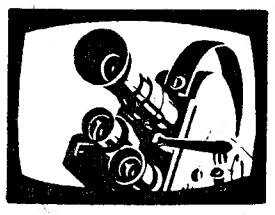
FOTOGRAMAS

O êxito europeu de «Matrimónio à Italiana» começa a ser um caso em Lisboa. A vasta sala do IMPÉRIO iniciou ontem a quinta semana de enchentes com essa nova obra do grande Vittorio De Sica que soube, a partir dum argumento quase dramático, estabelecer a comédia cheia duma verdade latina em que intervém Sophia Loren e Marcello Mastroiani. «Matrimónio à Italiana» tem muito de comum com o matrimónio à portuguesa ou à espanhola. Por isso se observa com particular agrado e compreensão aqui em Lisboa; por isso se admira toda a verdade desta obra de De Sica

Mais do que um acontecimento, as treze semanas de estreia de «Música no Coração» é um recorde. O filme da Fox que começou uma brilhante carreira no TIVOLI e no ROMA, continuou na primeira destas salas e manteve-se com largas lotações. O filme, que é espectáculo em 70 m/m, vive pelos seus méritos próprios — a paisagem austríaca, a musica, a história simples e enternecedora e a presença extraordinária de Julie Andrews — quanto a nós, uma nova Doris Day. Aí está o nosso filme para a Páscoa...

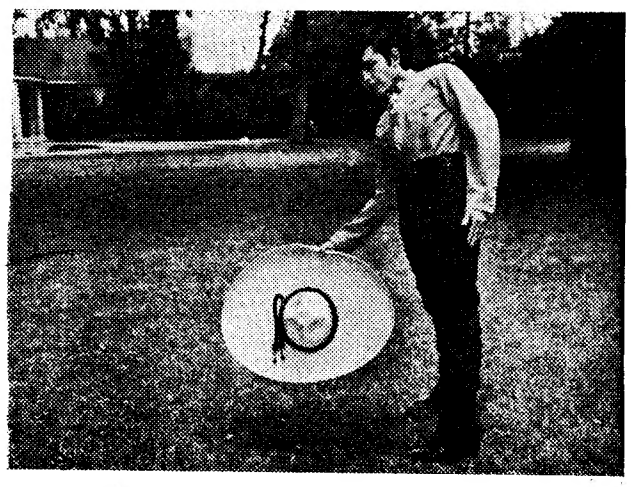


«O Evangelho segundo S. Mateus», em exibição simultanea no MONUMENTAL e no EUROPA, e hoje considerado a obra-prima de Pasolini (ver o Realizador da Semana). Considerado como a mais fiel interpretação da figura de Cristo, o filme de Pasolini, ultrapassa os limites da História, para ser uma grande obra de cinema. Graças a esta generosa iniciativa do MONUMENTAL e do EUROPA, o público lisboeta tem à sua disposição, por escassos dias, este filme tão aplaudido e discutido



FOTOGRAMAS

A encerrár a série de filmes de «suspense», o ESTUDIO apresenta «O Enigma do Apartamento», de Freddie Francis, uma história de amor e de crime, que prende o espectador pela beleza e pela emoção. Interpretado por Lellia Goldoni (a célebre vedeta de «Shadows) e Richard Webber, «O Enigma do Apartamento» encerra a série anunciada como um verdadeiro festival. Mais uma vez os apreciadores de bom cinema estão de parabéns



Quando a semana passada previámos para «Joselito, Vagabundo» uma longa temporada de lotações esgotadas no cinema ODEON, estávamos apenas a confirmar a popularidade e a simpatia que o pequeno actor goza entre o nosso publico. E, de facto, «Joselito, Vagabundo» promete-nos muitas semanas no ODEON, onde já conheceu tantos êxitos, prolongando este verdadeiro brinde de Páscoa

No EDEN apresenta-se amanhã uma nova obra do grande realizador Christian Jacques: «O Repasto das Feras». No dramático filme, com base numa história ocorrida durante a ocupação alemã em França, coloca-se uma terrível questão: como se pode reagir perante a ameaça de uma morte injusta? Sete indivíduos encontram-se perante esta pergunta e parecem impotentes ante a ameaça nazi. «O Repasto das Feras» tem como principais protagonistas: Dominique Batorel Antonella Lualdi, Franee Anglade, Claude Rich e Francis Blanche

os filmes de EXITO da semana

FESTIVAL DE CINEMA

(Continuação da 5.ª página)

distribuidores em face do certame é, verdadeiramente, estranha.

★

Vimos no Festival de Animação obras da França, Estados Unidos, Inglaterra, Cuba e Bélgica, embora outros centros importantes (Canadá Jugoslávia, Checoslováquia, etc.) estivessem presentes na Exposição que esteve patente durante o Festival.

O «Prémio da Crítica» foi para o filme inglês «Love Me», muito embora outras obras pudessem, também, merecer, em nosso parecer, tal galardão. E' o caso, por exemplo, de «Teeth is Money» (Bélgica), «El Gallito de Papel» (Cuba), «La Porte» ou «L'Oiseau» (França) e outros.

Desenhos animados, bonecos movimentados, desenhos ou pintura na própria película, colagens ou misturas de todas estas técnicas, de tudo um pouco vimos, á mistura com bandas sonoras e cor por vezes sensacionais.

A poesia, a pintura, a graça, a ironia e, até, a tragédia estiveram presentes em muitas obras, que nem por serem breves não deixaram de revelar a importancia e a originalidade destas obras de autor — sector notável do cinema dos nossos dias.

Se não podemos deixar de louvar o alargamento de horizontes e de fronteiras deste III Festival, em que sobressaiu o nível de alguns filmes de longa-metragem e o de muitos filmes de animação, também não podemos deixar de assinalar a ausência do cinema italiano, inglês e francês.

Esperemos que o IV Festival constitua um novo passo em frente.

M. de A.

RENOIR
E «PLANÈTE»

Terminou, ontem, com a projecção da longa-metragem «O testamento do dr. Cordelier», a retrospectiva de Jean Renoir. A iniciativa valorizou inegávelmente este III Festival. A escolha do nome foi judiciosa: Jean Renoir pertence de pedra e cal á história do Cinema. Poderá discutir-se se os filmes eram suficientemente representativos (e não eram, no nosso entender). Mas qualquer coisa ficou da retrospectiva: a ideia de que um realizador, tal como um autor literário, deve ser abordado no sentido de libertar o fundamental do acessório. O fundamental, bem entendido, é a sua temática e o seu modo de tratá-la.

«O testamento do dr. Cordelier» nada acrescenta á glória de Jean Renoir. Hesita-se em classificar este filme de gracioso ou pretensioso. Seriedade? A do científico á «Planète». Mas há um Opale a ver: Jean-Louis Barrault. E certos pormenores de caracterologia (o termo está na berra), a revelar um agudo conhecimento do homem do nosso tempo.

Muita gente ficou a apreciar o velho Renoir. Compreendeu-o melhor, situou-o e discutiu-lhe as proposições. Resta-nos sublinhar, mais uma vez, o interesse dos organizadores do III Festival pela divulgação do bom cinema.

F. A. P.

Regressaram da sua digressão artística pelo norte do País os jovens executantes da Fundação Musical dos Amigos das Crianças. O êxito invulgar dos concertos que deram nas diversas delegações é garantia segura de que não diminuiu o interesse pela música clássica. Na gravura: os pequenos músicos, com a directora da instituição, Adriana de Vecchi, junto do autocarro em que viajaram

ÓPERA EM S. CARLOS
«O BARBEIRO DE SEVILHA»

Mesmo tendo de aceitar as consequências de uma apresentação nova (na época) — felizmente muito conhecida da orquestra e com pouca intervenção coral — mas com muito movimento de cena, sem tempo para ensaiar com um mínimo de apuro, pois o calendário adiantou dois dias por causa da Semana Santa e ainda na véspera se tinha levado a ópera «Werther» no Coliseu, o «Barbeiro de Sevilha» deu novamente ao S. Carlos uma noite de grande agrado. Não houve ovações de fazer cair o tecto, porque, mesmo que se distinguissem esta ou aquela figura solista, o conjunto de desempenho e a sua modalidade é que foi de molde a impor a genialidade da mais célebre das óperas jocosas. O ritmo muito certo que o maestro Franco Patané quis imprimir ao desenrolar da partitura mais necessário ainda tornava um pouco menos de precipitação na montagem do espectáculo; mas temos de nos congratular pela *qualidade* musical que se salvaguardou no palco, colocando em primeiro plano, não apenas pela importância dos seus papéis, Sesto Bruscantini, o protagonista, e Gianna d'Angelo («Rosina»). As costumadas renovações de pormenores de comicidade foram bem achadas, algumas, e mesmo quando discutíveis, outras, não impediram os dois citados intérpretes de impor a sua arte distintíssima e, até, uma naturalidade que chegou a ser milagrosa. (Mas a indumentária de Gianna d'Angelo é muito sobrecarregada). Ao lado de Sesto Bruscantini e Gianna d'Angelo, havendo-se não só nos tão conhecidos, admirados e admiráveis solos sempre com dignidade da parte de todos e com especial êxito da parte de outros (no desempenho das personagens de «D. Basílio» e de «D. Bártolo», nomeadamente), mas também no equilíbrio dos não menos admiráveis duetos, houveram-se Ugo Benelli, tenor com excelente carácter musical, Álvaro Malta, Agostino Ferrin, um baixo de magnífico potencial de voz, e Manuel Leitão.

Reservamos para outra ocasião as pormenorizações que tais artistas merecem, não querendo deixar sem sublinhar desta vez o predomínio de inteligência pessoal e validade teatral de conjunto reveladas neste espectáculo.

FRANCINE BENOIT

Os «Gaiatos»
no cinema Monumental

Os «Gaiatos» do padre Américo levam a efeito no próximo dia 21, ás 18 e 30, no cinema Monumental, a sua tradicional festa anual — um espectáculo concebido e interpretado só pelos rapazes — sempre ansiosamente aguardada pelos inumeros amigos da interessante obra de educação e assistência.

O programa rico de beleza, e cujo nível artístico tem merecido do publico de várias cidades do País os maiores aplausos, vai satisfazer os inumeros amigos da Casa do Gaiato na capital.

SUIÇA

FEIRA DE BASILEIA

16 A 26 DE ABRIL DE 1966

A FEIRA SUIÇA DE AMOSTRAS DE BASILEIA OFERECE AOS SEUS MILHARES DE VISITANTES UMA PANORÂMICA DAS MAIS RECENTES E VARIADAS CRIAÇÕES. MAIS DE 2.600 EXPOSITORES TRABALHAM PARA QUE TODO O MUNDO POSSA APRECIAR A ALTA QUALIDADE DOS NOVOS PRODUTOS DA TÉCNICA SUIÇA. UMA VIAGEM À FEIRA DE BASILEIA É O MELHOR E O MAIS SIMPLES MEIO DE SE FAMILIARIZAR COM AS MAIS RECENTES CONQUISTAS DA PRODUÇÃO SUIÇA.

CONSULTE O SEU AGENTE DE VIAGENS OU

TAP TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES

VAI 2 a TAP LEVA-O

PELA MARCA SE IDENTIFICA O BOM GOSTO

NAS RUAS MAIS ELEGANTES DO MUNDO ENCONTRARÁ FUMADORES DESFRUTANDO O PRAZER DE SABOREAREM UM CIGARRO L&M

AS FUMAÇAS DO L&M SÃO UNS CURTOS MOMENTOS AGRADÁVEIS NA VIDA...

DESTINA-SE A UM PORTUGUÊS O «PRÉMIO HACHETTE-LAROUSSE» PARA O ANO DE 1966

Cabe a Portugal o «Prémio Hachete-Larousse» para o ano de 1966. Criado há oito anos, aquando da realização em Tóquio do Congresso Internacional do P. E. N. Clube, resultou de um plano das casas editoras Hachette e Larousse, com a colaboração da Air France, para proporcionar anualmente uma estada de cinco meses em França a um estrangeiro «de língua e cultura francesas», isto é, um estrangeiro que domine o francês e reconheça haver elaborado a sua cultura no convívio e no estudo da cultura francesa.

O «Prémio Hachette-Larousse» foi outorgado em 1958 ao Japão, cabendo depois sucessivamente á Grécia, Brasil, Irão, Suécia, Estados Unidos, Argentina e Grã-Bretanha. Este ano será destinado a um cidadão português.

Normas do concurso

Podem concorrer ao «Prémio Hachette-Larousse» portugueses de ambos os sexos, com idade compreendida entre os vinte e os trinta anos, e domiciliados no nosso País. Os candidatos deverão dissertar sobre o seguinte tema: «Em que medida as obras francesas (literárias, artísticas ou científicas) exerceram influência sobre o desenvolvimento da sua personalidade?». É obrigatório exemplificar as obras em causa e as razões por que são essas, e não outras, as mais importantes aos olhos do candidato.

A dissertação, que poderá ser escrita á mão (mas de modo legível) ou dactilografada, não deve exceder doze páginas. No caso de ser dactilografada, deve ter um máximo de vinte e cinco linhas por página. Não há qualquer mínimo estabelecido.

A dissertação terá de ser enviada em duplicado, com um número ou divisa a encabeçar a primeira página de cada exemplar. Esta indicação deverá ser aposta também a um sobrescrito fechado, no qual se incluirão uma fotografia do candidato (sem limite de formato) e um formulário especial devidamente preenchido. O formulário em causa poderá ser pedido ao Serviço Cultural da Embaixada de França, Rua de Santos-o-Velho, 5, em Lisboa.

O premiado deverá comprometer-se a iniciar a sua estada em França antes do dia 1 de Dezembro de 1966. O montante do 1.º prémio — 8 mil francos — será utilizado para a prossecução de quaisquer estudos ou para a realização de viagens no país. Se por qualquer razão o primeiro classificado não tiver possibilidade de cumprir estes requisitos, o prémio reverterá a favor do segundo classificado.

A estada em França é de um mínimo de cinco meses. As viagens realizam-se em «Caravelles» da Air France, sendo o prazo máximo para a viagem de regresso de um ano a partir da chegada a França.

Antes do regressó a Portugal, o premiado deverá enviar ao júri um memorando sobre a sua estada.

Entretanto as cópias da dissertação de concurso terão de ser remetidas, até 20 do corrente, ao mencionado Serviço Cultural da Embaixada de França, ou ainda á direcção da Air France, a qualquer das universidades portuguesas, aos consulados franceses, á Alliance Française ou ás principais livrarias portuguesas.

Os restantes prémios

O «Prémio Hachette-Larousse» estende-se para além da estada de cinco meses em França, que é o 1.º prémio do concurso.

Haverá um 2.º prémio, que consta de livros em francês no valor de 2 mil francos. Os candidatos classificados do 3.º ao 31.º lugares receberão livros em francês. Do 32.º ao 81.º, o prémio será constituído por uma assinatura anual das publicações «Livres de France», «Nouvelles Littéraires» e «Le Français dans le monde».

O juri do «Prémio Hachette-Larousse» é formado pelas seguintes personalidades: escritores George Duhamel, Jérôme Carcopino, André Chamson, Maurice Genevoix e Pierre Gaxotte, da Academia Francesa; escritores Roland Dorgelès e Gérard Bauer, da Academia Goncourt; presidentes da «Société des Gens de Lettres» e do P. E. N. Clube; escritores Georges Charensol, Francis Didelot e Léonce Peillard; André Reboullet, director da publicação «Le Français dans le monde»; Maurice Lemoine, representante da Air France; Wilfrid Baumgartner e Marc Blancpain, representantes de Alliance Française; e finalmente Jean Louis Moreau e Claude Labouret, em nome, respectivamente, das casas editoras Larousse e Hachette.

Para os nossos pobres

Para os nossos pobres recebemos de M., cem escudos, e de C. F. S., vinte escudos, «pelo eterno descanso do saudoso empresário Ricardo Covões».

Para Emília Barraca, residente na Cova da Piedade, que tem o marido e a filha doentes, recebemos vinte escudos de um habitante da Damaia. Agradecemos em nome dos contemplados.

Curso de Biblioteconomia em Inglaterra

Para dar a bibliotecários de todo o mundo ensejo de se familiarizarem com os métodos correntes e recentes inovações na biblioteconomia britanica, o British Council organiza um Curso de Biblioteconomia, em Londres e Sheffield, de 30 de Agosto a 17 de Setembro próximos.

Entre os assuntos a abordar contam-se a biblioteconomia britanica em 1966, cooperação interbibliotecas, biblioteconomia universitária desde o Relatório Robbins, bibliotecas de universidades tecnológicas, novas correntes na arquitectura de bibliotecas, as bibliotecas e a juventude, serviços de biblioteca para categorias especiais, preparação de bibliotecários, a biblioteconomia no próximo decénio, etc.

Durante o curso serão proferidas conferências por distintas personalidades da biblioteconomia britanica, seguidas de debate, colóquios e visitas ás principais bibliotecas britanicas, tanto em Londres como na província.

Os participantes podem, depois, assistir á Conferência sobre Bibliotecas Publicas organizada pela Associação de Bibliotecários Britanicos em Harrogate.

A inscrição, que custa 70 libras e deverá ser feita até 15 de Maio de 1966, é limitada a 20 participantes, aos quais se exige experiência ou estudos formais de biblioteconomia, e domínio da língua inglesa.

Os interessados devem dirigir-se ao Instituto Britanico em Lisboa ou ás suas delegações em Coimbra e no Porto.

A União dos Inválidos de Guerra nas celebrações do aniversário da batalha de La Lys

A direcção dos Inválidos de Guerra, em celebração do «9 de Abril», convidou todos os inválidos e mutilados da Grande Guerra a reunirem-se naquele dia, pelas 9 e 30, junto á entrada do Cemitério do Alto S. João, para participarem no desfile até á Cripta, na deposição de flores, e nos dois minutos de silêncio em homenagem aos mortos da Grande Guerra.

Terminada esta cerimónia, os sócios da Liga irão em autocarros até ao Monumento Nacional aos Mortos da Grande Guerra, onde, ás 11 horas, haverá deposição de flores por entidades nacionais e estrangeiras e pelos combatentes portugueses, dois minutos de silêncio e desfile dos combatentes ante o monumento.

A U. I. G. também se fará representar por dois membros da direcção na romagem á Batalha, que partirá da Praça dos Restauradores ás 7 e 45, para depor uma palma de flores naturais, no tumulo do Soldado Desconhecido.

Também nesse dia a U. I. G. irá fazer uma visita aos seus camaradas mais novos, mutilados e inválidos do Ultramar, aos quais distribuirá pequenas lembranças. E procederá ainda, pelas 15 horas, como habitualmente, á distribuição de donativos e outras lembranças pelas viuvas e pelos órfãos dos inválidos de guerra mais necessitados.

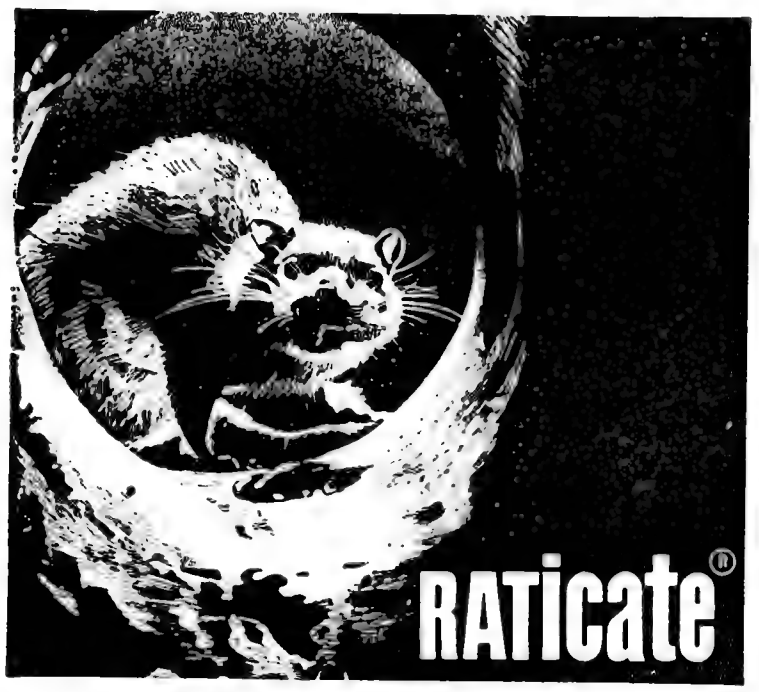
Reduções nos bilhetes de caminho de ferro

A C. P. concede a redução de 20 % na compra de qualquer bilhete a todos os combatentes e expedicionários, sócios da Liga dos Combatentes que desejem deslocar-se a Lisboa ou a qualquer localidade em que se realizem celebrações da batalha de La Lys, no próximo dia 9.

Os bilhetes são vendidos desde já nas estações da rede geral mediante a apresentação do respectivo cartão de identidade de sócio (do modelo aprovado oficialmente), e são válidos para o regresso até quatro dias depois daquela data.

Excursão a Monsaraz

A Casa do Alentejo promove uma excursão á histórica e encantadora vila de Monsaraz, em autocarro, no dia 24 do corrente mês. A inscrição faz-se na sua secretaria até o próximo dia 15. Será servido um almoço regional aos excursionistas em Reguengos de Monsaraz.

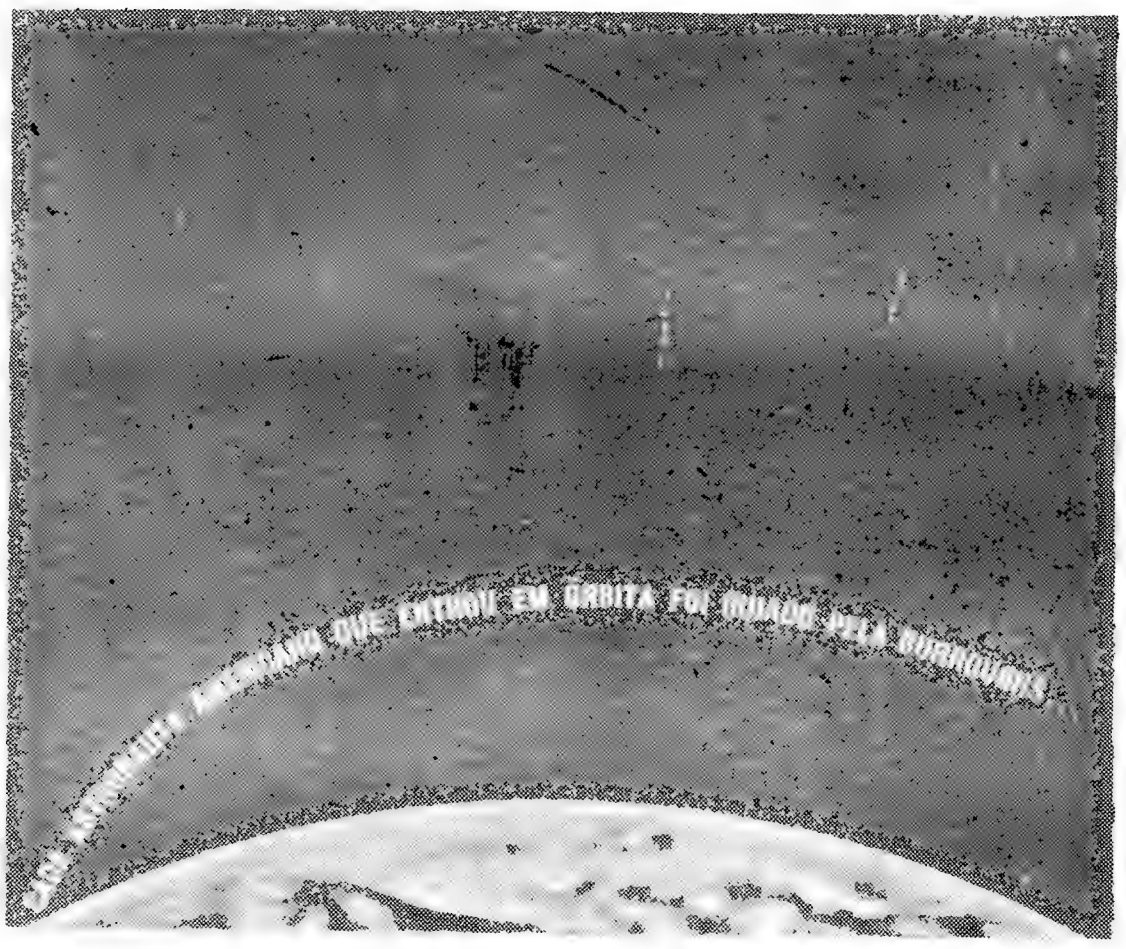


O Hóspede mais indesejável é o rato.
Elimine-o de vez com RATICATE.

RATICATE
* É REVOLUCIONÁRIO — mata sòmente os ratos. Pode ser ingerido, inadvertidamente, por crianças ou animais domésticos sem qualquér transtorno.
* É RÁPIDO — 15 minutos após a ingestão começa a actuar.
* É ECONÓMICO — a ingestão de 1 a 2 gramas é suficiente.

Apresentação: · carteiras com 5 doses · espuma (Bomba-spray com 70 g.) · concentrado (frasco com 50 g.)

TAVOLEK SA
Schaffhausen / Suiça
Distribuidor em Portugal:
JABA J. A. Baptista d'Almeida, Lda.
Apart. 1339 - tel 734151 - LISBOA 1



Desde o início da conquista do espaço até ao recente lançamento dos «Gémeos», todos os homens espaciais americanos foram guiados nos seus voos orbitais pelo Computador da Burroughs.

O sistema básico Burroughs dirigiu continuamente homens e mísseis desde o primeiro Atlas ICBM, em 1958. A Burroughs controlou com 100% de precisão os voos tripulados do projecto Mercúrio, os lançamentos para a Lua do projecto Ranger, o projecto Mariner e muitas outras explorações do espaço sideral.

A mesma qualidade e precisão manifestam-se em todos os produtos Burroughs: tanto nos que a N.A.S.A. usa para a conquista espacial como naqueles que levam os dirigentes económicos das empresas a tomar decisões que tornam os seus negócios mais rendosos, progressivos e consistentes.

Em Cabo Kennedy, na sala do Computador de tele-comando da Burroughs, os técnicos controlam o Computador que dirige o lançamento dos foguetões.

ROBINSON, BARDSLEY S.A.R.L.
LISBOA • PORTO

INDÚSTRIA QUÍMICA

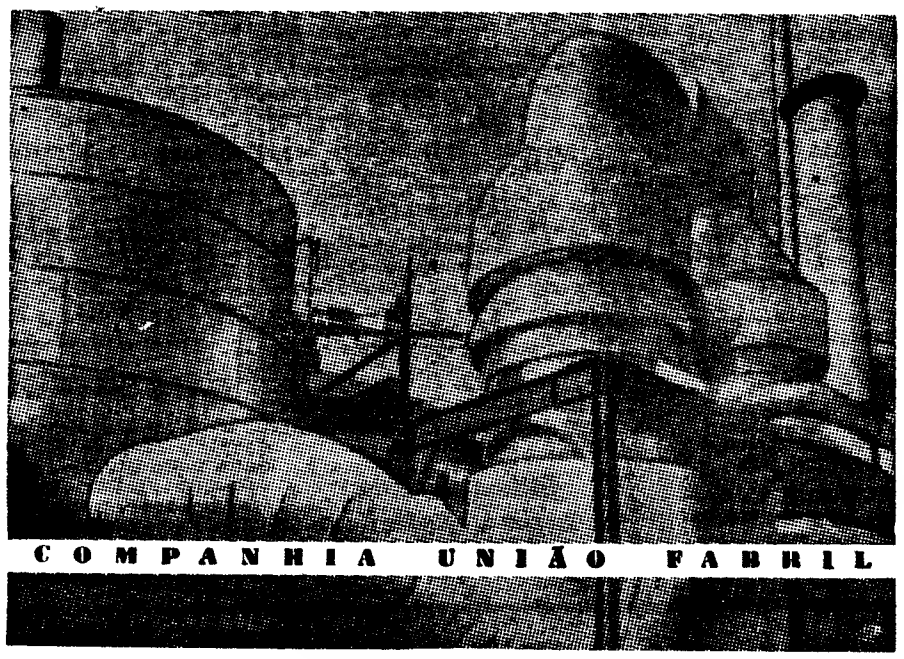
INDÚSTRIA TÊXTIL

METALURGIA DOS METAIS NÃO FERROSOS

FUNDIÇÃO
DE FERRO E AÇO

CONSTRUÇÕES
METALO-MECÂNICAS

AVENIDA INFANTE SANTO
TELEF. 67 40 11 — LISBOA-3

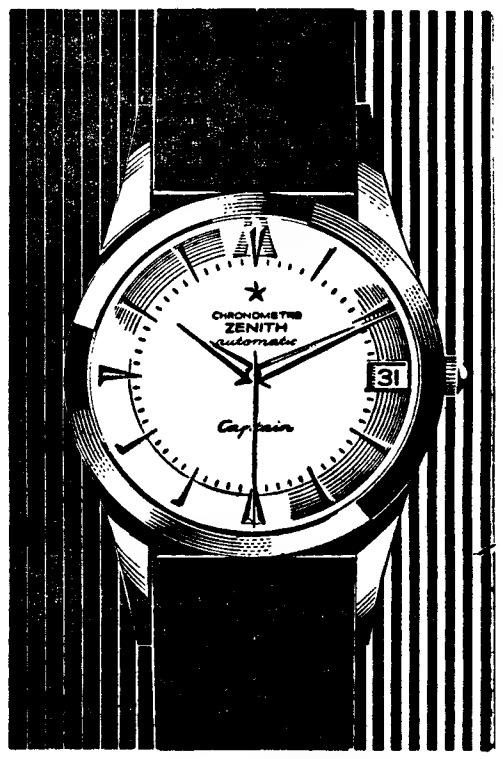


COMPANHIA UNIÃO FABRIL

ZENITH

ALTA QUALIDADE

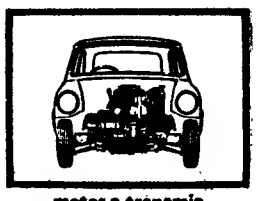
EM RELOJOARIA
DESDE HÁ 100 ANOS



Quanto mais pensar na compra de um carro para si, tanto mais chegará à conclusão que o ideal será o AUSTIN MINI. Um carro que é pequeno mas é grande e tem o conforto dos automóveis dispendiosos mas é económico..

Um carro que o leva aonde quer com toda a segurança e estaciona onde os outros não cabem.

A suspensão «HYDROLASTIC» de patente registada e a tracção à frente conferem-lhe uma aderência e conforto dificilmente igualáveis.



motor e transmissão à frente para segurança e poder de tracção

CONDUZIR UM AUSTIN-MINI 850 É TER NAS MÃOS UMA FERRAMENTA DE TRABALHO NA QUAL SE PODE CONFIAR

DISTRIBUIDORES GERAIS: J. J. GONÇALVES, SUCRS. — LISBOA
PORTO — ÉVORA — BRAGA — SANTARÉM
AGENTES EM TODOS OS DISTRITOS

Sociedade Anónima Concessionária da Refinação de Petróleos em Portugal
(SACOR)

Sede em Lisboa, na Rua das Flores, 7
Capital 700 000 000$00

DIVIDENDO DE 1965 (Cupão n.º 28)

Avisam-se os Srs. Accionistas de que, a partir do próximo dia 18, se encontra a pagamento na Sede da Sociedade, no Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa, no Banco Fonsecas, Santos & Vianna e no Banco Burnay, o dividendo de 500 000 acções n.ºs 1 a 500 000, respeitante ao exercício de 1965.

O dividendo ilíquido é de 150$00 por acção e, deduzidos os respectivos impostos, o líquido a pagar é o seguinte:

ACÇÕES NOMINATIVAS
Caixas de Previdência ..... 150$00
Outras entidades ..... 131$61,5

ACÇÕES AO PORTADOR
Registadas ..... 133$89
Não Registadas ..... 105$57

Lisboa, 5 de Abril de 1966.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

†

Augusto Nunes

FALECEU

Maria Fernanda Pereira Pinto Nunes, Judite Nunes Trindade dos Santos e marido, Caetano José Nunes Junior, esposa e filhos e mais família cumprem o doloroso dever de participar a todas as pessoas das suas relações o falecimento do seu muito saudoso marido, irmão, cunhado, tio e parente e que o funeral se realiza amanhã, ás 10.30 horas, da igreja de S. João de Deus para o cemitério do Alto de São João.

AGÊNCIA MARTINS

S. Pedro de Muel
(Marinha Grande)

†

LAURINDA MARIA DA SILVA PEREIRA VILELA

FALECEU

João Pereira Vilela e mais família cumprem o doloroso dever de participar o falecimento da sua muito querida esposa e parente, cujo funeral se realizou ontem da sua residência em Marinha Grande para o cemitério desta vila.

NECROLOGIA

FALECIMENTOS

Coronel Rogério Tavares

Só agora foi tornado conhecido o falecimento do coronel Rogério de Almeida Tavares, na sua residência, Rua Actor Taborda 21, 2.º, em Lisboa. Figura típica de cavaleiro, muito respeitado pelo seu aprumo e sentido de honra.

Nascera em Julho de 1890, tendo sido aluno do Colégio Militar. Fez parte do Corpo Expedicionário Português em 1914-18 e ocupou vários postos de comando. Em 1945, atingiu o posto de coronel.

O extinto professou toda a sua vida o ideal republicano e revelou-se sempre um carácter firme e impoluto, fiel aos princípios que o nortearam desde muito novo.

Como cavaleiro exímio e hábil, Rogério Tavares ainda capitão, ganhou a famosa prova «Volta a Portugal a cavalo», em 1925, na qual teve como principal competidor o cavaleiro civil José Tanganho, que acabou por ficar em segundo lugar.

Os relevantes serviços prestados ao País mereceram-lhe grande numero de condecorações, tendo-lhe sido conferidos os títulos de cavaleiro da Ordem de Cristo e comendador da Ordem Militar de Avis.

O ilustre extinto era casado com a sr.ª D. Germaine Françoise Huitric Tavares e pai do sr. eng.º Rogério Huitric Tavares

Dr. Francisco de Magalhães Barros de Araujo Queirós

PONTE DE LIMA, 7 — Faleceu na sua casa das Pereiras, nesta vila, o sr. dr. Francisco de Magalhães Barros de Araujo Queirós, de 83 anos, solteiro, proprietário, figura de muito relevo no meio local.

Foi esmerado publicista, tendo deixado valiosa colaboração no «Almanaque de Ponte de Lima» e «Elucidário», obras, hoje, raras e muito apreciadas.

Era irmão da sr.ª D. Maria Rita de Magalhães Barros de Araujo Queirós, da casa do Chafariz, e dos já falecidos visconde de Cortegaça, que foi juiz conselheiro do Supremo Tribunal de Justiça, e do capitão José de Magalhães Barros de Araujo Queirós.

António Evangelista de Sá

Faleceu o sr. António Evangelista de Sá, de 58 anos, natural de Lisboa, funcionário camarário aposentado, casado com a sr. D. Clementina Tavares Lopes de Sá, pai do sr. Carlos Alberto Tavares Lopes de Sá, irmão da sr.ª D. Emília Evangelista de Sá Fonseca e do sr. João Evangelista de Sá e cunhado do sr. Fernando Alvarez.

O funeral, a cargo da Casa A. G. Magno, Lda., do Largo Frei Heitor Pinto, realiza-se amanhã, ás 10 horas, da Rua Afonso Lopes Vieira, n.º 10, 1.º, esq.º, para jazigo de família no cemitério dos Olivais.

D. Laurinda Maria da Silva Pereira Vilela

S. PEDRO DE MUEL (Marinha Grande), 7 — Faleceu a sr.ª D. Laurinda Maria da Silva Pereira Vilela, casada com o sr. João Pereira Vilela. O funeral efectuou-se ontem, da residência, na Marinha Grande, para o cemitério da vila de S. Pedro de Muel.

FUNERAIS

Dr. Angelo Guilherme da Cunha

Efectuou-se hoje o funeral do sr. dr. Angelo Guilherme da Cunha, que contava 54 anos e era natural de S. Brás de Alportel, Faro. Era licenciado em Filologia Clássica pela Universidade de Lisboa, professor no Liceu D. João de Castro e na Escola Comercial Patrício Prazeres, casado com a sr.ª dr.ª D. Rita Vicência Torres Severo da Cunha e pai do sr. Rui Jorge Severo da Cunha. O funeral saiu da igreja da Pena (Calçada de Santana), onde se encontrava depositado, em autofunebre da Agência Gaspar para o cemitério do Lumiar. Os serviços funebres foram confiados á Agência Gaspar.

D. Alice Lopes Roldão

PEDRÓGÃO GRANDE, 7 — Com grande acompanhamento efectuou-se o funeral da sr.ª D. Alice Lopes Roldão, de 75 anos, viuva. A bondosa senhora era muito respeitada por todos que com ela privaram.

AGÊNCIA MAGNO

FUNDADA EM 1874

Não tem qualquer sucursal na Av. Almirante Reis

Telefones 73 41 67 P. P. C. A. (4 linhas) 4 31 89 - 66 27 72 - 28 00 22

NASCERAM TRÊS GÉMEOS na cidade da Beira

BEIRA, 7 (L.) — Uma mulher, residente na Munhava, de nome Vonesa, deu á luz três gémeos — anuncia o «Diário de Moçambique».

Uma vizinha da parturiente foi á esquadra da Polícia da Munhava pedir uma ambulância para transportar ao hospital uma mulher que estava a dar á luz, mas quando o pessoal da ambulância chegou á residência da paciente, encontrou três crianças que tinham nascido momentos antes.

Mãe e fi foram transportados á Maternidade do Hospital de Macuti, onde se encontram bem.

Morte de um músico no Funchal devido a acidente de viação

FUNCHAL, 7 — (L.) — Vítima de um grave acidente de viação, ocorrido numa das artérias desta cidade, faleceu no Hospital da Santa Casa do Funchal, para onde fora transportado, o conhecido músico Luís da Silva Abreu, casado, de 48 anos.

Durante a sua longa carreira, Luís Abreu esteve integrado nas melhores orquestras desta cidade, de Lisboa e das ilhas açorianas, sendo de registar a sua permanência em S Miguel e o êxito das suas actuações a bordo do paquete «Santa Maria.

O popular trompetista e acordeonista era casado com a sr.ª D. Maria Armanda Gomes Abreu. A notícia da sua morte causou consternação no meio musical.

VIDA RELIGIOSA

Celebração pascal da Armada

No domingo 17 do corrente, ás 10 horas, efectua-se na Sé Patriarcal de Lisboa, a tradicional solenidade da celebração pascal da Armada, cerimónia que costuma revestir-se de um carácter de autêntica confraternização cristã, e para a qual estão convidados todos os militares da nossa Marinha de Guerra e suas famílias.

Como é hábito, a seguir á celebração liturgica, será servido, no ambiente do claustro da Sé, um pequeno almoço de confraternização.

Dias de estudo para sacerdotes

No Centro de Estudos Psicotécnicos, do Lumiar, haverá nos próximos dias 12 e 13, um ciclo de estudos intensivos para sacerdotes sobre problemas vocacionais. Como conferencistas, estarão presentes o rev. dr. Vicente Alcalá, especialista em Psiquiatria e assistente do professor Lopez Ibor, catedrático de Psiquiatria da Faculdade de Medicina de Madrid; rev. dr. Agostinho Pereira, director do C. E. P.; rev. dr. José Primeiro Borges, psicólogo vocacional. Os temas versarão sobre discernimento e maturidade afectiva da vocação, psico-patologia pastoral e sexual (a cargo do rev. dr. Vicente Alcalá), psicologia da maturidade infantil e religiosa (rev. dr. Agostinho Pereira) e psicologia da motivação na maturidade vocacional (rev. dr. José P. Borges).

As inscrições estão abertas, devendo os interessados dirigir-se ao Centro de Estudos Psicotécnicos, Estrada da Torre, P. M. — Lumiar, Lisboa 5 — Tel. 790516.

Haverá três conferências diárias, seguidas de debates e trabalhos de grupos. A todos os participantes que desde já o pedirem, será imediatamente entregue o programa e esquemas das conferências.

Fátima na Síria

Em Damasco, no coração do Islão, deve inaugurar-se no próximo ano, durante as comemorações do cinquentenário das aparições de Fátima, o Santuário-Escola de Nossa Senhora de Fátima.

Gente de muitos países, incluindo a Africa do Sul, nomeadamente a comunidade portuguesa ali radicada, tem contribuído com generosidade verdadeiramente ecuménica para a conclusão de tal empreendimento, a que se atribui um grande alcance espiritual.

Bandeiras de muitos países estarão hasteadas no acto inaugural, entre as quais a da Africa do Sul.

Terceira Igreja Evangélica Baptista

Na Terceira Igreja Evangélica Baptista, situada na Rua Filipe Folque, n.º 36-B, terminam amanhã, as reuniões especiais alusivas á Semana Santa. Haverá pregação do Evangelho e cânticos solenes da Páscoa. As cerimónias têm início hoje e amanhã, ás 21 e 30. A entrada é livre e serão distribuidos por toda a assistência livros sobre a vida de Cristo.

A Festa dos Passos em Algoz

ALGOZ, 7 — Foram imponentes as cerimónias religiosas aqui realizadas durante a tradicional Festa dos Passos.

O povo acompanhou com sentido religioso a procissão, que percorreu o itinerário habitual, e escutou com interesse os sermões que foram proferidos por um orador sagrado da diocese de Évora.

Deu a sua valiosa colaboração á procissão a Filarmónica da Mocidade Portuguesa de Albufeira.

Festas associativas

Abrilhantado pelo conjunto «Jacinto e seus Gauchos» efectua-se esta noite um baile na sede da Sociedade Filarmónica João Rodrigues Cordeiro, dedicado especialmente aos associados e suas famílias.

- PORTAS
- MONTRAS
- ESCADAS

para a construção civil
- FRONTARIAS ETC.

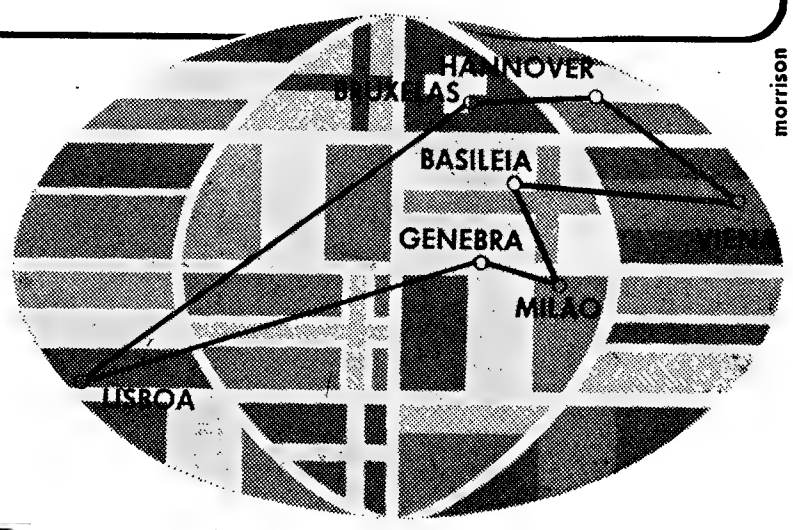
para veículos
- CARRUAGENS DE CAMINHOS DE FERRO
- AUTOMÓVEIS
- CAMIONETAS, ETC.

para outros fins
- MÓVEIS
- TELEVISORES
- VISORES PARA CALDEIRAS
- BOCAS DE FORNO ETC.

COVINA — COMPANHIA VIDREIRA NACIONAL, S.A.R.L.
SANTA IRIA DA AZOIA — TELEFONE. 259024/025 — PORTUGAL

por 6.334$50*

pode fazer o circuito aéreo das principais Feiras da EUROPA



FEIRA INTERNACIONAL DE MILÃO - 14 a 25 Abril
FEIRA INDUSTRIAL SUÍÇA - BASILEIA - 16 a 26 Abril
FEIRA DE GRAZ - ÁUSTRIA - 30 Abril a 6 Maio
FEIRA DE HANNOVER - 30 Abril a 8 Maio
FEIRA DE BRUXELAS - 30 Abril a 11 Maio

Peça informações ao seu Agente de Viagens ou à
SWISSAIR
Avenida da Liberdade, 220 - Tel. 73 31 71

* Impostos incluídos. Tarifa especial de excursão, classe turística, válida para mais de 6 dias e menos de 1 mês.

ESTÁ REUNIDO PELA SEGUNDA VEZ O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO DO «PIPE-LINE» DA BEIRA

Voltou a reunir-se, esta manhã, o conselho de administração da «Lonrho», empresa do «pipe-line» Beira-Feruka, através do qual se pode bombear petróleo para a refinaria de Umtali, na Rodésia, a partir do porto da Beira.

O conselho de administração que já ontem se reuniu durante cerca de três horas (embora nada tenha transpirado), prosseguiu na discussão da questão do futuro funcionamento do referido «pipe-line».

«To pump or not to pump, is the question» — declarou, ontem, Angus Olgivy, marido da princesa Alexandra de Kent, e administrador da «Lonrho», que se deslocou propositadamente a Lisboa, a fim de tomar parte na reunião.

A reunião de hoje principiou ás 10 e 30, e decorre ainda á hora em que encerramos esta edição. E' de admitir que, no final, seja fornecido aos órgãos da informação um comunicado acerca das conversações.

Pelo que se pôde apurar, estão presentes na reunião de hoje os srs. José Dias da Cunha, que presidiu; eng.º José Fernando Dias da Cunha, dr. António Dias da Cunha e, ainda, o dr. Telles Palhinha, que não assistira á reunião de ontem, á noite; Angus Olgivy, A. W. Ball e J. A. Caldecott.

O «pipe-lines» Beira-Feruka não tem funcionado nos ultimos três meses.

Novo encontro de «lord» Walston com o dr. Franco Nogueira

«Lord» Walston, subsecretário de Estado dos Negócios Estrangeiros do «Foreign Office», enviado a Lisboa pelo primeiro-ministro britânico para conversações urgentes sobre o problema da Rodésia, continuou hoje os contactos com o dr. Franco Nogueira, ministro dos Negócios Estrangeiros.

Depois de uma reunião na residência do embaixador da Grã-Bretanha, que se prolongou até cerca das 11 horas, «lord» Walston esteve na chancelaria da Embaixada do seu país durante uma hora, aproximadamente. Nada transpirou da reunião efectuada com o embaixador «sir» Archibald Ross e o pessoal superior da Embaixada, nem dos motivos da visita á chancelaria.

Ao meio-dia, «lord» Walston chegou ao Palácio das Necessidades, para se avistar com o ministro Franco Nogueira com o qual prosseguiu as conversações iniciadas ontem. Assistiram á entrevista o embaixador britânico e o director-geral dos Negócios Políticos do Ministério dos Negócios Estrangeiros, dr. Hall Themido.

Interrogado pelo redactor do «Diário de Lisboa», o subsecretário inglês declarou que já não regressa hoje a Londres, o que espera fazer amanhã.

Corporação da Lavoura

Na sua ultima reunião, a direcção da Corporação da Lavoura tomou conhecimento de que já estão constituídas as diversas comissões que hão-de funcionar na Assembleia Geral da Confederação Europeia da Agricultura e de que continuam em ritmo acelerado os trabalhos preparatórios daquela importante reunião, que o Chefe do Estado aceitou patrocinar.

A direcção apreciou também diversos problemas referentes ás Casas do Povo e resolveu estudar algumas sugestões do mais alto interesse que lhe foram presentes e que àqueles organismos e aos trabalhadores rurais dizem respeito.

Foi resolvido promover a realização de uma reunião de todas as Federações na sede da Corporação, a fim de se estudarem problemas diversos.

A direcção da Corporação examinou as condições em que está a desenvolver-se a campanha oleícola.

Volta a haver na nossa Armada o nome de «Afonso de Albuquerque»

Foi hoje publicado na «Ordem do dia» á Armada um despacho do ministro da Marinha que manda constituir uma missão para receber, em Inglaterra, uma nova unidade ali adquirida agora para a nossa Marinha de Guerra, a qual receberá o nome de «Afonso de Albuquerque».

Trata-se de uma fragata de 2400 toneladas, que vai servir como navio hidrográfico no Ultramar e cujo nome — mandado atribuir pelo ministro da Marinha — recordará, não só o grande capitão da India, mas também o navio que, em 18 de Dezembro de 1961, fez frente, com decisão e bravura, á esquadra da União Indiana quando da invasão de Goa.

A missão que receberá em Inglaterra o novo «Afonso de Albuquerque» é constituída pelos srs. capitão-tenente José Emílio de Ataíde, 1.os tenentes Correia Bastos, António Sameiro, Vítor Pedroso, Geraldes Freire e Santos Ribeiro e 2.º tenente Eugénio Ramos.

A matança grande continuou hoje

Continuou hoje, no Matadouro dos Olivais, a «matança grande», operação que decorreu acompanhada pelos srs. drs. Filipe Morgado Romeiras, director do Serviço de Abastecimento da Câmara Municipa. de Lisboa, e João Lima, director daquele estabelecimento.

A juntar aos 42 696 quilos de animais ontem abatidos e aos 376 quartos de carne congelada, com o peso de 21 558 quilos, ontem lançados no consumo, o movimento de hoje traduziu-se nos números seguintes: foram abatidos 218 bois, 54 vitelas, 1272 ovinos e 28 equídeos, com o peso de cerca de 64 000 quilos; e foram lançados no consumo público mais 800 quartos de carne congelada, com o peso de 40 toneladas.

A «matança grande» prosseguirá ainda amanhã.

BALDUÍNO E FABÍOLA EM ESPANHA

HORNACHUELOS (Espanha), 7 — (A. N. I.) — O rei Balduíno e a rainha Fabíola dos Belgas passaram ontem o seu primeiro dia na herdade de San Calixto, perto da vila de Hornachuelos a 128 quilómetros a Norte de Sevilha.

Não se sabe ainda quanto tempo os soberanos permanecerão em Espanha, nem se visitam Sevilha ou Granada, onde o príncipe Alberto e a princesa Paola estão a passar a Semana Santa.

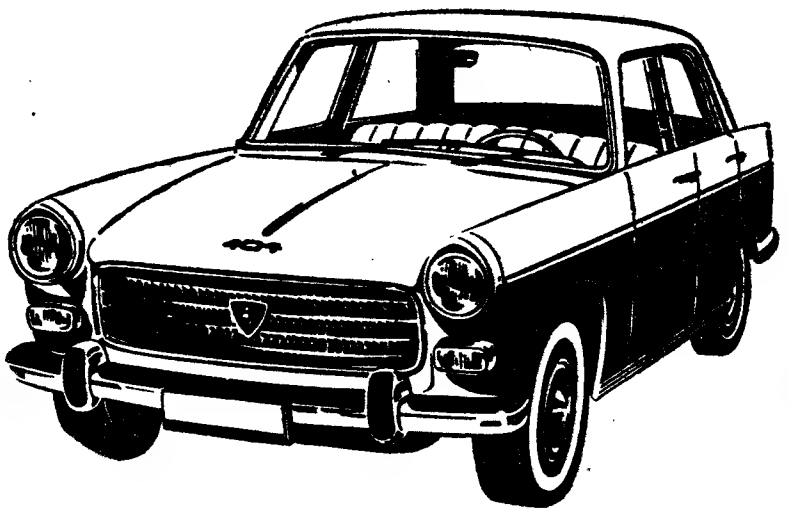
Contra-almirante Ramos Pereira

Passou á reserva por ter sido atingido pelo limite de idade o sr. contra-almirante Jorge Ramos Pereira.

PEUGEOT

A QUALIDADE QUE NÃO SE DISCUTE

404



DE INJECÇÃO INDIRECTA

5 apoios de cambota
Potência 96 HP/SAE
Travões assistidos com servo freio
Dispositivo termo-eléctrico para arranque instantâneo a frio

COM CARBURADOR

Cilindrada 1618 c. c.
5 apoios de cambota
Potência 76 HP/SAE
Travões assistidos com servo-freio

MOCAR, LDA.
Av. António Augusto de Aguiar, 19-A - Lisboa

SERVIÇO REGULAR DE CARGA E PASSAGEIROS

FUNCHAL
S. TOMÉ
LUANDA
LOBITO
MOÇÂMEDES
CAPE TOWN
DURBAN
L. MARQUES
BEIRA
MOÇAMBIQUE
PORTO AMÉLIA
NACALA

Desde o primeiro número
que apregoam o «Diário de Lisboa» pelas ruas da cidade

«Olha o Dieer... «Diário de Lisboa»! Um grito que invade de tarde a cidade, quotidianamente, que lhe dá ritmo, vida e calor de um mundo exterior em ebulição. Diá-

«ARMANDO DA PICHELEIRA»: «A maioria dos estudantes meu clientes, só me compram o «Diário de Lisboa»

riamente, milhares de homens, de menores e de mulheres, o gritam. Há quarenta e cinco anos!..

— Vendia jornais nessa altura para os lados da Estrela. Lembra-me do dia em que gritei pela primeira vez o nome do «Diário de Lisboa» embora tivesse apenas 7 anos... Um garoto. Toda a minha vida o gritei, pode dizer-se. Não, nunca pensei em mudar de profissão. Não sei porque não o fiz... talvez precisamente por nunca ter pensado nisso — são estas palavras de Manuel Faria, de 52 anos, que todas as tardes distribui o nosso jornal no Cais do Sodré, mesmo em frente da estação de caminho de ferro e depois vem gritando o seu nome pela Rua do Ouro. São palavras de um homem modesto, de um verdadeiro homem da rua, que olha a direito nos olhos das pessoas

— Não tenho filhos, tenho sim uma filha, claro que esta não vai vender jornais. Mesmo um filho não necessitava já de o fazer. Mas eu segui a vida do meu pai. E' uma vida dura, esta. Mas qual nao o é, hoje em dia?

E ficou-se os jornais sob o braço esquerdo, jornais soltos na mão direita a atender clientes de ocasião — fregueses certos. Na grande venda está o ganho. Por isso, muitos rapazitos lhe distribuem os jornais, diminuindo as resmas que, sobre o passeio soalhento ou humido dos dias cinzentos, aguardam a voragem de um publico ávido de notícias e de comentários.

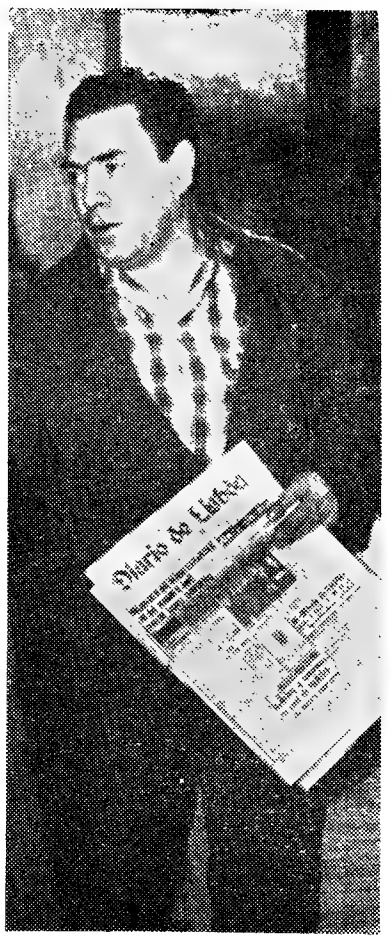
Rua da Conceição, Calçada de São Francisco. Paragem de eléctrico. Formam-se grandes «bichas». Nada melhor para a venda dos vespertinos na hora de ponta. Nem se torna necessário correr... o que é bom quando se começa a estar velho. E' o que acontece com António Maria da Silva, de 59 anos muito vividos e, por isso, precocemente envelhecido.

— Não me lembro lá muito bem do primeiro dia em que o seu jornal saiu. Nessa altura tinha 13 anos. Mas o publico sempre gostou dos jornais. Diz-se mal deles, por vezes, mas não se pode passar sem eles.

E acrescenta.

— O «Diário de Lisboa» custava, nessa altura, três tostões. Já lá vai muito tempo... Se se vende bem? Claro Ultimamente então nem se fala... — disse António Maria da Silva. — Foi o primeiro jornal da tarde a aparecer. Só depois surgiram os outros. Mas continuou sempre com o mesmo publico, ou melhor sempre com mais. E as pessoas continuam a interessar-se por ele. Recordo-me de só vender o «Diário de Lisboa». Mas ainda hoje sei distinguir os seus leitores. Pelo aspecto das pesoas acerto muitas vezes com o jornal que pretendem. E os fregueses do «Diário de Lisboa» conhecem-se bem. Olhe, os estudantes, por exemplo — a maioria dos que me compram o «Diário de Lisboa» — é Miguel dos Anjos que assim fala. Chamam-lhe o «Armando da Picheleira» e assim é conhecido pela maioria dos seus companheiros de trabalho.

«Armando da Picheleira», António Maria da Silva, Manuel Faria. Três nomes, três homens que desde a primeira hora apregoam o «Diário de Lisboa». Há tanto tempo, que nem se lembram bem desse dia. Quase todos eles eram ainda crianças. 45 anos na vida de um homem é muito. E' uma vida, como



MANUEL FARIA: «Lembra-me do dia em que gritei pela primeira vez o nome do «Diário de Lisboa», embora tivesse apenas 7 anos...»

costuma dizer-se. 15 anos na vida de um jornal são também muitos dias de trabalho difícil, contra-relógio, que só pode ser executado com espírito de equipa. Mas todos estes anos representam, sobretudo, o apoio do publico que nos lê. E para se conquistar esse apoio e tê-lo das novas gerações (um dos ardinas entrevistados no-lo confirmou: «olhe os estudantes, por exemplo, esses quase todos levam o «Diário de Lisboa»...) foi necessário muito trabalho, mas sobretudo, e apenas, seguir uma linha de rumo inalterável que 15 anos de vida garantem estar perfeitamente certa.

ANTÓNIO MARIA DA SILVA: «Se se vende bem? Claro. Ultimamente, então, nem se fala... Recordo-me ainda de vender o «Diário de Lisboa» a três tostões.»

Quinta-Feira Maior
foi comemorada na Sé sob a presidência do cardeal-patriarca

Em todos os templos de Lisboa, como, aliás, em todo o mundo católico, o dia de hoje — Quinta-Feira Maior — foi comemorado com diversas cerimónias, que iniciam o ciclo mais importante da liturgia da Semana Santa.

Da parte da manhã, as solenidades mais importantes realizaram-se nas catedrais, onde houve missas concelebradas, segundo a nova liturgia, sob a presidência dos bispos. Na sé patriarcal começou ás 10 horas, solene pontifical, presidido pelo sr. D. Manuel Gonçalves Cerejeira, que depois procedeu á bênção solene dos óleos que servirão, em toda a diocese, até á Quinta-Feira Maior de 1967: o óleo dos enfermos, para a extrema-unção; o dos catecúmenos, para o baptismo e ordenação dos sacerdotes; e o do crisma, para a confirmação.

O templo encheu-se de fiéis, estando também presentes os bispos auxiliares do Patriarcado, o cabido e muitos outros sacerdotes. Colaborou nas solenidades a «Schola Cantorum» do Seminário dos Olivais.

Como nos anos anteriores, o sr. cardeal-patriarca de Lisboa ofereceu, ás 13 e 30, no palácio do Campo de Santana, um almoço aos prelados auxiliares, membros do cabido e familiares do paço, simbolizando a ultima ceia de Cristo com os apóstolos.

Lava-pés e comemoração da Última Ceia

Ao fim da tarde, comemora-se em todas as igrejas a Ceia do Senhor e efectua-se a habitual cerimónia do lava-pés.

Na sé patriarcal, o sr. D. Manuel Gonçalves Cerejeira celebra missa solene de pontifical, com comunhão geral do clero e dos fiéis trasladação e exposição do Santíssimo Sacramento e desnudação dos altares. Durante a noite, haverá adoração eucarística.

Durante o dia os fiéis visitaram os templos, cobertos de luto.

As cerimónias de amanhã

Amanhã, Sexta-Feira Santa, haverá na sé de Lisboa, ás 10 horas, ofício cantado com responsórios em gregoriano e polifonia; e ás 15 horas, solene comemoração da Paixão e Morte de Cristo, com sermão, adoração da cruz e comunhão do clero e fiéis. Assiste o sr. cardeal-patriarca.

Das paroquiais de Santa Catarina e das Mercês sairão, respectivamente ás 20 e 21 horas, procissões do Enterro do Senhor, que percorrerão as ruas circunvizinhas.

ABASTECIMENTO DE ÁGUA
a povoações do Algarve

Foram concedidos subsídios de 161 200$00 e 337 500$00, á Câmara Municipal de Portimão, para execução das obras de abastecimento, de água, respectivamente á povoação de Alvor e ao conjunto Portimão-Praia da Rocha, com distribuição domiciliária, conforme o plano de valorização das zonas turísticas do Algarve.

ZEBÚ

SALVADOS

ANGLIA 1966

Ver J. Mendes Coelho, Lda., Rua Gomes Freire, 7-C. Aceitam-se ofertas ao apartado 2351.

NA SAPATARIA

ZEBÚ

NÃO PAGA LUXO... PAGA SÓ QUALIDADE

RUA DA ASSUNÇÃO, 51

A O S M U S E U S

E COLECCIONADORES PARTICULARES

A Ourivesaria Santa Filomena, possuidora de uma das mais brilhantes colecções de arte antiga, vem informar os seus digníssimos clientes que, devido á solenidade do dia, terá as suas portas encerradas amanhã, dia 8 (Em frente ao portão principal do Jardim Zoológico).

MAIS PEIXE POR MENO

Os inconv
e do tabelame
à sombra do qual ve

Quem passa, de manhã cedo, pela lota de Sa
çar a venda de peixe, assiste a um espectáculo d
za que não pode deixar de surpreender. Vêem-se
muitas) intermediários, conduzindo os seus pró
ostentando vistosas jóias. Estranhamente, na class
parece haver sòmente tipos extremos, já que, em contraste com esta evidente prosperidade e riqueza, depara-se gente quase descalça, rica apenas em remendos na roupa estafada.

Estes extremos, que não se deveriam desejar nem permitir, são ambos, afinal, poderoso entrave ao barateamento e higienização de um produto de primeira necessidade, o qual, embora possa vir a ser de baixo custo, jamais deverá ser um produto caro.

Ao contrário do que seria de prever, tanto os grandes como os muito pequenos intermediários têm interesses antagónicos dos interesses dos
que, quanto
rem na lota,
para ganhar
Os grande
pondo, como
fundo de ma
tificar quem
compram qu
quando o pe
des maiores
do, ignorand
pre, a marge
lhes impõe (
preço da lot
intermediário
gil capital e

V. SÓ GOSTA DE
PEIXE FRE

ENTÃO COMPRE PESC
SUPERMERCADOS

Sem cabeça — M
Sem vísceras — M
Embalada a bordo — M
Congelada em pleno Oceano Atlantico — M

DISTRIBUIDORES PARA PORTUGAL:

MENEZES & ANJO

RUA S. MAMEDE AO CALDAS
Telefs. 869245 - 861006 — L

M/6 ANOS

CAMPO PEQUENO

LATINA

A CORRIDA TRADICIONAL PARA UMA DATA FESTIVA

DOMINGO DE PÁSCOA ÀS 17 HORAS

APRESENTAÇÃO EM LISBOA DE
VITORIANO VALÊNC
(o toureiro-advogado)
EM MANO-A-MANO COM
JOSÉ SIMÕES
CAVALEIROS:
D. JOSÉ DE ATAÍDE • RIBEIRO
FORCADOS: Amadores do Colégio de Nun'Álva
chefiados por Manuel Fa
7-TOIROS-7
para estreia da ganadaria do eng.º Alberto Xavier, d
BILHETES À VENDA: Nos Restauradores, 7 (Te
e 32 17 12) e na Praça de Toiros (Tel. 76 15 39 e
CONTINUAM ABERTAS AS MARCAÇÕES P
PRESENTE TEMPORADA

E POR MENOR PREÇO ? — 2

inconvenientes da lota
abelamento das espécies
do qual vegetam os especuladores

nhã cedo, pela lota de Santos, antes de come-ssiste a um espectáculo de exibição de rique- de surpreender. Vêem-se, por ali, muitos (e conduzindo os seus próprios automóveis e . Estranhamente, na classe dos intermediários pos extre- e com esta e riqueza, descalça, na roupa

não se de- mitir, são entrave ao ção de um ssidade, o a ser de rá ser um

seria de les como mediários os dos in-

teresses dos armadores, uma vez que, quanto mais barato comprarem na lota, mais margem terão para ganhar na revenda.

Os grandes intermediários — dispondo, como é sabido, de um largo fundo de maneio, e podendo gratificar quem mais lhes convém — compram quase sempre, mesmo quando o peixe é pouco, quantidades maiores ou menores de pescado, ignorando, também quase sempre, a margem de lucro que a lei lhes impõe (cerca de 20 % sobre o preço da lota). Os muito pequenos intermediários, detentores de frágil capital e não podendo competir com os primeiros, vão normalmente comprar-lhes, ás vezes logo a seguir á arrematação, pequenas quantidades do ambicionado produto, revendendo-o depois, também sempre por preços superiores e ignorando aquela margem de lucro legal, pois é evidente que, se a respeitassem, obteriam da venda escassa (meia dúzia de quilos de peixe, que transportam á cabeça) proventos que difícilmente chegariam para pagar as modestas chinelas com que calcorreiam as ruas da cidade. Uns e outros, com estes processos de trabalho, tornam-se poderosos entraves para o barateamento e higienização do pescado.

Parecerá de certo modo desumano procurar suprimir os mais modestos intermediários — e nós somos os primeiros a reconhecê-lo. Mas há sempre maneira de, com justiça, remediar situações cuja solução se apresenta difícil. São muitos os que precisam de comer peixe e poucos os que vivem da especulação da sua venda; e a defesa dos legítimos interesses do consumidor exige que se ofereça a estes um produto melhor e mais barato.

Carrinhas para venda de peixe em Lisboa

Por outro lado, o espectáculo oferecido por parte desta pobre gente — transportando, ofegante, as canastras á cabeça, com o seu cortejo de moscas e maus cheiros, mostrando as suas varizes e os seus andrajos — está longe de ser edificante. Há honrosas excepções, que só confirmam a regra.

Salvaguardando os direitos inalienáveis da pessoa humana — e protegendo-os, até, por exemplo

(Continua na 21.ª página)

STA DE

PEIXE FRESCO?..

MPRE **PESCADA** NOS
ERCADOS MODELO
— Menos quebra
— Mais economia
— Mais higiene
o Oceano Atlantico — Melhor qualidade
S PARA PORTUGAL:
S & ANJOS, LDA.
AMEDE AO CALDAS, 22-1.º
59245 - 861006 — LISBOA

ÇÃO EM LISBOA DE
NO VALÊNCIA
reiro-advogado)
O-A-MANO COM
E SIMÕES
VALEIROS:
ÍDE • RIBEIRO TELLES
s do Colégio de Nun'Álvares (Tomar)
chefiados por Manuel Faia
OIROS-7
o eng.º Alberto Xavier, de Benavente
Nos Restauradores, 7 (Tel. 3 07 69
e Toiros (Tel. 761539 e 771819)
AS AS MARCAÇÕES PARA A
TE TEMPORADA

LINHOS
BRANCOS E DE CÔR
CAMBRAIAS DE LINHO
HOLANDAS DE LINHO
LINHOS CRUS
PARA APLICAÇÃO
DE RENDAS
PARA BORDAR
A PONTO DE CRUZ
LINHOS PARA FATOS
ESTOPAS DE LINHO
TOALHAS DE LINHO
GUARDANAPOS DE
LINHO
TOALHETES DE LINHO
LENÇOS DE LINHO
LINHO PARA ESTOFOS
O MAIOR SORTIDO
DE LISBOA
CASA DOS PANOS
R. DE S. JULIÃO-ESQUINA
DA R. DOS FANQUEIROS

Um dos dirigentes da Casa Valentim de Carvalho, sr. João Belchior, fala-nos dos motivos que justificam a publicidade nas páginas do «Diário de Lisboa»

O êxito do «Diário de Lisboa» deve-se, em grande parte, ao apoio dos seus anunciantes

Ao assinalarmos a passagem do 45.º aniversário do «Diário de Lisboa», não podemos deixar de acentuar o apoio que sempre recebemos dos nossos dedicados anunciantes. Sem eles, teria sido impossível vencer esta difícil batalha pela sobrevivência e, muito menos, concretizar uma obra jornalística independente que, progressivamente, tem conquistado cada vez mais vastos sectores da opinião pública.

O exemplo da Casa Valentim de Carvalho

Um dos exemplos que poderíamos escolher para comprovar a preciosa e nunca desmentida colaboração dos anunciantes do «Diário de Lisboa» fomos encontrá-lo nos Estabelecimentos Valentim de Carvalho, casa fundada há quase século e meio, com o nome de «Salão Neuparth», e que desde o aparecimento do «Diário de Lisboa» tem sido um anunciante permanente e fiel.

Ao seu fundador, Eduardo Neuparth, músico das hostes de Napoleão, sucederia, em 1871, seu filho, Augusto Neuparth, professor do Conservatório e da Real Academia dos Amadores de Música. Por morte deste, sucedeu-lhe o filho, Júlio Cândido Neuparth, também professor do Conservatório, a quem mais tarde viria associar-se Ricardo Felgueiras. Valentim de Carvalho havia de entrar para a sociedade em 1923.

Fundada e dirigida por uma família de músicos, a firma desenvolveu, a par de uma actividade comercial, uma acção notável de protecção á música. Alfredo Keil compôs, no próprio Salão Neuparth, a «Portuguesa», que viria a ser o hino nacional.

A este respeito, disse-nos um dos accionistas e director do estúdio de gravação da Casa Valentim de Carvalho, sr. João Belchior:

— Os primeiros dirigentes e proprietários da empresa mantinham íntimas e estreitas relações com escritores e artistas e com o meio republicano da época em que surgiu o «Diário de Lisboa». Tinham por isso, naturalmente, íntimas afinidades com as pessoas que fundaram e dirigiram o jornal. Daí o apoio imediato, em publicidade, que deram ao «Diário de Lisboa». Tradição que se manteve ininterruptamente durante estes 45 anos.

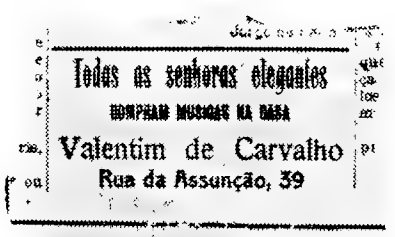
— Não foram só relações comerciais — atalhámos.

— Certamente que não. Não podemos esquecer o interesse do «Diário de Lisboa» pelas actividades culturais e artísticas. O jornal, aliás, sempre acompanhou de perto a acção da nossa Casa, dando natural relevo ás nossas iniciativas mais importantes. Ainda recentemente, quando entrou em actividade o nosso estúdio de gravação de Paço de Arcos, o seu jornal publicou desenvolvidas reportagens e artigos, assinalando a importância do facto.

— Quer dizer que amor com amor se paga...?

O sr. João Belchior entendeu o sentido da nossa pergunta e apressou-se a explicar:

— Mantemos ainda hoje a publicidade no «Diário de Lisboa» não apenas por tradição ou simples reconhecimento, mas porque verificamos que este vespertino continua a dispor de um número considerável de leitores com excepcional índice de qualidade, o que faz que renda a publicidade feita nas suas colunas, particularmente no que se refere a actividades do espírito.



Reprodução do primeiro anuncio dos Estabelecimentos Valentim de Lisboa»

— Pode dar-nos um exemplo?

— Podia dar vários. Limito-me a recordar que o «Linguaphone» — de que somos os representantes em Portugal —, quando anunciado no «Diário de Lisboa», obtém um elevado índice de respostas e conduz a resultados muito positivos.

A concluir as suas breves declarações, o sr. João Belchior disse-nos, ainda:

— Na Casa Valentim de Carvalho mantém-se uma profunda simpatia pelos processos de trabalho do «Diário de Lisboa». Temos, é evidente, as melhores relações com toda a Imprensa, em geral. Mas temos razões especiais para gostar do «Diário de Lisboa», o jornal a que nos ligam velhos laços de amizade e admiração.

Pretendem vender ouro, pratas ou jóias recebendo o máximo?
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

A acção das Forças Armadas em Angola

LUANDA, 6 — (L.) — Foi distribuído o boletim informativo das Forças Armadas de Angola referente ao período de 29 de Março a 4 de Abril de 1966, que é do seguinte teor:

«As nossas forças realizaram neste período grande numero de acções e operações, quer independentes quer em cooperação, na sua luta contra a subversão.

«As forças navais levaram a efeito operações e acções independentes de patrulhamento e vigilancia nas áreas fluvial, marítima e territorial á sua responsabilidade e actuaram ainda em conjunto com as forças terrestres.

«As forças aéreas apoiaram as forças de superfície e efectuaram também numerosas missões de patrulhamento, reconhecimento e transporte.

«Da actividade das forças terrestres destaca-se a levada a efeito na região do rio Luege, Mata Bala e regiões da Camaca e Quiserongo e com a colaboração das forças navais em Zala, serra Pingano e serra do Uije.

«As forças militarizadas e milicias, nas suas missões defensivas, colaboraram e cooperaram com as forças militares sendo de salientar a acção desenvolvida pelos voluntários e a autodefesa exercida pelas milicias assegurando a actividade rural.

«Devido á acção das nossas forças, os terroristas sofreram várias baixas, captura de diverso material e destruição de alguns locais de refugio.

«A actividade dos bandoleiros continuou a ser reduzida, assinalando-se apenas algumas fracas reacções e flagelações contra a movimentação das nossas forças nas regiões de Vale Canga Vuio, serra da Mucaba, serra Pingano e região norte de Manenga e Terra Nova.

«Registou-se ainda uma flagelação ao povo catulo nas lavras de que resultou a morte de um civil.

«As nossas forças sofreram no período um morto, cujos elementos de identificação foram oportunamente comunicados aos órgãos de Informação e 4 feridos. Mais de três dezenas de indivíduos fizeram a sua apresentação ás autoridades legítimas».

O Chefe do Estado visita a fábrica da Sociedade Industrial de Celuloses

No próximo dia 19, ás 10 e 30, o Chefe do Estado, acompanhado de alguns membros do Governo e de altas individualidades, visitará as instalações fabris da Sociedade Industrial de Celuloses, na Miltrena, a 7 km de Setubal. A visita será seguida de almoço.

ZEBÚ

AMANHÃ, SEXTA-FEIRA
devido à solenidade do dia está encerrado o
CASINO ESTORIL

AS JÓIAS, AS PRATAS DA
Ourivesaria da GUIA
SÃO DIFERENTES!
FUNDADA EM 1875
RUA D. DUARTE, 4-B
(EDIFÍCIO DO HOTEL MUNDIAL)

O caso de petróleo para a Rodésia

(Continuação da 1.ª página)

secretário Walston e o ministro português dos Negócios Estrangeiros, conferência que continuará hoje.

Em Atenas, anunciava-se oficialmente que o «Joanna V» fora abatido aos registos da Marinha mercante grega e que o capitão do petroleiro terá de responder perante um conselho disciplinar e sofrer as sanções previstas no decreto que proíbe o transporte de petróleo para a Rodésia.

POSSÍVEL DILIGÊNCIA BRITÂNICA JUNTO DA O. N. U.

LONDRES, 7 — (F. P.) — A oportunidade de uma diligência britânica junto da O. N. U., com vista a serem conferidos á Grã-Bretanha mais amplos poderes, que lhe permitam impedir os fornecimentos de petróleo á Rodésia, foi ontem objecto de consultas que lorde Caradon, representante permanente do Reino Unido nas Nações Unidas, teve com membros do Governo — segundo fonte bem informada. Precisam, porém, da mesma fonte, que tal iniciativa, visando evitar que o Conselho de Segurança aprove disposições mais drásticas a pedido doutras potências, dependerá das recomendações da «comissão das sanções», da Comunidade Britânica.

Entretanto, o Foreign Office anunciou que, segundo um relatório recebido ontem, de manhã, do cônsul britânico na Beira, o petroleiro grego «Joanna V» continua fundeado no canal que dá acesso áquele porto, «não se conhecendo ainda a hora da sua partida». Além disto, o Foreign Office esclareceu que o carregamento de petróleo do referido navio pertencia a armadores gregos, tendo, porém, sido «transferido» para a firma sul-africana que fretou o petroleiro.

TENTATIVA AFRICANA

NOVA YORK, 7 — (R.) — Delegados africanos na O. N. U. marcavam hoje passo na sua tentativa para conseguir que sejam impostas sanções obrigatórias contra a Rodésia.

Gershon Collier, da Serra Leoa, presidente da comissão especial sobre colonialismo da Assembleia Geral, pediu ao secretário-geral U Thant que alerte o presidente do Conselho de Segurança acerca da situação e referiu-se á necessidade de «firmes sanções obrigatórias», que sómente podem ser impostas pelo Conselho.

A sua declaração obteve o apoio da maioria da «comissão dos 24», mas a Grã-Bretanha e, pelo menos, sete outras delegações manifestaram reservas.

Fontes bem informadas disseram que os representantes africanos aguardariam agora o resultado de conversações ao mais alto nível em Londres e noutras capitais, antes de fazerem pressão quanto á sua exigência

A Lloyds de Londres deixa de estar representada na Rodésia

SALISBURY, 7 — (F. P.) — A Lloyds de Londres foi retirada da lista das companhias de seguros representadas na Rodésia — anuncia o jornal oficial.

Assim, a Lloyds deixa de poder exercer as suas actividades neste país, mas — declara-se oficialmente — deve cumprir os compromissos assumidos até agora.

LUTA TRIBAL NO SUDÃO

KHARTOUN, 7. — (F. P.) — Uma centena de pessoas morreram nos combates que opuseram no Darfur (Sudão) as tribos Rizeigat ás tribos Maalia. O ministro do Interior, Ahmed Al Mahdi, dirigiu-se a esta província para tentar achar uma solução que permitisse a reconciliação das tribos em guerra. O imã

O GABINETE INGLÊS REÚNE-SE HOJE

LONDRES, 7 — (R.) — O primeiro-ministro britânico convocou para hoje a primeira sessão plenária do seu gabinete remodelado, quando a Administração trabalhista, procurava, novas formas de acabar com os fornecimentos de petróleo á Rodésia.

Harold Wilson conferenciou, a noite passada, no numero 10 de Downing Street, com alguns dos principais ministros e chefes das Forças Armadas O representante britânico nas Nações Unidas, lorde Caradon, e Malcolme MacDonald, enviado especial ás Africas Oriental e Central, assistiram, também, ás conversações.

A crise internacional por causa do petróleo para a Rodésia coloca o Governo trabalhista perante o seu primeiro grande problema desde que voltou, na semana passada, ao Poder, com a sua maioria aumentada na Camara dos Comuns de três para 97 lugares.

A chegada á Beira, em Moçambique, do petroleiro «Joanna V», intensificou nesta capital as discussões sobre novos meios de pôr em vigor o embargo das Nações Unidas contra a Rodésia.

A Austrália não aplicará novas sanções à Rodésia

CANBERRA, 7 — (R.) — O ministro adjunto dos Negócios Estrangeiros, senador John Gorton, afirmou hoje que a Austrália decidira não impor novas sanções contra a Rodésia.

O senador Gorton disse ainda que, a pedido da Grã-Bretanha, a Austrália tinha proibido a entrada neste país de 93 por cento das importações rodesianas. Contudo, nesta altura, o Governo julgava que não devia haver mais sanções.

Revelou que a maior parte das exportações australianas para a Rodésia era constituída por géneros alimentícios e acrescentou que o Governo não estava disposto a proibir exportações de víveres para a Rodésia.

A propósito, o senador lembrou que, no ano passado, a Grã-Bretanha pedira á Austrália que participasse no fornecimento de géneros alimentícios a países africanos afectados pela estiagem.

Berlinenses ocidentais começaram a atravessar o muro aproveitando o acordo da Páscoa

BERLIM, 7 — (R.) — Os primeiros de meio milhão de berlinenses ocidentais atravessaram ao alvorecer de hoje, o muro de Berlim para se reunirem com os seus parentes na parte oriental da cidade.

Decorreram três meses desde que a maioria deles esteve junta — no último dia do período de visitas do Natal.

Um total de 58 384 berlinenses do Oeste obteve passes de um dia para o período de visitas de duas semanas da Páscoa. O passe permite a cada visitante permanecer em Berlim-Leste até á meia-noite do dia escolhido.

A cerca de 62 mil deles foi concedida autorização para virem nos seus automóveis.

Como nas ocasiões anteriores, duro regateio político antecedeu o acordo entre o Governo alemão oriental e o Senado de Berlim-Oeste. Parece, porém, que nenhum dos lados se quer arriscar a tornar-se impopular, roubando ás famílias de Berlim os encontros de férias, que têm aberto regularmente brechas no muro da cidade, durante os dois últimos anos.

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os COMBOIOS ELÉCTRICOS

Presas 400 pessoas em Hong-Kong durante manifestações antibritânicas

HONG-KONG, 7 — (R.) — Detectives desta cidade estão a interrogar mais de 400 pessoas presas durante motins antibritânicos em Kowloon, a parte continental de Hong-Kong.

A polícia lutou toda a noite para conter a população amotinada, empenhada em actos de destruição e de pilhagem, durante tumultos provocados por propostos aumentos nos preços das passagens para atravessar o porto nos «ferry-boats». O recolher obrigatório foi imposto em Kowloon até ao alvorecer, mas a maior parte das pessoas ignorou-o. Tropas britânicas foram chamadas para proteger armazéns saqueados.

Dezenas de autocarros foram danificados pelos amotinados e as ruas encontravam-se juncadas de placas das paragens dos autocarros, que foram arrancadas, de caixas, de pranchas e de estilhaços de vidro. Foram avariados todos os sinais luminosos de trânsito em Kowloon.

Contudo, ao nascer do dia, o departamento naval de Hong-Kong cancelou todas as mensagens de segurança para navios, esperados em Hong-Kong, que não desembarcassem os passageiros e tripulantes.

As manifestações começaram como protesto contra um proposto aumento de três dinheiros nos bilhetes dos «ferries», que ligam Kowloon com a ilha de Hong-Kong.

A população, arremessando com garrafas, causou estragos avaliados em milhões de dólares de Hong-Kong.

Os cabecilhas foram presos, após diversas cargas da Polícia com bastões e gás lacrimogéneo, enquanto helicópteros iluminavam com holofotes a multidão. Doze pessoas ficaram feridas nos recontros, mas só quatro delas se encontravam internadas em hospitais.

A ilha de Hong-Kong mantinha-se sossegada.

A Polícia indiana abriu fogo sobre a multidão em Calcutá

CALCUTÁ, 7 — (R.) — A Polícia abriu fogo duas vezes para repelir a multidão que hoje a assaltou em Calcutá, anunciando-se que foi morto um homem.

Um primeiro assalto deu-se quando a multidão atacou uma esquadra no Norte da cidade á pedrada e com bombas. A segunda vez foi quando a população atacou um veículo da Polícia e lhe despejou os pneus.

Círculos da Frente Unida das Esquerdas, que apoiou a greve geral de ontem, afirmam que durante o tiroteio morreu uma pessoa.

Carlos Lacerda poderá ser privado dos direitos políticos

—escreve a Imprensa do Rio

RIO DE JANEIRO, 7 — (F. P.) — «O antigo governador do Estado da Guanabara, Carlos Lacerda, poderá ser privado dos direitos políticos» — anuncia hoje a Imprensa do Rio de Janeiro. Alguns jornais salientam que a informação é proveniente de fontes ligadas ao Governo.

Segundo estas fontes, o Governo consideraria que «as críticas frequentes e duras» feitas pelo antigo governador, visando o presidente Castelo Branco e o actual regime comportam «uma verdadeira incitação á subversão».

Parece que foi, sobretudo, o artigo enviado de Paris (onde esteve ùltimamente o antigo governador) e publicado, no domingo passado, pelo «Jornal do Brasil», que teria levado os colaboradores do presidente Castelo Branco a prever uma disposição extrema contra Lacerda.

Nos termos da lei de excepção actualmente em vigor no Brasil, se Lacerda for privado dos seus direitos políticos não poderá fazer publicar os seus artigos nem falar em público.

O EX-GOVERNADOR FALA EM «MALOGRO DA POLÍTICA EXTERNA DOS E. U. A»

«A revisão da posição da França em relação á N. A. T. O. é devida ao malogro da política externa dos Estados Unidos» — declarou, em entrevista concedida ao «Jornal do Brasil», Carlos Lacerda, que pensa, no entanto que esta revisão não implicará um abandono das alianças por parte da França em favor da U. R. S. S.

Carlos Lacerda, que fez uma larga viagem pela Europa, pensa que o «desafio» lançado pelo general de Gaulle dará fatalmente origem a uma transformação da N. A. T. O.

Não escondendo as suas críticas á política do general de Gaulle, designadamente no que se refere á força nuclear, a retirada da França da N. A. T. O. e as despesas «imperiais» feitas em África, o antigo governador afirmou que «o desafio francês» só foi possível em consequência dos «erros sucessivos da política externa dos Estados Unidos», que qualificou de «inconsequente, destituída de força e de lógica». Entre outras coisas, censurou a diplomacia americana de recorrer a um «falso realismo que consiste em proteger os generais ditadores na América do Sul e em intervir no Mundo em nome da protecção dos direitos dos Estados Unidos».

A França terá de reembolsar o dinheiro que os E. U. A. despenderam nas bases que tiverem de abandonar

— segundo um senador americano

WASHINGTON, 7 — (F. P.) — O Governo francês tem de reembolsar os Estados Unidos do que estes gastaram nas bases militares americanas em França, a ser evacuadas — segundo a opinião de Paul Douglas, senador democrata de Illinois, em discurso pronunciado no Senado.

O parlamentar declara ignorar completamente as cláusulas dos «tratados secretos» sobre os quais as bases foram construídas, mas recusa-se a acreditar que os franceses «sejam autorizados a confiscar estes bens de valor imenso».

O senador Douglas propõe que se regulamente o caso da seguinte maneira:

1) — Pagamento das instalações pela França sobre a base do seu valor actual.

2) — Pagamento das despesas de transporte de todo o material que não for deixado em França.

3) — Se o negócio não for regulamentado nos 60 dias que se seguirem á evacuação, deverá ser submetido ao tribunal internacional de Haia.

Por outro lado, Douglas pensa que se a França chegar a confiscar as instalações militares americanas, avaliadas na sua opinião em mais de dois biliões de dólares, os Estados Unidos deverão examinar rápidamente os meios de reduzir os créditos franceses sobre o ouro americano, num montante equivalente. O senador terminou afirmando que foi a pedido da França e no interesse da sua defesa, «e não com a intenção de a sujeitar á dominação fosse de quem fosse», que os Estados Unidos instalaram bases em território francês.

VOLTAM A AGRAVAR-SE AS RELAÇÕES INDO-PAQUISTANESAS

NOVA DELHI, 7 — (R.) — O primeiro-ministro indiano, Indira Gandhi, declarou hoje que a União Soviética mandou um enviado ao Paquistão para discutir o agravamento das relações indo-paquistanesas após o tratado de Tashkent.

A sr.ª Gandhi anunciou, por outro lado, que o primeiro-ministro soviético, Alexei Kossyguine, visitará este ano a India.

Indira Gandhi afirmou também que o presidente Johnson e Harold Wilson tinham aceite os convites para visitarem a União Indiana, mas que não tinha sido ainda marcada a data das visitas.

Idêntico convite foi endereçado ao general de Gaulle.

PROPRIEDADES

— VENDAS —

PRÉDIO moderno, todo revestido a ovinel, sem lojas. Tem 200 contos de hipoteca á Caixa. Preço com tudo incluido 1280 contos. Trata **Robrel**, Rua Rodrigues Sampaio, 69-1.º Dt.º Telefs. 736569-44602.

PRÉDIOS de: 420 c., a render 25 c.; de 600 c., r. 44 c.; de 680 c., r. 41 c.; de 810 c., r. 49 c.; de 1.000 c, r. 62 c.; de 1.150 c., r. 70 contos.
Trata: J. Lourenço — P. dos Restauradores, 13-2.º Dt.º — Telefones 320040 - 328143.

PRÉDIO POR 1100 CONTOS — À Boa-Hora, moderno desfrutando de boa situação. R/c e 3 pisos a um inquilino por piso a 3 ass., hall, desp., cozinha e c. banho. Acabamentos de 1.ª. Isento 4 anos. Rende quase 60 contos. Trata a

«NORTENHA»
PRAÇA DA ALEGRIA, 58-2.º
Telefones 362228 - 366731

BOM PRÉDIO POR 1300 CONTOS — À Av. de Berne, construção em betão armado, moderna, 5 inquilinos a um por piso e com 3 ass. cada. Acabamentos cuidados e com os melhores materiais. Rende 80 contos.
Trata a

«NORTENHA»
PRAÇA DA ALEGRIA, 58-2.º
Telefones 362228 - 366731

FRIGORÍFICOS
PEQUENO ANÚNCIO
GRANDES DESCONTOS
A. SANTOS SILVA
4-A — R. Passos Manuel — 4-A

CERTIFICO; para efeitos de publicação, que por escritura de onze de Março de mil novecentos e sessenta e seis, lavrada de folhas setenta e nove a oitenta do livro B-44 de notas deste Cartório, foi alterado o corpo do artigo 3.º do pacto social da sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, «LLORET & XAVIER, LDA.», com sede em Lisboa no Largo do Corpo Santo, n.º 21, que passou a ter a seguinte redacção:

Artigo 3.º

A gerência da Sociedade e a sua representação em juízo e fora dele, activa e passivamente, ficam a cargo de todos os sócios, que desde já são nomeados gerentes, com o uso da firma, sem caução nem remuneração, bastando a assinatura de qualquer deles para obrigar a sociedade.

O Parágrafo único subsiste.

DECLARA-SE que na parte omitida da escritura nada há que amplie, restrinja, modifique ou condicione a parte transcrita.

ESTÁ conforme.

Lisboa dezoito de Março de mil novecentos e sessenta e seis.

Rasurei «folhas» alterado «LLORET».

O Ajudante
do 8.º Cartório Notarial
Maria Cândida de Almeida Ribeiro

CARTÃO DIPLOMATA

O mias distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre ou cunho de aço de absoluta necessidade em praxes protocolares para pessoas de distinta condição social bem como de bom gosto

ANÍBAL GRAVADOR
Rua Nova do Almada, 64 — LISBOA
A casa que melhor trabalha

laranjada
Schweppes
AGUA TONICA * GINGER ALE * COLA DRINK * GASOSA

ANDARES

5 div. (3 assoalh.). Os restantes a 150 c. cada, só p.ª habit. própria. Trata no local, Praça da R. Angola, lote 236, Bairro Janeiro, Amadora, ou pelo Telefone 320040 e 328143.
Joaquim Lourenço, Prraça dos Restauradores, 13-2.º — LISBOA

TERRENO

Entre Lisboa e Estoril c/área de 3.000 m² óptimo para edificação duma pousada c/instalações de luxo, tendo anexo restaurante panorâmico e salão de chá

Vende o próprio e aceita propostas para construção e sua exploração.

Preço de venda do terreno: 3800 contos

Resposta ao «Diário de Lisboa»
Rua Luz Soriano, ao n.º 41

PRÉDIOS
MORADIAS
QUINTAS
VENDEM-SE
HIPOTECAS

Temos capital para 1.ª hipotecas em Lisboa e arredores, juro da lei, com facilidades que permitem a realização imediata das escrituras

JOSÉ SANTOS, LDA.
CASA FUNDADA EM 1929
RUA DOS CORREEIROS, 101, 1.
Telefs.: 327616 - 30707 - 362662

ANDARES NA PRAIA

Situados no mais aprazível local de Cascais

ANDARES DE MUITA CATEGORIA COM AS MAIORES COMODIDADES. 4 grandes div. ass., 2 casas de banho, cozinha muito ampla e 2 grandes varandas.

PREÇOS: 320 e 355 CONTOS

com ou sem garagem

Visite estes bons andares nos lotes E, no Outeiro da Vela—Fontainhas

Trata a

EMPRESA
PREDIAL NORTENHA
Praça da Alegria, 58, 2.º
Telefs. 36 22 28 - 36 67 31

TELEVISORES
PEQUENO ANÚNCIO
GRANDES DESCONTOS
A. SANTOS SILVA
4-A — R. Passos Manuel — 4-A

No CADAVAL o «DIÁRIO DE LISBOA» é distribuido pelo sr. JOAQUIM CARDOSO DA SILVA ROSA.

TEM PRÉDIO?
TEM CARRO?
ENTÃO TEM DINHEIRO
CONSULTE JÁ A
ORCOSI
Telefs. 367444/323172
R. 1.º DE DEZEMBRO, 45

PRÉDIO—LISBOA

3.300 CONTOS — 6,4 %

Grande volume de construção, isento 6 anos, forrado a marmorite na frente e rectaguarda, 16 inquilnos s/lojas, todos c/3 casas ass. Rende 215 contos por ano. A escritura e sisa são por conta do vendedor. **ROBREL** — Rua Rodrigues Sampaio, 69-1.º-dto. Telfs. 736569-44602.

CAPITAIS

DINHEIRO
SOBRE AUTOMÓVEIS
Máximo sigilo
ROBREL
Rua Rodrigues Sampaio, 69-1.º Dt.º
Telefs. 44602-736569

TEM CARRO?
TEM PRÉDIO?
ENTÃO TEM DINHEIRO
CONSULTE JÁ A
ORCOSI
Telefs. 367444/323172
R. 1.º DE DEZEMBRO, 45

AUTOMOTORAS PARA O ALGARVE POR MOTIVO DAS FESTAS DA PÁSCOA

Comunica-nos a C. P. que por motivo das festas da Páscoa efectuar-se-ão nos dias 7, 8 e 9 do corrente, uma automotora para serviço publico, entre Barreiro e Vila Real de Santo António-Guadiana, servindo o Ramal de Lagos, com partida da estação de Lisboa (Terreiro do Paço), ás 13.40 e chegada a Faro ás 18.55, a Vila Real de Santo António-Guadiana, ás 19.55, a Portimão, ás 19.06 e a Lagos, ás 19.32. O regresso efectuar-se-á nos dias 7, 8 e 10, com partida do apeadeiro de Vila Real de Santo António-Guadiana, ás 19.35, de Faro, ás 20.31, de Lagos, ás 19.48 e de Portimão, ás 20.13, com chegada a Lisboa (Terreiro do Paço), á 1.30.

BAIRRO RESIDENCIAL
«BELA VISTA»

VALE FETAL — CHARNECA DE CAPARICA

Próximo das Praias do Rei e Costa de Caparica
A 12 minutos de Lisboa pela Ponte Sobre o Tejo
Prédios e Andares de Óptima Construção
Preços Sem Concorrência

Facilidades de pagamento:
50 % até à entrega de chaves e o restante em 5 anos

Organização Proprietária:

A. SANT'ANA D'ARAÚJO
PRAÇA DA RENOVAÇÃO, N.º 7-1.º, Dt.º
Telef. 271142 — **ALMADA**

Dispõe ainda em Almada-Sobreda e Caparica:
Lotes aprovados para a construção de prédios para 4-6-8 e 10 inquilinos

AUTOMÓVEIS

ALUGUER

AUTOS DE ALUGUER
S/ CONDUTOR
Aluga novos
Taunus, 17-M Super e Wauxhall Viva etc., etc.
L. DE STA. BÁRBARA, 5-B

Automóveis sem condutor
Veja os n/ preços, carros impecáveis. Av. João Crisóstomo, 89, Telefs. 50060/ /51047.

ILPA
(Indústria e Laboração de Produtos Agrícolas — S. A. R. L.)

Convoco a Assembleia Geral Ordinária desta Sociedade, a reunir-se no dia 27 de Abril do corrente ano, pelas 15.30 horas, em Lisboa, na Av.ª da Republica, n.º 2, 7.º andar, para os fins de:
1.º — Eleger os membros para a Assembleia Geral e os Conselhos de Administração e Fiscal;
2.º — Fixar as remunerações dos membros dos Conselhos de Administração e Fiscal.

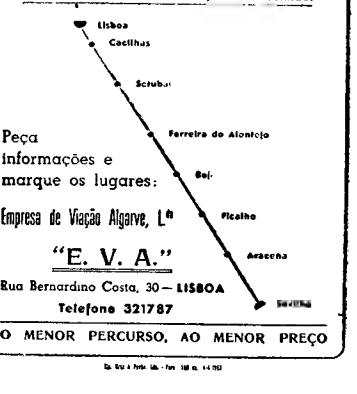
Lisboa, 5 de Abril de 1966.
O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
António de Barros

AUTOMÓVEIS
Automóveis de várias marcas e modelos como novos e em conta.
Rua Actor Taborda, 13-A
Telef. 42712

SEJA DO SEU TEMPO!
LEIA
motor

2.ª feira, 11
Inauguração do novo «Stand» de automóveis
MONTE CARLO
Rua de Arroios, 19 C

SEVILHA
Semana Santa
FEIRA
Prefira o transporte mais rápido e económico
Carreiras diárias de auto-carros, nos dois sentidos



Peça informações e marque os lugares:
Empresa de Viação Algarve, L.da
"E. V. A."
Rua Bernardino Costa, 30 — LISBOA
Telefone 321787
O MENOR PERCURSO, AO MENOR PREÇO

Automóveis de aluguer sem condutor
UNIDADES NOVAS
STAND — AUTO MONUMENTAL DO AREEIRO, LDA.
Avenida Padre Manuel da Nóbrega, 10-B
Telefones: 727654 — 724975

O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto

O «Diário de Lisboa» encontra-se á venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição. Praça da Republica, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30 e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto, em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

◆ Pequenos anúncios ◆ Pequenos anúncios ◆ Pequenos anúncios ◆

SOCRICHILA

GARANTIAS CONFIRMADAS... PROGRESSO SEGURO...

A SOCRICHILA ABRE-LHE A PORTA DA FORTUNA

O GABINETE TÉCNICO DA SOCRICHILA FORNECE-LHE EM DETALHE TODAS AS INFORMAÇÕES SOBRE CHINCHILAS

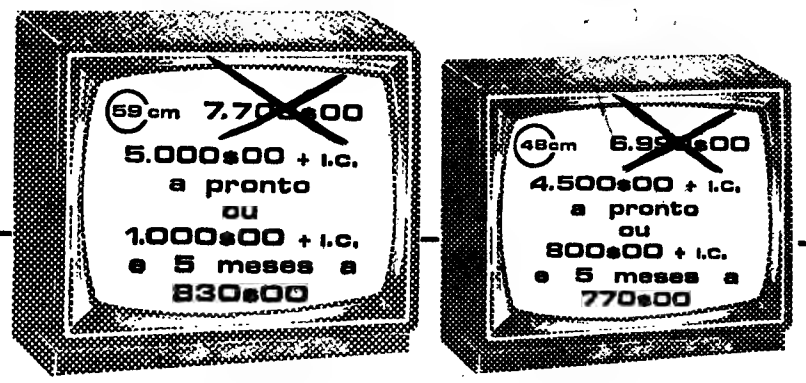
SOCRICHILA — SOCIEDADE PORTUGUESA CRIADORA DE CHINCHILA, LDA.

Sede: Rua Gonçalves Crespo, 33 3. — LISBOA — Telefones 735944 . 44787 . 44704
DELEGAÇÕES: PORTO — Rua Arquitecto Marques da Silva, 108, r/c, B. — Tel. 67142
VISEU — Praça D. Duarte, 24 - 1.º — Tel. 23841
BEJA — Rua Capitão João Francisco de Sousa, 74 - 1.º — Tel. 375

AGÊNCIAS DISTRITAIS EM TODO O PAÍS

COMPRE AGORA!

SÒMENTE ATÉ À PÁSCOA



TELEVISORES

SÓ VENDEMOS MARCAS DE REAL CATEGORIA

Bardo

AV. DA LIBERDADE 131 + RUA DE S. BENTO 53 + AV. ALMIRANTE REIS 124B

DA RUA DO OURO POLICLINICA

Entrada: Rua do Carmo, 98-2.
Telef. 32 65 15

Dr. Amaro d'Almeida — Medicina, coração e pulmões — As 18 horas
Dr Coelho de Castro — Cirurgia Ossos e Articulações — As 18 horas.
Dr Nelson de Figueiredo - Rins - vias urinárias — As 16 horas.
Dr Romão Luff — Doenças nervosas e electroterapia — As 14 horas
Dr António Ferrão — Doenças dos olhos — As 14 horas
Dr. A. de Barros Simão — Garganta nariz e ouvidos — As 16 horas.
Dr. Casimiro Afonso — Doenças das Senhoras e operações — As 15 horas
Dr. Gonçalves Coelho — Doenças das crianças — As 18 horas
Dr. Pinto Bastos — Boca e dentes, prótese — As 10 horas
Dr. Carlos Ribeiro — Cardiologia e Electrocardiografia — As 5.as-feiras às 15 h.
Prof. Dr Aleu Saldanha — Raios X — As 16 horas
Dr. Mário Jaquet — Fisioterapia — As 16 horas

COMARCA DE LISBOA

5.ª VARA CÍVEL

ANÚNCIO

Pela Segunda Secção desta Vara Cível e nos autos de Acção Especial para Venda de Penhor, que a «Metalúrgica Daurte Ferreira», com sede no Tramagal, move contra JOÃO MANUEL ALVES MARTINS, casado, industrial, morador em Serpa, correm éditos de vinte dias, a contar da segunda e ultima publicação do respectivo anúncio, citando os credores desconhecidos do Réu para, no prazo de dez dias, posterior ao dos éditos, virem à acção deduzir os seus direitos.

Lisboa, 26 de Março de 1966.

O CORREGEDOR-PRESIDENTE,
Ruy de Matos Côrte-Real

O ESCRITURÁRIO,
Martinho Delca

+

Olímpia Augusta Pires Tavares

FALECEU

CONFORTADA COM TODOS OS SACRAMENTOS DA SANTA MADRE IGREJA

Álvaro Pires Tavares, mulher e filho, Adelaide Pires de Almeida e mais família cumprem o doloroso dever de participar que foi Deus servido chamar à Sua Divina Presença a sua muito querida e chorada mãe, sogra, avó, irmã, tia e parente, cujo funeral se realiza amanhã, dia 8, pelas 10 horas, da igreja da Pena (à Calçada de Santana) para o cemitério do Alto de S. João.

AGÊNCIA RODRIGUES

CÂMARA MUNICIPAL DO CONCELHO DA MOITA

ANÚNCIO

Faz-se público que, nos termos da deliberação tomada por esta Câmara Municipal em 4 do corrente, se procederá no dia 5 de Maio próximo, pelas 17.00 horas, na sala das sessões desta Câmara Municipal, perante a mesma reunida extraordinàriamente, à abertura de propostas apresentadas para a adjudicação da empreitada de «Electrificação do Chão Duro — Moita». A base de licitação é de 128 400$00

Para ser admitido ao concurso de adjudicação daquela empreitada é necessário apresentar, além dos restantes documentos, guia comprovativa de ter feito na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, suas filiais, agências ou delegações, o depósito provisório da importância de 3210$00, mediante guia passada pelo interessado.

O depósito definitivo será de 5 % da importância da adjudicação.

O programa do concurso e o projecto estão patentes todos os dias úteis durante as horas de expediente na Secretaria da Câmara Municipal.

Paços do Concelho da Moita, 6 de Abril de 1966

O PRESIDENTE DA CÂMARA,
a) Victor Brito de Sousa

CÂMARA MUNICIPAL DO CONCELHO DA MOITA

ANÚNCIO

Faz-se público que, nos termos da deliberação tomada por esta Câmara Municipal em 4 do corrente, se procederá no dia 5 de Maio próximo, pelas 17.00 horas, na sala das sessões desta Câmara Municipal, perante a mesma reunida extraordinàriamente, à abertura de propostas apresentadas para a adjudicação da empreitada de «Electrificação do Alto de S. Sebastião — Moita».

A base de licitação é de 160 807$50

Para ser admitido ao concurso de adjudicação daquela empreitada é necessário apresentar, além dos restantes documentos, guia comprovativa de ter feito na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, suas filiais, agências ou delegações, o depósito provisório da importância de 4020$20, mediante guia passada pelo interessado.

O depósito definitivo será de 5 % da importância da adjudicação.

O programa do concurso e o projecto estão patentes todos os dias úteis durante as horas de expediente na Secretaria da Câmara Municipal.

Paços do Concelho da Moita, 6 de Abril de 1966

O PRESIDENTE DA CÂMARA,
a) Victor Brito de Sousa

+

António Evangelista de Sá

Confortado com todos os Sacramentos da Santa Madre Igreja

FALECEU

Clementina Tavares Lopes de Sá, Carlos Alberto Tavares Lopes de Sá, sua mulher e filhos, João Evangelista de Sá, sua mulher e filhos, Emília Evangelista de Sá Fonseca, seu marido e filho, Fernando Alvarez, suas filhas e genro e mais família, cumprem o doloroso dever de participar o falecimento do seu querido marido, pai, sogro, avô, irmão, cunhado e tio e que o seu funeral se realiza amanhã, pelas 10 horas, da Rua Afonso Lopes Vieira, n.º 10, 1.º, Esq.º, para jazigo de família, no cemitério dos Olivais.

A. G. MAGNO, LD.ª
Largo Frei Heitor Pinto, n.º 2-B
Telef. 72 35 95

Insista sempre em...

Schweppes

MAIS PEIXE POR MELHOR PREÇO?

(Continuação da página central)

através da formação de cooperativas — parece-nos ser tempo de reformar este estado de coisas, substituindo as arcaicas canastras e as infectas padiolas por modernas e limpas peixarias e por higiénicas e agradáveis «roulottes» ou carrinhas de distribuição e venda directa ao público. Estas deveriam percorrer a cidade, estacionando em pontos conhecidos, a horas certas, onde não existissem estabelecimentos de venda de peixe, de forma a oferecerem ao público um produto apresentado nas melhores condições de higiene e frescura e cujo preço não resultasse de especulação. Com tal medida, ganhariam não só os consumidores, mas também os armadores, que tanto se queixam, dizendo-se os grandes sacrificados neste negócio.

Não temos dúvida de que o presidente do Município, sempre atento aos interesses da cidade, não deixará de ser o primeiro a ajudar a pôr em prática uma sugestão cuja utilidade se afigura manifesta.

Seria preciso encontrar uma fórmula que conjugasse os legítimos interesses de todos, cabendo aos industriais da pesca a responsabilidade da rápida organização de uma vasta rede distribuidora, em moldes práticos e modernos. De qualquer modo, o empreendimento deveria ser levado a efeito, a bem dos consumidores — que todos somos.

Quando a lota é leilão

Como é do domínio público, todo o peixe desembarcado passa pela lota, cuja necessidade tem sido, aliás, muito discutida, pois, se há quem admita que em muitos casos os armadores podem e devem estabelecer contratos com clientes, como é corrente lá fora, por daí resultarem recíprocas vantagens, há também quem pense o contrário.

Seja como for, a lota deveria implicar necessàriamente leilão, uma vez que só através deste é possível atribuir o peixe oferecido a quem der mais por ele Mas na prática não sucede assim, pelo menos no que diz respeito ao chamado peixe tabelado.

Quando, mercê da invernia e da ausência de outros peixes correntes, nomeadamente a sardinha e o carapau da costa, a procura supera a oferta, assiste-se, na lota de Santos, a um espectáculo insólito, que muitos estrangeiros têm fixado fotogràficamente. São centenas de mulheres e de homens, gritando como possessos, debruçando-se perigosamente sobre a grade do palanque, esbracejando, dando palmadas e murros na chapa metálica do varandim — enfim, fazendo tudo quanto lhes é possível para chamar a atenção do pregoeiro, e mesmo a comoverem-no, no intuito de obterem a ambicionada caixa de peixe. O pregoeiro, todavia, mantém-se indiferente a todos os actos espectaculares e, por fim, atribui a caixa de peixe a quem muito bem entende. Da decisão do pregoeiro não há recurso — ao contrário do que sucede nos tribunais. Ele suspende, quando quer, aquele espectáculo patético, e logo depois o reinicia, com outras caixas de peixe, dando origem á repetição das cenas descritas, excepto no que se refere ás vozes, que vão ficando cada vez mais roucas e mal se conseguem fazer ouvir

Simultâneamente, em outros pontos do recinto, determinadas caixas de peixe são vendidas sem gritos, nem números proferidos pelo leiloeiro. Porquê?

— É que este peixe — respondem-nos um encarregado presente na lota — não tem tabela e, portanto, é comprado por quem mais oferece. As caixas das espécies tabeladas, que têm obrigatòriamente de ser vendidas na lota a um preço inferior ao máximo fixado, normalmente baixo, permitem, a quem as compra, a u f e r i r posteriormente uma muito maior margem de lucro.

O tabelamento é prejudicial?

Viemos assim a averiguar que a maioria dos compradores e a totalidade dos armadores discordam do tabelamento do peixe, pois reconhecem que dele advêm grandes inconvenientes, indo normalmente o peixe parar ás mãos de alguns privilegiados, os quais nem sempre seriam aqueles que, em face de um leilão verdadeiro e honesto, em concorrência com outros interessados, acabariam por arrematá-lo.

— Mas com a afixação do preço deve lucrar, pelo menos, o consumidor, não lhe parece?

— Os consumidores pagam sempre o máximo que lhes permitem as suas economias, uma vez que, para se conterem os lucros de venda no máximo de 20 % estabelecido, seria preciso dispor de um número tão grande de fiscais e polícias quanto o de intermediários, o que é absolutamente impossível. Aliás, o tabelamento, cujos preços foram fixados há cerca de vinte anos, apenas é recordado e respeitado nos meses de maior invernia ou quando outros peixes não abundam, pois, sempre que estes surgem, os preços máximos nunca são atingidos.

— Nesse caso, os armadores parece terem razão em se queixar, já que fixar preços máximos sem a contrapartida de preços mínimos não nos parece medida justa...

O nosso interlocutor retorque:

— Então porque se não estabelecem preços mínimos?! É evidente que não é pelo facto de se fixar um determinado preço mínimo para determinado peixe, que se obrigam os compradores a adquiri-lo. Levam-no se querem. Não podem ser obrigados.

Por esta razão, isto é, por se não cumprirem preços mínimos, é que se não deveriam fixar os máximos, tanto mais que os intermediários vão vender o peixe sempre pelo máximo que puderem, anulando assim por completo o sacrifício imposto aos armadores e muito principalmente aos pescadores, que vivem da percentagem da venda do pescado.

Factores da oscilação na oferta de pescado

Ouvimos, sobre o assunto, um armador, que confirmou as informações anteriores e acrescentou:

— O peixe, mais do que qualquer outro produto alimentar, está sujeito á irreprimível lei da oferta e da procura. Há muito peixe — ou outros alimentos que o substituem —, o seu preço desce; há pouco — ou rareiam estes produtos de substituição — o seu preço sobe, independentemente de tabelas ou margens de lucro que artificialmente se estabeleçam. Um lavrador pode, dentro de certos limites, atrasar ou adiantar uns dias o abate das suas reses, ou a colheita da sua fruta. Um armador, uma vez descarregado o seu peixe, tem de o vender seja por que preço for, pois se assim o não fizer, este produto, altamente perecível, ficará, dentro de poucas horas, impróprio para o consumo, originando um prejuízo total. Esta é uma realidade dramática que pouca gente conhece, ignorando que, muitas vezes, os preços de venda do pescado na lota são absolutamente ruinosos para o armador.

E o nosso interlocutor exemplifica:

— Em determinada empresa, navios exactamente iguais, saindo ao mesmo tempo de Lisboa, comportam-se inumeras vezes de forma completamente diversa. Um pode completar a viagem em escassos 20 dias, trazendo grande percentagem de bom pescado; outro volta ao fim de um mês, apenas parcialmente carregado, muitas vezes com espécies de fraco valor comercial. Todavia, ambas as tripulações fizeram por pescar o melhor que podiam e sabiam, mas o que é certo é que a sua boa vontade não lhes permitiu sobrepor-se aos imponderáveis que a natureza lhes impõe.

— Que são...

— Ventos, correntes, temporais, deserção de cardumes nos fundos habituais, etc., etc. Assim, se a maior ou menor abundância de pescado resulta primordialmente de factores absolutamente independentes da vontade do homem, como é possível fixar-lhe preços máximos?! Ainda se, na prática, fosse possível fixar preços mínimos, haveria pelo menos certa autoridade moral para impor aqueles; mas infelizmente nem sequer isso existe.

Faltam os produtos alimentares concorrentes do peixe

— Mas porque não se guardam grandes quantidades de peixe na época de maior fartura, para vender nos dias de Inverno, quando a procura é grande e o peixe não abunda?

— Essa seria, de facto, uma das soluções do problema e virá a ser posta em prática dentro de muito pouco tempo, na Doca de Pesca de Pedrouços, onde se estão finalizando vários trabalhos nas câmaras frigoríficas.

E o armador com quem falámos logo adverte:

— Todavia, na prática, o problema não será senão parcialmente resolvido, pois não podemos esquecer que a congelação rápida do pescado a baixas temperaturas e a sua subsequente armazenagem — unico tratamento tecnológico admissível — está longe de ser barata, indo, consequentemente, onerar o preço de um produto que muitos já acham caro. Assim, para determinadas espécies de menor valor comercial — e são muitas — este tratamento oferece pouco interesse, pelo que só as mais valiosas justificarão a sua adopção. Por outro lado, sabendo-se que só Lisboa absorve cerca de duas centenas de toneladas de peixe de arrasto, pretendendo apenas remediar parte das suas necessidades durante a época de escassez, ser-a necessário construir câmaras frigoríficas de tão gigantescas dimensões que o empreendimento ultrapassaria largamente aquilo que a ponderada análise económica nos aconselha.

— Quer dizer: o publico, durante certos meses do ano, terá de lutar sempre com falta de peixe?

— Não é bem assim. Nos, armadores da pesca de arrasto, fazemos o que podemos, descarregando afinal durante todo o ano volumes de pescado que pode dizer-se de centenas de toneladas durante o ano. O facto de durante dois ou três dias, os arrastões, mercê de tormentosas condições do mar, não chegarem a sair ou a entrar, é absolutamente excepcional, e tem havido anos em que tal se não verifica, pois grande parte da actual frota é constituída por boas unidades, especialmente concebidas para navegar e trabalhar debaixo do mau tempo. O que falta não é, portanto, o nosso peixe, mas sim outros produtos alimentares concorrentes, como a carne, o bacalhau, etc.: e os armadores de arrasto é que pagam as culpas.

Abastecer o País e exportar

— Os cinco novos arrastões congeladores anunciados vão aumentar substancialmente os volumes de peixe de arrasto durante os meses de Inverno. Não será assim?

— Todavia, muitos armadores temem que durante os meses de abundância de outros peixes concorrentes, a colocação deste peixe venha a ser muito difícil, pelo que terá de se admitir a promoção da sua exportação, seguindo o exemplo dos espanhóis. Aliás, Portugal, á semelhança do que sucedeu com outros países ainda há poucos anos auto-insuficientes em pescado (constituindo a Espanha o mais flagrante exemplo), não deverá satisfazer-se nem depender das limitações que o mercado interno lhe oferece, antes deve lutar pela posição de exportador, acertando o passo com os nossos progressivos vizinhos.

— Há ainda muitos pontos do País onde quase se não come peixe, o que prova a necessidade de, em primeiro lugar, suprir essas necessidades; só depois se justificaria a exportação

— Evidentemente.

A SEGUIR: Problemas da distribuição do peixe a todo o País

TALHERES

Faqueiros completos e peças avulso

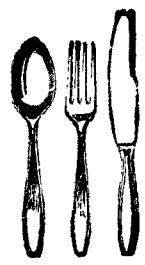
Lindos e modernos modelos

O maior sortido do País

Preços especiais para

HOTÉIS, PENSÕES, RESTAURANTES, COLÉGIOS E CASAS DE SAÚDE

Artigos para Brindes e Decorações, Sempre novidades



«AU BON MARCHÉ»

45—RUA DA ASSUNÇÃO—47

Proc. 118 513/1/A

MINISTÉRIO DA SAÚDE E ASSISTÊNCIA

HOSPITAL DE SANTA MARIA

Milhóleo ou similar
Conc. Público 64/66

As respectivas condições, encontram-se patentes todos os dias uteis, das 9 ás 12 e das 14 ás 17 horas, excepto aos sábados (das 9 ás 12,30 horas), na Secretaria dos Abastecimentos.

A abertura das propostas terá lugar no dia e hora indicada nos Cadernos de Encargos.

Lisboa, 5 de Abril de 1966.

O CHEFE DOS SERVIÇOS ECONÓMICOS

Manuel Brioso Pina de Jesus

PASSE NA COSTA DO SOL

GUINCHO-CASCAIS-ESTORIL

OS SEUS FINS DE SEMANA

HOTÉIS — RESTAURANTES — DANCINGS

INFORMAÇÕES:

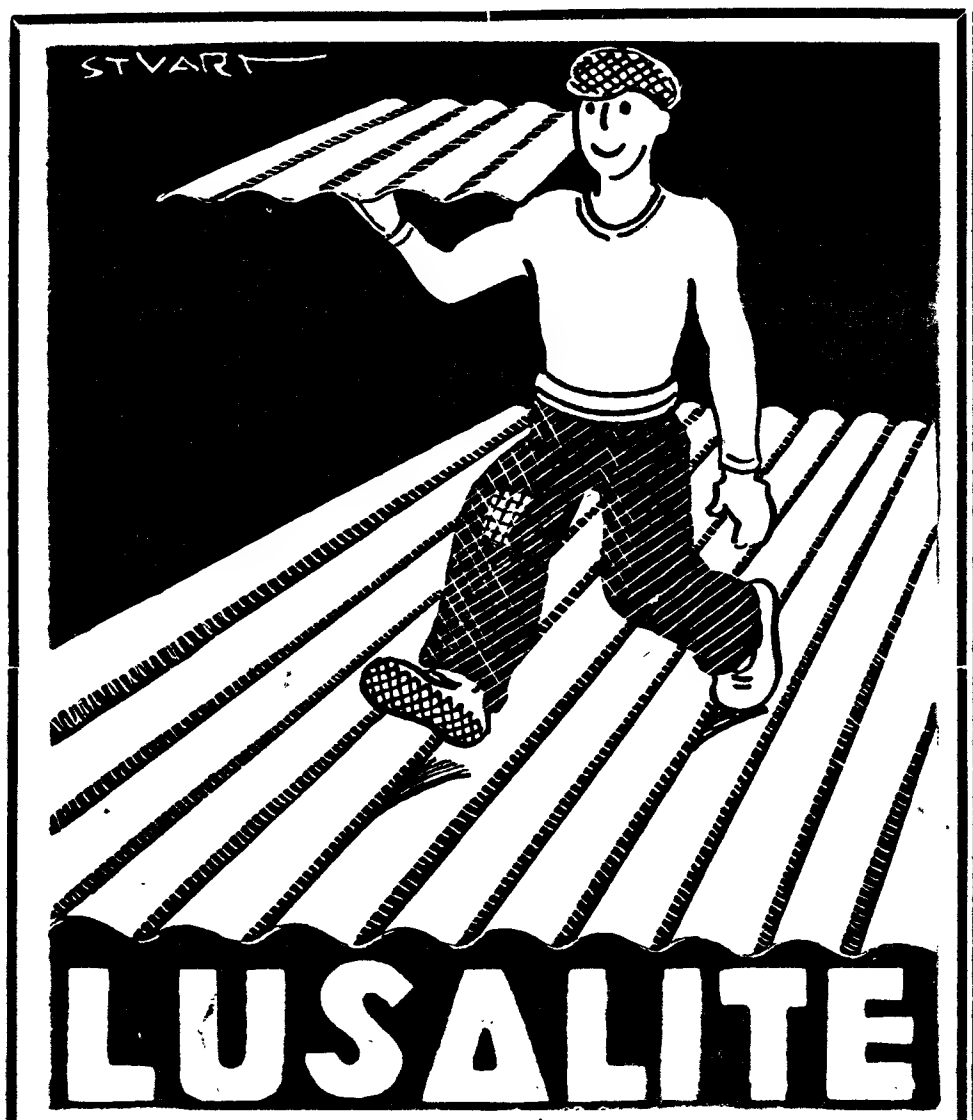
JUNTA DE TURISMO DA COSTA DO SOL
ARCADAS DO PARQUE — ESTORIL

ch CAMILO HORTA

REVESTIMENTOS PLASTICOS
AOS SRS ARQUITECTOS E DECORADORES
« S T O R M U R »
REVESTIMENTO PLÁSTICO PARA PAREDES
Grande «stock» — 130 padrões
RUA PASSOS MANUEL, 3-A TELEF 56118 LISBOA

PARA PROTEGER A VELHICE
HYPERSEX
COMPLEXO FOSFO-GLANDULAR HIPERTÓNICO
Esgotamentos cansaço cerebral, astenias da idade senil etc
Propaganda (grátis) da FAL — Apartado 2 142 — LISBOA

ADMISSÃO AOS INSTITUTOS | INDUSTRIAL — COMERCIAL
EXTERNATO TÉCNICO PITÁGORAS
PROFESSORES ESPECIALIZADOS — ENSINO EFICIENTE
Novas turmas em organização — Aulas diurnas e nocturnas
INSCRIÇÕES: R. Conde Redondo, 56-1.º, Esq.º — Telef. 136380



LUSALITE – SOCIEDADE PORTUGUESA DE FIBRO-CIMENTO

SEDE E FÁBRICA: CRUZ QUEBRADA

ESCRITÓRIOS: Rua S. Nicolau, 123 — LISBOA-2
Telef. 322091/3 - 30295 - 34925 — Fáb.: 212176

ROBINSON

PORTALEGRE

Esta Sociedade Centenária (a sua fundação data de 1840) sempre com o intuito de bem servir a sua numerosa clientela, não poupa esforços para conseguir esse fim:

— aperfeiçoar as suas instalações e dotando-as com os mais modernos mecanismos e,
— procurando sempre, e cada vez mais, melhorar os seus processos de fabrico.

Só assim, pode ocupar uma posição de indiscutível destaque na indústria corticeira transformadora portuguesa.

TODOS OS PRODUTOS DE CORTIÇA NATURAL E AGLOMERADA

AGENTES GERAIS:

AZEVEDO & PESSI, LDA.

R. Nova do Almada, 46 — Lisboa

Tel.: 30132 (6 linhas) — End. tel. «Pessil - Lisboa»

COM BOAS ADUBAÇÕES EVITAM-SE PREOCUPAÇÕES

VIVERÁ MAIS TRANQUILO ADUBANDO COM

SULFATO DE AMÓNIO

AMONIACO PORTUGUÊS · ESTARREJA ·

A.P./21

Toma V.Exª um dos 12 combóios directos que diàriamente se dirigem à estação da Feira? De lá são apenas uns passos até à Feira. Ou aterra V.Exª no aeroporto de Hannover-Langenhagen? Nesto caso, um taxi aéreo transportá-lo-á ao aeródromo da Feira. Ou vem no seu próprio carro? Logo em frente dos portões da Feira existe lugar para 44.000 automóveis. Este é um dos aspectos dos serviços da Feira.
O outro aspecto: 5.900 firmas de todo o mundo esperam-no. Os seus ramos são fáceis de encontrar. Pois em Hannover a oferta é concentrada e detalhada. Tal como exige um serviço bem organizado.
Onde quer que habite, V.Exª poderá chegar a Hannover com facilidade. Sentir-se-á bem como hóspede da Feira e regressará cheio de ideias e sugestões para o seu próprio trabalho.

Feira de Hannover 1966
30 de Abril a 8 de Maio

Peça mais informações a: Câmara de Comércio Alemã em Portugal
Avenida Elias Garcia, 123-4º
Lisboa-1 Tel. 772587 e 778168
Del. no Porto
Avenida dos Aliados, 211, 5, Esq. Sala E
Porto Tel. 02/36112

POLICLÍNICA DA RUA DO OURO

Entrada: Rua do Carmo, 98-2. — Telef. 32 65 15

Dr Amaro d'Almeida — Medicina, coração e pulmões — As 18 horas
Dr Coelho de Castro — Cirurgia, ossos e articulações — As 18 horas
Dr Nelson de Figueiredo — Rins e vias urinárias — As 16 horas
Dr Romão Lofi — Doenças nervosas e electroterapia — As 14 horas
Dr António Ferrão — Doenças dos olhos — As 14 horas
Dr A de Barros Simão — Garganta, nariz e ouvidos — As 16 horas
Dr. Casimiro Afonso — Doenças das senhoras e operações — As 15 horas
Dr Gonçalves Coelho — Doenças das crianças — As 18 horas
Dr Pinto Bastos — Boca e dentes prótese — As 10 horas

DIÁRIO escolar

INFORMAÇÕES
COMENTÁRIOS

Os pontos para os exames do ensino técnico profissional no Ultramar

A propósito de uma notícia que publicámos sobre os pontos escritos únicos do ensino de formação, a Direcção-Geral do Ensino do Ultramar enviou-nos o seguinte esclarecimento:

«Por mais de uma vez se tem debatido o problema da elaboração dos pontos de exame do ensino técnico profissional no Ultramar, que alguns entendem deveriam ser preparados na Metrópole, á semelhança do que se passa no ensino liceal, e não nas escolas do Ultramar.

Esclarece-se, uma vez mais, que o regime de pontos de exame no ensino técnico e no ensino liceal é perfeitamente idêntico na Metrópole e no Ultramar, e nem se vê razão forte que leve a alterar o sistema. Como é conhecido, no ensino técnico o Ministério da Educação Nacional apenas fornece os pontos relativos aos exames do Ciclo Preparatório, além dos destinados ao respectivo exame de admissão.»

Os finalistas do I. S. T. de Engenharia Electrónica visitam os Estados Unidos

Partiram para Nova York os finalistas do curso de Engenharia Electrotécnica do Instituto Superior Técnico, acompanhados pelo sr. engenheiro João Figanier, primeiro assistente naquela escola superior, e a convite da International Telephone and Telegraph Corporation, a fim de visitarem, durante uma semana, algumas das instalações, nos E. U. A., daquela grande organização internacional.

Antes da partida, os estudantes visitaram a associada da I. T. T. em Portugal, sendo-lhes depois oferecido um almoço presidido pelo sr. professor engenheiro Carvalho Fernandes.

Em Nova York, os estudantes serão recebidos, entre outras individualidades, pelo vice-presidente e director técnico da I. T. T., o sr. Henri Busignies, grande figura no mundo técnico e um dos cientistas que mais contribuiu nos ultimos 30 anos para o desenvolvimento e expansão d electrónica.

laranjada
Schweppes
AGUA TONICA • GINGER ALE • COLA DRINK • GASOSA

Em COIMBRA o «DIARIO DE LISBOA» encontra-se á venda, depois das 17 horas, na BRASILEIRA, CINEMA TIVÓLI, CAFÉ MANDARIM, CAFÉ SANTA CRUZ, PASTELARIA E RESTAURANTE IMPÉRIO, na REGIONAL, e no CAFÉ TROPICAL.

Cursos de Seguros para estudantes estrangeiros na Inglaterra

O Chartered Insurance Institute oferece cursos, no Colégio de Seguros, para estudantes estrangeiros. Existem dois tipos de cursos, cada um com uma duração de cinco semanas, e cada um sujeito a uma propina de 75 guinéus. Os estudantes devem ter bons conhecimentos de inglês e, de preferência, idade entre 25 e 35 anos, ainda que esta limitação não seja inibitiva. É desejável que tenham dois ou três anos de experiência no ramo de seguros e devem ser recomendados ou pelas entidades patronais ou por uma associação de seguradores ou por autoridade idónea.

Os dois cursos são: de 25 de Abril a 27 de Maio — *um curso geral de seguros*, abrangendo todos os ramos de seguro, incluindo resseguros, com estudos de gestão de empresas; de 13 de Junho a 15 de Julho — *um curso de seguros de vida* para os estudantes que pretendam especializar-se neste ramo, também com estudos de gestão de empresas.

O numero de estudantes de cada curso, será provávelmente limitado a uns vinte.

No caso de os Serviços que superintendem no ramo de Seguros, Companhias Seguradoras ou instituições tais como, Escolas Comerciais, estarem interessados, devem dirigir-se directamente a: The Principal, College of Insurance, «Penton», Woodlands Road, Surbiton, Surrey.

O Colégio não é residencial, pelo que os estudantes terão de tratar do seu alojamento enquanto durar o curso.

SEMINÁRIO INTERNACIONAL sobre os Meios Audio-Visuais de Ensino

Efectua-se em Lisboa, de 12 a 17 do corrente, um Seminário Internacional sobre os Meios Audio-Visuais de Ensino, promovido pela Organização Internacional do Ensino Católico (O. I. E. C.) em colaboração com o Centro de Estudos Pedagógicos da CODEPA.

A reunião decorrerá na sede do Instituto dos Meios Audio-Visuais de Ensino.

Estarão presentes delegados da Bélgica, Espanha, França, Itália, Irlanda, Suíça e Argélia, entre os quais figuram alguns dos melhores especialistas das técnicas áudio-visuais nos domínios da pedagogia e da didáctica.

Por motivo do Seminário, deslocar-se-á propositadamente a Portugal mons. Michel Descamps, presidente da O. I. E. C. e vigário-geral do Arcebispado de Paris para os Ritos Orientais.

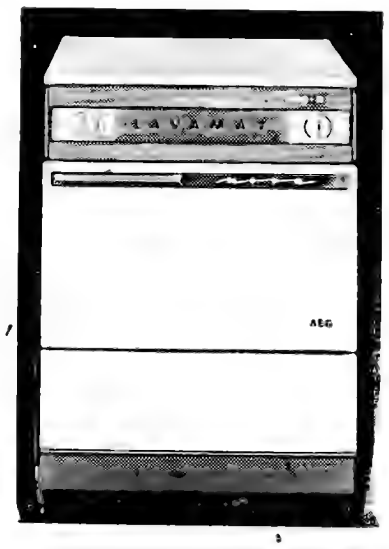
São de grande importancia as comunicações anunciadas por participantes nacionais e estrangeiros.

«Diário de Lisboa»

A assembleia geral da Associação Humanitária Bombeiros Voluntários Lisbonenses, reunida em sessão ordinária, aprovou, por aclamação, um voto de saudação, ao «Diário de Lisboa», pelo interesse que o nosso jornal tem manifestado pela causa do voluntariado.

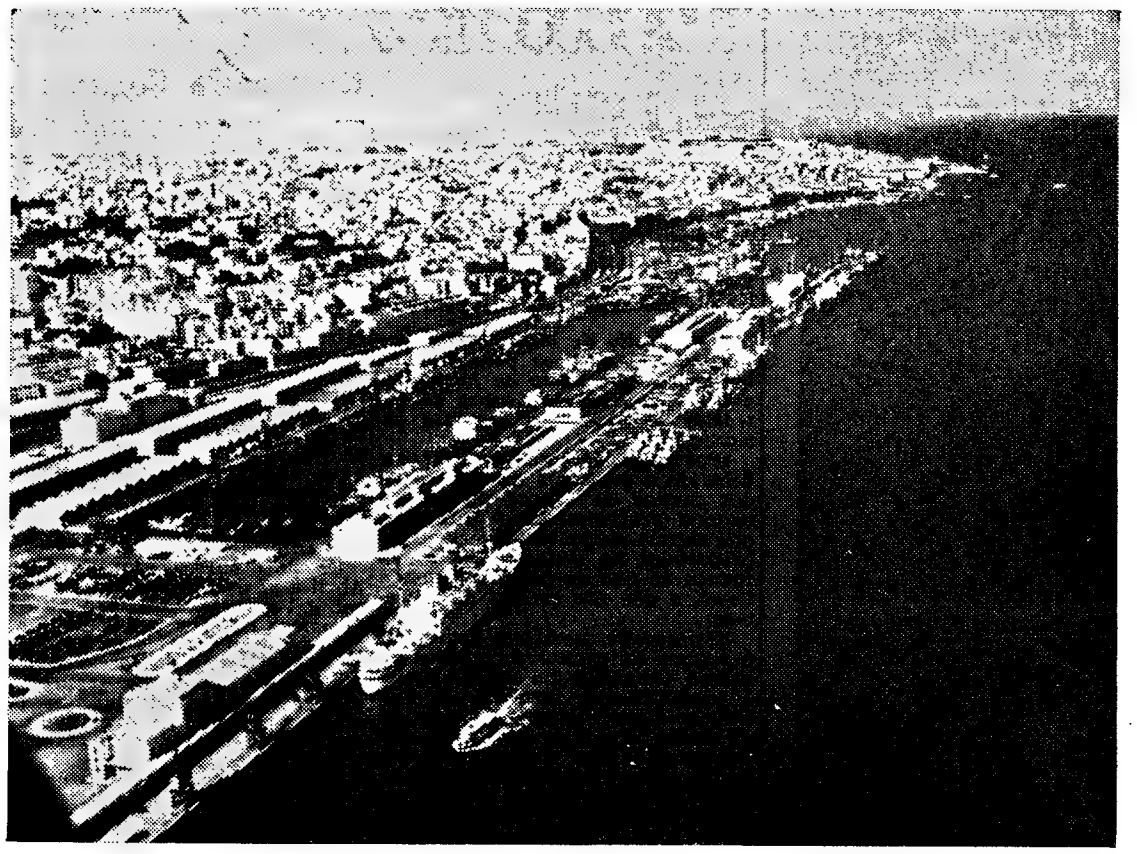
lave daí as suas mãos !

Lave daí as suas mãos,
lavando aqui a sua roupa.
Aonde?...
Numa LAVAMAT, claro!
Pois não sabe
que pode aumentar o seu conforto
na razão directa da sua família?
Com LAVAMAT
tudo é mais simples,
tudo é mais fácil,
tudo é mais limpo!
Quase não é preciso tocar na roupa.
Basta ligar e pronto.
LAVAMAT faz tudo por si própria
com eficiência
e rapidez inigualáveis.
Quando o trabalho é muito,
não se mate!
Lave com LAVAMAT.



belarte

AEG
Lusitana de Electricidade
Lisboa
Porto



Doca de Alcântara e estação marítima

PORTO DE LISBOA

—PORTA DA EUROPA

Excelentes condições naturais, segurança de acesso e amplidão das suas instalações tornam o Porto de Lisboa verdadeira porta da Europa na rede de comunicações marítimas.

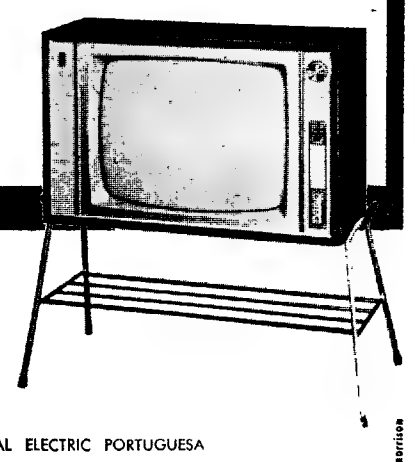
ADMINISTRAÇÃO-GERAL

CAIS DO SODRÉ

Telefones: 36 62 15 (Informações)
36 23 21

televisores
TOP RANK

o mais moderno televisor europeu
*120$00 MENSAIS
*SEM ENTRADA INICIAL
*SEM FIADOR

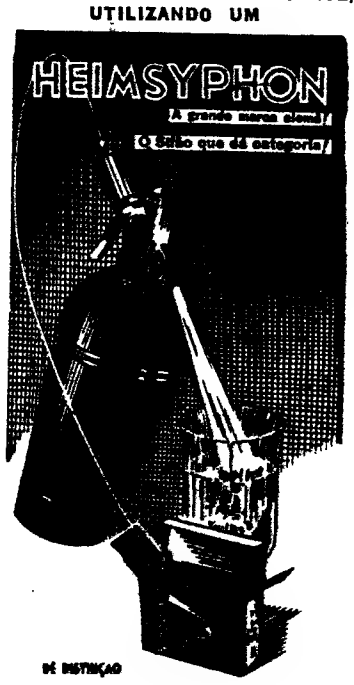


A. OLIVEIRA
Av. Alm. Reis, 91-A — Lisboa
Telefs. 73 63 08 - 53 83 23 - 73 08 38

Assistência Técnica garantida pela GENERAL ELECTRIC PORTUGUESA

marisa

FAÇA ECONOMIAS!
FAÇA BEBIDAS AGRADAVEIS, COM UM GASTO INSIGNIFICANTE, UTILIZANDO UM

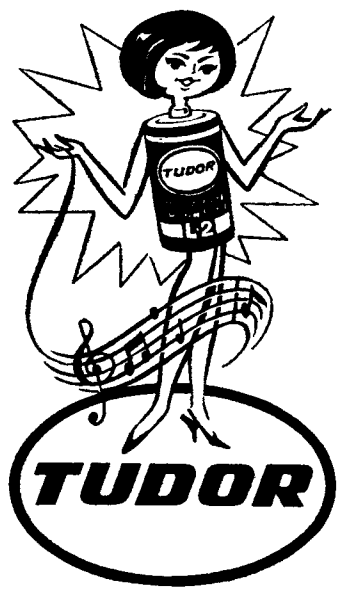


DE DISTINÇÃO
AS SUAS REUNIÕES COM UM "HEIMSYPHON"

E, PARA O WHISKY, NÃO HÁ MELHOR

A venda nas casas da especialidade
REPRES. EXCLUSIVOS:
A. Ribeiro d'Almeida, Ld.ª
R. do Arco, a S. Mamede, 4, 3.º-Lisboa
Telefone 66 14 40

PILHAS SECAS



SEJA DO SEU TEMPO!
LEIA
motor
O jornal que não havia em Portugal
PUBLICA-SE AS 5.as-FEIRAS

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

EDITAL N.º 89/66

Eu, Antonio Vitorino França Borges, Presidente da Câmara Municipal de Lisboa:

Faço saber, nos termos do artigo 359.º do Código Administrativo, que no dia 28 de Abril de 1966, pelas 15 horas, terá lugar na Secção de Armazéns da D. S. T. E. — Avenida 24 de Julho, 171-C (a Alcântara), o concurso público para «CARROÇAGEM DE 7 CHASSIS BEDFORD PARA REMOÇÃO DE LIXOS».

(Processo n.º 60/66/CP/DSTE)

A base de licitação é de ..... 350 000$00
O depósito provisório é de ..... 8 750$00

O depósito provisório é efectuado na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, suas filiais, agências ou delegações, mediante guia preenchida pelo concorrente de harmonia com o modelo 1, anexo ao «Programa de concursos para adjudicação de empreitadas e de fornecimentos da Câmara Municipal de Lisboa», publicado no *Diário Municipal* n.º 7673, de 24/10/960.

O concorrente deverá enviar a proposta pelo correio sob registo à Câmara Municipal de Lisboa — Direcção dos Serviços Técnico-Especiais, Secção de Armazéns — Avenida 24 de Julho, 171-C (a Alcântara) —, por forma a ser recebida até à hora anunciada para a realização do concurso.

O processo do concurso encontra-se patente, na Secção de Armazéns da Direcção dos Serviços Técnico-Especiais — Avenida 24 de Julho, 171-C (a Alcântara) —, das 9 às 12 e das 14 às 17 horas.

Aos sábados o processo do concurso só pode ser consultado das 9 às 12 horas.

E, para geral conhecimento, se publica o presente Edital

Paços do Concelho de Lisboa, em 2 de Abril de 1966.

O Presidente,
António Vitorino França Borges

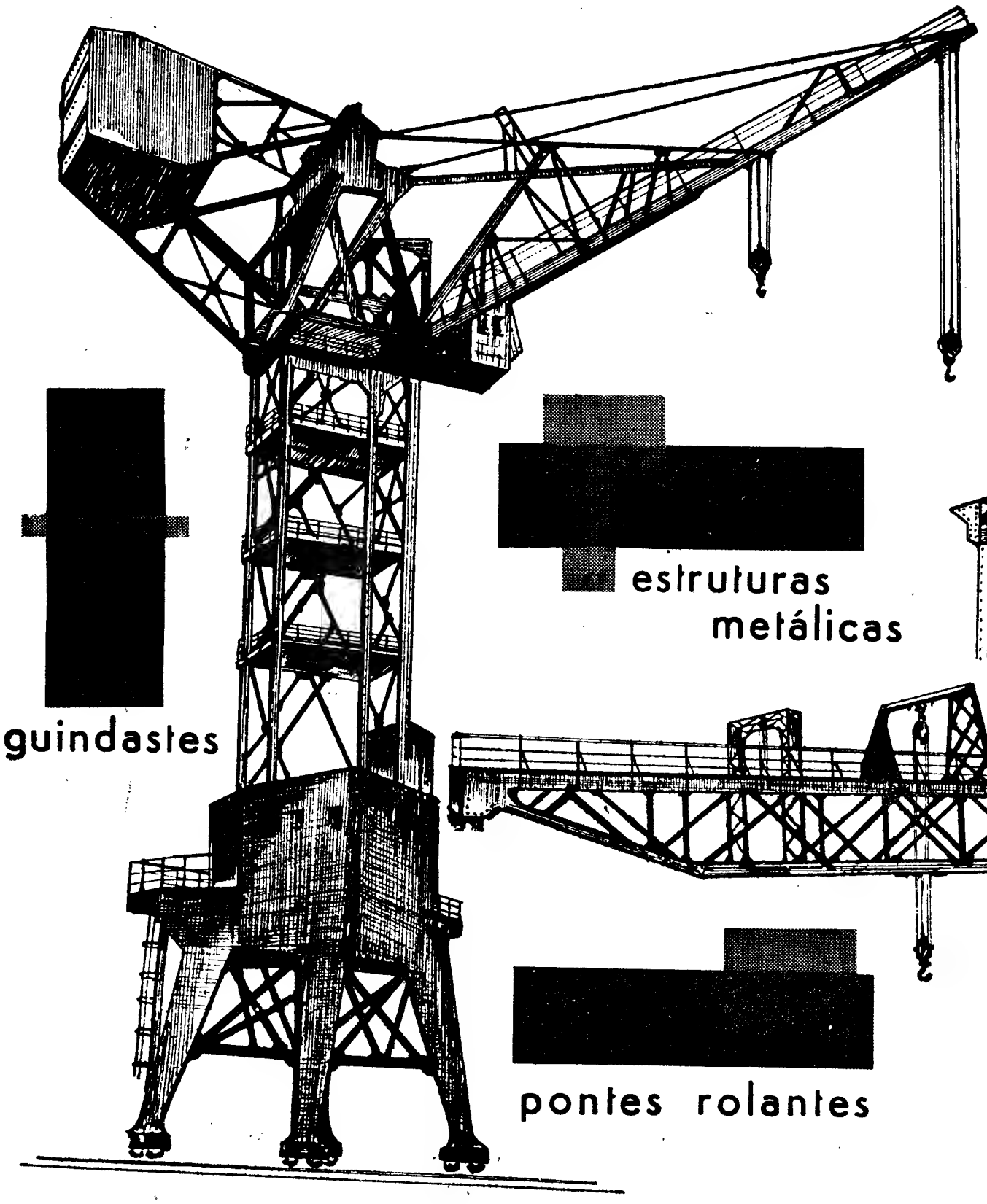
COM O CINTO
MAXUM
SENTE-SE MAIS SEGURANÇA!
• muito leve
• fácil abertura
• comprimento regulável
REPRESENTANTES EXCLUSIVOS:
AUTO-LUSITANIA
AV. DA LIBERDADE, 73-79 LISBOA

Serviço Internacional
HORÁRIO DOS COMBOIOS PORTUGAL E FRANÇA

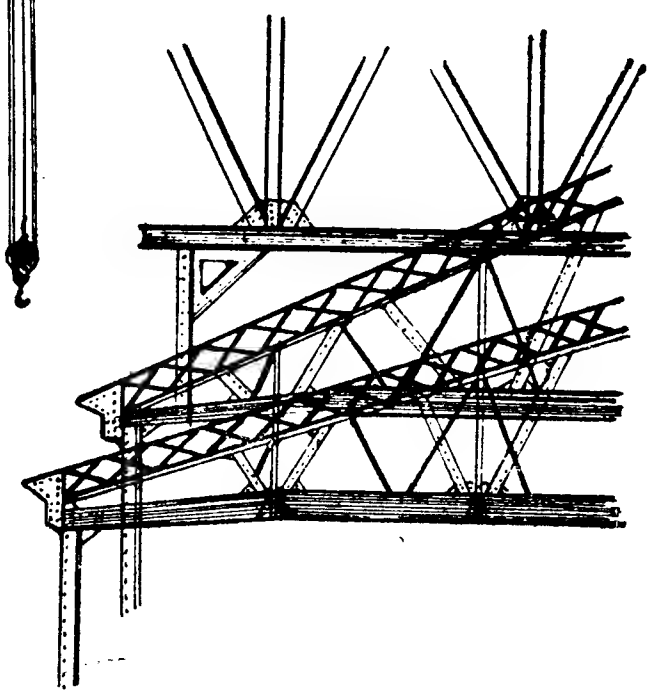
Comunica-nos a C. P. que desde 3 de Abril o serviço internacional em 2.ª classe entre Portugal-Espanha-França e vice-versa passa a ter o seguinte horário:

8.20 p.	Lisboa (St.ª Apol.)	▲ c.	15.10
11.28 c.	Pampilhosa	p.	11.56
9.55 p.	Porto (Campanhã)	c.	14.35
11.18 c.	Pampilhosa	p.	13.05
11.48 p.	Pampilhosa	c.	11.48
15.52 c.	Vilar Formoso	p.	8.30
16.37 p.		c.	7.38
16.40 c.	Fuentes de Oñoro	p	7.33
6.52 c.	Irun	p.	19.15
6.55 p.		c.	17.23
8.05 p.	Hendaia	p.	17.18
7.00 c.		c.	17.09
18.40 c.	▼ Paris	p.	8.54

Em CAMPO MAIOR o «DIÁRIO LISBOA» encontra-se à venda, depois das 17 horas, na BRASILEIRA, CINE-



guindastes



estruturas metálicas

pontes rolantes

inst. de condicionamento de ar

H. PARRY & SON, L.DA

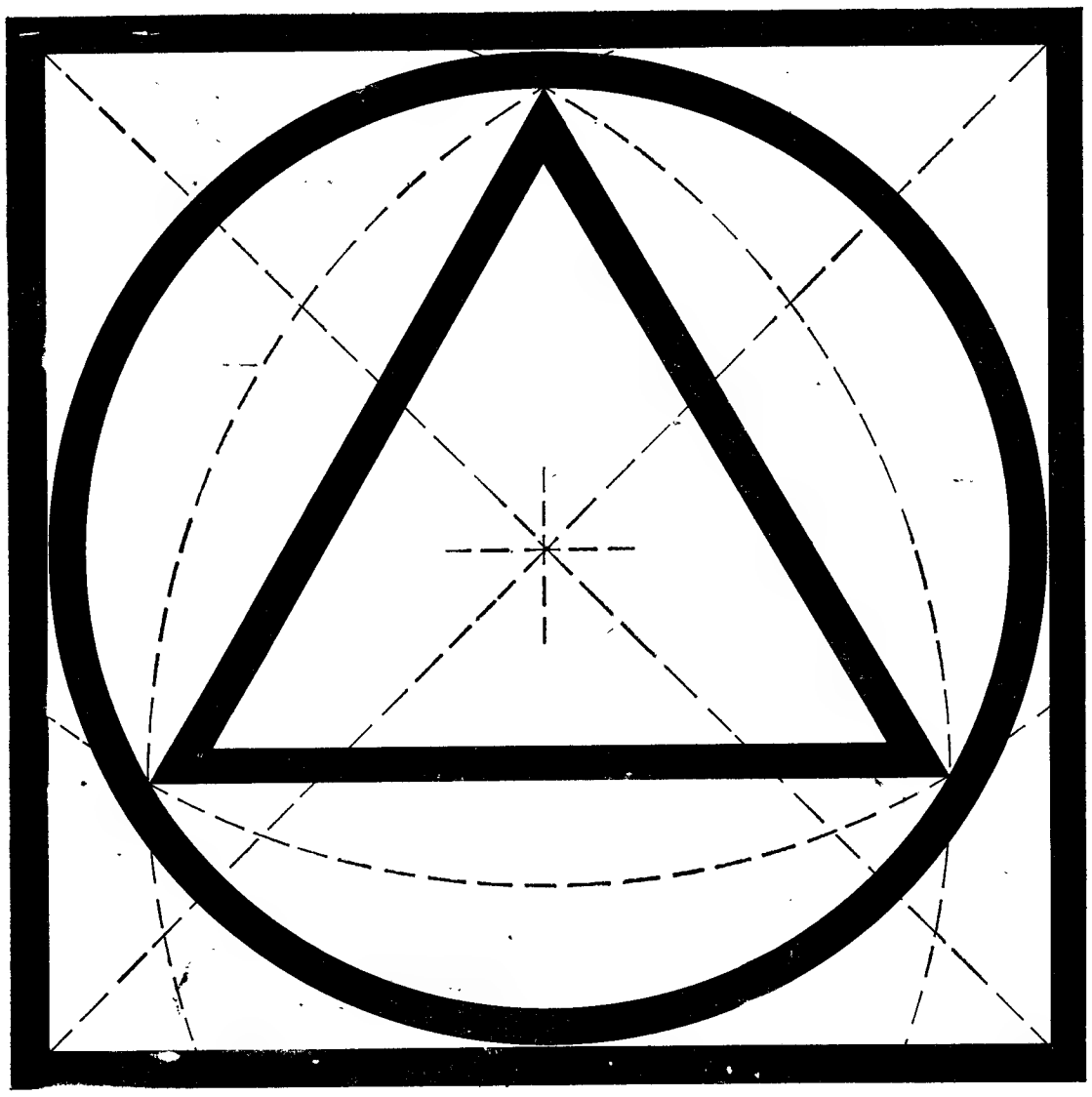
6, AV. 24 DE JULHO

Telef. 66 41 87 Teleg. NAVIOS-LISBOA

ESTALEIROS NAVAIS DE VIANA DO CASTELO, S. A. R. L.

VIANA DO CASTELO — PORTUGAL

Tel. 22071-72-73-74 — Teleg. NAVAIS — VIANA DO CASTELO



O QUADRADO, O TRIÂNGULO,
O CÍRCULO
SÃO FORMAS ELEMENTARES

Familiarizados com a forma desde os princípios da criação, é através destas linhas que os homens reconhecem involuntàriamente «a verdade».

Mas as linhas também podem representar o tempo e o acontecimento. Neste caso, abcissas, ordenadas, curvas estatísticas, são o esforço voluntário feito pelo homem para atingir «a certeza».

Na Império, técnicos de estatística traçam estas linhas para chegarem ao que mais perto há da certeza: «a probabilidade».

Graças a eles, prever não é predizer. É passar da intuição ao risco calculado.

spi

"AO SEU SERVIÇO"

IMPÉRIO
a sua seguradora

A NOVA
HERMES Baby
É ROBUSTA

Bata com força! Apesar da elegância das suas linhas, a máquina de escrever HERMES BABY funciona com suavidade e precisão, quer o seu proprietário seja ferreiro, tanoeiro ou pugilista. Isto porque na sua construção se empregaram os materiais mais resistentes. A HERMES BABY tanto serve para os principiantes como para os mais experimentados dactilógrafos.

HERMES Baby

A portátil para todos pode ser adquirida apenas por 100$00 por mês!

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS:
ESTABELECIMENTOS M. SIMÕES JR. S. A. R. L.
Rua da Prata, 68 — Telef. 36 15 45 — LISBOA ✱ R. de S. António, 208 — Telef. 2 55 82 — PORTO

DISCOS LIGEIROS — DISCOS CLÁSSICOS

ORGANIZE A SUA DISCOTECA
ADQUIRINDO UM LOTE DE DISCOS À SUA ESCOLHA
PAGANDO APENAS 55$00 POR MÊS
SEM FIADOR
SEM ENTRADA INICIAL

Vapedrone
54 — Rua da Vitória, 56 — Telefone 325632 — LISBOA
A Irmã mais nova da MEIA DE VIDRO
SEMPRE AS ÚLTIMAS NOVIDADES

DISCOS — DISCOS

Luso Eléctrica

COMUNICADO

DADA A SOLENIDADE DA PÁSCOA, TODAS AS NOSSAS SECÇÕES ENCERRAM HOJE 5.ª FEIRA, ÀS 13 HORAS, SÓ REABRINDO 2.ª FEIRA.

Sociedade Luso Eléctrica Limitada
LISBOA

«FRENAVE»

AGÊNCIA MARÍTIMA DE FRETAMENTOS E CONSIGNAÇÕES, LDA.

AGENTES DE NAVEGAÇÃO — BROKERS

LINHAS REGULARES PARA INGLATERRA — MEDITERRÂNEO ESPANHOL — MEDITERRÂNEO GOLFO DE LYON — MEDITERRÂNEO LEVANTE — NORTE DA EUROPA — U. S. A. — CANARIAS
FRETAMENTOS PARA TODO O MUNDO

Praça D. Luís, 9 - 2.º dt.º — Telefs. 669192/5 675193 — LISBOA
End. Teleg. Frenave — Telex 330

ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DE LISBOA

CÂMARA DE COMÉRCIO PORTUGUESA
Fundada em 1834

A MAIS IMPORTANTE E MAIS ANTIGA ORGANIZAÇÃO DO COMÉRCIO NACIONAL — SECÇÕES TÉCNICAS DE IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO — INFORMAÇÕES COMERCIAIS — CONTENCIOSO JURÍDICO. FISCAL E ADUANEIRO — ESTUDOS ECONÓMICOS — PUBLICAÇÕES E ACTIVIDADES CULTURAIS — BIBLIOTECA

RUA DAS PORTAS DE SANTO ANTÃO, 89
LISBOA — Telef. P.P.C. 327179 327289 323472

Em SENAVENTE o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se na CASA LEITÃO, RUA ÍNDIA PORTUGUESA 13.

CAMPEONATO NACIONAL DE CONDUTORES

O CAMPEÃO NACIONAL ABSOLUTO
DE AUTOMOBILISMO DE 1965
OBTEVE AS SUAS VITÓRIAS
USANDO EXCLUSIVAMENTE PRODUTOS

SACOR

ALFREDO CÉSAR TORRES

CAMPEÃO NACIONAL ABSOLUTO DE AUTOMOBILISMO DE 1965

CIDLA • Distribuidores Exclusivos dos Lubrificantes SACOR

FRIGORIFICOS

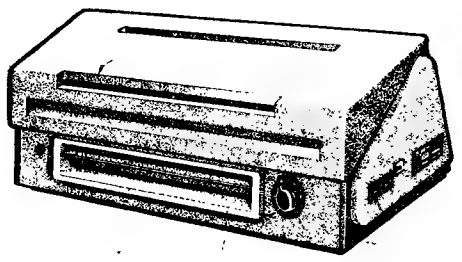
120$00 mensais
sem entrada inicial
sem fiador

A. OLIVEIRA
Av. Alm. Reis, 91-A — Lisboa
Telefs. 73 63 08 - 53 83 23 - 73 08 38
Assistência Técnica da
GENERAL ELECTRIC PORTUGUESA

Wiese & Ca. Lda.
Agentes de Navegação
Estabelecidos em 1865
★
CARREIRAS DE NAVIOS
PARA TODOS OS PORTOS
MUNDIAIS
★
RUA DO ALECRIM, 12-A
LISBOA-2
Telef. 370241 — Telex. 322 Wiese P
Teleg. Wieseco

maior rendimento...

com
Dalcopy
ESTENÓGRAFA



* UMA AJUDA BEM RECEBID. PELO SEU PESSOAL - TRABALHO PARA TODOS.
* CÓPIAS DE QUALQUER TIPO DE ORIGINAL - ATÉ MESMO DE FOTOGRAFIAS E DE NEGATIVOS.
* REPRODUZ FIELMENTE TODAS AS CORES.

DALCOPY EXECUTA UM TRABALHO DE SECRETÁRIA PELO CUSTO DA MÃO DE OBRA SIMPLES

REPRESENTANTES
SALVADOR PAMPULIM, L.DA
RUA DA CONCEIÇÃO, 45 - 2.º - LISBOA 2 - TEL. 322863 - 367833 RUA FORMOSA, 432 - 1.º - PORTO

Swarfega

O NOVO "LAVA-MÃOS" 100% EFICIENTE QUE REMOVE TODA A SUJIDADE E GORDURA IMPREGNADAS

Swarfega

UM PRODUTO UTILIZADO PELAS PRINCIPAIS EMPRESAS DE PORTUGAL E ULTRAMAR

DISTRIBUIDORES:
Danisol REPRESENTAÇÕES, LDA.
AV PRAIA DA VITÓRIA 20, R C-D • TELEFS 45337 73040 • LISBOA-1

DESPORTOS

PORTUGAL, 0 ESPANHA, 1

Sem tesouras não se corta arame farpado...

por FERNANDO SOROMENHO

Irritante ..

Com três fotografias, apenas, ficaria ilustrada a narrativa do jogo ontem disputado, no estádio da Luz, entre as equipas militares de Portugal e da Espanha para apuramento de um dos participantes das meias-finais do campeonato do Mundo do C. I. S. M.

A primeira foto seria a do golo dos espanhóis, registado como se fosse um balde de água gelada a cair sobre carvão incandescente. Um golpe singelo, de sugestão sádica, que deixou «todo o mundo» boquiaberto.

A segunda mostraria o «onze» português a massacrar, continuadamente e nervosamente, quase ás cegas, a premeditada defesa visitante que parecia imitar arame farpado bastante emaranhado.

E a terceira reportar-se-ia à bola atirada por Grosso contra a trave da baliza de Rui (15 m.), numa al-

As duas equipas:

PORTUGAL—Rui (F. C. Porto); M. Rodrigues (Belenenses), Alexandre Baptista (Sporting), Rui Rodrigues (Académica) e Carriço (Vitória de Setubal); Gervásio (Académica) e Pinto (F. C. Porto); Simões (Benfica), Eusébio (Benfica), Lourenço (Sporting) e Nóbrega (F. C. Porto).

ESPANHA — Reina (Barcelona); Zugazaga (A. Bilbau), De Felipe (Real Madrid), Gallego (Barcelona), Lavrauri (A. Bilbau) e Tonono (Las Palmas); Gueder (Las Palmas) e Fuste (Barcelona); Ufarte (Atlético de Madrid), Grosso (Real Madrid) e Vavá (Elche).

Arbitro: Karl Goeppel (Suíça), auxiliado por Bueno (Espanha) e Aníbal de Oliveira (Portugal).

O golo dos espanhóis (4 m. e 30 s.) nasceu de um «livre» transformado por Ufarte. Vavá, de cabeça, bateu toda a defesa e o guarda-redes que saiu ligeiramente a destempo.

tura em que o «team» lusitano arregaçara as mangas, disposto a levar por diante um trabalho, custasse o que custasse, mesmo que a ferramenta e o jeito não ajudassem.

Os acontecimentos do emocionante, perdão, irritante despique, na verdade não se afastaram da analogia perfilhada no que respeita á actuação das duas equipas. Uma entrou a defender o 1-0 de Palma de Maiorca e, logo que a sorte grande lhe saiu (o golo de Vavá) passou a interpretar um colossal como admirável sistema superdefensivo, servido por atletas com letra maiuscula, vincadamente másculos (o futebol competitivo é refractário a imagens que metam veludos, sedas e punhos de renda); e a outra atacou incessantemente, batalhando com invulgar denodo, denunciando inconformismo e extraordinária determinação.

Do choque travado, que provocou faiscas sem atear um incêndio — todos lutaram sem exorbitar na virilidade e em compostura deram uma lição a certo sector do publico que reagiu de modo estranho, de todo injustificável — redundou a eliminação do grupo que mais fez para triunfar, visto que os espanhóis actuaram para segurar o resultado, conquanto estivessem habilitados, conforme o testemunhámos em Palma de Maiorca e mesmo ontem em meia duzia de apontamentos, a cerzir toda ofensiva capacissima de suportar confrontos.

Mas, além do mais, a sorte do jogo não acompanhou os esforçadissimos portugueses, cujo labor, apesar de frenético a roçar pela irre-

INTENSO DOMÍNIO TERRITORIAL DOS LUSITANOS E DEFESA PREMEDITADA DOS VISITANTES

flexão, bem merecia o prémio de um golo, o que a verificar-se talvez permitisse abrir a torneira e imprimir á vibrante contenda um rumo diferente.

Como quer que seja, não deixou de se reconhecer que o futebol espanhol, de momento, reflecte um invejável ar de saude, pese o exagero do estilo defensivo adoptado. No lote dos jovens que o nosso publico viu ontem, pontificam valores que, nesta altura da temporada, equivalem para Villalonga, o seleccionador civil, a um maná caído do céu.

Em contrapartida, para o caso português bastará reproduzir a frase, dolorosa e irrecusável síntese, que Manuel da Luz Afonso, ainda no seu camarote e próximo do fim do jogo, nos disse, com semblante e voz, carregados de infinita tristeza de descrença:

— O futebol português está doente.

■

Se os jogadores ficaram derreados, porque na luta ardorosa não houve, sequer, tempo para fumar um cigarro, os espectadores também experimentaram cansaço. E' que o encontro consubstanciou um denso interesse. Sem soluções de continuidade. Captando as atenções e causando sofrimento.

A marcação executada pelos espanhóis foi tão brilhante como afortunada. Simões, quando extremo, contou invariávelmente com três adversários, a formarem apertado cerco. E Lourenço e Eusébio (o bilbaino Larrauri não o largou...) tiveram pela frente um trio de respeito, na decisão, na agilidade, na rispidez e na potencialidade atlética: Larrauri, De Felipe e Gallego, este o «homo libero», conquanto o «team» não houvesse feito uma sociedade, de alto a baixo, com o «catenaccio» (o sistema, no fundo, consistiu no processo de «ir á queima», com o pensamento nas dobras).

Indiscutívelmente, o golo de Vavá perturbou o «onze» lusitano que, gradualmente, acusou dificuldades ante a antecipação contrária. A' progressão desarticulada aliou-se, da parte dos adversários, também, uma impressionante rapidez de exe-

(Continua na página seguinte

Simões tenta fugir ao seu perseguidor. Por acaso, na imagem só figura um...

Lourenço vai desferir um dos seus raros remates, mas sem êxito

FLÁVIO COSTA IRÁ TREINAR UM CLUBE ITALIANO?

Seguiu, ontem, para o Rio de Janeiro o ex-treinador do F. C. Porto, Flávio Costa. O conceituado técnico saiu de Portugal desiludido com o seu trabalho no clube portuense, principalmente porque nunca pôde contar com jogadores susceptiveis de organizarem a manobra da equipa de futebol. Na sua opinião, o F. C. Porto tem necessidade urgente de arranjar um substituto para a vaga deixada por Hernâni.

Flávio Costa permanecerá no Brasil até Agosto, altura em que deve ir para Itália. Estão em curso negociações com um clube italiano, supondo-se que práticamente concluídas.

O treinador firmará um contrato principesco: 25 milhões de liras (cerca de 1150 contos) por ano, fora os vencimentos mensais, os prémios dos jogos e um... apartamento mobilado. Entretanto, durante os próximos meses, Flavio estudará o italiano.

As condições do contrato com o F. C. Porto

Entre a direcção do F. C. Porto e Flávio Costa foi firmado um contrato na seguinte base: 250 contos de «luvas», por uma temporada, 20 contos de ordenado e prémios relativos aos jogos da categoria de honra e reservas.

A rescisão do contrato, feita sem discussões, implicou, apenas, o não recebimento dos vencimentos correspondentes a Maio e Junho

«PRÉMIO ROBBIALAC»

A caminho de Vila Real os «ases» resolveram folgar

por JUSTINO CORREIA nosso enviado especial

VILA REAL, 7 — Como prova de preparação para «qualquer coisa» (Voltas a Espanha, França ou Portugal?), cremos que esta sexta edição do «Prémio Robbialac» está a servir da melhor maneira o ciclismo português. Mas, a grande verdade, que ressalta fàcilmente á vista, nesta altura da prova — e oxalá que as ultimas tiradas venham a desmentir a nossa previsão —, é que a função da importante corrida será a de preparação para os corredores que, afinal, são a «élite» da velocipedia nacional.

Esta ideia ressaltou-nos naturalmente depois de tudo quanto observámos no decorrer da tirada ontem rubricada entre Guarda e Vila Real.

Com efeito, a mediocridade do comportamento dos ciclistas (dos de maior responsabilidade) não pode disfarçar o precário estado de preparação técnica dos portuenses e dos benfiquistas. Isto, para só falarmos das equipas ás quais mais competia procurar desalojar os «leões» da posição cimeira que ocupam em ambas as tabelas classificativas (colectiva e individual).

Sem podermos garantir uma infalibilidade, que seria ousada na circunstância, o F. C. Porto não conta atletas dotados da força necessária para, em condições normais, operar uma reviravolta que os milhares de admiradores do popular clube portuense aguardam, no decorrer das últimas jornadas.

Apesar do mérito real, já assinalado, dos benfiquistas e dos «leoninos», ficou ontem confirmado que Joaquim Leão perdeu a «camisola amarela» mais por carência de poder dos seus companheiros do que por deficiente acção do conjunto, que chegámos a admitir, pela abundância de «estrelas» que constituem o agrupamento «azul-branco».

Não carreguemos, porém, demasiadamente no pormenor, já que a importância relativa desta prova o não justificaria, nem porque a própria actuação dos corredores portuenses não pode ser considerada como a menos conveniente aos interesses da colectividade.

A época, por muito modesta que venha a ser, ainda há-de proporcionar vários milhares de quilómetros de pedal.

No respeitante aos «encarnados», parece-nos ter justificação a sua relativa renúncia na tirada de ontem na luta de desgaste a que se entregaram na terça-feira. Isto porque colocaram uma unidade (Manuel da Costa) em fuga, a meio da prova, e era aos adversários, como é óbvio, que competia evitar que ele lograsse manter os 3 m. e 53 s. de vantagem com que chegou a Vila Real.

Quanto aos «leões», esses, porque estão á frente e porque Lisboa ainda está longe, desempenharam cabalmente a sua missão — observando os adversários mais perigosos.

Com tais estados de espírito, a caminhada de ontem acabou por ter uma história simples e de média inferior, pois esta foi de 35,882 km, portanto aquém da estabelecida: 37 km.

Tudo natural, até porque o tempo não ajudou — choveu durante todo o percurso e a temperatura era baixa.

Faltavam ainda 130 km para a meta, quando os corredores Mário

(Continua na página seguinte

ABORRECIMENTO NATURAL ENTRE OS PORTUGUESES

No vestiário português não havia uma funebre tristeza, mas apenas o aborrecimento natural em todo o desportista que perde uma partida.

Ouvimos, em primeiro lugar, o técnico Otto Glória, que nos disse:

— O golo de saída dos espanhóis animou-os e fortaleceu-lhes a esperança no triunfo. Defenderam a vantagem com vigor, habilidade e felicidade. Mereceram, por isso, a vitória. No segundo tempo, se a sorte nos tivesse favorecido, podíamos ter virado o resultado.

«E' minha opinião que o vencedor deste grupo o será do torneio internacional, pois são as duas melhores equipas.

Virou-se o feitiço contra o feiticeiro

Alexandre Baptista, «capitão» da equipa nacional, declarou:

— Deste jogo pode dizer-se que se «virou o feitiço contra o feiticeiro» O golo inicial de que precisávamos obtiveram-no os espanhóis. Se já vinham para defender um, passaram a ter dois de vantagem. Jogaram metidos na sua grande área, a destruir jogo e a ganhar tempo... Assim é impossível...

Muita luta mas sem resultado

Por fim, o comandante Ponce de Carvalho deu a seguinte opinião:

— A nossa equipa não teve sorte, mas lutou bravamente. Só o espírito de luta não foi suficiente para vencer o vigor, a decisão e a capacidade de remate dos adversários. Paciência... o desporto é isto!

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os COMBOIOS ELÉCTRICOS

OS PORTUGUESES JOGARAM COM O CORAÇÃO

Manuel da Luz Afonso, seleccionador nacional, declarou:

— O jogo da nossa selecção foi muito diferente do efectuado em Palma de Maiorca. Aqui, jogou-se mais com o coração do que com a cabeça. Embora todos lutassem com ardor, só isso não foi suficiente para varrer a bem organizada defesa espanhola, ás vezes bafejada pela sorte, valha a verdade. A turma espanhola agradou-me muito mais aqui em Lisboa.

NOTÍCIAS VÁRIAS

● Em jogo das meias-finais do «Nacional» de basquetebol da 2.ª Divisão, o C. I. F. venceu o Oriental, por 52-49.

● Resultados dos jogos de futebol de salão dos Jogos Juvenis de Lisboa: Ateneu, 2 - Alfa, 1, e Maristas (A), 1 - Águias da Penha, 1

● Foram empossados ontem o presidente do Congresso da F. P. F. e vice-presidente da direcção do mesmo organismo, srs. dr Edison Magalhães e Francisco Belbit, respectivamente. No decorrer da cerimónia, o sr. Justino Pinheiro Machado, presidente da direcção, produziu um discurso em que salientou a acção nefasta que certos dirigentes clubistas promovem, comprometendo o prestígio do futebol.

O treinador Biri deixou o Lusitano

Por proposta sua, pelo que se rescindiu amigàvelmente o contrato, João Biri deixou de ser treinador do Lusitano.

Miguel Bertral é o seu substituto.

A equipa de basquetebol do Barreirense vencedora do campeonato nacional de juniores

PORTUGAL-ESPANHA ENTRE EQUIPAS MILITARES

(Continuação de pagina anterior)

cução. Nada de namorar a bola indefinidamente. Desembaraço. A desarmar e a aliviar.

Algemado o ataque português, as acções dependeram do que a retaguarda pudesse conceber, realizar e manter. Mas na mesma verificou-se, também, desacerto, agravado por carência de resistência. Pinto e Gervásio não foram, por isso, os homens necessários. O primeiro, quando trocou com Simões, viu-se mais. Foi mais eficiente.

Refira-se, no entanto, o acréscimo de rendimento do «team», a vontade a prevalecer sobre o racioc,nio, no 2.º tempo. Os espanhóis formaram uma floresta impenetrável diante da sua baliza. Pelo menos, sete magníficos recusavam-se, teimosamente, a ceder. Lourenço chegou até a pôr «K. O.», com um «tiro» desferido de longe, Larrauri.

■

Não seria possível formar uma equipa militar melhor do que aquela que Portugal apresentou?

Talvez. A vitória dos espanhóis, no jogo da primeira mão, indicava que, em Lisboa, não se leria poesia impregnada de lirismo, mas, sim, prosa bárbara. Para rudes trabalhos só homens rudes. E, presentemente, prestam serviço militar jogadores que não compareceram na Luz. Um, por exemplo, o belenense Cardoso. Concordamos, porém, no condicionalismo do restrito recrutamento e na boa prova dada em Palma de Maiorca. Mas talvez fossem justificáveis certas modificações.

Todos bem na aplicação e no desejo de acertar. As principais falhas incidiram no labor ofensivo. Os avançados esqueceram-se das tesouras ..

Rui limitou-se a consentir o golo, uma bola na trave e a ver os espanhóis a defenderem-se. Dos quatro defesas, que persistiram em vigiar quando muito três adversários (porquê?), as honras vão para Alexandre Baptista, embora Rui Rodrigues fosse o inconformista, ao sair da sua posição para apoiar o ataque que, realmente, lá na frente, precisou de gente para contrabalançar a superior expressão numérica contrária. O homem da Académica realizou até vários remates.

Na frente, ninguém se furtou á ideia de se encontrar numa prisão. Eusébio, a despeito de ser espírito batalhador, pisou terrenos recuados que as circunstancias não aconselhavam. E Lourenço foi improdutivo, embora voluntarioso e com espírito de sacrifício.

Do lado espanhol, onde pontificam executantes de primeira ordem servidos por uma definida pujança física, Reina, Zugazaga, Tonono, Gallego, Larrauri, Ufarte e Vavá salientaram-se.

Arbitragem sem convencer inteiramente. Apitou muito e algumas vezes beneficiou o infractor, no caso os espanhóis. Por cá, temos muitas cópias iguais. Infelizmente...

F. S.

O Grande Prémio Robbialac

(Continuação da pagina anterior)

Moreira (Cedemi) e Joaquim Andrade (Sangalhos) decidiram fugir. O primeiro, a despeito de ser vítima de duas avarias na máquina que conduzia, conseguiu sempre recolar, cortando o risco final em segundo lugar. O sangalhense, que chegou a ter dez minutos de avanço sobre o pelotão, não resistiu ao esforço despendido e foi o último a atingir o termo da tirada .. Mais oito corredores, em posição modesta na tabela, escaparam ainda aos «ases»: Manuel da Costa (Benfica) e mais tarde João da Palma (Tavira), este a todos ultrapassou, entre Régua e Vila Real (30 km), para terminar como vencedor meritório.

De tudo, como se depreende, os «ases» consentiram o golpe, impávidos e serenos...

Consequências: a equipa do Tavira, que começa a dar nas vistas, triunfou; o Benfica, mercê do esforço de Manuel da Costa, subiu ao segundo posto da classificação geral, por troca com o F. C. Porto.

De assinalar ainda o excelente final do amador Manuel Jorge (F. C. Porto), que foi o quarto concorrente a chegar a Vila Real.

Mas os homens de Alvalade não «abanaram». Ao contrário, parecem seguros de que virão a festejar, na sua pista, o Domingo de Páscoa ..

24.17.19; 19.º, Alberto de Carvalho, Porto, 24.18.37; 20., Sérgio Páscoa, Tavira, 24.20.11; 21.º, João Santiago, Sang., 24.21.07; 22.º, J. Madeira, Tav., 24.21.25; 23.º, J. da Silva, Cedemi, 24.23.14; 24.º, Manuel Moreira, Cedemi, 24.24.35; 25.º, Sousa Cardoso, Porto, 24.24.46; 26.º, Carlos Carvalho, Cedemi, 24.25.26; 27.º, Sousa Santos, Bf., 24.27.37; 28.º, Carlos Santos, Sp., 24.39.48; 29.º, Joaquim de Andrade, Sangalhos, 24.40.32; 30.º, Vítor Fernandes, Cedemi, 24.45.45.

CLASSIFICACAO GERAL POR EQUIPAS

1.º, Sporting, 72.15.58; 2., Benfica, 72.24.20; 3.º Porto, 72.25.13; 4.º, Tavira 72.35.10; 5.º, Cedemi, 73.02.19.

Amadores

1.º, Manuel Jorge, Porto, 24.13.20; 2.º, Américo Silva, Bf., 24.18.21; 3.º, A. Ferreira, Sp., 24.22.58; 4.º, Pedro Bárbara, Bf., 24.27.01; 5.º, David Gomes, Sp., 24.27.16; 6.º, António Marta, Sp., 24.29.43; 7.º, A. Oliveira, Sp., 24.34.51; 8.º, J. Avelino, Bf., 24.35.43; 9.º, Manuel Luís, Bf., 24.35.53; 10.º, Manuel dos Santos, Sang., 24.39.12; 11., Henrique Oliveira, Sang., 24.40.41; 12.º, A. Graça, Tav., 24.43.18; 13.º, A. Alexandre, Sp., 24.57.16.

CLASSIFICAÇÃO GERAL POR EQUIPAS

Amadores

1.º, Benfica 73.10.41; 2.º, Sporting, 73.16.20.

CLASSIFICAÇÃO GERAL DO PRÉMIO DA MONTANHA

1.º, Sérgio Páscoa, Tav., 12 pontos; 2.º, Manuel Correia, Sp., 6; 3.º, Aníbal Patrício, Sp., 6; 4.º, Leonel Miranda, Sp., 6; 5.º, João da Palma, Tav., 6; 6.º, Joaquim de Freitas, Porto, 6.

CLASSIFICAÇÃO GERAL DE METAS VOLANTES

1.º, António Acursio, Bf., 9 pontos; 2.º, Indalécio de Jesus, Tav., 5; 3.º, Manuel Moreira, Cedemi, 5.

O prémio da combatividade referente á 6.ª etapa, conferido pelos representantes dos órgãos da informação, foi atribuído ao ciclista profissional João da Palma, do Tavira.

Dois juniores foram irradiados pela Federação de Futebol

A comissão executiva da F. P. F., na sua reunião de ontem, aplicou as seguintes sanções:

I Divisão

Três jogos — Wagner Canotilho, do Leixões, por insultos graves a um fiscal de linha.

Um jogo — Jose Pereira, do Belenenses, por desacordo com uma decisão do árbitro, no que é reincidente.

Advertência — Carlos Pedro Ferreira Filho, do Belenenses, por faltas leves.

II Divisão

Três jogos — Libertário da Silva, do Casa Pia, e Manuel José Romeiro Casaca ambos por agressão a adversários.

Advertência — João Teófilo Salério Parra, por faltas.

III Divisão

Seis jogos — António Cândido Paixão Martelo, do G. D. Sesimbra, por agressão a um adversário, no que é reincidente, agravado por ser «capitão» de equipa.

Três jogos — Manuel José Velhinho Lobo, do F. C. Serpa, por agressão a um adversário.

Dois jogos — Fernando Correia Barbosa, do Monte Caparica, por tentativa de agressão a um adversário, evitada por terceiros, e Fernando de Jesus Reddl, do Tramagal S. U., por jogo perigoso sistemático.

Repreensão por escrito — Julio da Silva Botica, do Bucelense, Damásio Albino Gaspar Rodrigues, do Alverca, e Francisco António Farinha, do Odivelas, por discutirem decisões dos árbitros.

Advertência — Manuel Henrique Cardoso, do Tramagal, e João Emílio Conceição Carlos, do Torres Novas, ambos por faltas leves.

«Nacional» de juniores

Irradiação — Armando Luís Nunes Simões, do Cova da Piedade, por agressão a um fiscal de linha, e Francisco José Soares Neves, do U. D. Vila-Franquense, por agressão ao árbitro.

Três jogos — Abel da Cunha Gonçalves, do Sp. Braga, Manuel Jesus Coutinho Santana, do Vitória F. C., e Luís Henriques Vieira Pereira, do Oriental, por agressão a adversários; e Augusto João Mota Gatinho, do Belenenses, por prática de jogo violento.

Um jogo — Francisco Moreira Silva Rebelo e Florival Pereira Tavares, do Vitória F. C., por desrespeito ao árbitro.

Repreensão por escrito — João Arlindo Gonçalves, do F. C. Porto, por desacordo com as decisões do árbitro

Pedaladas

- **A equipa do Benfica já perdeu o concurso de três elementos — António Pedro Moreira e Perna, antes da meta da Guarda; e ontem, o de António Pisco, que em atitude de manifesta rebeldia, não alinhou á partida para Vila Real, regressando ao lar sem o consentimento dos responsáveis. A estranha decisão do antigo corredor do Alpiarça foi largamente comentada, como é lógico. António Pisco, antes de tomar a atitude insólita, alegou doença, mas não quis ser presente ao médico da caravana...**

- Os juízes e os cronometristas, embora o seu labor não tenha dado azo a grandes reparos, já terão falhado por duas vezes: na meta de Tavira, o director desportivo do Benfica reclamou que o seu amador Manuel Luís teria cortado o risco á frente do portuense Manuel Jorge, que foi sagrado vencedor da tirada; na Guarda, o cronometrista auxiliar errou o cálculo da média referente aos profissionais. Esta falha, porém, foi corrigida no comunicado oficial.

- **Na tirada para Vila Real — próximo de Trancoso — surgiu na estrada um popular mascarado de «camisola amarela», não lhe faltando a diagonal «Robbialac»... O público achou graça e um turista acabou por filmá-lo.**

- Em Moimenta da Beira, fomos encontrar o antigo dirigente da secção de ciclismo do Benfica, sr. Luís Lopes, o qual aguardava a caravana, a fim de ver que concorrente arrebataria o prémio que ele instituiu. Desta vez, porém, não chegou a encerrar as portas do estabelecimento de que ali é proprietário, como o fez na ultima Volta a Portugal...

CLASSIFICAÇÃO GERAL INDIVIDUAL APÓS A 6.ª ETAPA

Profissionais

1.º, Manuel Correia, Sp., 24.04.23; 2.º, Aníbal Patrício, Sp., 24.05.59; 3.º, Joaquim Leão, Porto, 24.06.34; 4.º, Leonel Miranda, Sp., 24.07.15; 5.º, João Rosa, Sp., 24.08.21; 6.º, António Acursio, Bf., 24.08.34; 7.º, João da Palma, Tav., 24.09.25; 8.º, José Pacheco, Porto, 24.10.51; 9.º, Joaquim de Freitas, Porto, 24.10.58; 10.º, Henrique Neto, Tav., 24.11.39; 11.º, Vítor Tenazinha, Bf., 24.11.40; 12.º, João Roque, Sp., 24.12.32; 13.º, Francisco Valada, Bf., 24.14.11; 14.º, Manuel da Costa, Bf., 24.14.20; 15.º, Mário da Silva, Porto, 24.14.47; 16.º, Cosme de Oliveira, Porto, 24.16.12; 17.º, Peixoto Alves, Bf., 24.17.10; 18.º, Indalécio de Jesus, Tavira,

Os jogadores lusitanos não se dão bem com os sistemas defensivos

—opinião do treinador espanhol

Na cabina espanhola não havia alegria a jorros. Apenas, naturalidade na exteriorização do triunfo. Nota discordante. o bilbaíno Larrauri, o «capitão»-sargento, que parecia absorto, distante.

Falta acutilância aos portugueses

Como a sair do sonho em que parecia mergulhado, Larrauri disse-nos:

— Estou muito contente por ter ganho, mas no segundo tempo não sei nada do que aconteceu. Apanhei aquela «bolada» na cabeça e fiquei «mareado».

A equipa portuguesa pareceu-me uma boa equipa, mas sem acutilância para penetrar a nossa defesa. Por isso conseguimos manter e aumentar a vantagem obtida em Palma de Maiorca.

Marco muitos golos como este...

Em seguida, ouvimos o marcador do unico golo da partida, o elicitano Luciano Sanchez, mais conhecido pelo apodo de «Vavá», por ser moreno e tão decidido a entrar ao remate como o brasileiro. O jogador espanhol disse-nos:

— O golo foi o resultado de uma jogada típica da nossa equipa. O Lefarte marcou cruzado, entrei ao remate e... foi golo. Aliás, tenho marcado já muitos golos idênticos.

Os portugueses não se dão com o jogo defensivo

Ouvimos, por fim, o responsável da equipa militar espanhola, que nos atendeu amàvelmente, afirmando:

— Não foi um jogo muito brilhante, até porque nós viemos com uma defensiva cerrada, para defender o golo de vantagem. Para mim, era pouco, mas, afinal, sobejou... Os portugueses são pouco eficientes no remate. Em quatro jogos só nos marcaram um golo. Tal defeito nota-se, especialmente, perante sistemas defensivos... e em Inglaterra vão encontrar muitos sistemas destes.

Rui Rodrigues e Alexandre Baptista foram, para mim, os melhores portugueses.

A opinião do árbitro

O árbitro, o suíço Karl Goepell, de Zurich, mostrava-se satisfeito com o trabalho produzido e, muito amavelmente, informou-nos:

— As duas equipas mostraram-se nervosas e isso obrigou-me a «apertar» um pouco o meu critério no julgamento das faltas.

A portuguesa tem mais técnica e a espanhotla mais vigor. O jogo foi muito correcto e Eusébio, hoje, e o capitão (Alexandre Baptista) foram os melhores.

O MANCHESTER empatou com o Aston Villa

LONDRES, 7 — (F. P.) — Resultados de dois encontros disputados ontem, á noite, a contar para o campeonato de Inglaterra de futebol: Liverpool, 1-Sheffield Wednesday, 0 e Aston Villa, 1-Manchester United, 1

A classificação geral é a seguinte: 1.º, Liverpool, 36 jogos e 54 pontos; 2.º, Burnley, 35 e 45; 3.º, Leeds United, 34 e 44; 4.º, Manchester United, 33 e 42; e 5.º, Chelsea, 34 e 40.

Os atletas britânicos e o problema da altitude nos Jogos Olímpicos do México

LONDRES, 7 — (F. P.) — Os atletas britanicos, seleccionados para os Jogos Olímpicos do México, em 1968, repousarão neste país um mês antes do início dos mesmos. Assim decidiu o Comité Olímpico Britanico, aplicando as recomendações que lhe foram feitas pela delegação que se deslocou especialmente á capital mexicana, em Novembro passado, para estudar localmente os efeitos da altitude.

HANDEBOL DE SETE

VITÓRIAS DOS FAVORITOS

NA 1.ª JORNADA DO CAMPEONATO REGIONAL

Iniciou-se ontem, á noite, no Pavilhão dos Desportos, o 16.º campeonato regional da I Divisão, de handebol de sete, tendo-se verificado os resultados seguintes:

Técnico-Varejense	17-12
Almada-Oriental	29-20
Sporting-Belenenses	26-21
Benfica-C. Ourique	27-18

A sessão não teve grandes motivos de agrado, talvez por as equipas, como é natural em várias, não terem ainda encontrado a sua melhor forma, o mesmo sucedendo ás arbitragens que estiveram muito longe de corresponder ás necessidades da modalidade, se bem que no capítulo das grandes penalidades houvesse acentuada melhoria.

Pode afirmar-se que os triunfos estão certos, mas todos os vencidos deram excelente réplica, o que valorizou os encontros, mormente no que respeita ao jogo principal, entre «leões» e «azuis», em que os vencidos mostraram capacidade para fazer boa carreira na competição, desde que a sorte não os desproteja, caso do encontro desta primeira jornada.

Jogadores a destacar: Estarreja, que reapareceu após uma época de ausência. João Carvalho, do Almada, e Moisés, do Oriental, com 10 golos cada. Bessone, na baliza dos «leões». Arlindo, no Belenenses. Teixeira, no Benfica, e Guilherme, no Campo de Ourique.

De lamentar a hora tardia a que a sessão acabou, consequência de se realizarem quatro jogos numa sessão e dos intervalos serem demasiado longos.

BOLETIM DO DIA

DADOS E INFORMAÇÕES DE CONSULTA QUOTIDIANA

Programa da Rádio

EMISSORA — **1.º programa** — 451 m — 655 kc/s — Às 16 e 30: Noticiário; 18: Noticiário; 18 e 10: Danças; 19: Noticiário regional; 19 e 10: Atenção, Luanda!; 19 e 15: Instrumentistas; 19 e 25: «A Ciência e o Homem»; 19 e 45: Variedades; 20 e 30: Diário sonoro — Boletim meteorológico; 21: Bailarico; 21 e 20: 4.º episódio do folhetim «A Ilustre Casa de Ramires»; 21 e 40: Musica brasileira; 22: Ontem e hoje; 22 e 30: Noticiário — Boletim meteorológico; 22 e 40: Espectáculo, magazine de teatro e cinema. 0: Noticiário; 0 e 50: Ultimas notícias; 1: Fecho.

2.º programa — 397 m — 755 kc/s — Às 16 e 30: Musica sinfónica; 17: Interrupção; 18: Pontifical, transmitido da Sé Patriarcal 20: Noticiário; 20 e 15: Que quer ouvir?; 20 e 50: Canções espirituais negras; 21 e 3: Musica sinfónica; 22 e 3: «Sonata em lá maior»; 22 e 35: Responsórios da Quinta-Feira; 23: A Voz do Ocidente; 1 e 5: Fecho.

3.º programa — 94,3 mc/s — Às 23: Musica sinfónica; 23 e 58: Musica de piano; 0 e 20: Intercambio musical; 1: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s — Às 16 e 30: Vozes de Portugal; 17: Noticiário; 17 e 2: Bossa nova; 17 e 15: Campeão português; 17 e 30: Cartas ao Sr. Produtor; 17 e 45: Ela e o seu mundo; 18: Folclore; 18 e 15: Clube das donas de casa; 19: Noticiário; 19 e 15: No Mundo aconteceu; 19 e 30: Rádio Jornal; 20: Noticiário; 20 e 15: Ribalta; 20 e 30: Jornal dos espectáculos; 20 e 45: Conjuntos vocais; 21: Noticiário; 21 e 8: Um conjunto; 21 e 15: Vozes e ritmos do Brasil; 21 e 30: Hot Clube; 22: Noticiário; 22 e 2: Composições de...; 22 e 15: A estrela da noite; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23: Noticiário; 23 e 05: Grande roda; 0 e 02: Meia-Noite; 3: Sintonia-63; 6 e 02: Desculpe, mas já são horas; 7: Talismã.

Modulação de frequência — 90,7 mc/s — Às 16 e 30: Noticiário; 16 e 35: Estudio 4; 17: Noticiário; 17 e 50: Estrelas em FM; 19: Noticiário; 19 e 14: Em órbita; 20: Noticiário: 20 e 52: Boa noite em FM; 21: Noticiário; 22: Noticiário; 22 e 2: Programa á Go-Go; 23: Noticiário; 23 e 05: Grande roda; 0 e 02: Alta fidelidade, 1: Fecho.

Emissor de Miramar — 383,6 m — 785 kc/s — À 16 e 30: Composições de...; 16 e 45: Eles cantam para si; 17: Noticiário; 17 e 2: Clube do disco; 17 e 45: Vozes que são êxito; 18: Guitarras e fadistas; 18 e 15: Variedades; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: «Matinée» teatral; 19: Noticiário; 19 e 2: ...dirige o ritmo: 19 e 15: Vozes de Paris; 19 e 30: Robbialac; 19 e 45: Melodias para si; 20: Noticiário; 20 e 3: Rádio Placard; 20 e 17: Sucessos; 20 e 30: «Um X Dois — Palpite»; 20 e 45: Página regional; 21: Noticiário; 21 e 8: Orquestra; 21 e 15: Hoje é vedeta...; 21 e 30: Apenas musica; 21 e 45: Desfile de estrelas; 22: Noticiário; 22 e 2: Bossa nova; 22 e 15: Ele e ela; 22 e 30: Conjuntos de ritmo; 22 e 45: O fado na voz de...; 23: Noticiário; 23 e 05: Clube da Juventude; 0 e 02: Meia-Noite; 2: Fecho.

RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 m — 1286 kc/s — Às 17 e 45: Leitura do programa; 18: Transmissão da Sé Patriarcal de Lisboa, da missa da Ceia do Senhor, de cerimónia do lava-pés e do sermão; 19 e 45: Terço, da basílica dos Mártires; 20 e 15: Noticiário, boletim religioso e interrupção; 22 e 50: Transmissão da basílica dos Mártires, da hora santa. No final, leitura do programa de amanhã e fecho.

Estação do Porto — 256,6 m — 1169 kc/s — Às 17 e 15: Abertura e musica seleccionada; 17 e 30: Missa da Ceia do Senhor, concelebrada, transmitida da Sé Catedral do Porto; 19: Musica seleccionada; 19 e 45: Terço, da basílica dos Mártires; 20 e 15: Noticiário, boletim religioso e interrupção; 22 e 30: Reabertura e musica seleccionada; 22 e 50: Transmissão da basílica dos Mártires da hora santa. No final, fecho da estação.

EMISSORES ASSOCIADOS — 188 m — 1594 kc/s — (99,4 mc/s) — Às 16 e 30: Rádio Voz de Lisboa; 17 e 30: Clube Radiofónico de Portugal; 19: Rádio Graça; 22: Rádio Peninsular.

Serviços urgentes

Telefones

BOMBEIROS — Sapadores 322222 Voluntários 538524

AGUA GAS E ELECTRICIDADE — Companhia das Aguas, 361353 ✲ Companhias Reunidas 537021 ✲ Gazcidla, 538821 ✲ Gazcidla (dom e feriados), 382069

POLICIA E G N R — Serviço de emergência 115 ✲ Segurança Publica 366141 ✲ Judiciária 755380 ✲ Marítima 326456 ✲ Internacional 362721 ✲ Viação e Trânsito, 42205 ✲ G. N R (área rural) 36865

SAUDE — Cruz Vermelha 665342 ✲ enfermagem permanente 766161 ✲ Enfermagem de urgência 43738 ✲ Hospital de Santo Maria 775171 ✲ Hospital de S José 860131 ✲ Sangue, oxigénio e soro 771161 ✲ Transfusões soros e oxigénio 538524

TRANSPORTES — Aeroporto 721101 ✲ Caminhos de ferro (C P) 869029 ✲ ✲ Caminhos de ferro Estoril) 61121 ✲ Estação Fluvial (T Paço) 325345 ✲ Estação Mar de Alcântara 663195 ✲ Estação Marítima da Rocha 672445 ✲ Estação Fluvial (Belém) 638531

Farmácias de serviço

● Em Lisboa — Turno A

(Ver pelos bairros das imediações e telefones entre parêntesis)

ALCANTARA — Bairrão, Rua Prior do Crato, 25 (661321)

ALMIRANTE REIS — Confiança, Av Almirante Reis, 45 (42453)

ALVALADE — Zil, Avenida da Igreja, 5 (7117780) ✲ **São João de Deus**, R. Pedro Ivo, 1-A-B (125140).

AMOREIRAS — Britânica, Trav Légua da Póvoa, 5 (689250)

ANJOS — Renascença, Rua Damasceno Monteiro, 104-A-B (831504)

AREEIRO — Roma, Av de Roma, 85 (772466) ✲ **Garantia**, Av Padre Manuel da Nóbrega, 5 (727300) ✲ **Imperial**, Av Guerra Junqueiro, 30 (726860)

ARROIOS — Veral, R Morais Soares, 109 (40632) ✲ **Esperança**, R Carlos Mardel, 101-B

AVENIDAS NOVAS — Alcântara, Aven República, 74 (771379) ✲ **Vale**, Av Marquês de Tomar, 45 (773043) ✲ **Dalva**, Av Duque d'Avila, 125 (45225) ✲ **S. Sebastião**, Largo S Sebastião, 1 (48642)

BAIRRO ENCARNAÇÃO — Zira, RJ lote 48 (388172)

BAIXA — Teixeira Lopes, R Aurea 54 (324816) ✲ **Oliveira**, R Prata, 240 (321415)

BELÉM — Moura, L.ª do Memória, 53 (630944)

BENFICA — União, Est Benfica, 592 (700092) ✲ **Alegria**, Est Benfica, 180 (780511)

CAMÕES — Barreto, R Loreto, 30 (327284)

CAMPO DE OURIQUE — Lobel, R Infantaria 16 n.º 98 (688807) ✲ **União**, R Saraiva de Carvalho, 119 (663643).

CAMPOLIDE — Salutar, R B, 15 (Bairro Liberdade) (683694) ✲ **Pinto**, R Campolide 53-B (682610)

CASELAS — Macedo, Fialho, R. do Gravato, 15-B (611814).

CHARNECA — Bartolomeu, Quinta dos Balsares de Baixo, Vila Paulo Jorge, 1 (790969)

CONDE DE REDONDO — Sousa Martins, R Sousa Martins, 25 (553468)

ESTEFÂNIA — Estefânia, R Pascoal de Melo 90 (44438)

ESTRELA E LAPA — Andrade Ribeiro, Av.ª Infante Santo, Lote 4, Loja F (666971) ✲ **Paiva Costa**, R Lapa, 105 (664414)

GRAÇA — Ziller R de S Tomé, 54 (886283) ✲ **Central**, R Penha de França 58 (849245)

LUMIAR — Central, R Lumiar, 77 (790480) ✲ **Douro**, Al Linhas Torres, 93 (791131)

MADRAGOA — Lys, R Esperança, 17 (660913)

OLIVAIS — Higiene, Rua B 4, lote 43 (388026) ✲ **S. Paulo**, Rua 2, junto á Estrada de Moscavide (C vais Sul)

PALHAVÃ — Canto, Est Laranjeiras, 202 (780841)

PICHELEIRA — Luzmar, R João Nascimento Costa, 16-A (728395-72703).

REGO — Baptista, R Francisco Tomás Costa 3 (771873)

DE ST.ª APOLÓNIA A BEATO — Freitas, Rua Zótimo Pedroso, 11 (381136) ✲ **Banha**, Est Chelas, 173 (382241) ✲ **Frazão**, R Cruz de St.ª Apolónia, 90 (847019)

SANTA MARTA — Fernandes, Rua S Jose 187 (326476)

SANTO AMARO — Biotitar, R D João Castro, 27 (638824) ✲ **Correia Azevedo**, Rua Luís Camões, 48 (638625).

S. BENTO — Castro, R S Bento 190 (660513)

● Na Outra Banda

ALCOCHETE — Gameiro — L. António dos Santos Jorge, 15 (Tel 234100).

ALHOS VEDROS — Portugal — Av da Bela Rosa, 8 (Tel 224250)

ALMADA — Castro Rodrigues — R Capitão Leitão, 49 (Tel 270076)

BAIXA DA BANHEIRA — Nova Fátima — — Est Nacional, 221-B (Tel 224141).

BARREIRO — Soares — Av. da Republica, 1 (Tel 2273023).

COVA DA PIEDADE — Cerqueira Afonso — P Cinco de Outúbro, 18 (Tel. 270254)

MOITA — União Moitense — Av Dr. Teófilo Braga, 1 (Tel. 239025).

MONTIJO — Giraldes — R. Almirante Reis, 45 (Tel. 230008)

SESIMBRA — Lopes — R Cândido dos Reis, 67 (Tel 229028)

SETÚBAL — Normal do Sul — P. de Bocage (Tel. 22216)

SEIXAL — Soromenho — R Paiva Coelho, 38 (Tel 2218560)

● Na Linha de Cascais

ALGÉS — Miramar — R Ernesto da Silva, 81 (Tel. 212048)

CAXIAS — Nova — Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (Tel 242839)

PAÇO DE ARCOS — Godinho da Silva — Av. Patrão Lopes, 4 (Tel. 2420039).

OEIRAS — Central — R João Teixeira Simões, 18 (Tel. 2430058).

PAREDE — Grincho — Av da Republica, 87-A (Tel. 2471204).

ESTORIL — Suíça — Cruzeiro (Telef. 260087)

CASCAIS — Marginal — Av. Marginal (Tel. 280078); **A. Costa** — R. Freitas Reis, 24-C (Tel. 280214).

● Na Linha de Sintra

AMADORA — Carmele — R Elias Garcia, lote 28 (Tel. 933303); **Helénica** — R Elias Garcia, J P. L., loja B (Tel. 9302131)

DAMAIA — Confiança — Estrada Militar, lote D (Tel 971023)

QUELUZ — Gil — Av Miguel Bombarda, 28 (Tel 950117); **Simões Lopes** — Av. Elias Garcia, 51 (Tel. 950123).

CACÉM — Central — R Elias Garcia, 55 (Tel 2940034)

MEM MARTINS — Quimia — Est Mem Martins, 285 (Tel. 2910012).

S. PEDRO DE SINTRA — Valentim — (Tel 980456)

SINTRA — Simões — Estefania — R Heliodoro Salgado, 26 (Tel. 980832).

COLARES — Colares — Abreia (Tel. 299088)

CENTRO DE ENFERMAGEM PERMANENTE
Injecções — Tratamentos — Velas — Soros — Oxigénio — Camas articuladas — Ambulância
Telef. PPC 76 61 61

MÉDICO PERMANENTE
CLÍNICA GERAL
CHAMADAS TELEFÓNICAS 76 61 46

ENFERMAGEM DE URGÊNCIA
CENTRO — SANTA MARTA
SERVIÇO DOMICILIARIO PERMANENTE — OXIGÉNIO — SOROS — CAMAS ARTICULADAS
R Conde de Redondo, 56-2.º
Telf 43738

Programa de TV

HOJE — Às 21, Abertura; 21 e 02, Telejornal — edição da tarde; 21 e 35, Boletim meteorológico e Agenda da Praça; 21 e 50, «Tu és Pedro» (documentário), realização de Philippe Agostini; 23 e 25, «Via Dolorosa» — poema em 5 quadros: musica de António de Almeida Garrett, textos de Menotti Del Picchia e Gil Vicente, com a colaboração de Alda Rodrigues. Alina Vaz, Fernanda Alves, Liliana de Abreu, José de Oliveira Lopes, Manuel Joaquim Passos, Vita Seabra, Rebeca Cimerman, Adriana Carvalho e de alunos da Academia de Bailado Clássico (direcção de Pirmine Treou, orquestra e coros dirigidos pelo maestro César de Morais, cenários de A. Baganha e realização de Correia Alves); 23 e 50, Telejornal — Ultimas notícias; 23 e 55, Meditação; 24, Fecho

AMANHÃ — Devido á solenidade do dia, não há emissão de televisão.

Os seus cabelos cairam!

Fotografia do Sr Christian Muller, de Davos — Suiça antes e depois do tratamento item

Um notário atesta-o

Certificado N.º 209 do Notariado de Davos — Suiça

item possui muitos outros atestados. Se o calvício vos ameaça, usai os produtos item, antes que as raízes capilares estejam totalmente atrofiadas

À venda em toda a parte

PRODUTOS item

ESQUEÇA QUE TEM PÉS

use peúgas frescas de algodão reforçadas a linho

por-fi-ri-os

R. da Vitória, 55 · Lisboa
S. Catarina, 39 · Porto

MINHA SENHORA!
Para a decoração do seu LAR, chame um bom pintor e use
TINTAS LACOSE
FÁBRICA DE TINTAS
LACOSE, LDA.
Av.ª Marquês de Tomar, 5-B
Telefone PPCA 46712 — LISBOA

para os vossos transportes...
DIALUX
a pilha de confiança!

BOLSA DE LISBOA

AS COTAÇÕES DO DIA ANTERIOR

Fundos do Estado	Efec.	Compra	Venda
Cons 4 3/4 % 1. 10	679$00	679$00	680$00
Cons 5 % 1 10	750$00	749$00	751$00
Cons 3 1/2 % 1 10	853$00	852$00	854$00
Centenários 4 % 1940	—	1.990$00	1.998$00
Obg Tes 4 1/2 % 1942	—	1.020$00	—
Obg Tes 4 1/2 % 1943	—	1.020$00	1.025$00
Obg Tes 4 1/2 % 1944	—	1.020$00	—
Externa 1.ª série	—	1.245$00	—
Externa 1.ª série car. ex	—	1.272$00	—
Externa 2.ª série	—	1.272$00	—
Externa 2.ª série car. ex	—	1.272$00	—
Externa 3.ª série	—	1.305$00	1.320$00
Externa 3.ª série car. ex	—	1.355$00	—
Caut 3.ª série s/l	—	300$00	305$00
Obrigações			
Aguas Lisboa 5 %	—	—	507$00
Norte de Portugal 5 %	—	—	—
Gás, Elect 3 3/4 %	—	—	930$00
Gás, Elect 4 %	920$00	—	935$00
Gás, Elect 4 1/2 %	—	940$00	950$00
Gás, Elect 5 %	975$00	975$00	—
U E P 3 3/4 %	—	88$00	—
U E P 4 % 1945	—	90$50	—
U E P 4 % 1948	—	—	—
U E P 4 1/2 %	—	—	—
U E P 5 % 1951	—	—	95$00
U E P 5 % 1952	—	—	—
H do Douro	—	—	970$00
H E S Estrela	—	825$00	—
C P 4 1/2 %	1.011$00	1.011$00	—
Metropolitano	1.002$00	1.001$00	1.003$00
Acções			
Bancos			
Alentejo	—	—	1.000$00
Angola	—	1.400$00	1.500$00
Espírito Santo	10.250$00	10.200$00	10.300$00
Lisboa & Açores	—	3.900$00	4.000$00
Portugal	2.000$00	1.995$00	2.010$00
Ultramarino	1.045$00	1.044$00	1.045$00
Agricultura	—	—	—
Crédito Predial	1.300$00	1.305$00	—
P Atlântico	—	—	—
Totta Aliança	—	5.400$00	5.600$00
Seguros			
Fidelidade	—	—	—
Mundial	335$00	330$00	335$00
Sagres	—	—	—
Tagus	—	—	—
Soberana	—	1.150$00	—
C.as Ultramarinas			
Ag Cossequel	615$00	615$00	620$00
Ag das Neves	—	—	—
Agricultura Colonial	—	—	—
Açúcar de Angola	825$00	825$00	830$00
Boror	—	—	—
Cabinda	—	—	—
Cádá	1.620$00	1.620$00	1.623$00
Col do Búzi	76$00	75$50	76$50
Ilha do Príncipe	—	—	520$00
Incomati	—	—	—
Moçambique	—	54$00	60$00
Zambézia	44$00	43$50	44$50
Diamantes	1.030$00	1.030$00	1.035$00
Lobito	565$00	565$00	570$00

Comp.as diversas	Efec.	Compra	Venda
Cimentos Tejo	—	1.800$00	2.000$00
Cimentos Leiria	—	1.500$00	1.580$00
Industrial Aliança	—	—	—
Portugal e Colónias	1.225$00	1.220$00	1.230$00
Nac de Navegação	—	1.040$00	1.070$00
Col de Navegação	580$00	575$00	585$00
Port de Celulose	—	4.750$00	4.800$00
Port de Pesca	—	995$00	1.000$00
Port de Tabacos	278$00	277$00	280$00
Tabacos de Portugal	—	850$00	—
Petroquímica	—	—	—
Termoeléctrica	1.760$00	1.760$00	1.770$00
Sacor	5.000$00	4.950$00	5.000$00
Aguas, Electricidade e Gás			
Aguas Lisboa 1934	—	550$00	570$00
Aguas Lisboa 1936	—	510$00	—
Eléct das Beiras	1.890$00	1.880$00	1.900$00
Gás e Electricidade	425$50	425$00	426$00
H Alto Alentejo	243$50	243$00	244$00
H E Cávado	1.340$00	1.340$00	1.345$00
H E Zêzere	—	1.345$00	1.400$00
Nac de Electricidade	1.700$00	1.700$00	—
União Eléctrica Port	258$00	257$00	258$00
H Douro	1.435$00	1.430$00	1.435$00
H E S	—	—	—
F Invest Atlântico	—	161$10	165$90
F. I. D E S	—	112$40	115$80

BANCO BORGES & IRMÃO

PAÍSES	COMPRA	VENDA
Africa do Sul — Rand	36$00	38$00
Alemanha — Marco	7$05	7$25
América:		
Dólares de 1 e 2	28$40	28$70
Dólares de 5 a 1000	28$60	28$90
Argentina — Peso	$10	$15
Austria — Shilling	1$10	1$15
Bélgica	$56	$58
Brasil — Cruzeiro	$01,1	$01,6
Canadá — Dolar	26$30	26$80
Dinamarca — Coroa	4$07	4$27
Espanha — Peseta	$474	$484
Congo — Franco	$06	$08
França — Franco	5$77	5$92
Holanda — Florim	7$80	8$05
Inglaterra — Libra	79$50	81$00
Itália — Lira	$04,52	$04,67
Marrocos — Dirham	4$60	5$10
Noruega — Coroa	3$90	4$10
Suécia	5$40	5$70
Suíça — Franco	6$55	6$70
Ouro:		
Inglater (Libra Isabel)	285$00	295$00
Inglaterra (Libra)	285$00	295$00
Portugal — barra fino	32$80	33$50

J. BURNAY, L.DA
RUA DO OURO, 72
Notas estrangeiras
Papéis de crédito
Telef. 321273

CARTAZ DOS CINEMAS

TIVOLI — Telef. 5 05 95
As 3 da tarde e 9.30 da noite (M 12 anos)
13.ª SEMANA
Um espectaculo maravilhoso em TODD-AO em 70 mm
MUSICA NO CORAÇÃO
c/ Julie Andrews e Christopher Plummer

MONUMENTAL — Telef 55 51 31
As 15.15 e 21.30 (M. 12 anos)
A sensacional estreia da obra de Pasolini
O EVANGELHO SEGUNDO S. MATEUS
ATENÇÃO — **Este filme exibe-se só até sábado, dia 9 inclusive**

CONDES — Telef 32 25 29
As 15.15, 18.15 (p. r.) e 21.30 (M 12 anos)
JEAN MARAIS num filme de amor mistério, acção e humor
AVENTURA NA SELVA
(Le Gentlemen de Cocody)
com **Lilesotte Pulver**
Real. Christian Jaque
(Scope e colorido)

EDEN — Telef 32 07 68
As 15.15, 18.30 e 21.30 (Adultos)
Em 2.ª SEMANA
ANGELIQUE, MARQUESA DOS ANJOS
Tudo aconteceu na grande aventura de sua vida
c/ **Michele Mercier e Robert Hossein**

ALVALADE — Telef. 76 30 80
Às 15.45 (p. r.) e 21.45 (M. 6 anos)
O MUNDO MARAVILHOSO DOS IRMÃOS GRIMM
com **Laurence Harvey e Claire Bloom**

MUNDIAL — Telef. 53 87 43
Às 15.15, 18.15 e 21.30 (Adultos)
ARTIMANHAS FEMININAS
com **Maria Schell e Nadia Gray**

IMPERIO — Telef. 55 51 34
As 15.15 e 21.30 (Adultos)
5.ª SEMANA
Sophia Loren e Marcello Mastroiani no laureado filme de Vittorio de Sica
MATRIMÓNIO A ITALIANA

ESTÚDIO — As 15.30, 18.30 e 21.45 (Adultos)
2.ª SEMANA
O máximo em «suspense»
O ENIGMA DO APARTAMENTO

SÃO LUIZ — Telef. 32 71 72
As 15.15, 18.15 (p. r.) e 21.30 (M. 6 anos)
O MUNDO MARAVILHOSO DOS IRMÃOS GRIMM
com **Laurence Harvey e Claire Bloom**

ROMA — Platéia 72 77 78 — Balcão 72 91 92
As 15.30 e 21.45 (Adultos)
3.ª SEMANA
de enorme êxito! com a mais mordaz e divertida comédia dos ultimos anos!
Na tela:
A MINHA SENHORA
Excepcional desempenho de SILVANA MANGANO e ALBERTO SORDI

SÃO JORGE — Telef. 5 41 53/54
As 15.15, 18.15 e 21.30 (Adultos)
3.ª E ULTIMA SEMANA
Um serviço publico prestado pelo cinema
COMO MATAR SUA MULHER
com **Jack Lemmon e Virna Lisi**
AMANHÃ — Sexta-feira Santa ás 15.15 — 18.15 e 21.30 em três sessões extraordinárias
OS LÍRIOS DO CAMPO
M/12 ANOS

AVIS — Telef. 4 71 63
As 15.30 e 21.45 (17 anos)
Jayme Mansfield e Freddy Quinn
na deliciosa e imprevista comédia musical em eastmancolor
HOMENS... É COMIGO!
Um espectáculo 100 % divertido!

POLITEAMA — Telef. 32 63 05
HOJE, ás 15.15 e ás 21.30
Um êxito de justa sensação mundial
A história de uma espantosa aventura, segundo romance de Julio Verne
20.000 LÉGUAS SUBMARINAS
com **Kirk Douglas, James Mason, Peter Lorre e Paul Lukas**
Scope-col. (M. 12 anos)
Às 18.15 em 2.ª semana triunfal
Uma maravilha para crianças
O GRANDE CAÇADOR
(Col.) (M. 6 anos)

EUROPA — TELEF. 661016
Às 15.30 e 21.45 h
M/12 ANOS
O EVANGELHO SEGUNDO S. MATEUS
A obra-prima de PASOLINI
ATENÇÃO — Este filme exibe-se só até sábado

ODEON — Telef. 32 62 83
As 15.15, 18.15 (p. r.) e 21.30
EM 2.ª SEMANA
Uma comédia em tudo maravilhosa
JOSELITO, VAGABUNDO
com Sara Garcia e Blanca Sanchez
...Por fingir ser o que não era, evitou o roubo de uma fortuna...
LINDAS CANÇÕES
Eastmancolor (M. 12 anos)

RESTELO — Telef. 61 03 75
As 21.30 (M. 12 anos)
SPARTACUS
c/ **Kirk Douglas e Lawrence Olivier**

LIZ — Telef. 4 85 60
As 21 horas (M. 12 anos)
O REI DOS REIS

TERRASSO — Telef. 32 09 17
As 15 e 21 h. (M. 17 anos)
TOPKAPI
A CERIMÓNIA

CINEMA IDEAL — Telef. 32 41 94
As 15.15 e 21 h. (M. 12 anos)
OS FILHOS DO CAPITÃO GRANT
UM ÁS NO GATILHO

OUTROS ESPECTÁCULOS

TEATROS

ABC — Às 20 e 45 e ás 23: «Adão e Elas» (17 anos).
AVENIDA — Às 21 e 45: «Isabel de Inglaterra» (17 anos).
CAPITÓLIO — Às 21 e 45: «Morra agora e pague depois» (12 anos).
TRINDADE — Às 21 45: «A Barca sem Pescador» (12 anos)

CINEMAS

ARCO IRIS — Às 21: «O Gendarme Desconhecido» (17 anos).
BÉLGICA — Às 21: «Marisol Apaixonada» (12 anos).
BOMB. V. LOURES — Às 21 e 30: «A Mais Bela do Mundo» (17 anos).
CAMPOLIDE — Às 21 e 15 «David e Golias» (12 anos).
CINEARTE — Às 21 «A Queda do Império Romano» (12 anos).
COLISEU — Às 21 e 30: «A Vida de Cristo» (12 anos).
IMPERIAL — Às 21: «A Túnica» (12 anos).
MAX — Às 21: «Espião á Força» (17 anos).
MOSCAVIDE — Às 21: «A Luz Vem do Alto» (12 anos).
OLIMPIA — Às 19: «A Vingança do Cavaleiro Negro» (17 anos).
ORIENTE — Às 21: «Poncio Pilatos» (12 anos).
PARIS — Às 21: «A Túnica» (12 anos).
PROMOTORA — Às 21: «Querida Brigitte» (12 anos).
ROYAL — Às 21: «Topkapi» (17 anos).
SALÃO LISBOA — Às 19: «A Salamandra de Ouro» (12 anos).
VOZ DO OPERÁRIO — Às 21: «O Rei dos Reis» (12 anos).

● Na Linha de Cascais

PAÇO DE ARCOS — CINE-TEATRO — Às 21 e 15: «Suplício» (17 anos).
PAREDE — ROYAL-CINE — Às 21: «Férias para todos» (12 anos).
CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «O diálogo das Carmelitas» (12 anos).

● Na Linha de Sintra

VENDA NOVA — CINE-PORTUGAL — Às 21 e 15: «Os irmãos Karamasov» (17 anos).
AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — Às 21 e 15: «A idade da inocência» (12 anos).
QUELUZ — QUELUZ-CINE — Às 21 e 15: «Os Rendez-Vous do Sr. Doutor» (17 anos).

● Na Outra Banda

ALMADA — INCRÍVEL — Às 21 e 15: «Bufalo Bill no Far-West» (12 anos); ACADEMIA — Às 21 e 15: «A nova Cinderela» (12 anos).
COVA DA PIEDADE — UNIÃO — Às 21 e 15: «As aventuras do capitão Wyatt» e «Triunfo cigano» (12 anos).
COSTA DA CAPARICA — CINE-COPACABANA — Às 21: «O inspector» e «Revolta em Batasi» (17 anos).
TRAFARIA — PAVILHÃO JARDIM — Às 21 e 15: «O ursinho brincalhão» (6 anos).
MONTIJO — CINE-TEATRO — Às 21: «007 contra Goldfinger» (17 anos).

Convite Schweppes — Férias em Londres no «Mundial» de Futebol

PUBLICA-SE HOJE NOVAMENTE

O BOLETIM IDENTIFICADOR

(Continuação da 1.ª página)

soal, quer através do correio. Também no Café Londres, cuja localização serve quantos habitam na parte nova da cidade, se tem verificado considerável movimento de pessoas que ali afluem para apresentarem os respectivos cupões, acompanhados do indispensável Boletim Identificador.

O concurso, portanto, entra agora na fase que precede o sorteio, cuja data ainda não foi determinada. Contudo, informamos, repetindo, que há tempo de sobra para se proceder á entrega das colecções e ainda para se concorrer, desde que os retardatários se apressem, entrando de posse dos cupões já publicados.

Vários concorrentes, residentes no Ultramar, manifestaram-nos já o seu receio de não poderem enviar as suas respostas no prazo limite. Esclarecemos que não há motivo para esses receios. O sorteio não deixará de contar com todos.

LISTA DOS PRÉMIOS

1.º — **Viagem de ida e volta a Londres por avião, para duas pessoas e estadia naquela cidade num hotel de 1.ª categoria, de 11 a 30 de Julho, em regime de pensão completa.**

2.º — **Viagem de ida e volta a Londres, por avião para duas pessoas e estadia naquela cidade num hotel de 1.ª categoria, de 11 a 30 de Julho, em regime de pensão completa.**

3.º a 9.º — **Viagem de ida e volta a Londres, por avião, para uma pessoa, e estadia naquela cidade, num hotel de 1.ª categoria, de 11 a 30 de Julho, em regime de pensão completa.**

Todos os contemplados receberão dez bilhetes para os seguintes jogos do Campeonato Mundial de Futebol:

- **6 jogos dos oitavos de final**
- **1 jogo dos quartos de final**
- **1 jogo da meia final**
- **Jogo que decide os 3.º e 4.º lugares**
- **Jogo da final**

Manchester United

ENDEREÇO:

Old Trafford, Manchester, 16.

ANO DA FUNDAÇÃO DO CLUBE:

1885.

LOTAÇÃO:

64 000 lugares.

JOGOS:

Três (Hungria-Portugal, Portugal-Bulgária e Hungria-Bulgária).

TRANSPORTES (caminhos de ferro de Londres):

Euston para Picadilly Station (Manchester), 303,698 km.

St. Pancras para Central Station (Manchester), 305,710 km.

Serviços especiais de comboios de Piccadilly Station para Old Trafford e frequentes carreiras de autocarros do centro da cidade.

ITINERÁRIOS RECOMENDADOS, POR ESTRADA, A PARTIR DE LONDRES:

De Londres, centro, tomar as estradas M. 10, M. 1, M. 45, A. 452, A. 446, A. 5, A. 449, M. 6, A. 556, entrando em Manchester pela A. 56 — 321,800 km.

O suíço Richard Durr em que o seleccionador Foni deposita grandes esperanças

INDICAÇÕES IMPORTANTES

As colecções completas com as 20 respostas e o boletim identificador, podem ser entregues pessoalmente, todos os dias, nos seguintes locais:

«DIARIO DE LISBOA»
Rua da Rosa, 59
Das 15 ás 20 horas

CAFÉ LONDRES
Praça de Londres
Das 17 ás 22 horas

PELO CORREIO:

«DIARIO DE LISBOA» — Concurso
Rua Luz Soriano, 44 — Lisboa

Excepcionalmente hoje, o horário é o seguinte: «Diário de Lisboa», das 15 ás 19 horas, e, no Café Londres, das 17 ás 19 horas.

Considerando, também, a época da Páscoa, amanhã (Sexta-feira da Paixão) e no próximo domingo (Páscoa), os referidos postos encontrar-se-ão encerrados.

Convite Schweppes — Férias em Londres no «Mundial» de Futebol

NOME .....

MORADA .....

LOCALIDADE .....

BOLETIM N.º

Diario de Lisbôa

TALÃO-RECIBO N.º

Convite SCHWEPPES
FÉRIAS EM LONDRES
NO «MUNDIAL» DE FUTEBOL

NOME .....

MORADA .....

LOCALIDADE .....

Diario de Lisbôa

DIÁRIO DO PORTO

Diário de Lisbôa

DELEGAÇÃO
RUA DO ALMADA, 30-2.º
Telefones 20954/5 * Telex 782

O «SOL» QUANDO NASCE É PARA TODOS, MAS A «FLOR» ABUSA...

No passado dia 30 referimos uma participação feita á P. S. P. por três indivíduos que se sentiram lesados pela conta manifestamente exagerada que lhes foi apresentada numa cervejaria denominada «Flor do Sol».

Agora, nova participação foi registada no comando daquela corporação e, também, por motivo idêntico.

Desta feita, foram vítimas os srs. Abílio Machado, de 40 anos, natural da freguesia de Algeriz, e ali residente, concelho de Valpaços, e o seu amigo sr. Genésio da Silva, de 30 anos, de Moções, Vila Real. Ontem, cerca das 22 horas, entraram na referida cervejaria, que se situa na Rua do Sol, 19, da firma Parreira & Magalhães, da qual é sócio-gerente o sr. José de Carvalho Magalhães.

Logo deles se abeiraram duas camareiras, solícitas e de sorriso franco, a convidar a uma «despesa»... Os dois amigos pediram duas bananas, duas cervejas e um «whisky». Talvez esta ultima bebida despertasse nas empregadas o desejo de pedirem também qualquer coisa para elas: apenas dois frangos, ao que os clientes acederam, já que as «pequenas» irradiavam simpatia e os cumulavam de gentilezas.

O pior veio no final. Entregaram uma nota de 500 escudos para pagar e esperaram pelo troco, mas ficaram desiludidos quando o gerente lhes disse que não tinham troco a receber, dado que os artigos e bebidas fornecidos importavam precisamente naquela importância.

Como achassem exagero, pediram uma factura; foi-lhes dito pelo dono do estabelecimento: «a factura já foi passada, mas extraviou-se»...

Em face disso, os dois amigos foram participar o sucedido á P. S. P., onde foram aconselhados a queixar-se. Todavia, não o fizeram, por terem dentro de dias de embarcar para França, de colectividades congéneres.

WAGONS-LITS COOK

Viaje mais barato
utilizando o sistema IT

Preços incluindo:
transporte de avião (ida e volta),
bons Hotéis,
Excursões, etc.

ALGUNS EXEMPLOS:

● NICE — 7 dias	3.600$00
● LONDRES — 7 dias (voos nocturnos) partida de Lisboa	4.070$00
● PARIS — 7 dias	4.200$00
● GENEBRA — 7 dias	4.350$00
● ZURIQUE — 7 dias	4.450$00
● FRANCFORT — 7 dias	4.550$00
● BRUXELAS — 7 dias	4.550$00
● AMESTERDÃO — 7 dias	4.600$00
● MILÃO — 7 dias ...	4.950$00
● MUNIQUE — 7 dias	5.100$00
● ROMA — 7 dias	5.150$00
● LONDRES — 7 dias (voos diurnos)	5.280$00
● HAMBURGO — 7 dias	5.450$00
● VIENA — 7 dias	5.850$00
● COPENHAGUE — 7 dias	6.950$00
● OSLO — 7 dias	7.700$00
● ESTOCOLMO — 7 dias	7.700$00
● LONDRES — 8 dias (voos nocturnos) partida do Porto	4.200$00

ESCANDINÁVIA
PLANO FAMILIAR

● COPENHAGUE — 8 dias)	7.150$00
● OSLO — 8 dias	7.680$00
● ESTOCOLMO — 8 dias	8.000$00

Incluindo transporte de avião (ida e volta), bons Hotéis, Excursões, etc.

INSCRIÇÕES:

WAGONS-LITS // COOK

LISBOA — PORTO — COIMBRA — ESTORIL — FUNCHAL — LUANDA — LOURENÇO MARQUES

Confraternização do curso médico de 1953/59

O curso médico de 1953/59, da Faculdade de Medicina do Porto, reune-se hoje em Angeiras num jantar de confraternização, o qual terá a presença da maior parte dos seus componentes, vindos das mais diferentes partes do País.

Aniversário das «Vareirinhas de Valbom»

O grupo folclórico «Vareirinhas de Valbom» festeja hoje o 3.º aniversário da sua fundação, com uma sessão solene, á qual assistem as mais destacadas autoridades concelhias, além de representantes

ESPECTÁCULOS
Para esta noite

TEATROS

SÁ DA BANDEIRA — Às 21 e 45: «Seis personagens á procura de um autor» (17 anos)

CINEMAS

S. JOÃO — Às 21 e 30: «D. Camilo na Russia» (12 anos).
BATALHA — Às 21 e 30: «O oportunista» (12 anos)
COLISEU — Às 21 e 30: «Não incomode» (17 anos).
RIVOLI — Às 21 e 30: «A Tunica» (12 anos).
VALE FORMOSO — Às 21 e 30: «O trovão» (17 anos)
TRINDADE — Às 21 e 30: «Mary Poppins» (12 anos).
CARLOS ALBERTO — Às 21 e 15: «Carga para Hong-Kong» e «O mais belo espectáculo do Mundo» (12 anos).
ÁGUIA D'OURO — Às 21 e 30: «Aventura na Selva» (12 anos).
OLIMPIA — Às 21 e 30: «O grande atirador» (12 anos).

Para amanhã à tarde

CINEMAS

S. JOÃO — Às 15 e 30: «Dom Camilo na Rússia» (12 anos).
TRINDADE — Às 15 e 30: «Mary Poppins» (6 anos).
BATALHA — Às 15 e 30: «O ursinho brincalhão»; ás 17 e 30: «O oportunista» (6 anos).
ÁGUIA D'OURO — Às 15 e 30: «Aventura na Selva» (12 anos).
CARLOS ALBERTO — Às 15 e 15: «A flecha dourada» e «O tirano de Siracusa» (12 anos).
OLIMPIA — Às 15 e 30: «O grande atirador» (12 anos).
RIVOLI — Às 15 e 30: «A Tunica» (12 anos)

Dois aspectos da matança grande desta manhã no Matadouro Municipal (Telefoto)

A grande matança da Páscoa no matadouro municipal

Como é tradicional durante a quadra, o Matadouro Municipal, na Corujeira, quase não tem espaço suficiente para albergar animais que são abatidos em holocausto aos estômagos dos tripeiros, os quais nestes dias esquecem as preocupações materiais quotidianas para exigirem tão sómente que, á sua mesa de Páscoa, não falte a carne suculenta e apetitosa.

Por isso os cento e sessenta homens que no Matadouro Municipal, sob a orientação do chefe de repartição, veterinário sr. dr. António José de Azevedo Marques Guerreiro, estão entregues á grande matança, não têm um instante de repouso, na azáfama tremenda de separar, matar, descarnar, retalhar, limpar e pesar o gado que abastece a cidade da indispensável carne fresca.

Nos ultimos dias, até ontem, foram abatidos 249 bois (num total de 62 242 quilos), 250 vitelas (15316), 219 suínos (12122), 496 caprinos (2171) e 623 ovinos (5673), o que nos dá os numeros bem eloquentes de 1837 cabeças e 98 124 quilos.

O maior boi abatido pesou 511 quilos de carne limpa e para hoje está previsto o abate de 72 bois, 74 vitelas, 72 porcos, 308 carneiros e 200 cabritos.

A matança termina amanhã.

Nova indústria

Com o fim de conseguir uma produção qualificada e uma entrada rápida no mercado estrangeiro, foi, por despacho ministerial, autorizada a criação, na freguesia de Milheirós de Poiares (Vila da Feira), de uma indústria de construção de máquinas não eléctricas para o fabrico de calçado, mediante certas exigências técnicas que assegurem os fins visados.

Farmácias de serviço esta noite (3.º turno)

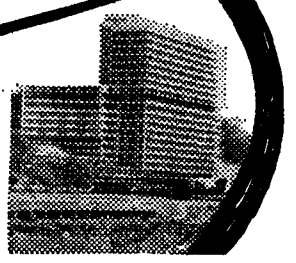
ALMEIDA CUNHA, LDA., Rua Formosa, 327 (T 2-4874) ✲ **ANTAS**, Av. F. de Magalhães, 1076 (T 4-1158) ✲ **BARREIROS**, Rua de Serpa Pinto, 8 (T 4-0053) ✲ **CLÉRIGOS**, Rua dos Clérigos, 36 (T. 3-5394) ✲ **GOMES CARNEIRO**, Rua de Cedofeita, 348 (T 2-3420) ✲ **GUERRA**, Rua Costa Cabral, 43 (T 4-0470) ✲ **GUIMARÃES**, Rua de Francos, 37 (T. 6-0103) ✲ **LIDADOR**, Rua do Lidador, 171 (T 68-3739) ✲ **LOUSADA**, Largo do Campo Lindo, 62 (T 4-0353) ✲ **ORIENTAL**, Rua do Bonjardim, 727 (T 2-7878) ✲ **S. ROQUE DA LAMEIRA**, R. de S. R. da Lameira, 1111 (Telef 5-1739) ✲ **SOEIRO**, Rua de Santos Pousada, 71 (T. 5-1370) ✲ **VASQUES**, Rua **AMEAL**, Rua do Ameal, 1227 (T. 4-3550) **CAMPOS**, Rua P. L. Cabral, 943 — Foz (T 68-0113)

HOTEL ESTORIL-SOL
AMBIENTE DE LUXO

SALAS PRIVADAS E SALÕES COM CAPACIDADE ATÉ 1200 PESSOAS • BANQUETES • LANCHES DE CASAMENTO • COCKTAILS • CONFERÊNCIAS • CONGRESSOS •

PREÇOS NORMAIS

TEL. 268281 (15 linhas)



Uma inventora ganhou uma medalha de ouro do Salão de Bruxelas

Em Bruxelas, efectuou-se recentemente o XV Salão Internacional de Inventores, no qual participaram concorrentes de todo o Mundo. Entre os representantes portugueses que foram distinguidos nesse certame, figura a senhora dr.ª D. Marília Alda de Lima Monteiro, desta cidade, á qual foi atribuído um diploma de medalha de ouro, pelo seu trabalho, «Radiciador Parabólico».

Notícias de Viana do Castelo

Criança morta num invulgar acidente de automóvel

VIANA DO CASTELO, 7 — Devido a ter-se aberto, inesperadamente, a porta do automóvel em que seguia com seu pai — o comerciante desta cidade sr. João da Rocha Páris e Vasconcelos — foi cuspido e apanhado pela roda trazeira daquele veículo o menino João Carlos Cadilha da Rocha Páris e Vasconcelos, de 1 anos.

Apesar de ter sofrido fractura de crânio e de costelas e lesões internas gravíssimas, a infeliz criança manteve-se em coma durante cerca de 10 horas, vindo a falecer ás 5 horas de hoje.

O acidente ocorreu na estrada do Cabedelo, junto á capela da Senhora das Areias, já no regresso da praia, onde o pai tinha ido acompanhar um amigo.

O desastre consternou toda a gente, por se tratar de uma família muito considerada na cidade.

O funeral do pequeno João Carlos efectua-se amanhã, ás 8 e 30.

Obras a concurso

A Câmara Municipal abriu concurso público para a adjudicação das seguintes obras: construção da primeira fase do caminho municipal da E. N. 13 (Neiva) á E. N. 103, na extensão de 1198 metros, beneficiação da ponte do Cadinho, na freguesia de Freixeiro de Soutelo, construção da sede da junta de freguesia de Vila Franca do Lima, beneficiação da ponte do Mosteiro, em Carvoeiro, e construção de esgotos no parque da cidade.

O TEMPO QUE FAZ

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Tavira, 20°; mínima: Penhas da Saúde, 0°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS ÀS 9 HORAS NA COSTA DO SOL — Na atmosfera, 16°; na água do mar, 15°.

SOL — AMANHÃ: *Nascer ás 7 e 14* *Ocaso ás 20 e 05*

FASES DA LUA

Dia 12 — Dia 20 — Dia 28 — Dia 4

MARÉS

PREIA-MAR — Dia 7 — Às 5 e 10 (4,4 m); 17 e 35 (4,2 m). **Dia 8** — Às 6 (4,2 m); 18 e 20 (4,1 m). **Dia 9** — Às 6 e 50 (3,9 m); 19 e 10 (3,9 m).

BAIXA-MAR — Dia 7 — Às 11 horas (0,6 m); 23 e 18 (0,7 m). **Dia 8** — Às 11 e 40 (0,8 m); 24 (0,9 m). **Dia 9** — Às 12 e 25 (1,1 m).

Diário de Lisbôa

45 anos

O MESMO RUMO

(Continuação da 1.ª página)

desobedecer. Assim se foi fazendo, criando músculo e nervo, ora sério, ora risonho, umas vezes violento, outras macio como uma relva em Maio.

O facto é que passaram já sobre ele trezentos e sessenta e cinco dias, os quais ele tratou de aproveitar, para não se perder, no meio de tanta coisa velha e caduca.

Hoje sente-se em graça consigo próprio e com muitas simpatias e lealdades que o protegem contra as setas ervadas da inveja.

Os seus primeiros números foram escritos, compostos e paginados numa casa escura, húmida e fria, que as ratazanas percorriam descaradamente, sem recear os atáques das penas.

Um amigo nosso, que um dia nos visitou, ao ver o descaramento dos roedores que sem pejo se espolinhavam sobre as lajes da redacção, disse-nos:

— «Este jornal há-de ir longe, porque consegue viver no meio de bichos!»

Provàvelmente foi daqui que o «Diário de Lisboa» adquiriu um certo feitio para se não assustar. Procura ser verdadeiro e justo e não abre o guarda-chuva para escapar às tormentas. Já tem visto bichos bem maiores que as ratazanas que lhe giraram em roda do berço.

Quem tem a razão pelo seu lado, não teme a clava de Hércules.

Ninguém imagine, porém, que a sua existência se passa cómoda e fofa, sob qualquer umbrela. Os que nele trabalham dão-lhe diàriamente o seu esforço com entusiasmo — o que não exclui alguns momentos de fadiga e dor. As oito páginas do «Diário de Lisboa» não se enchem com vacuidades, pois demandam a colaboração de vários mancebos cuja juventude, para chegar aos bens do Céu, começa primeiro por afazer-se às agruras da Terra.»

Estas palavras, que têm a frescura de uma écloga de Virgílio e o sabor de uma fábula de La Fontaine, traduzem um programa que nem por ser velho de quarenta e cinco anos perdeu a actualidade e a razão de ser. Ao longo deste quase meio século de vida, o «Diário de Lisboa» tem suportado algumas procelas que não tardam, felizmente, a acalmar-se, e tem sido alvo de algumas atoardas que a sua firme, inabalável linha de conduta prontamente se encarrega de desfazer. Hoje, como há quarenta e cinco anos, este jornal mantém-se fiel às ideias e aos princípios morais que presidiram à sua fundação, escuta ainda com o mesmo enlevo o ritornelo das canções que lhe embalaram o berço, isto é mantém-se fiel a si próprio, sem se afastar um ápice da posição que ocupa e da situação que criou na Imprensa portuguesa. Acima dos interesses mesquinhos, que revelam apetites inconfessáveis, colocou sempre um interesse mais alto e mais nobre e cultivou o amor da Pátria como a mais bela flor do seu jardim. Em vez de acirrar as paixões partidárias e dar pasto aos ódios que nos dividem, preferiu pregar a concórdia e defender as razões que contribuam para nos unir. «*Servir a Pátria sem política e a política sem ódio*»—eis o lema que nos guiou desde a primeira hora.

No artigo que assinalou o terceiro aniversário do «Diário de Lisboa», escrevia-se o seguinte:

«*Temos procurado ser justos com os homens e verdadeiros na apreciação dos factos. (...) O nosso empenho foi sempre fazer do «Diário de Lisboa» um jornal estranho a divisões e facciosismos, de sorte que nele coubesse uma exposição franca e desempoeirada de todas as opiniões que em Portugal representam alguma coisa, para ver se assim criávamos um regime de tolerancia que, frequentemente, está no nosso pensamento, mas falta nos nossos costumes.*»

E, poucos anos decorridos, era ainda essa a nossa bandeira e não sofrera alteração a nossa profissão de fé:

«*O nosso programa modesto e simples, porque se funda no amor à Pátria e à República, encerra esta máxima: ouve a tua consciência, antes de seres molestado pela calúnia!*

Numa terra em que os ódios não poupam ninguém, visto que cada qual tem a sua verdade para agredir a verdade dos outros, várias vezes as bocas do mundo nos julgaram com injustiça. À custa duma severa disciplina imposta aos nossos nervos, evitámos sempre lançar-nos na peleja das ambições e dos interesses soltos e deslocados. Acompanha-nos a confiança inabalável de que, mais cedo ou mais tarde, o nosso espinhoso labor frutificará, visto que Portugal é bastante grande e nobre para que, após o cansaço das batalhas inglórias entre irmãos, surja a paz de que tanto carecemos.»

Em 1959, isto é no trigésimo oitavo aniversário da fundação do «Diário de Lisboa», já investido nas funções que hoje exerce, o seu actual director escrevia:

«*Órgão independente, sem ligações políticas ou limitações que lhe tolham os movimentos, a não ser aquelas que provêm da lei e da moral, o «Diário de Lisboa» tem-se esforçado por manter, através de todas as dificuldades, a liberdade de opinião e de crítica sem a qual não pode haver Imprensa digna desse nome.*

A actual direcção não faz mais do que seguir a linha de conduta traçada há trinta e oito anos e intransigentemente mantida desde então, e da qual nunca se afastará, enquanto esse encargo nos for cometido.»

E quatro anos depois, exactamente em 7 de Abril de 1962, ao celebrar o quadragésimo primeiro

(Continua na pág. 44)

A revista «ABC», de 17 de Junho de 1926 reproduzia esta gravura com a seguinte legenda: «A FESTA DE CONFRATERNIZAÇÃO DO PESSOAL DO «DIÁRIO DE LISBOA» — A propósito da maneira harmónica e solidária como todo o pessoal do nosso brilhante colega «Diário de Lisboa» se portou durante o ultimo movimento revolucionário (28 de Maio), tornando possível uma das mais brilhantes e sensacionais reportagens jornalísticas que ultimamente se têm feito entre nós, reuniram-se, há dias, num almoço de confraternização, os representantes de todas as secções daquele nosso colega, sob a presidência do seu director, o ilustre jornalista dr. Joaquim Manso

45 ANOS NA VIDA DO Diário de Lisbôa

UM JORNAL CADA DIA MAIS MODERNO

E NORTEADO SEMPRE PELOS MESMOS PRINCÍPIOS

— INDEPENDÊNCIA, DEMOCRATISMO, TOLERÂNCIA E SERIEDADE DE PROCESSOS

Para descobrir a receita da longevidade do «Diário de Lisboa» basta espirrar algumas vezes sobre o pó das colecções do jornal — porque o amor desta bela epopeia jornalística não inibe a irreverência, aliás incluída entre as mais saudáveis tradições da Casa. Como é possível construir um jornal, conservá-lo, levá-lo ao consumo diário de cada vez maior numero de leitores, adaptá-lo exteriormente ás exigências dos tempos e mantê-lo, em todas as contingências, fiel a si próprio, tudo isto sem o apoio de oligarquias financeiras, sem ajudas do Poder, e tão-sòmente com os favores do publico? As páginas amarelecidas explicam o segredo, em vão procurado noutras fontes por largas dezenas de periódicos que, ao longo destes quarenta e cinco anos, nasceram para morrer cedo.

O ingrediente principal é a independência — o grande privilegio da Imprensa que se preza. O dr. Joaquim Manso, escritor e jornalista de incomparável nobreza, e em quem se personificavam as virtudes do jornal, caracterizava o «Diário de Lisboa» dizendo dele que «é essencialmente uma obra alheia a interesses materiais de qualquer espécie». Tem o propósito de «servir a Pátria sem política e a política sem ódios». Foi «fundado para servir a Nação acima dos homens e das paixões, sob a égide da Republica e á margem dos partidos e dos grupos».

Incorporaram-se iguais quantidades de democratismo e tolerância. «Se tanta gente prega o exterminio dos seus contrários, será porventura de mais que um republicano, sem culpas nas infelicidades da sua Pátria, livremente defenda a concórdia e a dedicação de todos ao bem-comum?». «O nosso empenho foi sempre o de fazer do «Diário de Lisboa» um jornal estranho a divisões e facciosismos, de sorte que nele coubesse uma exposição franca e desempoeirada de todas as opiniões que em Portugal representam alguma coisa, para ver se assim criávamos um regime de tolerância que, frequentemente, está no nosso pensamento, mas falta nos nossos costumes».

Já em 1922 «O Primeiro de Janeiro» saudava o «Diário de Lisboa» como um jornal «que logo a princípio marcou um lugar de relevo no jornalismo português, acentuando-se cada dia mais pela feição imparcial com que aprecia todos os assuntos».

É imprescindível, como se vê, uma dose equivalente de honestidade. «Temos as mãos limpas e as intenções puras». Todos os que aqui escrevem desfrutam, internamente, da máxima liberdade com inteira responsabilidade. Há uma norma de isenção moral: o «Diário de Lisboa» deu ao leitor, mesmo antes disso estar legislado, o direito de resposta. Não tem a pretensão de agradar a todos: «O «Diário de Lisboa», por mais que faça, não pode agradar a toda a gente, visto que os sectores do descontentamento são tantos, entre nós, que nem o manto de Arlequim lograria o assentimento geral». Aliás, pouco mais tinha do que um mês de vida e já advertia o ministro do Interior de então de que não se imprimia «para lhe proporcionar momentos aprazíveis». A observância honrada da ética profissional tem os seus espinhos. Mas o «Diário de Lisboa» existe «para dizer só a verdade e sempre a verdade»

Deve ser muito cuidada a factura da receita: jornal de informação rápida, «igualmente voltado para o povo e para o escol», dá-lhe sabor, desde o início, um toque discreto de gosto literário com intenção cultural.

Adiciona-se, enfim, o «quantum satis» de um certo picante, e serve-

(Continua na página central)

A PROJECÇÃO DO «DIÁRIO DE LISBOA» NO PORTO E NO NORTE DO PAÍS

IMPULSIONADA POR UMA ACÇÃO CONSTANTE DE VALORIZAÇÃO E RENOVO JORNALÍSTICO

O «Diário de Lisboa» foi, desde o seu aparecimento, um jornal muito querido da população portuense, que nele tem visto os problemas citadinos ampla e objectivamente debatidos, com o propósito, tantas vezes conseguido, das soluções mais justas.

Teve sempre o «Diário de Lisboa» a sua representação na capital do Norte até que, para corresponder á simpatia dos portuenses e por exigências da crescente expansão, aqui se instalou uma delegação, cujos serviços constantemente se têm desenvolvido acompanhando a projecção, cada vez maior, do jornal na cidade e em toda a região nortenha. Ao tempo, Pedro Bordallo Pinheiro e Alfredo Vieira Pinto, mais dados aos problemas administrativos, relacionados com o desenvolvimento e a expansão do jornal, começaram a pensar muito a sério no problema da sua representação no Porto.

Em Janeiro de 1934, estávamos em Lisboa, no «Século», sugeriram-nos Diniz Salgado a hipótese de regressarmos ao Porto, para trabalhar num jornal lisboeta.

O ingresso no «Diário de Lisboa» era uma aspiração grata a qualquer jornalista e essa ideia agradava-me, até porque, sendo portuense, tinha a vida organizada no burgo nortenho e era transitória a permanência na capital.

Certo dia, solicitada a nossa comparência no «Diário de Lisboa», os srs. dr. Joaquim Manso, Alfredo Vieira Pinto e Pedro Bordallo puseram o problema da montagem da delegação no Porto e ficou decidida a nossa entrada para o jornal.

(Continua na pág. 51)

NÚMERO DO 45.º ANIVERSÁRIO

O «Diário de Lisboa» e o Teatro

Nestes últimos quarenta e cinco anos, o «Diário de Lisboa» e o Teatro andaram intimamente ligados, como dois irmãos siameses. Talvez o Teatro pudesse ter vivido sem o «Diário de Lisboa» — pois a nossa vaidade e presunção não chegam a tanto.. — mas o «Diário de Lisboa» é que não pôde e não quis viver sem o Teatro. Pelo contrário, sempre este foi um dos problemas sobre os quais se debruçou com o maior interesse, reflectindo não só a sua realidade ao longo dos anos, mas procurando sempre, também, defendê-lo, estimular o seu desenvolvimento e progresso, contribuir para o seu aperfeiçoamento e evitar, tanto quanto lhe era possível, o seu abastardamento e os múltiplos ataques vindos dos seus inimigos — directos ou indirectos.

Numa palavra, sendo o Teatro uma das formas mais significativas e vivas da cultura de um povo, o «Diário de Lisboa» sempre lhe dedicou, desde o seu primeiro número, a maior atenção e carinho.

● As primeiras notícias

Nesse já longínquo dia 7 de Abril de 1921, em que apareceu o primeiro número do «Diário de Lisboa», os cinemas eram ainda chamados *animatógrafos*. E na última página, a oitava (o «Diário de Lisboa» tinha então apenas oito páginas do formato que ainda hoje mantém), lá vinha o «Cartaz», com a indicação dos «Animatógrafos»: OLIMPIA — Rua dos Condes; CINEMA CONDES — Av. da Liberdade; CHIADO TERRASSE — Rua António Maria Cardoso; SALÃO CENTRAL — Praça dos Restauradores.

Quanto aos «animatógrafos» mais nada. Nem indicação dos filmes, nem das horas. Mas, a abrir, o «Cartaz» dava indicações mais pormenorizadas dos teatros a funcionar nessa altura:

Nacional — Às 21, «Zilda».
S. Luís — Às 21, «J. P. C.».
Politeama — Às 21, «O João Ratão».
Gimnásio — Às 21,30, «A Ventoinha».
Trindade — Às 21, «O Emigrado».
Avenida — Às 21, «O Senhor roubado».
Eden-Teatro — Às 21, «Paz armada».
Salão Foz — Às 20,30 e 22,30, «Trolaró».

Serão as suas qualidades de artista suficientes para desempenhá-lo a contento dos exigentes? Os amadores de teatro esperam a primeira do «Les affaires» para se pronunciarem.

O certo é que Araujo Pereira, que com essa «première» realiza a sua festa artística, tem trabalhado afanosamente na ensenação e espera que o seu trabalho, bem como o de todos os artistas do teatro do Gimnasio, seja coroado dum êxito mais do que compensador.

Oxalá assim seja.»

A esta seguiam-se «Notícias inéditas». Entre outras, dizia-se que na 50.ª representação da peça «Zilda», em cena no Teatro Nacional, se projectava uma homenagem ao autor, Alfredo Cortez; que na época de Verão o Avenida seria explorado por uma companhia de declamação organizada por Robles Monteiro e Amélia Rey Colaço, e que no Gimnasio se encontrava em distribuição a comédia em 3 actos «Adão e Eva», do ilustre dramaturgo e poeta sr. dr. Jaime Cortezão, que brevemente ali subirá á scena em festa da actriz Berta Viana da Mota».

● As primeiras polémicas

Logo no seu segundo número (8 de Abril), o «Diário de Lisboa» intervinha na polémica que se estabelecera na Imprensa da capital sobre a peça «Zilda», de Alfredo Cortez, com um artigo de Rodrigues Alves, encimado pelo seguinte e vistoso título a duas colunas:

«Cada cabeça...

A «ZILDA» É BOA? É MÁ?

A exemplo de outros jornaes o «Diário de Lisboa» também se interessa pela questão»

Sob o título, as seguintes palavras de explicação:

«Alguns jornais de Lisboa teem aberto as suas colunas às opiniões de varios escritores e autores dramaticos, a proposito da peça «Zilda», do sr. dr. Alfredo Cortez

O «Diário de Lisboa» — Maria vai com as outras... — publica também hoje mais um artigo a acrescentar aos muitos que se teem publicado. É do sr. Rodrigues Alves, autor dramático e antigo jornalista, autor da peça «O Colar», representada com exito no Teatro Nacional.

No meio do muito que se tem dito, com excelente reclame para a peça... — o artigo do sr. Rodrigues Alves parece-nos uma nota equilibrada e imparcial.

Soma e segue...»

Foi, porém, a peça «Adão e Eva», de Jaime Cortezão, que, através de um inquérito do «Diário de Lisboa» (Maio-Junho desse ano), constituiu o mais discutido acontecimento teatral da época. Nas páginas do nosso jornal depuseram, em tom polémico ou simplesmente crítico, personalidades como Raul Proença, João de Barros, Aquilino Ribeiro, Raul Brandão, Norberto de Araujo, Almada Negreiros, Faria de Vasconcelos, etc.

● A primeira crítica

A primeira crítica teatral, sob o antetítulo *As «Premières»* (nessa época empregavam-se muito as palavras estrangeiras nos nossos jornais), surgiu no n.º 8, á peça do Gimnasio, «Negócios são negócios», de Octave Mirbeau.

Assinava-a António Ferro, ao tempo colaborador efectivo do «Diário de Lisboa». A crítica tinha um tom bastante agreste e até, por vezes, desapiedado para os intérpretes, incluindo as primeiras figuras.

De Alves da Cunha dizia António Ferro. «Do protagonista da peça fez um compère»... «É a promessa de um grande actor» «O culpado é Zaconi, que eu vi há pouco em Milão».

De Berta Viana da Mota (Berta de Bivar): «Não soube marcar o carácter da personagem. Foi demasiado portuguesa».

De Joaquim de Oliveira: «Teve um defeito, um grande defeito: lembrou-se de estrear um fato novo! Não teve uma contorsão, não levantou um dedo, não dobrou um joelho...».

Dos outros: «Nem é bom falar».

● Vivacidade crítica

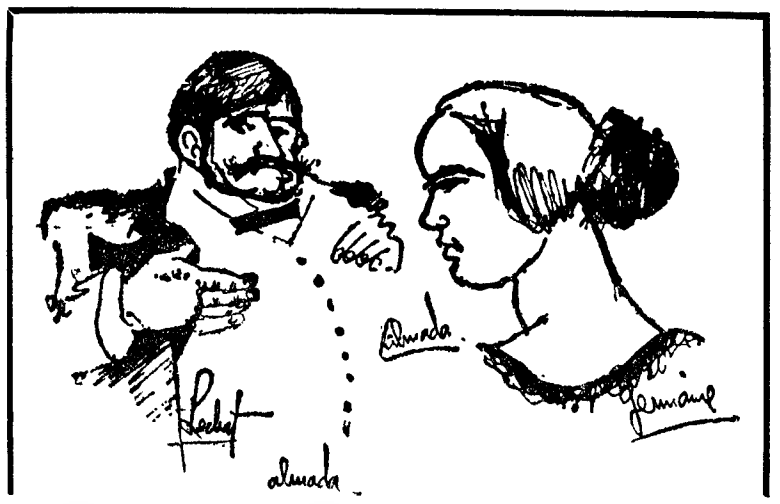
Nos seus primeiros passos fez o «Diário de Lisboa» uma promessa que soube cumprir: o Teatro nun-crítica teatral, que começou com António Ferro, ilustrada pela pena de Almada, manteve a sua vivacidade e interesse ao longo destes 45 anos.

Norberto Lopes, Artur Portela, Jorge Faria, Manuela de Azevedo e Urbano Tavares Rodrigues foram, durante longos períodos, os nomes responsáveis pela crítica teatral, que hoje tem estado a cargo de Manuel de Azevedo, Luís de Oliveira Nunes e outros camaradas de redacção.

Outros nomes, intelectuais prestigiosos, têm passado pelas colunas do «Diário de Lisboa», assinando críticas, polémicas e crónicas teatrais de vária índole. Manteve-se, com apreciável permanência, o contacto com o meio teatral, através de notícias, revelações e entrevistas — a ponto de o nosso jornal ser conhecido pela «gazeta oficial» entre a gente de teatro.

Nos dias de estreias de peças portuguesas significativas, iniciamos a tradição de se ouvir o autor e, noutros casos, um dos principais intérpretes ou encenador da peça.

Merece a pena recordar, ao fim de tantos anos, a particular trucu-



Alves da Cunha, no papel de «Lechat», da peça «Negócios são Negócios», de Octave Mirbeau, visto por Almada (15 de Abril de 1921)

Berta Viana da Mota (Berta de Bivar), na figura de «Germaine» da peça de Mirbeau, vista por Almada

Um aspecto da jornada dos profissionais de teatro na Camara Municipal de Lisboa a favor da construção de um «Teatro Municipal», em 27 de Março de 1962 — uma inicia tiva do «Diário de Lisboa» no «1.º Dia Mundial do Teatro»

Mas não se ficava por aqui a presença do teatro no primeiro número do nosso jornal. Na página 4, na mesma página onde se iniciava a publicação da novela de Aquilino Ribeiro «O Esconjuro» (o primeiro folhetim do «Diário de Lisboa») e Affonso de Bragança inaugurava o «Chá das Cinco», lá vinha a secção «Teatros».

Na primeira notícia, intitulada «A próxima *première* do Gimnasio», dizia-se:

«No palco do Gimnasio anda tudo em dobadoura.

Araujo Pereira, o talentoso ensaiador que todos conhecem, trabalha sem cessar nos ensaios de apuro da vibrante peça de Mirbeau, «Les affaires sont les affaires», vertida para o nosso idioma com o título «Negócios são negócios». Na comedia, recheada de scenas violentas e de situações empolgantes, tem Alves da Cunha ensejo para mais uma vez patentear os seus admiráveis recursos artísticos.

O principal papel feminino, eriçado de dificuldades, cheio de arestas e de «nuances», foi confiado a Berta Viana da Mota.

lência com que o nosso saudoso camarada Artur Portela manteve a secção de crítica teatral — a ponto de ter surgido e provocado, cerca deixou de estar no número das suas preocupações quotidianas. A to dia, uma concentração ameaçadora de actores á porta do nosso jornal...

● Defesa do teatro

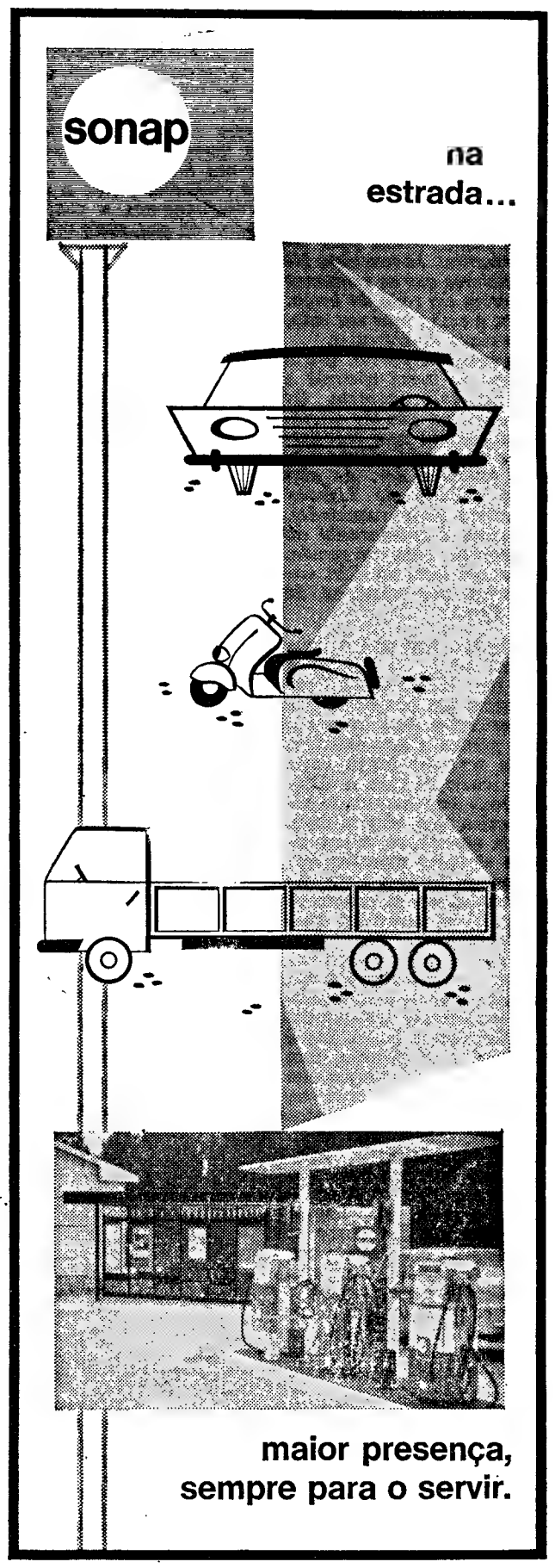
Nas mais vivas polémicas, nas mais acesas discussões, sempre norteou o «Diário de Lisboa» o seu interesse pelo Teatro, nomeadamente o teatro português. E é a defesa do teatro que constitui, sem dúvida, a trave mestra de toda a nossa actividade crítica e informativa ao longo de todos estes anos.

Dentre as iniciativas que ostentam este interesse do jornal pela valorização do nosso teatro, deve recordar-se a que teve por designação «À procura de um actor» e que resultou na feliz escolha de um artista que tão altos serviços tem prestado no exercício da sua profissão: Igrejas Caeiro.

É ainda de recordar, também, a recente iniciativa do «Diário de Lisboa» — a propósito do «Dia Mundial do Teatro» — ao promover uma concentração dos profissionais junto da Câmara Municipal de Lisboa, no sentido da construção de um Teatro Municipal. Nessa inesquecível jornada, estiveram presentes todas as companhias e dezenas de profissionais, dos mais prestigiosos aos mais humildes.

E recordamos que dessa jornada ficou uma promessa do sr. general França Borges — uma promessa que ninguém esqueceu e a qual, sem dúvida, será concretizada oportunamente.

Ao completar quarenta e cinco anos de existência, o «Diário de Lisboa», recordando nestas breves linhas o seu interesse pelo Teatro, desde o seu primeiro número, pretende assim reafirmar uma atitude, que manterá para o futuro, com as naturais implicações e influências dos tempos, mas o mesmo entusiasmo inicial e igual certeza de que defendendo o Teatro está a defender a cultura portuguesa.



— Que dificuldades tem encontrado para executar esta secção?

Inquérito ligeiro sobre os mais diversos problemas que preocupam o «homem da rua», esta secção diária nasceu de um princípio cada vez mais válido no jornalismo dos nossos dias: o de que a actualidade de qualquer jornal, a sua capacidade sintonizadora, em última análise, a sua subsistência como órgão informativo dependem inegàvelmente de um contacto diário e interessado com o homem comum. Esse homem que, muitas vezes, não compra jornais, desconhece o modo como são feitos, ou vê no repórter (ele próprio um elemento do povo) a imagem nítida do «intruso».

O «Ora diga-nos» sai todos os dias do jornal á procura da cabeça e do coração de Lisboa. Vai a pé, ou de carro, pára no passeio, aborda confiadamente três transeuntes. Dificuldades? Os repórteres habituais da secção contarão ao leitor como é.

● *Pedro Alvim, 31 anos, no jornal desde 1961:*

Já interroguei centenas e centenas de pessoas. São encontros breves, na rua, em estabelecimentos, em cafés. Às primeiras palavras, as pessoas ficam surpreendidas. Têm um choque. Hesitam, balbuciam, ficam-se a pensar... Por fim — respondem. Em certa medida, até se mostram gratas. Alguém reparou na sua existência, alguém as deteve, alguém quis saber a sua opinião sobre isto ou sobre aquilo. Expressaram uma ideia, recordaram um facto, desceram á confissão de algo das suas vidas. «Mas então — dirá de si para si o interrogado — a minha palavra tem importância?» Chegado a casa, certamente que conta á família o interesse de que foi alvo. É uma pequenina aventura, uma coisa diferente no dia a dia. «Aconteceu que hoje fui abordado na rua por dois fulanos. Um perguntou-me se eu já tinha feito uma viagem longa e o outro tirou-me o retrato...» Assim é. Verdade, verdade, as mais diversas perguntas aproximam-me da multidão — essa multidão que se perde por toda a cidade, que parece não ter rosto, que flui como um rio... Essa multidão á qual também pertenço. Ao garatujar letras apressadas no canhenho, é como se auscultasse a cidade.

Respondem-me, um monossílabo que seja, e eu apodero-me de palavras que o tipógrafo, mais tarde, transformará em chumbo. E quantas vezes não são palavras leves, palavras futeis, palavras mínimas! Quando trago uma resposta no bolso (uma resposta, duas, três respostas) transporto para o jornal algo que anda perdido pela cidade — e que a página impressa oferece a milhares e milhares de olhos... Difícil esta missão de quem escuta? Depende. Houve quem me dissesse um dia que não usava gravata porque gostava de enfrentar a cidade de camisa limpa, de camisa aberta. «Usa guarda-chuva?» — perguntei também um dia a três pessoas. E uma disse-me: «Oh, não! Prefiro uma boina. Guarda-chuva — não. O vento vira-os. Explodem todos na Primavera.» E ainda houve quem me declarasse (e foi uma senhora...) que, em dias de chuva, encostava a face ao vidro da janela e contava os paralelepípedos molhados da calçada. «Entretenho-me, sabe? Ora trazendo eu assim tantos segredos, assim tanta coisa descobrindo, por que motivo não venceria eu as dificuldades desta auscultação quotidiana que, parecendo monótona, é sempre nova?

● *Luís de Oliveira Nunes, 26 anos, no jornal desde Maio de 1961:*

Quando em Maio de 1961 entrámos para a redacção do «Diário de Lisboa» não existia ainda a secção «Ora diga-nos...», embora acreditemos que esta forma de diálogo directo com o publico estivesse já latente na imaginação de quem a criou. Foi em Abril do ano seguinte que começaram estas saídas diárias, a perguntar isto e aquilo ás primeiras pessoas que se nos deparam na rua.

Ao tê-los hoje junto de si, nesta espécie de carta aberta em data festiva, o leitor pensará, e com razão, que o feitiço se voltou agora contra o feiticeiro, passando o interrogador para o pretório. E subir a ele, é curioso, para confessar dificuldades ou, «se a tanto ajudar engenho e arte», contar a todos qualquer história pitoresca passada com alguns. E supomos que será com verdadeira volupia que a maior parte das cinco mil pessoas até agora interrogadas nesta secção — não falando dos muitos milhares de leitores assíduos á porta dos quais ainda não bateram estes mensageiros — ouvirá falar de coisas sa. O «abre-te Sésamo» é tradicional.

A maior dificuldade que encontramos em casa, na preparação do «Ora, diga-nos», é a de fugir á banalidade, resistindo ao risonho caminho do mais fácil, que tantas vezes se nos oferece. Fugir á banalidade, ao mau gosto, ao lugar comum, dizíamos, para não falar das perguntas impossíveis de fazer ou da responsabilidade de ter todas as manhãs, em relação a elas, uma ideia luminosa. Chegados á rua, calcorreando ao acaso, temos de inventar a simpatia pessoal que nos franqueia o diálogo com quem passa. O «abre-te Césamo» é tradicional:

— Quer responder a uma pergunta para o «Diário de Lisboa»?

A pessoa impertiga-se, apura o ouvido, arredonda a frase, enquanto nós sorimos sempre para lhe animar o raciocínio. O mal muitas vezes, é quando o fotógrafo se prepara para disparar. Nesta secção, mais do que em outras, ele precisa ser discreto. Quando percebem que vão ser fotografadas muitas pessoas, as mulheres em especial, tornam-se difíceis de contentar.

Ora, um dia, acompanhados ainda pelo Deniz Salgado, que é homem de convívio agradável, descíamos o Parque Eduardo VII, á procura da nossa primeira *vítima*.

Nessa manhã o Deniz Salgado estava quezilento e não concordava fácilmente com as pessoas que havíamos de abordar. Este tinha cara de mau, aquele não falaria, outro era capaz de ser mal educado connosco, as mulheres sózinhas não nos respondiam e assim por diante. Armados de uma paciência quase evangélica, depois de apanhar três *tampas*, abordámos uma jovem, que não era bonita, nem feia, antes pelo contrário. Via-se, pelos tiques, que era pessoa nervosa. Falou sem rebuço, lestamente.

Quando o Deniz Salgado ia disparar, a rapariga empalideceu:

— Ai, fico sempre tão mal nos retratos!!! — disse, inquieta, enquanto punha a mão na cara, arranjava o cabelo, o lenço de pescoço, virava a cara, eu sei lá! O fotógrafo, irritado, afastou-se remordendo um comentário azedo.

— Porque é que a menina não tira a mão da cara?

— Ai, fico sempre tão mal nos retratos!!! Tenho a dentadura, muito feia, sabe?

Voltámos ao princípio, entretendo a menina com a conversa, a ver se ela se distraía para o fotógrafo disparar. Mas qual quê?!! Ela revirava o canto do olho para a objectiva, torcia-se, fazia esgares, tapava a boca, enquanto o fotógrafo, numa roda-viva, andava á volta dela procurando o melhor ângulo.

Após dez minutos de luta desistimos. O Deniz Salgado já batera quatro ou cinco chapas. Partimos á procura dos seguintes. Pelo caminho rimos a bom rir com a inverosímil vaidade da rapariga. Achámos tanta graça que contámos a história tal e qual, no «Ora, diga-nos...». Mas nunca mais nos lembrámos do retrato. À tarde, quando o jornal saiu, o resultado era desastroso. A rapariga ficara a fazer tantas caretas que, só de olhar o retrato, se desprendia o riso em todos nós, vendo-lhe, para mais, os queixais quase reluzentes.

No outro dia de manhã, quando chegámos á redacção chamaram-nos ao telefone. Do lado de lá gritavam:

— Seu malandro, seu safado, seu este, seu aquele — berrava no outro aparelho a entrevistada do dia anterior, insultando-nos.

— Se eu o apanho desfaço-o e fique sabendo que vou fazer queixa ao meu namorado.

Seu... *desembelezador* de raparigas-!!

● *Fernando Assis Pacheco, 29 anos, no jornal desde 1965:*

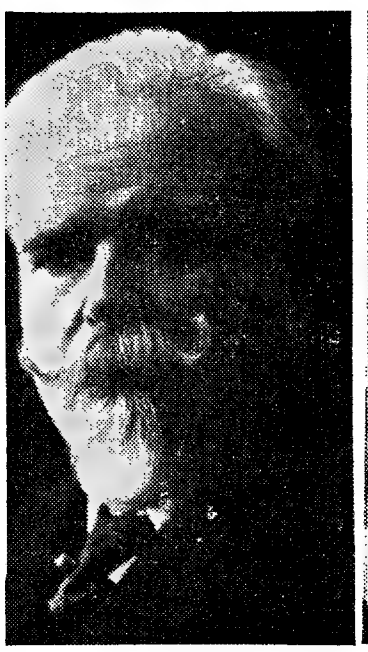
O «Ora diga-nos» não é coisa «difícil» de fazer. Por vezes o entrevistado esquiva-se, foge á pergunta, adopta uma atitude equívoca. Digamos a palavra exacta: desconfia. Nessa altura o repórter arma-se de toda a sua boa vontade e contra-argumenta. O êxito depende dessa contra-argumentação. Não, não me sinto vendedor de gravatas. Sinto-me repórter, sei que a Imprensa espera muita coisa deste aprendizado de rua. Foi no «Ora diga-nos», a palmilhar os passeios de Lisboa, que descobri de modo prático os contornos verdadeiros, o cerne e o peso do povo anónimo.

«Há tempos, no Largo da Estrela, dirigi-me a uma senhora de meia-idade com este sorriso canhestro que me ficou de nascença. A dama olhou-me de alto a baixo, sacudiu a cabeça e declarou: «Desculpe, não levo dinheiro trocado...» Voltei para o carro. O fotógrafo e o motorista apressaram-se a dar-me uma palmada sonora nos ombros. «Então, então? Paciência, foi uma partida!»

«Era de facto uma partida. Porque, normalmente, o «Ora diga-nos» compensa o repórter. Faz-lhe ver que vinte e nove anos de idade não são nada se se esqueceu, numa volta da vida, o movimento essencial do homem: aproximar-se a todo o custo dos outros homens.

Os homens de quem se falou

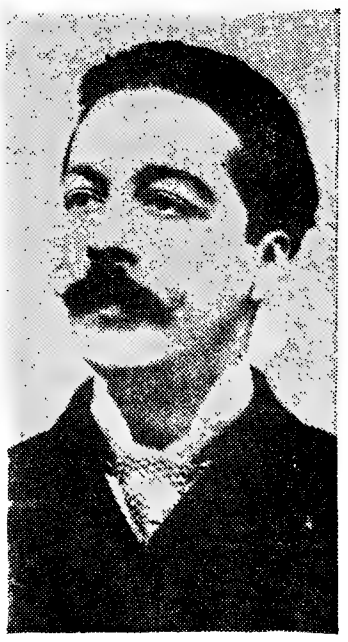
no primeiro número do «Diário de Lisboa»



ANTÓNIO JOSÉ DE ALMEIDA — Presidente da Republica, pronunciou nesse dia um admirável discurso perante as urnas dos Soldados Desconhecidos, no átrio do Palácio do Congresso

GENERAL NORTON DE MATOS — A caminho de Angola, como alto comissário da Republica, a sua escolha — dizia-nos em entrevista o dr. Marques Ribeiro — resultou de uma indicação dos próprios colonialistas

CARDEAL MENDES BELO — Na mesma ocasião e no mesmo local usou da palavra para exaltar o heroísmo das tropas portuguesas e afirmar que uma amnistia é bem a coroa máxima a oferecer aos Soldados Desconhecidos



DR. ALEXANDRE BRAGA — Falecido na véspera, assinalava-se o passamento do grande tribuno da Republica e anunciava-se o seu funeral para o dia seguinte

LLORET & XAVIER, LDA.

AGENTES DE NAVEGAÇÃO

Comissariado Español Marítimo

Lâminas para a Indústria Corticeira

Largo do Corpo Santo, 21-1.º Esq.
Telef. 324671 e 327258 — Lisboa-2

AUTO-ANTÓNIO DA ESCOLA

AUTOMÓVEIS SEM CONDUTOR

RUA ANTÓNIO MARIA BAPTISTA, 24 — TELEFONE 835791 -.47326

AS MELHORES AMÊNDOAS SÃO OS ELÉCTRICOS

CONDIÇÕES ESPECIAIS DE VENDA

COMPANHIAS REUNIDAS GÁS E ELECTRICIDADE

Salões de Venda
Rua Garrett, 2 — Rua da Boa Vista, 39

BANCO NACIONAL ULTRAMARINO

dispondo de **128** departamentos próprios

servidos por **3.837** empregados

tem correspondentes em todos os concelhos do País (*)

é

O BANCO DO POVO AO SERVIÇO DE PORTUGAL

(*) Nos 383 concelhos existem 804 correspondentes

J. OLIVEIRA, LDA.

TRANSACÇÕES COMERCIAIS

EMPRESTAMOS O MAXIMO SOBRE OURO, PRATAS, JÓIAS, ANTIGUIDADES E TUDO O MAIS QUE OFEREÇA GARANTIA. MAXIMO SIGILO

RUA DOS DOURADORES, 134, 1.º — Telef. 32 19 37 — LISBOA

SENA SUGAR ESTATES, LDA.

PLANTAÇÕES E FABRICAS DE AÇÚCAR NA ZAMBÉZIA, PROVÍNCIA DE MOÇAMBIQUE

DELEGAÇÃO: AV. DA ÍNDIA, 8 LISBOA

VIDROS — ESPELHOS

Telef. 324485-33084

A UNIÃO

Rua Luz Soriano, 23-A – Lisboa-2

Companhia Portuguesa de Celulose

S. A. R. L.

— PASTAS MECÂNICAS E QUÍMICAS
— PAPÉIS KRAFT, DE JORNAL, OBRA DE LIVRO E IMPRESSÃO REVISTA
— CARTÃO CANELADO E FITA GOMADA
— SACOS E SAQUETAS DE PAPEL

Sede: **Lisboa, Rua Joaquim António de Aguiar, 3**
Telegramas: Celulose — Lisboa
Telefones: 538857 (P. P. C. A. 8 linhas)

Instalações Fabris: Cacia
Telegramas: Celulose — Cacia
Telefones: 034 91287/88/89

CAMINHO DE FERRO DE BENGUELA

1414 Km. através de Angola

LIGAÇÕES RÁPIDAS E CÓMODAS PARA PASSAGEIROS E CARGA, SERVINDO AS REGIÕES DE

BENGUELA, HUAMBO, BIÉ
MÓXICO e LUNDA

CONGO EX-BELGA, ZAMBIA e RODÉSIA

MOÇAMBIQUE

REPÚBLICA DA ÁFRICA DO SUL

No Lobito:

HOTEL TERMINUS

DINHEIRO

Empresta-se ao juro da lei sobre todos os artigos que ofereçam garantia
Compra e vende antiguidades, ouro, jóias, etc.
JOSÉ MAYER
Telefone 322881
RUA DO LORETO, 18

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO
Para a sua deslocação utilize os COMBOIOS ELÉCTRICOS

MÁRMORES DE SOUSA BAPTISTA

Casa especializada no preparo de mármores — Oficinas completas para todos os trabalhos — Pedreiras em Pero Pinheiro e Vila Viçosa. Louças sanitárias e materiais de construção

29, PRAÇA DO MUNICÍPIO, 30 — LARGO DE S. JULIÃO, 13
Telefone 32 76 43 — LISBOA

OFICINA DE SERRAÇÃO DE MÁRMORES
Avenida Gomes Pereira, 101 — Telef. 780152

A EVOLUÇÃO DO CINEMA DESDE 1921 ATÉ AO PRESENTE

Quando, pela primeira vez, o «Diário de Lisboa» se vendeu nas ruas, há já alguns anos que o animatógrafo — como então se designava geralmente o cinema — atraía a atenção do publico português. Poucos eram, então, os «écrans» existentes na capital. Nenhuma sala (Olímpia, Condes, Chiado Terrasse e Salão Central) dava três sessões por dia. Tudo ocorria num ritmo mais lento, mais espaçado — e o cinéfilo pouco tinha por onde escolher. Os filmes, salvo raras excepções, eram projectados semanalmente, não diáriamente. Utilizando uma expressão cinematográfica, poder-se-ia dizer que tudo sucedia em camara lenta... Era uma época pausada, muito embora ferida pelos acontecimentos da I Guerra Mundial, terminada três anos antes. A velocidade era outra, saber falar era uma arte e uma prenda, e a conquista do espaço não passava de uma quimera.

Muita coisa evoluiu, no entanto, nestes últimos quarenta e cinco anos. E tão-sòmente nos reportando ao cinema, tudo o mais ignorando voluntàriamente, damo-nos conta de que, efectivamente, a arte das imagens se foi impondo de ano para ano. Deparamos com marcos, ora nesta década, ora na seguinte. Calendário após calendário, a arte cinematográfica impôs-se — e nada melhor de que um jornal diário para justificarmos este nosso juízo.

...Ora encontramo-nos, precisamente, diante da colecção constituída pelos volumes encadernados do «Diário de Lisboa». Duas datas limites: 1921 e 1965 — e os restantes jornais do ano corrente temo-los também á nossa disposição... É um trabalho que exige paciência, um trabalho de consulta, um trabalho que se desbobina (outra expressão cinematográfica...) por acção de uma pergunta simples — «Como evoluiu o cinema (nacional e estrangeiro) durante estes últimos quarenta e cinco anos?»

E nós acendemos um cigarro, cruzamos a perna e desfolhamos os volumes. E ora por uma nota crítica, e ora por um anúncio (que já os havia), vamos descobrindo a produção cinematográfica que corria nas salas da capital, as quais, como é óbvio, foram aumentando no decorrer dos anos. Desfolhando, sempre desfolhando, a polpa dos nossos dedos sente a aspereza antiga do papel seco e amarelecido... Temos o tempo, transformado em arquivo, nas nossas mãos.

Um parêntesis, todavia, desde já se impõe. Vinte e cinco anos antes do aparecimento do «Diário de Lisboa», precisamente em Junho de 1896, o animatógrafo excitava a curiosidade do público lisboeta. O espectáculo efectuou-se no Real Coliseu da Rua da Palma e fora anunciado nos seguintes termos:

Ao findar esse longínquo ano (e aqui fica expressa a nossa homenagem ao primeiro realizador português), «Aurélio Paz dos Reis, amador fotográfico, filmava pela primeira vez em Portugal, aproveitando como motivo para o seu filme documentário a saída dos operários da Camisaria Confiança».

Um a um, vinte e cinco anos passaram. Muitos documentários foram produzidos no nosso País, bem como alguns filmes de enredo, embora o celulóide não medisse muitos metros. Empresas produtoras também se fundaram várias, algumas das quais bastante contribuiram para que o cinema se desenvolvesse entre nós. A título de exemplo, citamos a «Invicta Film», fundada em 1918, empresa a que se devem alguns dos maiores sucessos portugueses do «mudo».

★ «Diário de Lisboa» Ano um — «Amor de Perdição» e «Morgadinha de Valflor»

No ano em que o «Diário de Lisboa» apareceu, dois filmes eram projectados nos poucos «écrans» então existentes: «Amor de Perdição» e «Morgadinha de Valflor». O primeiro, produzido no Porto pela «Invicta Film», fora realizado por George Pallu, e o segundo tivera como realizador Ernesto de Albuquerque. Camilo Castelo Branco e Pinheiro Chagas eram transplantados para as telas brancas...

E depois? E depois? De 1921 até á data muitos filmes se rodaram — e, a título de curiosidade, aqui apresentamos um rol cronológico, o qual, de maneira nenhuma, é uma selecção:

* *1921* — «Amor de Perdição» (George Pallu), «Mulheres da Beira» (Rino Lupo), «Morgadinha de Valflor» (Ernesto de Albuquerque).
* *1922* — «O primo Basílio» (George Pallu). Basílio: Robles Monteiro; Luísa: Amélia Rey Colaço; Juliana: Ângela Pinto.
* *1923* — «Cláudia» (George Pallu), «Os olhos da alma» (Roger Lion), «Os lobos» (Rino Lupo). De Eduardo Brasão, intérprete do segundo filme, disse um jornal francês: «...dont les yeux plongent dans les consciences et regardent au de là des horizons humains.» Cópias da terceira película, de cunho realista, foram vendidas para a França, Itália, Roménia e Brasil.
* *1924* — «Tragédia de amor» (António Pinheiro), «Tormenta» (George Pallu).
* *1925* — Uma película incompleta: «O diabo em Lisboa» (Rino Lupo).
* *1926* — «A calúnia» (Manuel Luís Vieira), «Fauno das montanhas» (idem), «Indigestão» (idem). Estas películas revelaram a Madeira a quem nunca lá havia posto o pé...
* *1927* — «Táxi 9297», «Rito ou Rita?», «Vigário Futebol Clube», «Hipnotismo aos domicílios». O argumento destes filmes era da autoria de Reinaldo Ferreira, e a respectiva realização coube a Maurice Laumann. «Nazaré, praia de pescadores» (Leitão de Barros), «Aventuras do Tenor Romão» (Rino Lupo).
* *1928* — «Fátima milagrosa» (Rino Lupo), «Bailando ao sol» (António Lopes Ribeiro).
* *1929* — «José do Telhado» (Rino Lupo).
* *1930* — «Ver e amar» (Chianca de Garcia), «Vida de um soldado» (Aníbal Contreiras), «Alfama» (João Sá), «Lisboa» (Leitão de Barros), «Maria do Mar» (idem, legendas do dr. Norberto Lopes).
* *1931* — «Nua» (Maurice Mariand), «A portuguesa de Nápoles» (Henrique Costa), «A Severa» (Leitão de Barros).

★ Estúdio cinematográfico no Lumiar

«Em Junho de 1932 — lê-se na História do Cinema Português» (subsídios), de António Horta e Costa — funda-se a «Companhia Portuguesa de Filmes Tobis Klang Film», com um capital inicial de mil contos. A «Tobis», conjunto de uma série de boas vontades (...), a breve trecho, na Quinta das Conchas, ao Lumiar, instala um aparelho portátil de tomada de som da marca «Klang Film», e inicia, com base num projecto do engenheiro Cottineli Telmo e do técnico francês A. P. Richard, a construção do estúdio cinematográfico.»

(...) «Em 1932, há ainda a assinalar uma curiosa tentativa de jornalismo cinematográfico, devida ao jornal «O Século», que no dia 10 de Fevereiro estreia no Tivoli um jornal sonoro intitulado «O Século Cinematográfico». Eram focados os seguintes eventos: incêndio na igreja do Lumiar, chegada do cardeal-patriarca á Sé para a celebração de um «Te-Deum», o Carnaval em Lisboa, etc.». Semelhante jornal sonoro era dirigido por Aníbal Contreiras e pelo dr. Eduardo Brasão. Periodicidade: quinzenal.

★ Manuel de Oliveira, Manuel Guimarães, Chianca de Garcia, Brum do Canto, Leitão de Barros, Lopes Ribeiro, Queiroga, Artur Duarte...

Prossigamos, no entanto, com o rol cinematográfico da produção portuguesa:

* *1933* — «A canção de Lisboa» (Cottineli Telmo). Trata-se do nosso primeiro fono-filme, pois foi inteiramente gravado em Portugal. Intérpretes: Beatriz Costa, Vasco Santana, António Silva, Manuel de Oliveira, Teresa Gomes, etc.
* *1934* — «Gado Bravo» (António Lopes Ribeiro), «Douro, faina fluvial» (Manuel de Oliveira). Casais Monteiro acerca deste filme: «A maior virtude de «Douro, faina fluvial», além da fotografia que vai dar a António Mendes um lugar de primeiro plano entre os operadores portugueses — é, sem dúvida, o valor da sua montagem».
* *1935* — «As pupilas do senhor reitor» (Leitão de Barros).
* *1936* — «O trevo de quatro folhas» (Chianca de Garcia).
* *1937* — «Revolução de Maio» (António Lopes Ribeiro), «Bocage» (Leitão de Barros), «Maria Papoila» (idem).
* *1938* — «A Rosa do adro» (Chianca de Garcia), «Aldeia da roupa branca» (idem), «Os fidalgos da Casa Mourisca» (Artur Duarte), «A canção da terra» (Brum do Canto).
* *1939* — «Varanda dos rouxinóis» (Leitão de Barros).
* *1940* — «Feitiço do Império» (António Lopes Ribeiro), «João Ratão» (Brum do Canto), «Pão Nosso» (Armando de Miranda).
* *1941* — «Porto de abrigo» (Adolfo Coelho), «O pai tirano» (António Lopes Ribeiro).
* *1942* — «O pátio das cantigas» (Francisco Ribeiro), «Lobos da Serra» (Brum do Canto), «Amor de Perdição» (António Lopes Ribeiro).
* *1943* — «O violino do João» (Brás Alves), «A menina da rádio» (Artur Duarte), «Um homem ás direitas» (Brum do Canto).
* *1945* — «A vizinha do lado» (António Lopes Ribeiro), «A noiva do Brasil» (Santos Mendes), «Sonho de amor» (Carlos Porfírio), «José do Telhado» (Armando de Miranda).
* *1946* — «Ladrão, precisa-se» (Brum do Canto), «A mantilha de Beatriz» (Eduardo Maroto), «Três dias sem Deus» (Bárbara Virgínia), «Um homem do Ribatejo» (Henrique de Campos), «Camões» (António Lopes Ribeiro), «Cais do Sodré» (Alexandre Perla).
* *1947* — «Bola ao centro» (Brum do Canto e Manuel Guimarães), «Capas Negras» (Armando Miranda), «Aqui, Portugal!» (idem), «Três espelhos» (Ladislau Vadja), «Leão da Estrela» (Artur Duarte), «Fado» (Perdigão Queiroga).
* *1948* — «Um grito na noite» (Carlos Porfírio), «Não há rapazes maus» (Eduardo Maroto), «Uma vida para dois» (Armando de Miranda).
* *1949* — «A morgadinha dos Canaviais» (Caetano Bonnuchi), «Festa brava» (Ricardo Malheiro), «O desterrado» (documentário de Manuel Guimarães), «Vendaval maravilhoso» (Leitão de Barros), «Sol e touros» (D. José Buchs), «Vidas sem rumo» (Manuel Guimarães).

★ A década de cinquenta

Na década de 50, o cinema nacional, salvas raríssimas excepções (Manuel de Oliveira, por exemplo), ficou-se sempre pelo exterior, ou, então, limitou-se aos temas históricos. De quando em quando, o realizador aproximou-se da realidade, embora a atenuasse em certos momentos. Temos, assim: *1950* — «Frei Luís de Sousa» (António Lopes Ribeiro), «O grande Elias» (Artur Duarte), «Sonhar é fácil» (Perdigão Queiroga. *51* — «Saltimbancos» (Manuel Guimarães), «Madragoa» (Perdigão Queiroga), «Eram duzentos irmãos» (Armando Vieira Pinto). *52* — «Um marido solteiro» (Fernando Garcia), «A garça e a serpente» (Artur Duarte), «Chikwembo» (Carlos Marques), «Justiça do Céu» (Vítor Manuel), «O «comissário da Polícia» (Constantino Esteves), «Duas causas» (Henrique de Campos), «Nazaré» Manuel Guimarães). *53* — «Rosa de Alfama» (Henrique de Campos), «Chaimite» (Brum do Canto) e «Planície heróica» (Perdigão Queiroga). *54* — «O Costa de África» (João Mendes), «O cerro dos enforcados» (Fernando Garcia) e «Quando o mar galgou a terra» (Henrique de Campos). *56* — «Vidas sem rumo» (Manuel Guimarães) e «O dinheiro dos pobres» (Artur Semedo). *57* — «Dois dias no Paraíso» (Artur Duarte). *58* — «O homem do dia» (Henrique de Campos) e «Sangue toureiro» (Augusto Fraga). *59* — «Rapsódia portuguesa» (João Mendes) e «O primo Basílio» (Afonso Lopes Ribeiro). *60* — «As pupilas do senhor reitor» (Perdigão Queiroga) e «O cantor e a bailarina» (Armando de Miranda).

Um momento dramático de «Os verdes anos», de Paulo Rocha

«O CÉLEBRE ANIMATÓGRAFO OU A FOTOGRAFIA VIVA, PRODIGIOSA NOVIDADE APRESENTADA POR MR. ROUSBY» GERAL — 100 REIS

★ Os novos cineastas

Nos últimos anos, diversos cineastas, alguns dos quais muito jovens, propuseram-se renovar a temática do nosso cinema. Melhor: a realidade foi encarada com mais audácia e mais inteligência. Tais cineastas não se deixaram cativar por histórias sem verdade, isentas daquele sabor tão peculiar da vida, que é de todos os dias, de todos os instantes, ora se diluindo, ora persistindo...

Assim, pois, é com alguma surpresa que os nossos olhos contemplam filmes como «D. Roberto» (Ernesto de Sousa, 61), «As pedras e o tempo» (Fernando Lopes, curta metragem, 61), «Pássaros de asas cortadas» (Artur Ramos, 63), «Os verdes anos» (Paulo Rocha, 63), «As palavras e os fios» (Fernando Lopes, curta metragem, 63), «Belarmino» (Fernando Lopes, 64), etc. António de Macedo, também da nova geração, realizou «Domingo á tarde», em 1965.

Projectos? «Mudar de vida», de Paulo Rocha, talvez fique terminado ainda este ano. Fernando Lopes filmará «Uma abelha na chuva». E outros nomes há, como os de Faria de Almeida, Alfredo Tropa, Fonseca e Costa... Algo se fará!

★ «O garoto de Charlot» no ano primeiro do «Diário de Lisboa»

Vimos, muito esquemàticamente, e talvez até com algumas lacunas, qual foi a produção cinematográfica nacional durante estes últimos quarenta e cinco anos, precisamente os que conta o «Diário de Lisboa».

No decurso desse espaço de tempo, quais foram os filmes que, no estrangeiro, ficaram como exemplo de uma arte que para sempre conquistou o público? Basta folhearmos uma filmografia para nos darmos conta dos nomes de Charles Chaplin, Fritz Lang, Robert Flaherty, Erich von Stroheim, Eisenstein, René Clair, Carl Dreyer, Buñuel, Dovjenko, Pabst, Jean Renoir, John Ford, William Wyler, René Clément, Vittorio De Sica, Robert Bresson...

Eis, pois, uma lista dos principais filmes rodados além-fronteiras: *1921* — «Os Nibelungos» (Fritz Lang), «O garoto de Charlot» (Charles Chaplin). *22* — «Nanook» (Robert Flaherty). *23* — «Greed» (Erich von Stroheim), «A lenda de Gösta Berling» (Mauritz Stiller). *24* — «O último dos homens» (F. W. Murnau), «Entr'acte» (René Clair). *25* — «A quimera do ouro» (Charles Chaplin), «O couraçado Potemkine» (Eisenstein). *26* — «A mãe (Poudovkine), «Napoleão» (Abel Gance). *27* — «Sinfonia de uma capital» (Walter Ruttmann), «O chapéu de palha de Itália» (René Clair), «A queda da casa Usher» (Jean Epstein). *28* — «A paixão de Joana d'Arc» (Carl Dreyer), «O cão andaluz» (Buñuel), «A multidão» (King Vidor). *29* — «Hallelujah» (King Vidor), «Sous les toits de Paris» (René Clair).

★ Um grito de René Clair

Entra-se na década de trinta. Temos, nesse ano: «A terra» (Alexandre Dovjenko), «O anjo azul» (Josef von Stenberg). *31* — «Luzes da cidade» (Charles Chaplin), «A ópera de quatro sous» (Pabst), «Raparigas em uniforme» (Leontine Sagan), «Que viva México!» (Eisenstein). *32* — «À nous la liberté!» (René Clair), «Terra sem pão» (Buñuel), «Scarface» (Howard Hawks). *33* — «Don Quixote» (Pabst), «O 14 de Julho» (René Clair). *34* — «L'Atalante» (Jean Vigo), «It happened one night» (Frank Capra), «Man of Aran» (Robert Flaherty). *36* — «Fúria» (Fritz Lang), «Tempos modernos» (Charles Chaplin). *37* — «A grande ilusão» (Jean Renoir). *38* — «Alexandre Nevsky» (Eisenstein), «Pygmalion» (Anthony Asquith), «Cais das brumas» (Marcel Carné). *39* — «E tudo o vento levou...» (Victor Felming), «Le jour se lève» (Marcél Carné), «Três cânticos...» (Dziga Vertov).

★ «Ladrões de bicicletas»

O década seguinte, a de quarenta, oferece-nos: *40* — «Fantasia» (Walt Disney), «As vinhas da ira» (John Ford), «O ditador» (Charles Chaplin). *41* — «O mundo a seus pés» (Orson Welles). *42* — «Ossessione» (Luchino Visconti). *43* — «Maria Candelária» (Emílio Fernandez). *44* — «Tormenta» (Alf Sjöberg), «Ivan, o Terrível» (Eisenstein), «Monsieur Verdoux» (Charles Chaplin). *45* — «A batalha do rail» (René Clément), «Breve encontro» (David Lean), «Les dames du bois de Boulogne» (Robert Bresson), «Roma, cidade aberta» (Roberto Rosselini). *46* — «Os melhores anos da nossa vida» (William Wyler), «Paisa» (Roberto Rosselini). *47* — «Jour de fête» (Jacques Tati). *48* — «Ladrões de bicicletas» (Cesare Zavattini e De Sica), «Hamlet» (Laurence Olivier), «Louisiana Story» (Robert Flaherty), «La terra trema» (Luchino Visconti). *49* — «Um dia em

(Continua na pág. 44)

A MUNDIAL

SEGUROS

CAPITAL E RESERVAS: = ESC. 476.571.839$83

SEDE EM LISBOA, NO LARGO DO CHIADO, 8

AGENTES POR TODO O

CONTINENTE, ILHAS E ULTRAMAR

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

SECÇÃO DE PROPAGANDA E TURISMO

PUBLICAÇÕES TURÍSTICAS

MONOGRAFIAS DE ARTE E TURISMO: «Castelo de S. Jorge», por Costa Gareez; «Museus de Lisboa», por Fernando Castelo Branco; «Chafarizes de Lisboa», por Luís Chaves; «Portas e Brasões de Lisboa», por Luís Ferros Ponce de Leão; «O Tejo», por Mário Pires; «Parque Municipal de Turismo e Campismo», por Janine Quintin e João Pina Vidal; «Monumentos de Lisboa», por Maia Atayde; «Estufa Fria», por Jean Chabloz; «Arredores de Lisboa», por Ester de Lemos e Maia Atayde; «Miradouros de Lisboa», por João Pina Vidal e «Jardins de Lisboa», por Natércia Freire. Ao preço de 7$50 cada.

OUTRAS PUBLICAÇÕES:

«Lisboa» de Luís Teixeira — ao preço de 15$00
«Lisboa — Roteiro Turístico» — » » » 12$50
«Lisboa—Cidade de Turismo» — » » » 150$00

EMPRESA INDUSTRIAL DE TINTAS, LIMITADA

Fábrica portuguesa de tintas de impressão tipo-litográficas. Vernizes e massas para rolos

Rua da Cascalheira, 33 (Alcântara)
Telefone 63 80 08 — LISBOA

LARANGEIRA, LIMITADA

CASA FUNDADA EM 1928
FERROS E AÇOS
IMPORT.-EXPORT.

ARMAZÉNS:
10, Travessa do Cidadão João Gonçalves, 16
3-C, Rua dos Anjos, 3-D
Rua Maria, 11 e 15
7, Largo do Intendente Pina Manique, 10
SEDE E ESCRITÓRIO — Rua dos Anjos, 1, 1.º
Telegramas: «FERROAÇOS-LISBOA» **Telefones: P. P. C. A. 5 81 31 (5 linhas)**
APARTADO 2413 — LISBOA-1

LANIFÍCIOS DE COIMBRA, LDA.

CONFECÇÕES PARA HOMEM E SENHORA
OS MELHORES TECIDOS

Estabelecimentos
Rua dos Fanqueiros, 215 — Telef. 34258 LISBOA
Rua dos Fanqueiros, 240-242 — Telef. 323738 LISBOA

Serviço Internacional
HORÁRIO DOS COMBOIOS

Comunica-nos a C. P. que desde 3 de Abril é alterado o horário do comboio diário, em 2.ª classe, que em regime experimental tem estado a efectuar-se de Castelo Branco á Guarda, com ligação nesta estação ao comboio n.º 21201 que dali parte com destino a França ás 14-58 horas.

As horas de partida e as de chegada á Guarda são as seguintes:

Castelo Branco	10-00 h.
Alcains	10-22 h.
Lardosa	10-36 h.
Castelo Novo	10-53 h.
Alpedrinha	11-01 h.
Vale de Prazeres	11-08 h
Penamacor	11-20 h.
Alcaide	11-27 h.
Fundão	11-35 h
Tortosendo	11-57 h.
Covilhã	12-10 h.
Caria	12-30 h.
Belmonte	12-38 h.
Benespera	13-02 h.
Sabugal	13 20 h.
Guarda (chegada)	13-29 h.

Em sentido inverso, recebendo ligação em Vilar Formoso do comboio n.º 1801 da Renfe, que ali chega ás 22-45, é igualmente alterado o horário do comboio diário em 2.ª classe, circulando em regime experimental, de Vilar Formoso a Castelo Branco, com paragem em todas as estações. A sua partida é ás 23-30 h. de Vilar Formoso, com chegada á Guarda ás 0-25 h., á Covilhã á 1-57, ao Fundão ás 2-30 e a Castelo Branco ás 4-00 horas.

OUATE DE CELULOSE

(Algodão de papel)

Papéis higiénicos

Papéis especiais, etc.

CASA VELUDO

AVENIDA DA BOAVISTA, 2245 — PORTO
Telefones: 64076 (4 linhas)

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

Sociedade anónima de responsabilidade limitada
Sede: Calçada do Duque, 20—LISBOA

ADMINISTRAÇÃO

Relação de 151 obrigações da antiga Companhia do Caminho de Ferro de Guimarães, 4 1/2% — 1905, 2.ª emissão, que foram retiradas da circulação para efeito da amortização do ano de 1965.

N.os	10 496	a 10 497	=	2
	10 512	a 10 513	=	2
	10 553	a 10 562	=	10
	11 011	a 11 015	=	5
	11 250	—	=	1
	11 428	a 11 430	=	3
	11 558	—	=	1
	11 689	—	=	1
	11 752	—	=	1
	11 754	—	=	1
	11 766	—	=	1
	11 839	—	=	1
	11 871	—	=	1
	11 962	—	=	1
	12 253	a 12 290	=	38
	12 613	a 12 622	=	10
	12 657	a 12 690	=	34
	13 143	a 13 145	=	3
	13 154	a 13 164	=	11
	13 240	a 13 249	=	10
	13 290	—	=	1
	13 343	a 13 355	=	13
Total				151

Todas estas obrigações estão devidamente anuladas e deixaram de representar encargo para a Companhia.

Lisboa, 24 de Março de 1966.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

No FUNCHAL o «DIÁRIO DE LISBOA» encontra-se à venda — no próprio dia da tiragem — na CASA FIGUEIRA, Rua dos Ferreiros, 45.

Pancada, Moraes, & C.ª

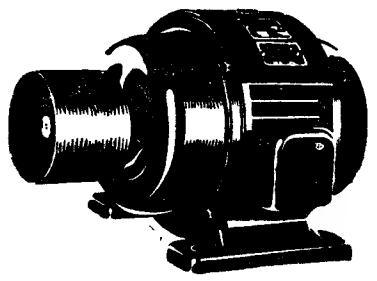
Banqueiros

37, RUA AUGUSTA— LISBOA

Depósitos à ordem e a prazo

Guarda e administração de valores. Exècução de Ordens de Bolsa, no País e Estrangeiro. Compra e venda de cheques e ordens de pagamento sobre Praças Estrangeiras. Aberturas de crédito para Importação e Exportação. Cheques de viagem. Desconto de letras sobre o País e Estrangeiro. Serviço de informações sobre Títulos, Câmbios e Comércio Externo

CORRESPONDENTES NAS PRINCIPAIS PRAÇAS ESTRANGEIRAS



MOTORES ELECTRICOS

ALTERNADORES, TRANSFORMADORES
— DISJUNTORES, ARRANCADORES —

SOC. LUSO ELÉCTRICA, LDA.

11 — Calçada Marquês de Abrantes — 13
Telefone 668061 (5 linhas) **LISBOA**

RIBEIRO BOURQUIN, LIMITADA

IMPORTAÇÃO — EXPORTAÇÃO

Agentes Exclusivos do Queijo «TIGRE»

Praça de S. Paulo, 19 — Telefone 321838

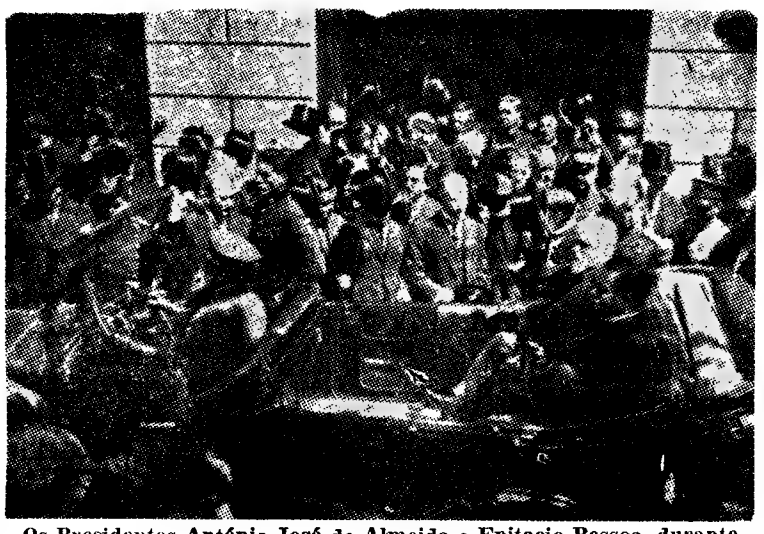
LISBOA

Quarenta e cinco anos de evolução da vida dos portugueses

Durante quarenta e cinco anos, o «Diário de Lisboa» acompanhou os acontecimentos da vida nacional com interesse, carinho e sinceridade que foram, desde o seu primeiro numero, timbre de uma acção jornalística orientada no sentido de bem informar o publico e defender os princípios da fidelidade á Pátria, á Republica e á defesa dos superiores interesses de Portugal. Mal o pregão do seu nome se fez ouvir, deu relato pormenorizado da cerimónia da tumulização dos soldados desconhecidos que, depositados na cripta da Batalha, constituem testemunho perene de um dos factos culminantes da nossa História de nação independente e soberana, a intervenção dos portugueses na guerra de 1914-18. Sempre nas nossas colunas a intervenção de Portugal na primeira conflagração mundial foi vista e justificada como acto de previsão política, coragem cívica e brio militar dignos dos mais altos títulos e louvores e aqueles que o valorizaram, com o seu heroísmo ou o seu sacrifício, como admiráveis servidores da Pária no que esta tem de permanente e superior ás paixões humanas.

Passados alguns meses, em Outubro de 1921, a nossa reportagem do movimento revolucionário de 19 de Outubro e da noite sangrenta definitivamente firmou os créditos profissionais de quantos trabalhavam então no nosso jornal, com destaque para os que se encarregaram do relato do que então ocorreu na capital. O «Diário de Lisboa» acompanhou, de perto, e deles deu verídico relato; os passos desse episódio e oportunamente forneceu ao publico os elementos de informação pormenorizada que permitem formular juízo sobre essa página de História e destrinçar as responsabilidades dos que a escreveram. Foram horas dolorosas que o País viveu com emoção e que, graças á nossa informação, podem hoje ser reconstituídas no seu exacto contexto, estranho a versões interessadas ou deformadoras.

Nesse ano e nos seguintes, o País esteve a braços com uma crise que era reflexo das condições económicas legadas pela guerra com os seus embaraços financeiros, a inflação e as vicissitudes que esta gerava. As flutuações da moeda eram nota predominante da vida nacional e internacional no rescaldo de um conflito para o qual os povos não estavam preparados e cujas consequências sofreram. Os esforços envidados para pôr termo a essa situação pelos governos que passaram pelo Poder entre 1922 e 1925, até á estabilização do escudo, foram por nós acompanhados e comentados com o devido relevo. A vida dos partidos políticos e a actividade parlamentar, notas salientes da política nessa época, estão descritas nas colunas do «Diário de Lisboa» com a fidelidade e isenção indispensáveis ao seú exacto conhecimento e a sua consulta pode ser feita com proveito por quem se abalançar a fazer a história dessa época Nelas estão arquivadas, com relevo condigno, o voo transatlantico de Cabral e Coutinho e a viagem ao Brasil do presidente da Republica dr. António José de Almeida, digno representante da nação portuguesa em terras brasileiras, onde, como chefe de Estado e orador eloquentíssimo, conquistou o mais belo triunfo da sua carreira política.



Os Presidentes António José de Almeida e Epitacio Pessoa, durante a visita do primeiro ao Brasil

O crédito do País na cena mundial

No plano internacional ocupámos, em virtude da nossa intervenção na guerra, posição relevante e a nossa participação nos trabalhos da Sociedade das Nações testemunharam o crédito de que gozávamos. A instauração do regime de Altos Comissários nas províncias ultramarinas de Angola e Moçambique, e a obra levada a cabo pelas personalidades que ocuparam esses cargos, o general Norton de Matos e o dr. Brito Camacho, ficaram a documentar o interesse com que eram tratados e resolvidos os problemas do ultramar, que conheceu, então, um surto de progresso. Sempre esses problemas mereceram ao nosso jornal especiais cuidados e nele foram tratados por especialistas de reconhecida competência e isenção.

Em artigos, comentários e entrevistas, demos conta do que então se passou no nosso país e no estrangeiro. Os nossos redactores e colaboradores distinguiram-se, os primeiros como jornalistas que deixaram recordação inesquecível, os ultimos como amigos e dedicados servidores da causa publica e do interesse nacional. Seria longa a lista dos seus nomes, mas destacaremos os nomes de Artur Portela, Norberto de Araujo, Aprígio Mafra e Sarmento Duque, entre os primeiros, e entre os ultimos Afonso de Bragança, jornalista cedo desaparecido, e como companheiro de todas as horas e guia de todos os momentos, João de Barros, que no nosso jornal fez grande parte da sua meritória campanha a favor da amizade e da aproximação luso-brasileira. Muitos outros poderíamos recordar, todos admiráveis na sua dedicação e solidariedade inalterávelmente prestadas ao jornal que, entretanto, se tornava, sob a égide do seu primeiro director, dr. Joaquim Manso, símbolo de uma firme e corajosa orientação que o publico acolheu com marcada simpatia.

Além dos acontecimentos políticos, todos os outros que se relacionavam com as actividades intelectuais ou os anseios do povo, ficaram registados no nosso jornal. Especial atenção nos mereceram sempre as primeiras, as letras e as artes, cujos cultores cedo acorreram a colaborar connosco ou de cuja obra nos ocupamos com empenho. Poetas e prosadores, romancistas e ensaístas, pintores, desenhadores e escultores, não há uma excepção á regra de compreensão e carinho com que os acompanhámos e aplaudimos, os criticámos ou fizemos reparos á sua carreira numa incessante afirmação de respeito pelo que faziam ou projectavam. Quantos nomes começaram a ser conhecidos através das nossas colunas, quantas reputações nelas se firmaram e consolidaram, quantas glórias, efémeras ou duradouras nelas tiveram eco condigno ..

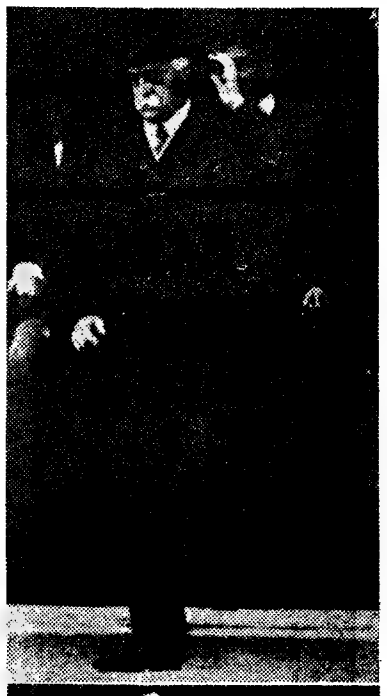
Nos cinco anos que decorreram entre o aparecimento do nosso jornal e o movimento militar de 28 de Maio de 1926, como jornal estranho a limitações ou dependências de ordem material ou espiritual, dele fizemos um repositório que reivindica lugar honroso na Imprensa portuguesa. Em 18 de Abril de 1925 deu-se o movimento que foi prólogo do de 28 de Maio do ano seguinte, com o qual se iniciou uma fase nova na vida da Nação e da qual procurámos dar relato imparcial e objectivo, referindo os acontecimentos mais importantes que ocorreram ao longo dos quarenta anos que se seguiram. As incertezas que acompanharam e foram nota dominante do período que decorreu entre 1926 e 1932, mudanças ministeriais, reformas de serviços, tentativas revolucionárias, progresso material, etc., desde que o marechal Gomes da Costa iniciou o movimento militar em Braga até á institucionalização do Estado Novo, nos mereceram atento cuidado para bem nos desempenharmos da nossa missão, ao mesmo tempo que com as nossas responsabilidades aumentavam os nossos meios materiais de corresponder á simpatia e adesão do publico que sempre se nos conservou fiel e nunca escondeu o seu apreço pela tarefa que desempenhamos na vida portuguesa.

O Estado perante as realidades actuais

As reformas do Estado, as adaptações da administração ás realidades do tempo, o surto de progresso material que se fez sentir no País, as realizações no domínio das obras publicas, a normalização da vida financeira sobre a base do equilíbrio orçamental, as realizações levadas a cabo na industria

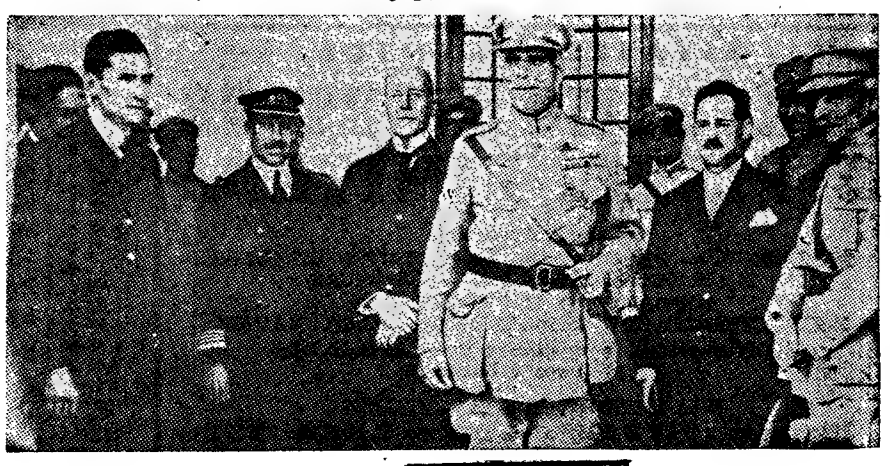
(Continua na 51.ª pág.)

O sr. dr. Oliveira Salazar assina o auto de posse do cargo de ministro das Finanças



O encerramento do Parlamento após o 28 de Maio — O general Correia Barreto, presidente do Senado (m cima), e o comandante Rodrigues Gaspar, presidente da Camara dos Deputados (em baixo), abandonam o Palácio de S. Bento

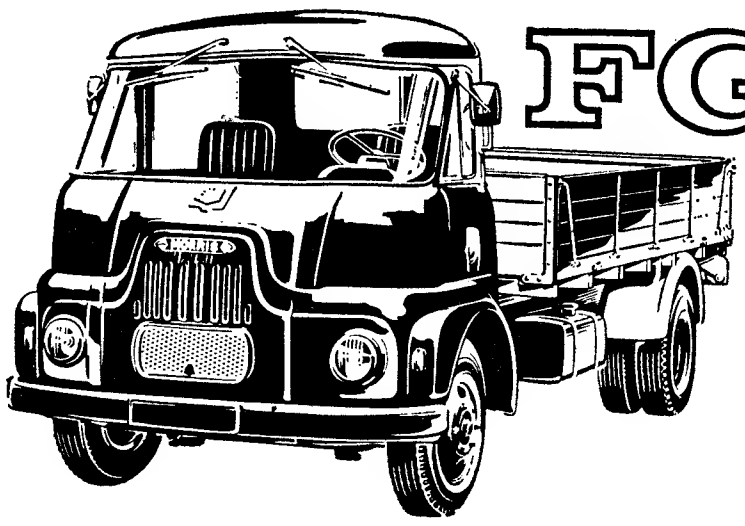
Depois da tragédia de 19 de Outubro, o eng.º Cunha Leal — o pescoço entrapado devido aos ferimentos recebidos ao tentar defender o seu adversário político — discursa no funeral de António Granjo, a quem não conseguiu salvar



Os primeiros membros do Governo na situação saída do movimento de 28 de Maio — em Sacavém, da esquerda para a direita: dr. Oliveira Salazar, comandante Mendes Cabeçadas, dr. Mendes dos Remédios, general Gomes da Costa, dr. Manuel Rodrigues e general Óscar Carmona

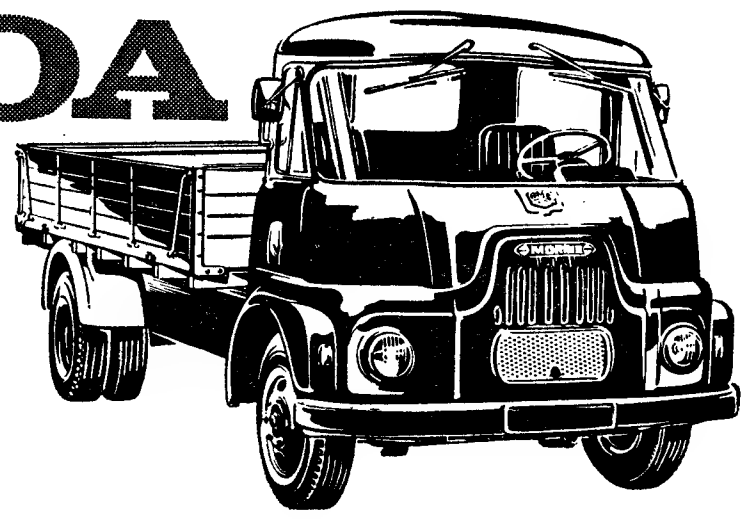
MORRIS

FG K30A



Motor BMC de 76 cavalos trabalhando a um regime de baixa rotação, o que lhe proporciona grande duração.
Cabine avançada, extremamente sólida e de grande visibilidade.
Rodado duplo e travões hidráulicos assistidos por servo-freio. Caixas de carga com 3,5 ou 4 m. de comprimento.
Reduzido consumo de gasóleo.
Condução com carta de ligeiros.

Peso Bruto 3.500 Kg



A. M. ALMEIDA, S.A.R.L. - R. da Escola Politécnica, 39 - Lisboa • R. Sá da Bandeira, 501 - Porto

---

UMA MARCA QUE GARANTE

OS MAIS MODERNOS PROCESSOS NA TÉCNICA DE LUBRIFICANTES

MAIS DE 50 ANOS DE EXPERIÊNCIA
E BONS SERVIÇOS EM PORTUGAL

Distribuidores exclusivos

H. VAULTIER & C.ª

ZIM LINES

SAÍDAS REGULARES DE LISBOA PARA:
AMÉRICA DO NORTE
AMÉRICA DO SUL
MEDITERRÂNEO

COM OS PAQUETES:
«SHALOM»
«JERUSALEM»
«THEODOR HERZL»

LAURO LINES

SAÍDAS REGULARES DO NORTE DA EUROPA E MEDITERRÂNEO PARA:
AUSTRÁLIA E NOVA ZELÂNDIA

E DO MEDITERRÂNEO E FUNCHAL PARA:
VENEZUELA E BARBADOS

COM OS PAQUETES:
«ANGELINA LAURO»
«ACHILLE LAURO»
«ROMA»

OS AGENTES:

M. DRUMMOND, LDA.

RUA DO ARSENAL 134
TEL. 321814 — 35444
LISBOA

RUA MOUZINHO DA SILVEIRA, 120-1.º
TEL. 37145
PORTO

Sociedade Técnica de Construções Virgílio Preto, Lda.

ENCARREGA-SE DE PROJECTOS, ORÇAMENTOS E EXECUÇÃO DE CONSTRUÇÕES CIVIS E CIMENTO ARMADO

Telefones: 32066 e 32870 8

Praça Luís de Camões, 36, 2.º-D. LISBOA

Máquinas de costura — Radiadores e caldeiras para aquecimento central Ferros de engomar — Caloríferos — Fogões de cozinha — Banheiras, lavatórios colectivos e outro material sanitário de ferro esmaltado — Marmitas e equipamento complementar para grandes cozinhas — Material para lavandarias Bombas centrífugas e manuais — Tornos de bancada de ferro fundido — Ventoinhas para forjas — Motores de explosão de pequena cilindrada — Abrigos para bicicletas, motorizadas e motocicletas — Acessórios de ferro maleável para canalizações — Acessórios para linhas de alta tensão — Tubos para canalizações e outros usos — Obra de ferro fundido normal e de ferro maleável Galvanização de artigos de ferro

INDÚSTRIAS A. J. OLIVEIRA, FILHOS & C.ª, LDA.
OLIVA
S. JOÃO DA MADEIRA

ESTABELECIMENTOS

JERÓNIMO MARTINS & FILHO, LIMITADA

Grandes Armazéns
PAPELARIA — PERFUMARIA — PRODUTOS QUÍMICOS E ESPECIALIDADES FARMACÊUTICAS
IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO
FORNECEDORES DE MANTIMENTOS PARA NAVIOS
Matérias-primas e máquinas para as indústrias de plásticos e borracha

RUA GARRET, 13 a 23 — LISBOA
Telegramas: «VÍVERES» — Telefone P. P. C. A. 362191

Serviço Internacional

HORÁRIO DOS COMBOIOS PORTUGAL E FRANÇA

Comunica-nos a C. P. que desde 3 de Abril o serviço internacional em 2.ª classe entre Portugal-Espanha-França e vice-versa passa a ter o seguinte horário:

8.20 p.	Lisboa (St.ª Apol.)	c. 15.10
11.28 c.	Pampilhosa	p. 11.56
9.55 p.	Porto (Campanhã)	c. 14.35
11.18 c.	Pampilhosa	p. 13.05
11.48 p.	Pampilhosa	c. 11.48
15.52 c.	Vilar Formoso	p. 8.30
16.37 p.		c. 7.38
16.40 c.	Fuentes de Oñoro	p 7.33
6.52 c.	Irún	p. 19.15
6.55 p.		c. 17.23
8.05 p.	Hendaia	p. 17.18
7.00 c.		c. 17.09
18.40 c.	Paris	p. 8.54

No CARREGADO o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se na CASA VIOLANTE.

RODRIGUES

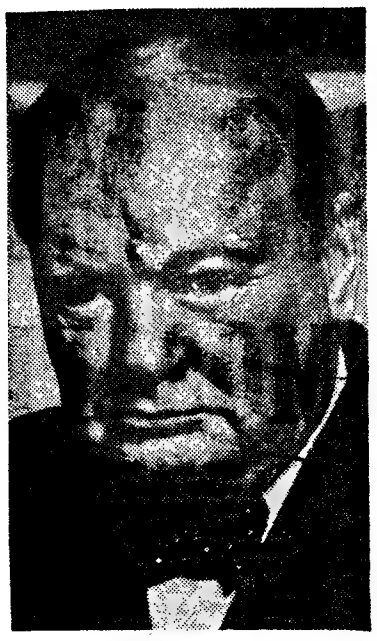
ARMAZÉM DE LANIFÍCIOS — SEDAS E VELUDOS
— DE —
JOÃO ANTÓNIO RODRIGUES, & C.ª
Rua Augusta, 76, 78, 80 — LISBOA

Joalharia Mergulhão

A MAIOR VARIEDADE EM PRATAS ARTÍSTICAS
CASA FUNDADA EM 1895
Rua de S. Paulo, 162 Telefone 30013
LISBOA • PORTUGAL

A EVOLUÇÃO DA VIDA INTERNACIONAL

DURANTE O PERÍODO DA EXISTÊNCIA DO «DIÁRIO DE LISBOA»



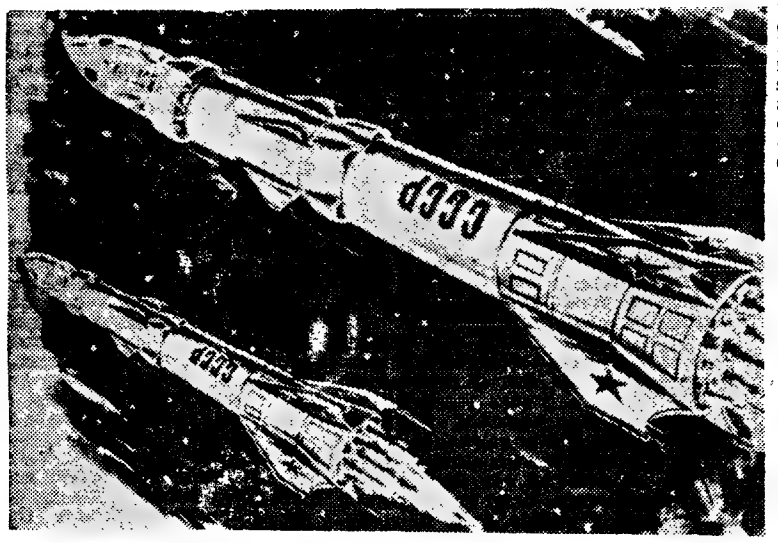
Churchill — artífice da vitória aliada — foi uma das maiores figuras do último meio século

Nos quarenta e cinco anos que decorreram desde o aparecimento do «Diário de Lisboa», o mundo transformou-se de tal maneira que nenhuma semelhança tem o actual com aquele que então existia. Registaram-se impressionantes fenómenos na vida dos povos e nas relações internacionais, guerras, revoluções, modificações na estrutura interna dos Estados e transformações nos hábitos de convívio entre as nações e nos hábitos dos indivíduos. Sumiram-se impérios, no ocaso da decadência, e outros se avigoraram no panorama mundial. Desabaram tronos, alteráram-se regimes, tiveram voga e feneceram ideologias. Na História, escreveram-se páginas gloriosas e capítulos de ignomínia. Pode dizer-se que nenhuma época foi, mais do que aquela que acompanhamos e está registada no nosso jornal, fértil em acontecimentos e rasgos extraordinários e em que as sociedades tenham sofrido tão profundas mutações.

Se quisermos indicar, pela ordem de importancia e consequências, os mais importantes factos de que demos notícia, apontaremos os seguintes: o nascimento da era nuclear, o início da aventura do espaço, a segunda guerra mundial, a propagação da ideologia comunista a uma parte do globo, o desaparecimento do Império britanico, a descolonização com o aparecimento dos novos países afro-asiáticos, o declínio dos países europeus como factores decisivos do equilíbrio mundial, a ascensão dos Estados Unidos á categoria de potência predominante no Ocidente, a revolução industrial na União Soviética e a criação da sua esfera de influência no nosso continente, a ascensão da China e o eclipse do poderio japonês na Ásia, o novo estatuto do Médio-Oriente, a fermentação dos países latino-americanos e o desaparecimento gradual das ditaduras militares que os governavam, as tentativas de organização internacional como a Sociedade das Nações e a Organização das Nações Unidas, as alternativas do nacionalismo e os esboços de federalismo regional, as guerras civis por motivos ideológicos, antagonismos políticos ou aspirações sociais e económicas, o progresso material que, apesar de tantas e tão graves vicissitudes, se não deteve e de maneira geral se acentuou ao longo desse quase meio século sem paralelo em qualquer outra fase da vida humana.

A era atómica e a conquista do espaço

A explosão atómica de Los Alamos, em 1945, foi o ponto de partida e a certidão de nascimento da era nuclear em que o homem vive. O lançamento do primeiro «sputnik» russo em 1957 assinalou o começo da aventura espacial, da conquista do espaço, cujo primeiro capítulo é o envio de uma nave á



As naves espaciais foram o maior acontecimento do século

Lua. Nada do que no passado milenário ocorreu teve tão profundo significado e tão importantes repercussões em todos os domínios. O primeiro sinal da era nuclear foi o lançamento da bomba atómica em Hiroshima e com ela começou a revolução dos armamentos que tão grande influência teve na transformação do equilíbrio mundial. O lançamento do «sputnik» soviético foi seguido de uma série de tentativas coroadas de êxito para alargar o ambito da conquista espacial a qual se tem desenrolado no signo da competição russo-americana em vez da cooperação que seria de desejar. No curto espaço de alguns anos, entre o lançamento do «Sputnik» e o da «Gemini VIII» escreveu-se uma epopeia inesquecível, prólogo de novas e prodigiosas realizações.

A era nuclear teve como primeira e devastadora manifestação a explosão de Hiroshima, a qual abriu a competição entre os Estados Unidos e a União Soviética para a fabricação de armamentos atómicos. Estes revolucionaram as regras da estratégia e da guerra e, por isso, deram lugar a um condicionalismo sem precedentes nas relações internacionais. No passado, estas regeram-se pela regra de Clausewitz, segundo a qual a política era uma forma de fazer a guerra. No nosso tempo, a guerra tornou-se uma forma de fazer política. O homem sabe que não pode recorrer á guerra para resolver as suas divergências, mas ainda não encontrou maneira de as resolver por outro processo. Nesse equilíbrio precário tem vivido durante os ultimos vinte anos, dos quarenta e cinco que conta o nosso jornal, e nele se filiam factos e acontecimentos cuja verdadeira razão á primeira vista se não descortina.

Mao Tsé-Tung — uma incógnita que subsiste

O panorama mundial entre duas guerras

Quando apareceu o nosso primeiro numero estavam ainda vivas as recordações e as ruínas da primeira guerra mundial, e o primeiro facto de relevo que se arquivou nas nossas colunas está com ela relacionado. Foi a descrição das cerimónias da tumulização dos soldados desconhecidos portugueses no mosteiro da Batalha, em Abril de 1921. O armistício de vinte anos, que decorreu entre o fim da primeira e o início da segunda guerra mundial, ficou assinalado por acontecimentos extraordinários. O fascismo em Itália e o nacional-socialismo na Alemanha, com as personalidades que simbolizaram esses movimentos, avultam nesse período sangrento e confuso. Hitler prometeu aos seus compatriotas um Reich milenário, cuja missão não se reduziria a dominar a Europa e o mundo, mas que daria o modelo para as futuras sociedades. Sabe-se como essa aventura acabou. O fascismo italiano durou vinte e um anos, de 1922 a 1943, e o nacional socialismo alemão dezasseis, entre 1933, data da entrada de Hitler na Chancelaria, e 1939, ano em que acabou a guerra por ele desencadeada.

Esta guerra precipitou acontecimentos que de outra forma só mais tarde, em condições diferentes, se produziriam. O declínio da Grã-Bretanha era já patente quando a segunda guerra mundial começou, mas ter-se-ia retardado sem as suas repercussões. O desaparecimento do Império britânico e a crescente aproximação da Grã-Bretanha com os Estados Unidos e a Comunidade, cujos membros ficaram ligados por ténues laços sentimentais e relações económicas sem obrigações políticas ou militares, foram acontecimentos de incálculáveis consequências, especialmente na Europa. Simultaneamente, as velhas nações europeias, detentoras ou não de territórios em que exerciam soberania fora do nosso continente, perderam a influência e parte do prestígio de que desfrutavam no mundo e deixaram de influir nas graves decisões de que depende a sua sorte.

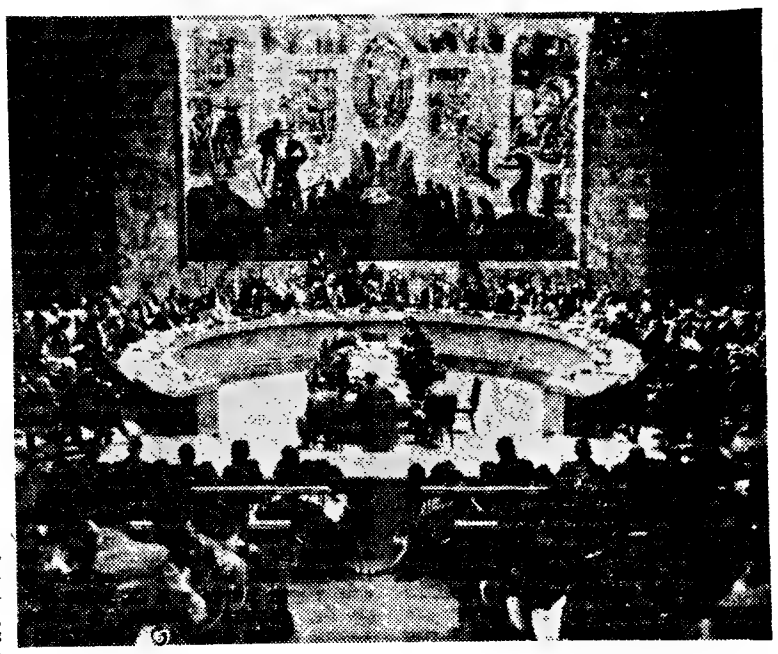
Dividida, a Europa tornou-se uma dupla esfera de influência da União Soviética, a Leste, dos Estados Unidos, a Ocidente. Essa divisão teve a sua expressão em alianças militares e na guerra fria, que foi, principalmente, um produto da partilha do continente europeu e da divisão da Alemanha, país que sempre nele desempenhou, pela sua posição geográfica e pelo valor da sua população, papel-predominante. A transição da guerra fria para a coexistência pacífica é condicionada pelos imperativos da era nuclear e dos armamentos correspondentes, o que justifica as suas alternativas e surpresas. As duas grandes potências que possuem esses armamentos exercem decisiva influência nos restantes, que precisam da sua protecção e só teòricamente podem aspirar a entrar no clube atómico. Entretanto, as alianças, criadas durante a guerra fria para corresponder ás suas exigências, perderam parte da sua importancia e encontram-se numa fase de revisão incerta, sendo uma recordação do passado recente, mas que ainda não acertaram com a sua nova missão.

A posição da Europa e o terceiro mundo

Com o declínio da Europa e das velhas nações europeias, a descolonização nos continentes onde havia domínios das primeiras tornou-se um fenómeno que se processou com rapidez que em circunstâncias diferentes se não verificaria, a qual deu lugar a improvisações em todos os domínios, económico, político e militar, cujos efeitos continuarão por muito tempo a fazer-se sentir. As novas nações afro-asiáticas designadas por terceiro mundo procuram seguir a via do neutralismo no conflito das alianças militares e blocos políticos opostos. Entre elas figuram casos tão diferentes que constituem um mosaico heterogéneo e inconsistente, pois lhe falta o cimento de uma tradição duradoura e de uma função correspondente á sua importância real. O terceiro mundo, em busca do seu destino, caminha tacteando, dificilmente se desprendendo do colonialismo e correndo o perigo de cair no neo-colonialismo.

O general De Gaulle tornou-se uma das grandes figuras da cena internacional

A China comunista resultou de uma revolução que, além da semelhança ideológica, pouco tem de comum com aquela que gerou a União Soviética dos nossos dias. O seu antagonismo em relação a esta e aos Estados Unidos reflecte a natureza da sua origem e a duvida sobre o caminho que vai seguir. A revolução comunista na China e a colonização dos países da Europa Oriental e Central alargaram a esfera de influência do comunismo internacional a uma vasta porção do globo. Entretanto verificou-se que o comunismo se não propagou para além dessa esfera, se exceptuarmos o caso de Cuba sem importância para se lhe atribuir o significado de um precedente, e



Neste largo lapso de tempo a Sociedade das Nações desapareceu, substituida pelas Nações Unidas

que os partidos comunistas nos restantes países da Europa e de outros continentes declinaram sem haverem tomado conta do Poder. Pelo que á Europa diz respeito, esse fenómeno está patente em França e na Itália, países onde existem os mais fortes e numerosos partidos comunistas. Entretanto, com o cisma sino-soviético produziu-se uma crise cuja gravidade está patente e cuja ultima manifestação foi a ausência das representações da China e da Albânia no XXIII Congresso do Partido Comunista Russo.

Estaline desapareceu e a política soviética sofreu uma viragem

A Alemanha nazi, derrotada nos campos de batalha, aceitou a rendição incondicional

QUARENTA E CINCO ANOS NA VIDA DO Diario de Lisbôa

UM JORNAL CADA DIA MAIS MODE

E NORTEADO SEMPRE PELOS MESMOS PRINCÍ

(Continuação da pág. 33)

se com espírito juvenil, indispensável a um jornal sempre moderno e eficiente.

Foi assim confeccionado o n.º 1 do «Diário de Lisboa», nesse já distante dia 7 de Abril de 1921. As reuniões preparatórias realizaram-se num escritório forense da Rua do Carmo, 90-2.º, onde também seria (por curto período) a primeira sala da redacção. Para director foi escolhido o dr. Joaquim Manso, de quem se lê numa obra sobre Lisboa: «Advogado, professor e jornalista que reunia as qualidades necessárias de isenção exigidas para um jornal da tarde republicano, independente de partidos e de facções, caracterizado por uma feição literária e por um sentido moderno de jornalismo». O apoio material, indispensável «de início», deu-o António Vieira Pinto, espírito tolerante e generoso, que ocupava então lugar de relevo nos meios financeiros.

«CONSEGUE VIVER NO MEIO DOS BICHOS»

O jornal começou a compor-se na tipografia Monteiro, na Rua do Mundo, 57, onde também se fixou a redacção, secretariada por Alvaro de Andrade, e da qual, como redactores efectivos, inicialmente, faziam parte Norberto Lopes, o único sobrevivente do primeiro elenco redactorial que ainda se conserva ao serviço do «Diário de Lisboa», Artur Portela, Afonso de Bragança, Costa Rosa (repórter), Nobre Martins (teatro), Carlos Vasconcelos e Sá (mundanismo) e Manuel Rodrigues (tauromaquia). Colaboravam assíduamente D. Fernanda de Castro, D. Virgínia Vitorino, D. Carlota de Serpa Pinto (Clarinha), António Ferro e Tomás Ribeiro Colaço, e eram colaboradores artísticos António Soares, que desenhou o título do jornal, Almada Negreiros e Jorge Barradas. Miguel Martins era o chefe da tipografia, assistido, entre outros, por Manuel do Espírito Santo, o único sobrevivente do primeiro quadro tipográfico, e Eduardo Duarte.

«Os seus primeiros numeros foram escritos, compostos e paginados numa casa escura, humida e fria, que as ratazanas percorriam descaradamente», o que levou um amigo a dizer: «Este jornal há-de ir longe, porque consegue viver no meio de bichos», e o dr. Joaquim Manso a acrescentar: «Provàvelmente foi daqui que o «Diário de Lisboa» adquiriu um certo feitio para não se assustar».

OITO PÁGINAS — DEZ CENTAVOS

Não é sem um sentimento de inveja que se revê hoje o n.º 1: como eram felizes os redactores, que escreviam livremente e tinham apenas de preencher oito páginas! O nome de Joaquim Manso vinha precedido dos títulos: «Director, Editor e Proprietário». Preço do exemplar: dez centavos.

Logo a 13 de Maio o jornal instalou-se na Rua do Mundo (actualmente da Misericórdia), no edifício do jornal «A Pátria», do dr. Nuno Simões, e onde, desde 20 de Março de 1930, está a «Republica». No mês seguinte, Junho, entraram dois novos redactores, Consiglieri Sá Pereira, a 1, e Norberto de Araujo — «um mestre sem cabelos brancos», «um cartaz», a 15 Pouco depois, entrou Manuel Nunes.

A 3 de Novembro do ano da sua fundação, o «Diário de Lisboa» mudou-se para as actuais instalações da Rua Luz Soriano, prédio no qual antes estiveram «A Vanguarda», de Magalhães Lima, e «O Povo», de Ricardo Covões, e que foi adquirido por António Vieira Pinto. Cinco dias depois (8 de Novembro) constituiu-se a sociedade «Renascença Gráfica», como editorial proprietária do «Diário de Lisboa», da qual faziam parte o dr. Joaquim Manso, António Vieira Pinto, Alfredo Vieira Pinto, Pedro Bordallo Pinheiro, dr. Carlos Barbosa e Frederico Igrejas. Em 6 de Maio de 1924 a «Renascença Gráfica» comprou a António Vieira Pinto o prédio da Rua Luz Soriano e o prédio da Rua da Rosa que lhe ficava paredes-meias e onde o «Diário de Lisboa» instalara escritórios e oficinas e onde realizara importantes melhoramentos. Tendo falecido prematuramente aquele que fora a «alma mater» do jornal, por ter tornado possível a realização de uma ideia — o saudoso António Vieira Pinto — sua viuva, por escritura de 19 de Julho de 1929, confirmada em 23 de Novembro, passou a sua parte e a de suas filhas ao dr Joaquim Manso, a Alfredo Vieira Pinto e a Pedro Bordallo Pinheiro, que ficaram constituindo o grupo proprietário da «Renascença Gráfica», isto é, do «Diário de Lisboa».

Por morte de cada um destes representantes do núcleo inicial, assumiram sucessivamente posição equivalente na empresa os respectivos herdeiros, por forma a dar continuidade às características do grupo familiar proprietário do jornal. A linha desta herança, tão caracterizada por valores de ordem moral, permanece, assim, perfeitamente definida, com a presença dos descendentes dos fundadores. Passando pela segunda geração, representada pelo filho do dr. Joaquim Manso, eng.º Pedro Manso Lefèvre, entrou-se já na representação da terceira, com a participação activa do neto de Alfredo Vieira Pinto, dr. António Pedro Ruella Ramos, na gerência dos assuntos administrativos da Renascença Gráfica, para cujo Conselho de Administração foi eleito na vaga aberta pela renúncia ao cargo, de seu pai, o sr. dr. João Ruella Ramos. Para a outra vaga existente pela renúncia da sr.ª D. Elisa Bordallo Pinheiro foi eleito o sr. dr Norberto Lopes, o que assegura, por outro lado, a continuidade de uma orientação que se mantém inalterável, no respeito pela herança espiritual que o actual director do «Diário de Lisboa» recebeu do seu Fundador.

OS PRIMEIROS NÚMEROS

Resume-se em poucas palavras o esquema dos primeiros numeros do «Diário de Lisboa». Desde a edição de 7 de Abril de 1921 havia, como precursor da actual «Nota do dia», um editorial curto, em regra sobre assunto nacional, que vinha ao alto da primeira página, nas duas colunas centrais (eram quatro ao todo, nesse tempo). Por baixo, a partir do n.º 5, foi de uso publicar um desenho caricatural — os primeiros da autoria de Jorge Barradas, António Soares e Eduardo Faria) e mais tarde, também, de Almada Negreiros. Aos lados, duas colunas de «sueltos», «ecos» ou «locais», que abriam com capitular e versavam tudo, mas eram principalmente notícias nacionais, vazadas em forma literária e salpicadas de ironia. Em termos de técnica jornalística de hoje talvez se devesse chamar-lhes «notícias com interpretação».

Nem todas as secções eram diárias, mas a estrutura do jornal pouco se modificara. A página 2 era consagrada, por via de regra, á rubrica de vida financeira, ou a uma crónica literária, social ou económica; ao boletim religioso e á secção teatral, compreendendo comentários, notícias e o cartaz dos espectáculos. A página 3 formava-se com as «Artes e Letras» — artigos, crónicas e entrevistas sobre a vida literária, poemas inéditos e o folhetim. nas primeiras semanas preenchido por novelas de Aquilino Ribeiro. A do n.º 1 era «O Esconjuro», que o jornal apresentava como «preciosidade literária», «modelo de prosa cintilante, cheia de colorido e vigor».

As páginas 4 e 5 não tardaram a destinar-se exclusivamente á «Cidade», rubrica que nesse tempo abrangia quase todos os eventos de Lisboa — dos incêndios á vida mundana, á entrevista da actualidade e mesmo á crónica parlamentar, que então se caracterizava por uma simbiose de notícia e comentário, este irreverente, irónico, ás vezes mordaz. Compreendia «A Cidade» uma crónica ligeira, pitoresca mas romantica, intitulada «Chá das Cinco» e que começou subscrita por Afonso de Bragança, sendo depois colaborada por todos os redactores. Havia as «Notas Mundanas», secção que tomava á sua conta «todos os «fait divers» da sociedade, todas as elegancias, todos os sorrisos oficiais, todas as flores que se cortam, tudo quanto Lisboa tem de magazine». A razão era a de que, conforme já nessa altura lucidamente se pensava, «uma das conquistas do feminino é que o jornalismo já não pode dispensar as mulheres». Em «A Cidade» cabia também a entrevista diária, que começou por Virgínia Vitorino, sendo o texto assinado por Fernanda de Castro.

Nesse numero inicial havia ainda uma secção de «Colónias», significativamente subtitulada: «Apressemos o desenvolvimento das colónias», e também uma secção de «Províncias».

Outra característica das edições de 1921, que demonstrava uma concepção arejada das dimensões do Mundo, era o espaço reservado ao noticiário internacional. Além da página «No Estrangeiro», já no n.º 1 se publicavam mais quase duas colunas de notícias «da Rádio» e da agência Reuter. Logo no numero 2 começava a página onde se conteria «um escrupuloso relato do sucedido, durante a semana, em matéria económica e financeira».

ESPÍRITO DEMOCRÁTICO E SENTIDO DA CULTURA

No fim de um ano de existência, era possível afirmar do «Diário de Lisboa» o mesmo que dele se dirá hoje: o jornal deu aos acontecimentos e aos homens, bem como ás ideias que os dominam, todo o relevo que o seu reduzido formato lhe permitiu. Estava a cancela aberta: políticos, homens de letras, artistas, homens do povo, cristãos e ateus, pessoas de todas as correntes, ainda as mais opostas, «neste jornal falaram, discutiram, atacaram e se defenderam, disseram de sua justiça e de suas aspirações, se mostraram, se confessaram, se exibiram, enfim, têm vivido sempre que têm querido».

O numero de redactores do «Diário de Lisboa» foi crescendo logo a partir do ano seguinte ao da sua instalação na sede actual. Sucessivamente, entraram Sarmento Duque, Félix Correia Alves Martins, Aprígio Mafra, Rogério Perez, Santos Jorge, Carlos Ferrão, D. Carmen Marques, Maurício de Oliveira, Dinis Salgado (repórter fotográfico), Mário Neves, Tavares da Silva (um dos que a morte levou) e, após largo período, José Ribeiro dos Santos, Manuela de Azevedo, bem como outros que já não fazem parte da redacção e aqueles, mais novos, que nela trabalham há menos de vinte anos.

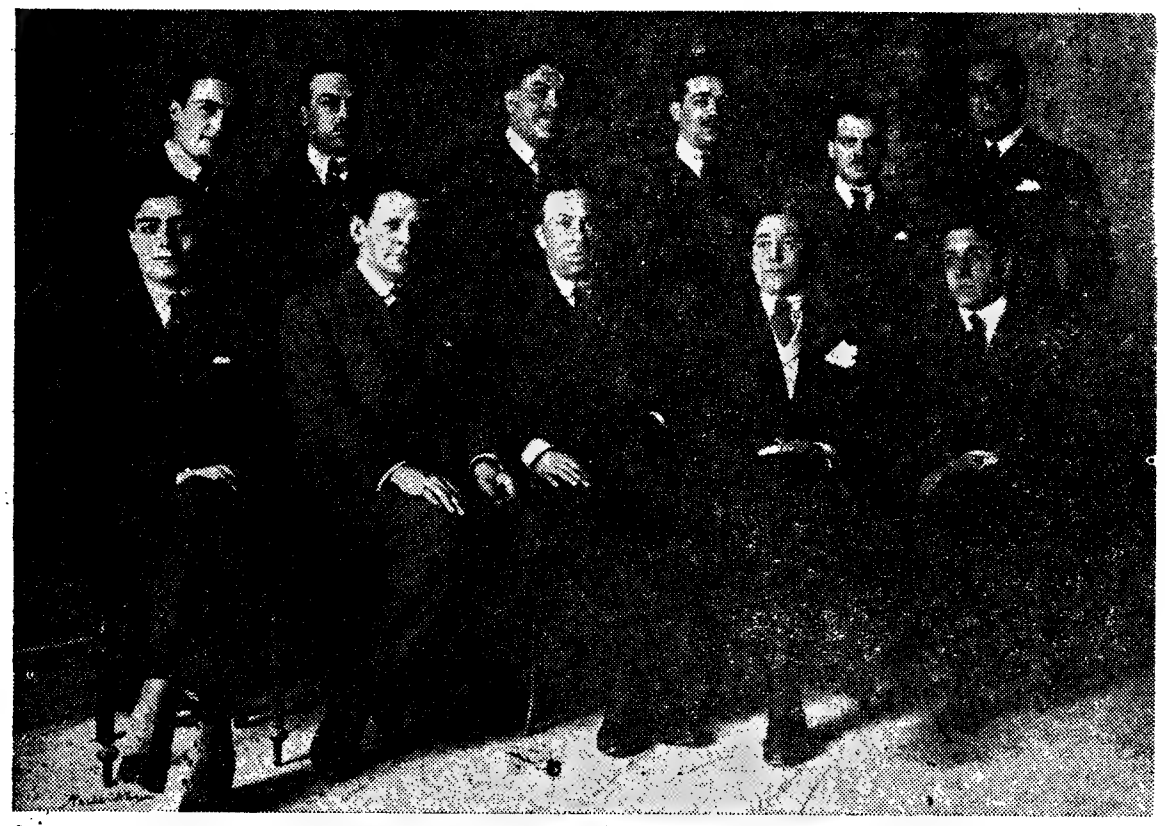
Entre os colaboradores literários e artísticos, alguns vêm da primeira hora, como D. Maria de Carvalho, contando-se entre os maiores nomes da vida intelectual portuguesa aqueles que contribuiram para que o «Diário de Lisboa» tratasse, com largueza e desenvoltura, todos os problemas do espírito, através das artes, das letras, do teatro, da crítica, do ensaio, das ciências, da especulação das ideias. Desde Francisco Valença, Stuart de Carvalhais e Amarelhe (além dos pioneiros: António Soares, Almada Negreiros e Jorge Barradas), passando por esse também grande ilustrador que foi Bernardo Marques, por um Meneses Ferreira, um Carlos Botelho, um Vilhena e um Pargana, muitos desenhadores têm deixado nas páginas do jornal os traços da sua arte e as irreverências do seu espírito crítico.

Nestes quarenta e cinco anos não faltou jamais no «Diário de Lisboa» a colaboração feminina, no começo assegurada por Fernanda de Castro e Maria de Carvalho, e depois por «Clarinha», Virgínia Vitorino, Maria Sofia de Santo Tirso, Maria Roque Gameiro, Anne Chérie Bragança, Oliva Guerra, Teresa Leitão de Barros, Branca de Gonta Colaço, Mercedes Blasco e ainda Francine Benoit, Isabel da Nóbrega, Natália Nunes, Sophia de Mello Breyner Andresen, Elga Paxeco. Curiosamente, os «segredos da intriga internacional» estiveram de princípio confiados a Carmen Marques — «simpática senhora, á parte o seu ar de sufragista» — depois, por largo período, a Irene Vasconcelos, que subscreveu crónicas de alto interesse.

Quase todos os grandes vultos literários contemporaneos do «Diário de Lisboa» se têm contado entre os colaboradores do jornal. Além de João de Barros, que se ligaria ao «Diário de Lisboa» por mais profundos laços afectivos e intelectuais, e de mestre Aquilino, cuja prosa tersa, como dissemos, marcou já o sentido cultural do 1.º numero, a lista de colaboradores abrange poetas, ficcionistas, ensaístas literários e políticos, economistas e sociólogos de todos os quadrantes ideológicos. Citá-la toda seria, em larga medida, fazer a história deste período da vida cultural do País. Um pouco ao acaso, podem-se lembrar nomes como os de Herculano Nunes, dr. José Eugénio Dias Ferreira, dr. Carlos Amaro, Carlos Selvagem, Joaquim Leitão, Pacheco de Amorim, Afonso Lopes Vieira, Raul Leal, Raul Brandão, Diogo de Macedo, Rocha Junior, Augusto Gil, Augusto Casimiro, Cunha Leal, Ferreira de Castro, Ramada Curto (cuja crónica semanal, intitulada «Preto no Branco», era sempre um acontecimento literário e social), Fidelino de Figueiredo, João Ameal, Leitão de Barros, António Lopes Ribeiro e, mais recentemente, o prof. Barahona Fernandes, Fernando Namora, Lobo Vilela, Bastos Guerra, Vasconcelos Carvalho, J. Dias Agudo e ainda o prof. Daniel Barbosa, José Pedro Machado, Jaime Brasil, José Régio, Manuel Mendes, Calvet de Magalhães, Castelo Branco Chaves, Manuel Ferreira, Adriano de Gusmão, Magalhães Vilhena, José-Augusto França, Antunes da Silva, Mário Dionísio, Joel Serrão, Alexandre Pinheiro Torres, além dos actuais responsáveis pela crítica literária, dr. Mário Sacramento, Gastão Cruz e Eduardo Prado Coelho.

A EVOLUÇÃO DO JORNAL E SUAS CARACTERÍSTICAS

Tendo nascido vanguardista, no estilo jornalístico, no formato e no aspecto gráfico, o «Diário de Lisboa» não modificou grandemente a sua fisionomia, durante os primeiros anos. Em 1923 inaugurou o uso da cor: começou pelo verde no título, o que não era de bom gosto, e talvez por isso durou pouco. Por essa época
crement
anuncios
com as ce
que então
se gostava
chegava a
do jornal,
páginas.
Por esse
çava os se
o jornal, t
tor desport
trava-se se
publico. Er
portiva» ap
lado dos «
meçava a
grande fo
um anunci
Simultân
fico enriqu
recurso á
ocupar tod
novo prect
boa» abriu
vespertino
de Lisboa
vembro de
A juvent
ta frutifica
pois do co
pulares su
dras de Sa
das «Rainh
«Miss Portu
vinha de 1
gularmente
dr. Joaquir
(1933) de
fante em
num estilo
que era in
a dirigir-
motivos ól
geiros pas
No ano
gulares a
Barros, a
importânci
gráfica se
na página



A redacção do «Diário de Lisboa» com o seu director, sr. dr. Joaquim Manso, no segundo aniversário da fundação do jornal, e que era sensivelmente a mesma da primeira hora. DA ESQUERDA PARA A DIREITA — Sentados: Norberto Lopes, Norberto de Araujo, dr. Joaquim Manso, Álvaro de Andrade e Artur Portela. DE PÉ: Félix Correia, Carlos de Vasconcelos e Sá, Nobre Martins, Aprígio Mafra, Manuel Nunes e António Alves Martins

ODERNO

PRINC

m há me-
literários
da primei-
de Carva-
s maiores
ual portu-
uiram pa-
sboa» tra-
envoltura,
espírito,
letras, do
nsaio, das
das ideias.
Stuart de
(além dos
s, Almada
das), pas-
n grande
ardo Mar-
rreira, um
ena e um
dores têm
jornal os
irreverên-
co.
anos não
o de Lis-
inina, no
Fernanda
rvalho, e
rgínia Vi-
nto Tirso,
nne Ché-
a, Teresa
de Gon-
o e ainda
da Nóbre-
de Mello
Paxeco.
os da in-
veram de
men Mar-
a, á parte
— depois,
e Vascon-
ónicas de

des vultos
do «Diá-
ntado en-
o jornal.
s, que se
sboa» por
fectivos e
Aquilino,
dissemos,
ural do 1.º
boradores
as, ensaís-
economis-
s os qua-
a toda se-
zer a his-
ida cultu-
ao acaso,
como os
dr. José
dr. Car-
gem, Joa-
de Amo-
ira, Raul
go de Ma-
gusto Gil,
Leal, Fer-
da Curto
intitulada
empre um
e social)
ão Ameal.
nio Lopes
mente, o
s, Fernan-
a, Bastos
rvalho, J.
of. Daniel
hado, Jai-
nuel Men-
s, Castelo
Ferreira,
alhães Vi-
ça, Antu-
nísio, Joel
ro Torres,
áveis pela
rio Sacra-
ardo Pra-

CAS

rdista, no
nato e no
o de Lis-
lemente a
os primei-
rou o uso
rde no tí-
om gosto,
ouco. Por

essa época apenas se notava o incremento na publicidade. Já havia anuncios de um oitavo de página, com as cercaduras rendilhadas de que então (infelizmente...) tanto se gostava. E o total da publicidade chegava a cobrir 25% do espaço do jornal, que mantinha as oito páginas.

Por esse tempo, o futebol lançava os seus tentáculos no País e o jornal, tendo admitido um redactor desportivo (Carlos Sérgio), mostrava-se sensível ás exigências do publico. Em 1926 já a «página desportiva» aparecia regularmente. Ao lado dos «anuncios telefónicos» começava a pesar a publicidade de grande formato (ocasionalmente, um anuncio de página inteira).

Simultâneamente, o aspecto gráfico enriquecia-se com o crescente recurso á gravura, que chegava a ocupar toda a primeira página. De novo precursor, o «Diário de Lisboa» abriu entre nós a época do vespertino dominical, com o *Diário de Lisboa de Domingo* (29 de Novembro de 1931).

A juventude constante do jornal ia frutificando em iniciativas: depois do concurso das quadras populares surgiu (1932) o das quadras de Santo António e a eleição das «Rainhas dos mercados» e de «Miss Portugal». A «Vida Literária» vinha de 1927; em 1933 já saía regularmente a «Página Infantil»; o dr. Joaquim Manso lançou a ideia (1933) de um monumento ao Infante em Sagres; as entrevistas, num estilo dialogal e irreverente, que era invenção da casa, passaram a dirigir-se principalmente (por motivos óbvios) a «quantos estrangeiros passavam em Portugal».

No ano seguinte tornaram-se regulares a colaboração de João de Barros, a página de cinema (cuja importância na cultura cinematográfica se continuaria mais tarde na página «Êxito») e o suplemento literário. Excepcionalmente, o jornal publicava doze páginas; mas a lei reguladora do numero de páginas normais impedi-lo-ia de crescer naturalmente no futuro imediato.

Data de 1935 a página central, com o actual carácter. A partir dessa época, as notícias e os anuncios de teatros e cinemas ganharam maior vulto. O jornal modernizava-se ao sabor da evolução social e do progresso técnico, e não parava nas iniciativas, como a consagração do famoso soldado Milhões, que se cobriu de glória na I Guerra Mundial, as campanhas de segurança rodoviária, «Um Natal em cada bairro» e outras que não vale a pena referir. — e se bem que o seu aspecto gráfico exprimisse as contingências a que já estava sujeita a sua factura — o «Diário de Lisboa» adquiriu novas máquinas de compor e uma oficina de gravura privativa, o que lhe permitiu continuar a dar as notícias da ultima hora, não obstante o volume crescente do noticiário.

A tiragem do jornal expandia-se, e o «Diário de Lisboa», que entretanto via de pé o «Grupo Amigos de Lisboa», na sequência de uma sua iniciativa, passou a multiplicar as edições sempre que os acontecimentos o impunham. A guerra de Espanha teve decisiva influência nessa evolução, assim como na transformação da estrutura do jornal: a grande notícia passou a ter lugar na primeira página.

Pouco antes da guerra de 1939-45 tornara-se habitual a legenda: «O «Diário de Lisboa» de hoje tem 12... 16 páginas». O conflito mundial levou á multiplicação das tiragens e das edições, sendo o noticiário acompanhado de artigos diários de comentário e informação rigorosa, da autoria de Carlos Ferrão.

Em Janeiro de 1943 (dia 9) nasceu a página dedicada á mulher. Um ano depois o noticiário conquistou definitivamente a primeira página, passando os «ecos» para a página central. A paginação tornou-se mais ágil, assumindo uma feição que perduraria: um certo toque clássico (conservador, se dirá) combinado com a valorização dos títulos, para comodidade do leitor apressado e maior leveza gráfica. O numero do 25.º aniversário, já com 48 páginas, sintetiza o progresso operado. (O numero de hoje tem 60 páginas).

Com a morte de Pedro Bordallo, em 1942, o seu lugar no Conselho de Administração passou a ser ocupado pelo sr. dr. Guilherme Pereira da Rosa, como representante da viuva e da filha, sr.as D. Elisa Mendes Carneiro Bordallo Pinheiro e D. Maria Teresa Bordallo Pinheiro Pereira da Rosa.

No habitual jantar de aniversário, em 1948, a «família» do «Diário de Lisboa» ascendia a 150 pessoas. Entre os convivas contava-se ainda Alfredo Vieira Pinto (que a morte levaria em 1952), e já também seu neto, António Pedro Pinto Ruella Ramos. O eng.º Pedro Manso Lefèvre começaria a ser conviva habitual no ano imediato.

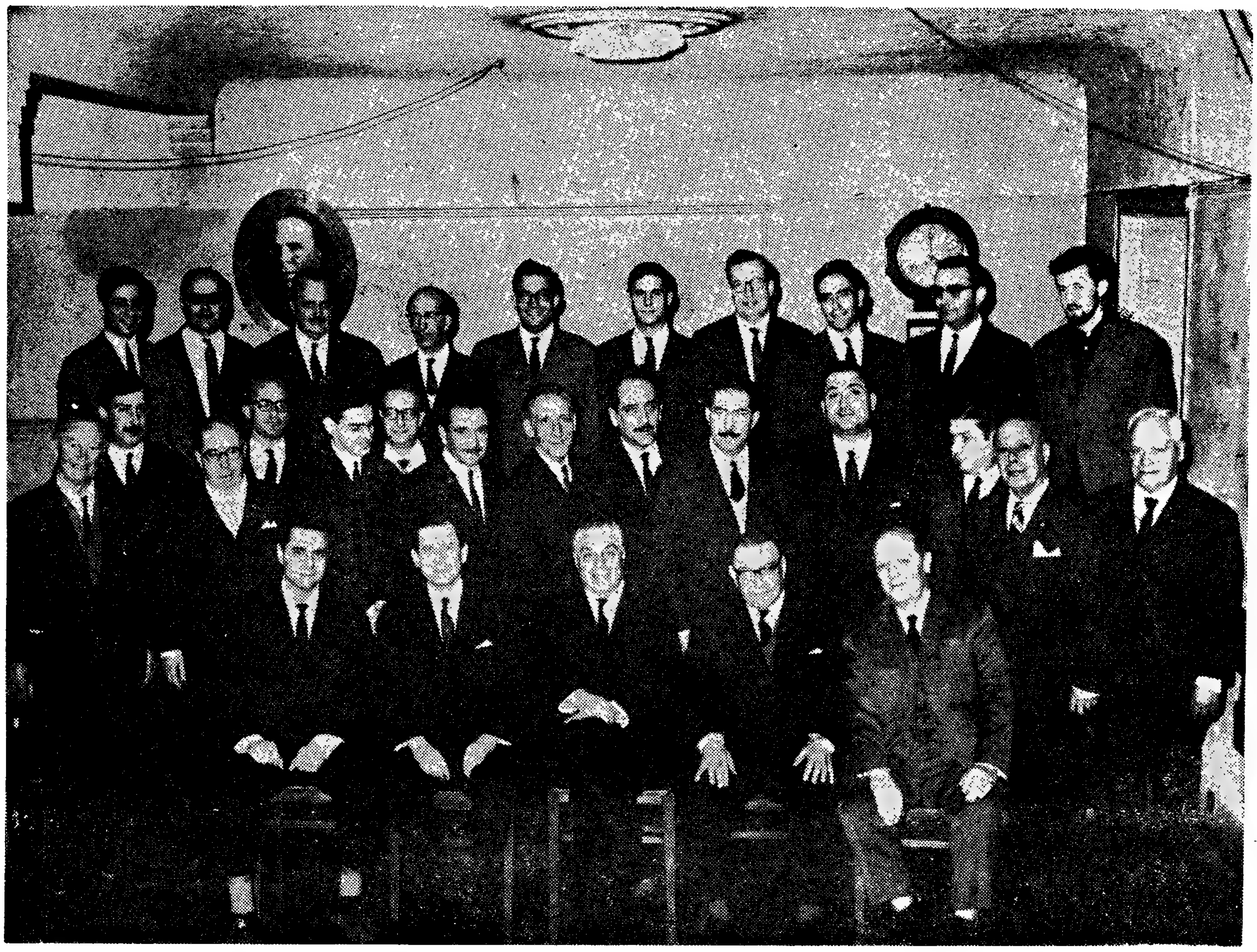
Em 1949, Norberto de Araujo voltou a escrever a sua Página de Quinta-Feira, que era um modelo de crónica desenfastiada dos acontecimentos citadinos. Em 1950 já se institucionalizara «O Conto do Domingo», que trazia ao convívio do leitor grandes nomes deste género literário, e o progresso do meio publicitário reflectia-se no aparecimento de anuncios de grande formato e moderna concepção. O «Diário de Lisboa» alargou ainda mais as suas fontes de noticiário.

Em 27 de Dezembro de 1952, Norberto Lopes tornou-se oficialmente director-adjunto do «Diário de Lisboa», que em 1954 (8 de Fevereiro) iniciou a publicação do Suplemento Desportivo e consagrou os cinquenta anos da actividade literária de Joaquim Manso. Nessa altura, o jornal passou a publicar-se habitualmente com 16 páginas. No ano imediato deu-se um passo notável na modernização e caracterização exterior do «Diário de Lisboa»: datam de 21 de Outubro de 1955, efectivamente, a página de cinco colunas e a «Nota do Dia».

Setembro de 1956 encheu de luto o jornal: no dia 11, morreu Joaquim Manso, fundador do «Diário de Lisboa» e «intérprete fiel da consciência do publico, jornalista de vigorosa personalidade» O «Diário de Lisboa» de 12 tinha já como director o dr. Norberto Lopes — o que constituía a garantia de continuidade, de que o espírito que presidiu á fundação do jornal não morrerá, sejam quais forem as contingências do tempo e da fortuna.

Quando, em 29 de Novembro de 1958, o dr. Mário Neves assumiu o cargo de director-adjunto, o «Diário de Lisboa» prosseguia a sua valorização sucessiva. Já havia o «Juvenil» (4-5-1957) e o «Magazine» dos sábados (19-7-1958). Em Outubro de 1959 (dia 9) apareceram a página de Automobilismo e a secção de Construção Naval. O numero de páginas continuou a crescer: 32, 40 — até ás 64. Sucessivamente, começou (1962) a grande iniciativa que é «O Natal Visto pelas Crianças» e surgiram a «Vida Económica e Financeira» (4-1-1963), o «Guia Turístico» (27-4-1965) e a Página Científica (1-6-1965).

Mas a dinâmica própria do «Diário de Lisboa» exige-lhe que seja não só fiel ás tradições como constantemente moderno: veio o noticiário em inglês e francês, ampliou-se a cobertura do território nacional, com particular realce para a informação do Porto e de Coimbra, iniciou-se o serviço combinado com um dos mais prestigiosos órgãos da Imprensa internacional — «Le Monde», e já se preparam novas realizações e iniciativas...



A actual redacção do «Diário de Lisboa» com o director e o director-adjunto. DA ESQUERDA PARA A DIREITA — Sentados: dr. Vítor Direito, dr. Mário Neves, dr. Norberto Lopes, Carlos Ferrão e Maurício de Oliveira. DE PÉ — na primeira fila: Félix Correia, dr. Fernando Assis Pacheco, Artur Santos Jorge, Pedro Alvim, Alves Fernandes, Nuno Vieira, Edgard de Carvalho, António Marques (repórter fotográfico), Manuel de Azevedo, José Estêvão Santos Jorge, Carlos Machado, César dos Santos, Rogério Perez e Manuel Nunes. NA SEGUNDA FILA: Luís de Oliveira Nunes, Sousa Martins, dr. Fernando Soromenho, Raul Rego, Joaquim Letria, Pedro Rafael, João Gomes, dr. Álvaro Salema, Silva e Costa e dr. José Carlos de Vasconcelos

Do jornalista papa-léguas e da transmissão por pombos-correios ao «telex» e à frota automóvel equipada com radiotelefone

Quando o «Diário de Lisboa» começou, na Rua do Carmo, tinha apenas um telefone — 5213 (Central). Passando a redacção para a Rua do Mundo, continuou o jornal a possuir sómente uma linha telefónica, que chegava e sobrava, aliás, pois nessa altura era rarissimo transmitir pelo telefone qualquer notícia.

De fora da cidade ou do estrangeiro, recorria-se mais vezes ao telégrafo — e o jornal possuia, desde o primeiro numero, o actual endereço telegráfico — DIBOA. Mas na capital o meio de comunicação mais utilizado eram as pernas do jornalista. No primeiro aniversário do jornal já Luis Consiglieri Sá Pereira merecia o qualificativo, elogioso, de «jornalista papa-léguas». Mais tarde, e antes que o telefone ganhasse o lugar de instrumento de transmissão imprescindível, os redactores passaram a fazer-se conduzir de «side-car», sempre que a urgência o requeria.

Com o progresso do serviço telefónico as condições modificaram-se, mas, excepcionalmente, surgiam dificuldades, por exemplo para a instalação de linhas directas, como aconteceu certa ocasião no Barreiro, o que levou Tavares da Silva a utilizar um processo tão velho como eficaz — os pombos-correios.

A evolução posterior foi rápida e surpreendente. Em vez do noticiário em folhas dactilografadas, que no princípio lhe fornecia a «Reuter», o «Diário de Lisboa» recebe hoje o serviço telegráfico de três agências noticiosas através de tele-impressores instalados na Redacção. As notícias nacionais, vêm, principalmente, pelo telefone: o jornal está servido por cinco linhas telefónicas, com 27 extensões, além de 13 cabos instalados a título permanente, para ligações directas aos estádios. Ainda se utilizam, mas para outros fins, motociclos com «side-car» (dois). No entanto, a frota automóvel do «Diário de Lisboa» é agora constituída por oito veículos, além desses.

Por outro lado, está a Redacção dotada de um posto «telex», que a põe em contacto directo e rápido com o Mundo inteiro.

Mas a luta contra o tempo exige a modernização constante dos meios de trabalho, para que não falte ao leitor nenhuma informação de ultima hora. Por esse motivo, há dias que a frota automóvel do jornal começou a ser equipada com radiotelefones. Agora, os repórteres comunicam do próprio teatro do acontecimento com a Redacção ou transmitem a notícia mesmo se bloqueados por esses colossais engarrafemntos que são o pão nosso de cada dia... Basta moverem uma pequena alavanca — e a central radiotelefónica do jornal passa logo á escuta...

45 anos de cinema nacional e estrangeiro

(Continuação da pág. 37)

Nova York» (Gene Kelly e Stanley Donen).

★ «Morte de um ciclista»

Os anos cinquenta dão-nos: «Guernica» (Alain Resnais), «Diário de um pároco de aldeia» (Robert Bresson) «O milagre de Milão» (De Sica). *51* — «Um americano em Paris» (Vincent Minelli), «O capote» (Lattuada), «Casque d'or» (Jacques Becker), «Ela só dançou num Verão» (Arne Mattson). *52* — «Crina branca» (Lanorisse), «O cangaceiro» (Lima Barreto), «O comboio apitou três vezes« (Fred Zinnemann), «Hotel dos Inválidos» (Georges Franju), «Luzes da ribalta» (Charles Chaplin), «Umberto D» (De Sica). *53* — «Amore in città» (Lattuada, Antonioni, Maselli, Zavattini, Fellini, Lizzani, Risi), «Os inúteis» (Fellini), «Shane» (George Stevens), «Senso». (Luchino Visconti). *54* — «Morte de um ciclista» (Bardem), «A estrada» (Fellini). *55* — «O balão vermelho» (Lamorisse), «A leste do paraíso» (Elia Kazan), «Lola Montez» (Max Ophuls). *56* — «Rashomon» (Akira Kurosawa). *57* — «Noites de Cabiria» (Fellini). *58* — «Doze homens em fúria» (Sidney Lumet). *59* — «O meu tio» (Jacques Tati), «Vertigo» (Alfred Hitchcock).

★ «La dolce vita»

Outra década — a de *60:* «Porgy and Bess» (Otto Preminger), «Orfeu negro» (Marcel Camus). *61* — «Balada de um soldado» (Grigori Chukhrai), «O apartamento» (Billy Wilder). *62* — «West Side Story» (Robert Wise), «La dolce vita» (Fellini). *63* — «Lawrence da Arábia» (David Lean), «Duas horas da vida de uma mulher» (Agnès Varda), «Viridiana» (Buñuel).

E mais, e mais, até aos dias presentes, não esquecendo os últimos sucessos, italianos ou franceses, americanos ou ingleses... Sim — não nos censurem! Bem sabemos que não mencionámos «Rocco e seus irmãos», «Fellini, oito e meio», as películas de Bergman, de Antoniono, de Ermano Olmi... Mas o leitor sabe mais do que nós — e assim nos bastamos...

Os cinemas da capital

Olímpia, Condes, Chiado Terrasse e Salão Central — eis os animatógrafos que existiam em 1921, ano em que se principiou a publicar o «Diário de Lisboa».

Três anos depois (1924) surgia o Tivoli. No ano seguinte, abria ao público o actual cinema Avis, que se chamou, quando da sessão inaugural, Trianon, e, depois, Palácio. Por essa altura o Odéon (há sempre um Odéon em todas as capitais...) recebia os seus primeiros espectadores.

O Politeama foi inaugurado em 1927, o São Luiz em 1928 e o Capitólio em 1931. Em 1938, era inaugurado o Eden como cinema, pois já existia como teatro.

Em 1950, 51 52, 53 e 57 foram inaugurados respectivamente, os cinemas S. Jorge, Monumental, Império, Alvalade e Roma.

A sala Estúdio, no Império, abriu ao público em 1964. No ano seguinte era inaugurado um outro cinema — o Mundial.

Este ano, e precisamente no mês passado, um novo cinema abriu ao público — o Europa, em Campo de Ourique.

Cinemas chamados de «réprise» existem os seguintes na capital: Royal Imperial, Lys, Cinearte, Jardim Cinema, Restelo, Cine-Bélgica, Ginásio, Max, Arco-Íris, etc.

Carmen Dolores no papel de Teresa de «Amor de Perdição» (1943). Em 1921, George Pallu realizara um filme inspirado na mesma obra, com Irene Grave na protagonista

Imprensa especializada

Presentemente, quase todos os periódicos reservam algum do seu espaço para uma breve apreciação cinematográfica. Importa salientar, todavia, as publicações da especialidade, quer as que existiram, quer as que ainda hoje se editam. Por falta de espaço, limitar-nos-emos a mencionar as principais. Deste modo, diremos que a primeira publicação portuguesa exclusivamente dedicada aò cinema se intitulava «Cine Revista». Apareceu em Lisboa a 15 de Março de 1917, e o seu último número vendeu-se em 1924.

Seguem-se, por ordem cronológica: «Porto Cinematográfico» (1919), «Invicta Cine» (Porto, 1923), «Cinéfilo» (Lisboa, 1928/39), etc.

Importa aqui salientar que o «Diário de Lisboa» sempre se preocupou com a evolução da arte cinematográfica. Coube á Renascença Gráfica, com efeito, editar uma publicação que ficou como exemplo no género.

«No dia primeiro de Maio de 1930 — lê-se em **«Breve história da Imprensa cinematográfica portuguesa», de Alves Costa** — vem para a rua o primeiro jornal cinematográfico impresso em rotativa. E' um semanário, intitula-se «KINO», tem oito páginas e custa cinquenta centavos. Dirige-o António Lopes Ribeiro. E' propriedade da Renascença Gráfica. Tem um ar novo, jovem e combativo. Entre os mais assíduos colaboradores encontram-se Artur Portela, Norberto Lopes, José Gomes Ferreira, Francisco Soares, Rogério Perez, Olavo d'Eça Leal e André Massil. (...) «KINO» teve uma vida curta, mas marcou uma posição inconfundível entre as melhores publicações cinematográficas portuguesas.»

No decorrer dos anos foram editadas «Imagem», «Animatógrafo», «Movimento», «Grande Plano», etc. (Atente-se que o «Diário de Lisboa» inseriu, durante alguns anos, na sua edição de terça-feira, um suplemento cinematográfico denominado «Êxito», com apreciação crítica, comentários e traduções de textos da especialidade). Actualmente, o «Diário de Lisboa» insere noticiário cinematográfico em quase todos os seus números.

Presentemente, publicam-se as seguintes revistas cinematográficas: «Plateia», «Estúdio» e «Celuloide».

O MESMO RUMO

(Continuação da pág. 33)

aniversário do jornal, definíamos deste modo o nosso pensamento:

«*A coerência é uma das virtudes que inspiram a nossa conduta e a sede de justiça uma das aspirações que fazem parte do nosso ideário. Recebemos de mãos honradas a pesada herança que não deixa de constituir um título de nobreza e assim procuraremos transmiti-la, limpa de qualquer mancha ou hipoteca, a quem nos suceder ao leme desta pequena e equilibrada nau que não receia o perigo das grandes tormentas.*»

Não ignoramos nem enjeitamos as responsabilidades que pesam sobre os nossos ombros. Também nós podemos dizer como o primeiro director deste jornal disse um dia: «Por experiência, conhecemos os prazeres da vida atribulada e independente. Felizmente que possuimos uma rica disposição para aguardar com bastante calma que os burburinhos cessem, vendo-se então a sua injustiça e a sua inutilidade.»

Progressivo por índole e moderado por método, o «Diário de Lisboa» preza muito a sua independência para a sacrificar seja por que preço for. No dia em que essa independência corresse o menor perigo, podemos assegurar que os nomes das pessoas a quem cabe a responsabilidade da sua direcção não continuariam nem mais uma hora, por sua livre vontade — e só essa tem a força suficiente para lhes ditar uma atitude — a figurar no cabeçalho do jornal. E se alguém tivesse a ingenuidade ou a volúpia de pensar que o «Diário de Lisboa», uma vez alterada a sua linha de rumo, continuaria a ser o «Diário de Lisboa», enganava-se redondamente. Não tenham ilusões nem veleidades aqueles que julgam fácil o acesso á cidadela. Nem se deixem algumas pessoas sugestionar por esta ou aquela circunstancia que possa induzir em erro acerca da nossa conduta, porque ela não sofreu nem sofrerá o menor desvio enquanto a actual direcção se mantiver no seu posto. Que esta declaração sirva, pelo menos, para tranquilizar os espíritos daqueles que, aliás com a maior simpatia, se mostram mais inquietos e chegam ao ponto de ver imagens deformadas no cristal em que se espelham as nossas atitudes.

No último artigo que escreveu, há precisamente dez anos, para celebrar a data de hoje, Joaquim Manso definiu deste modo as preocupações e os anseios que lhe ocupavam o espírito:

«*Temos vivido, lutando, e, lutando, venceremos todos os obstáculos que tenhamos de encontrar no caminho. Entendemos que cada um de nós defende uma causa, a fim de que a sua actividade frutifique e se concentre num alvo generoso e fraterno. (...) Os trinta e cinco anos da nossa existência marcam bem o nosso destino e a confiança que nos alenta. Encaramos o futuro animosamente, na certeza de que não nos perdemos em nenhuma encruzilhada de maus apetites e raivosas cobiças.*»

É em obediência a este pensamento e de pleno acordo com a sua consciência que os actuais director e director-adjunto do «Diário de Lisboa» fazem a promessa solene de se manter firmes no propósito que sempre os animou e na linha de continuidade de que eles se julgam, com alguma razão, o verdadeiro penhor. Convençam-se disto tanto as almas caridosas que espalham a nosso respeito os zunzuns mais variados e as insinuações mais torpes, como os leitores fiéis a quem devemos, honestamente, esta explicação. Se um dia corresse o menor perigo a independência deste jornal, a nossa consciência apontar-nos-ia, sem a mais pequena hesitação, o caminho a seguir. Por isso, concluimos este artigo repetindo as palavras que o Fundador do «Diário de Lisboa» escreveu um dia, porventura em circunstancias idênticas, pois têm sido multiformes e frequentes os boatos que atribuem ao «Diário de Lisboa» rumos que não estão no quadrante da sua bússola: «*Trabalha e deixa tocar os realejos.*»

ARGIBAY

SOCIEDADE DE CONSTRUÇÕES NAVAIS E MECÂNICAS, SARL

ADMINISTRAÇÃO — Rua Castilho, 90, r/c. D — LISBOA

Telef. 53 71 67/8/9

●

Estaleiro Naval / Trab. Indústria | ALVERCA DO RIBATEJO

Reparação Naval: DOCA DE ALCANTARA — (Caldeiraria e Forjas)

●

CONSTRUÇÃO NAVAL — com carreiras até 80 M — carreiras em construção para 100 e 140 M

●

REPARAÇÃO NAVAL — dispondo de plano inclinado para atagem até 50 M

●

TRABALHO DE INDÚSTRIA

— Construção e reparação de caldeiras a vapor e outros reservatórios para pressão;
— Construção de estruturas metálicas;
— Apetrechamento mecânico para matadouros;
— Outros trabalhos de indústria;
— Instalações de tubagens e acessórios;
— Trabalhos de caldeiraria;
— Diversos trabalhos de mecânica

●

ESTUDOS — PROJECTOS — ORÇAMENTOS

TUDO PARA JARDINS E PARQUES

EXECUÇÃO E TRANSFORMAÇÃO

ORÇAMENTOS GRÁTIS

JARDIM PRIMAVERA

RUA TOMÁS RIBEIRO, 91 — LISBOA-1

Externato SÁ DE MIRANDA

ENSINO PRIMÁRIO LICEAL E TÉCNICO — TELESCOLA

CURSO LICEAL NOCTURNO

Telefones: Secretaria, 45310 — Direcção, 537532

RUA ALEXANDRE BRAGA, 17 (À ESTEFÂNIA)

Fábrica de Papel da Abelheira

TOJAL – LOURES

Papéis e Cartolinas – Papéis Parafinados
Papéis Gomados – Sacos de papel Multi-folhas e Saquetas

GRAHAM – INDÚSTRIA DE PAPEL DA ABELHEIRA S. A. R. L.

LISBOA – Rua da Alfândega, n.º 160
PORTO – Rua dos Clérigos, n.º 6

Editorial Minerva

Fundada em 1927 por MANUEL RODRIGUES
31, Rua Luz Soriano, 33 — Telef. 32 25 35

COLECÇÕES:

BIBLIOTECA POPULAR MINERVA (bolso), AUTORES DO NOSSO TEMPO, MINERVA (livros de capa amarela), MINERVA (livros de capa branca), BIBLIOTECA PARA TODOS, TERRA-MAR, COLECÇÃO XXI (livros policiais de bolso), LIVROS VÁRIOS—DICIONÁRIOS, AUTORES PORTUGUESES, LIVROS PARA CRIANÇAS E ADOLESCENTES, CATAVENTO MINERVA (bolso).

Peça o nosso catálogo, que o enviaremos imediatamente pelo correio

OFICINAS GRÁFICAS:
Rua da Alegria, 30 — Telefone 3 47 20 **LISBOA-2**

EMPRESA LITERÁRIA FLUMINENSE, LDA.

LIVROS ESCOLARES PARA TODOS
— OS GRAUS DE ENSINO —

ATENDEM-SE TODOS OS PEDIDOS PARA A PROVÍNCIA, ILHAS E ULTRAMAR

RUA DA MADALENA, 145 **LISBOA-2**
TELEFONE, 370396 - PPC

Banco Comercial de Angola

CAPITAL E RESERVAS — ESC. 98.900.000$00

SEDE SOCIAL — **LUANDA**
SEDE AMINISTRATIVA — **LISBOA**

AGÊNCIAS

BENGUELA — LOBITO — NOVA LISBOA — SÁ DA BANDEIRA MALANJE — MOÇAMEDES — VILA MARIANO MACHADO SANTA COMBA (CELA)

DEPENDÊNCIAS:

ALAMEDA D. JOÃO II — MARGINAL — S. PAULO

DEPÓSITOS À ORDEM
DEPÓSITOS A PRAZO
DEPÓSITOS COM PRÉ-AVISO
CÂMBIOS
COBRANÇAS E DESCONTO DE LETRAS
TRANSFERÊNCIAS
TÍTULOS E CUPÕES

CORRESPONDENTES NAS PRINCIPAIS PRAÇAS DA PROVÍNCIA METRÓPOLE ESTRANGEIRO
APOIO FIRME AO TRABALHO NACIONAL

BANCO LISBOA & AÇORES, S. A. R. L.

SEDE — **RUA ÁUREA, 88 — LISBOA**

CAPITAL E FUNDOS DE RESERVA ... ESC. 320 000 000$00

TODAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS

DEPENDÊNCIAS EM LISBOA:

Rua de S. Paulo, 93 — Aven. Almirante Reis, 120-C — Rua 1.º de Maio, 144-B — Aven. da República, 37-E — Aven. de Roma, 43-D — Praça Marquês de Pombal, 1 — Rua Cais de Santarém, 12 — Rua Correia Teles, 18 e Rua Gomes Freire, 168/72

FILIAIS:

Porto, Ponta Delgada e Funchal

AGÊNCIAS:

Aeroporto de Lisboa, Alcanena, Almeirim, Avelar, Bombarral, Caldas da Rainha, Coimbra, Coruche, Covilhã, Estoril, Évora, Figueira da Foz, Mira de Aire, Portimão, Serpa, Torres Novas e Vendas Novas

CORRESPONDENTES NA MAIORIA DAS LOCALIDADES DO CONTINENTE E ILHAS ADJACENTES

THE ANGLO PORTUGUESE TELEPHONE Co. LTD.

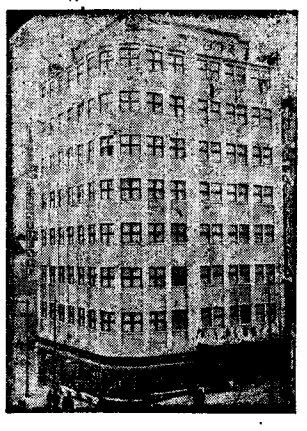
(COMPANHIA DOS TELEFONES)

FUNDADA EM 1887

79 ANOS AO SERVIÇO DO PÚBLICO DE LISBOA E PORTO

LONDRES — Donington House Norfolk Street London W. C. 2
LISBOA — Rua Andrade Corvo, N.º 14
PORTO — Rua da Picaria, N.º 5

TELEVISORES
compre mais barato e ...
CAMINHE MILIONÁRIO
NO SÉCULO XX ...
CONSULTE:
A. SANTOS SILVA
R. PASSOS MANUEL, 4-A
TEL: 539597 LISBOA



HOTEL PRESIDENTE

LISBOA

Rua Alexandre Herculano, 13
Telef. 539501/5

★

Ao serviço do turismo

Escultor de profundo conhecimento da sua arte, Leopoldo de Almeida realizou nas ultimas décadas obra grande que vai desde aquele estranho «Fauno», do Museu Nacional de Arte Contemporânea, á estátua do Condestável, prestes a entrar na fundição. Uma das suas mais recentes obras é o grande baixo-relevo para a Biblioteca Nacional de Lisboa, do qual vemos, na gravura, as duas figuras de D. Maria I e D. João VI. Em primeiro plano o estatuário

Carreiras paralelas: a vida de um jornal e os movimentos de arte

Neste quadro de Almada Negreiros intitulado «Dois Retratos» se documenta verdadeiramente a forma plástica do grande artista: a estrutura forte e harmoniosa do conjunto tecem em si o vigor da obra acabada em que a cor é apenas um complemento. O quadro representa o próprio Almada e sua esposa, a artista Sara Afonso

NO jornal que nascia na Primavera de 1921, sob um signo de renovação e do seu tempo, a Arte tinha relevo especial. Nem poderia ser de outra maneira, já que as coisas do espírito preocupavam sobremodo os que o lançavam e o faziam.

Eram tempos esses em que se discutia um livro ou um quadro com o calor com que hoje se fala das grandes empresas; e os agrupamentos de artistas e sua convivência com homens de letras eram assuntos do dia. Não se tinham ainda encerrado as redacções á convivência quotidiana dos pintores, dos escultores e escritores e havia-os com passagem diária para dois dedos de cavaco pelas gazetas.

Não deixa de ser curioso acentuar desde já o facto de os três artistas mais de perto ligados aos primeiros números do «Diário de Lisboa» estarem ainda na primeira fila dos nossos plásticos, volvidos 45 anos sobre a data da saída do jornal. O cabeçalho do «Diário de Lisboa» foi desenhado por António Soares, pintor de forte personalidade que colaboraria com outras obras também, logo nos primeiros tempos. Almada publicava no «Diário de Lisboa» desenhos e caricaturas e ilustrava artigos e contos. O mesmo fazia Jorge Barradas de quem é um perfil patriarcal de Guerra Junqueiro, além de muitas outras ilustrações. Vinham os três grandes artistas, valores consagrados, dos salões dos humoristas efectuados em 1912 e 1913, no Grémio Literário, e continuaram até agora suas carreiras de pintores sem nunca quebrarem a amizade que, desde a primeira hora, os ligou ao nosso jornal.

A Arte agitava-se então, como se agitavam as coisas do espírito, nesses anos a seguir á primeira guerra mundial, com doutrinas estéticas, políticas, religiosas e sociais terçando armas na Imprensa, no livro, na conferência e na conversa dos cafés. Não eram só os jornais que procuravam renovar-se nos aspectos estéticos e gráficos. Era também o livro e era a revista em que a colaboração de escritores e ilustradores se harmonizava e casava para a integral realização espiritual do indivíduo. Anos antes saíra o «Orpheu» e, à parte Mário de Sá Carneiro, artistas e escritores, que nele tinham colaborado, persistiam na sua campanha. Fernando Pessoa sairia, pouco depois, com «Athena», e colaboraria em «Centauro» e «Contemporânea».

A «Contemporânea» continua a ser talvez ainda hoje a revista portuguesa de melhor combinação e colaboração entre os plásticos e os escritores. Não nos parece que tenha sido ultrapassada, nem sequer igualada, a despeito de outras iniciativas oficiais e particulares de valor. Na altura também a colaboração artística era essencial em publicações como a «Ilustração Portuguesa», o «Magazine Bertrand», ou simplesmente «A Ilustração».

A abundância de publicações nesses anos que se seguiram imediatamente a 1920 não pode deixar de ser tomada como um sintoma da riqueza das preocupações estéticas, que não só das preocupações espirituais.

Nos primeiros números do «Diário de Lisboa» esses anseios de harmonia estética tinham sua expressão pelas penas de redactores e colaboradores vários. Diogo de Macedo, o escultor há pouco regressado de Paris, António Ferro, Afonso de Bragança e Maria Fernanda de Castro e Quadros, como então assinava a poetisa Fernanda de Castro, rubricam entrevistas, críticas, notícias. A primeira crítica formal de artes plásticas é assinada por A. Rodrigues Pereira, que morreria diplomata depois de ter sido professor e chefe de gabinete. A exposição era de Alice Rey Colaço, e tem um desenho inédito da artista. É de 22 de Abril de há quarenta e cinco anos!

Mas, voltando ás revistas e publicações de Arte, não se pode esquecer que muitos dos nomes grados de pintores e escultores se apresentaram primeiro no Salão dos Humoristas. Estavam bem vivas as tradições de Rafael Bordallo Pinheiro e no auge da consagração estava seu irmão Columbano. Teixeira Gomes, o seu grande amigo, seria eleito pouco depois para a Presidência da República. E a própria dinastia dos Bordallos estava dentro do jornal com o espírito distinto e dinâmico de Pedro Bordallo Pinheiro.

Não levaria muito tempo que ao «Diário de Lisboa» se acrescentasse o «Sempre Fixe», espirituoso e gavroche enquanto pôde. Os nomes de Francisco Valença, Stuart Carvalhais, Carlos Botelho, além de muitos dos já citados anteriormente, documentam nesse semanário humorístico o seu talento de grandes artistas. Os jornais humorísticos nasciam e desapareciam de contínuo, muito tendo resistindo o «Sempre Fixe» ao desgaste do tempo e das circunstancias.

A tradição da «Athena» e da «Contemporânea» havia de se continuar em muitas outras revistas literário-artísticas, mas é ainda sob o signo renovador dessa época que procuram desenvolver-se iniciativas como as do «Panorama» e do «Colóquio», por sinal ambas elas a darem-nos o dedo de grande desenhador e homem de requintado gosto que era Bernardo Marques, ora lembrado numa exposição da Fundação Calouste Gulbenkian. Recordemos que António Ferro, que também revelava espírito largamente aberto em questões de Arte, havia sido editor de «Orpheu» e se encontrava sempre ligado a agrupamentos literários e artísticos de vanguarda. O seu nome aparece assim, significativamente, logo nas primeiras páginas do «Diário de Lisboa».

O centro da cavaqueira e das discussões entre artistas, escritores e jornalistas, era a Brasileira do Chiado e o salão da Garrett, quase em frente. A Brasileira do Rossio, essa ficava para os políticos. Na Brasileira do Chiado se realizaram obras e uma campanha de Norberto de Araújo, no «Diário de Lisboa», levava o proprietário, o comerciante António Melo, a contratar a decoração da casa com quadros de Eduardo Viana, Almada, Jorge Barradas, António Soares, Stuart e José Pacheco. O fundo, esse realizá-lo-ia Bernardo Marques. Levou tempo a que o projecto se efectivasse. Cada quadro foi pago por cinco contos e para o Stuart apresentar o seu Moinho foi o cabo dos trabalhos.

Depois desse centro, outros vieram em que a arte teve papel de relevo. Lembremos o quadro do Abel Salazar, no Rialto do Porto, os do Jorge Barradas, no Café Portugal, no Rossio, o retrato do Fernando Pessoa, nos Irmãos Unidos, e os quadros de Fernando Santos, no Nicola, e a azulejaria e os óleos do Café Chiado (para onde também Fernando Santos pintou algumas obras), que abriu e fechou ao cabo de alguns anos. Em frente dele havia de ser colocada pouco depois, há apenas um ano, outra obra de arte, diferente, mas bem portuguesa e do nosso tempo: a decoração cerâmica que realizou o Querubim Lapa para a Casa da Sorte.

Nestes quarenta e cinco anos, um movimento se iniciava que foi o ponto de partida para novo surto da cerâmica portuguesa. A iniciativa foi do Jorge Barradas, que realizou a sua primeira exposição naquela saleta de S. Pedro de Alcântara, há um quarto de século. O público correspondeu rapando-lhe tudo. Outros ceramistas vieram depois e alguns que hão-de ficar para sempre. É o caso do Querubim, o do Semke, o do Cargaleiro, que parece ter-se voltado definitivamente para o óleo e o guache. Mas a cerâmica fixou-se na decoração portuguesa e os grandes painéis de Jorge Barradas em palácios da Justiça, na sede primeira da Livraria Ática, os do Querubim no Banco Nacional Ultramarino, de Lourenço Marques, nos salões da TAP, em Lisboa, Luanda e Joanesburgo, os de Cargaleiro num jardim de Almada, atestam bem a força do movimento. Outros artistas vieram juntar-se e engrossar a corrente, como Mário Silva, no Norte, e Ferreira da Silva, este atirando-se para o sector da industrialização da arte. E ainda este ano será inaugurado, no novo restaurante de Monsanto, enorme painel cerâmico, confiado este pelo Município á artista Maria Manuela Madureira.

No «Diário de Lisboa», iniciaria pouco tempo depois as suas crónicas de arte e as críticas de exposições, o grande jornalista que foi Artur Portela. Sensibilidade privilegiada e conhecedor da Arte e da maior parte dos artistas, Artur Portela muito influenciou a evolução das artes plásticas e sua compreensão por parte do público. Este conheceu muitos dos pintores, escultores e ceramistas através dele e dos seus artigos de rara vibração.

Algumas das grandes iniciativas partiram das colunas do nosso jornal e basta recordar-se a do concurso internacional para o monumento ao Infante D. Henrique, em Sagres, concurso em que se empenhou o próprio director, dr. Joaquim Manso, e aquela figura de herói e sábio de outrora que todos nós vimos passar nas ruas de Lisboa e se chamou Gago Coutinho. O concurso realizou-se, mas, como haveria de acontecer há bem poucos meses a outro concurso de interesse nacional, qual foi o da decoração do maciço norte da Ponte sobre o Tejo, ficou letra morta. A execução não foi por diante e só perderam as artes e o estímulo dos artistas.

É um processo de dignidade profissional, isenção pública e de moralização, esse das grandes obras de arte e outras se efectuarem por concurso. E vai-se perdendo, infelizmente; mal se compreendendo que obras como a remodelação do Teatro Nacional não tenham sido postas a concurso. Demais a mais serve ainda para trazer revelações de técnicos anónimos que, de um momento para o outro, podem subir a primeiro plano, graças ao seu talento reconhecido em júris como esses de Sagres e da ponte sobre o Tejo.

Movimentos de Pintura e Escultura em que os nomes de Almada, Soares, Emérico Nunes, Jorge Barradas, singravam em meios onde pontificavam os Columbanos, os Carlos Reis, Malhoas e Salgados; em que Francisco Franco, Leopoldo de Almeida, Diogo de Macedo, apareciam quando Simões de Almeida, Costa Mota e outros se impunham, agitavam-se nesses anos que se seguiram a 1920. Na Rotunda erguia-se o monumento a Pombal e as exposições internacionais do Rio de Janeiro, primeiro, e logo em seguida as de Sevilha e Barcelona, agitavam os meios artísticos. Anos volvidos o mesmo se verificaria com as exposições de Paris, de Antuérpia, e, já com António Ferro, as exposições de Nova Iorque, de San Francisco e outras manifestações. Mas o que mais movimentaria as artes plásticas neste espaço de tempo foi, incontestàvelmente, a Exposição do Mundo Português, em que trabalharam pintores, arquitectos, escultores, modeladores, ceramistas, uma verdadeira legião de artistas.

Dessa exposição ficaram aquele pavilhão que foi o da Independência e onde muitos pintores e escultores trabalham desde então onde trabalhou Francisco Franco e trabalha Leopoldo. Trabalham ainda ali António Duarte, João Fragoso, Lagoa Henriques, Severo Portela, Martins Correia, Joaquim Correia, Ticiano Valente. É um autêntico cortiço onde dezenas de artistas erguem seu favo de beleza e harmonia. Lá está ainda o gesso da estátua de D. João IV, que, nessa mesma altura, Francisco Franco modelava para Vila Viçosa; e lá está ainda por dias a do Condestável que Leopoldo modelou agora para Lisboa e que dali vai seguir viagem para o fogo da fundição e a eternidade do bronze. Monumentos como os dos Mortos da Guerra e de António José de Almeida enriqueceram entretanto as praças de Lisboa.

Na S. N. B. A. os sócios tiveram movimento grande para sacudirem a poeira acumulada e uma das manifestações de tal inconformismo foi o Salão dos Independentes de 1930. É curioso assinalar a semelhança do momento de hoje com o de então...

Impossível fazer a história da Arte em Portugal nos últimos tempos sem topar com a Fundação Calouste Gulbenkian, que tanto tem contribuído para o avanço, com as duas exposições gerais, exposições por ela patrocinadas ou promovidas como a de «Um Século de Pintura Francesa», com as bolsas de estudo, e de tantas outras formas. Vai-se erguendo, pouco a pouco, o grande edifício do Parque de Santa Gertrudes, que alojará os tesouros de Arte reunidos pelo Mecenas, homem de gosto e de coração que a Portugal veio passar os seus últimos anos...

E os museus de Arte? Nasceram alguns, como esse de Arte Popular, em Belém, o da Marinha, paredes-meias com os Jerónimos. O de Arte Antiga prosseguiu na sua missão, orientado por homens como José de Figueiredo e João Couto; o de Arte Contemporânea, de onde saiu Columbano, que o Diogo de Macedo tentou movimentar, esse caiu agora num sono que está longe de ser reparador!

COMPANHIA PORTUGUESA
RÁDIO MARCONI

ORGANIZAÇÃO E EQUIPAMENTO TÉCNICO
SEMPRE ACTUALIZADOS PARA MELHOR SERVIR O PÚBLICO

SERVIÇOS TELEGRÁFICOS, TELEFÓNICOS E FOTOTELEGRÁFICOS

DE TODO O MUNDO PARA TODO O MUNDO

ESTAÇÕES EM CARNAXIDE – ALFRAGIDE
– VENDAS NOVAS – PORTO – FUNCHAL
– PONTA DELGADA – PRAIA (Cabo Verde)
– LUANDA – LOURENÇO MARQUES

Serviços especiais de aceitação e distribuição de telegramas

LISBOA—R. de S. Julião, 131—Telef. Telegramas Telefonados 34531
Recolha de Telegramas 34537
PORTO-P. Almeida Garret, 27-Tel. 25680 – FUNCHAL-Av. Arriaga, 7-9-Tel. 20011

MONTEPIO GERAL

Depósitos a prazo

de 4 meses

à taxa de 3,5 %

LISBOA — R. AUREA, 219 A 241
PORTO — AV. DOS ALIADOS, 90

AGÊNCIAS EM BRAGANÇA, COIMBRA, ÉVORA, FARO E VISEU

LORILLEUX - LEFRANC
(Nova razão social de Ch. Lorilleux S A)

TINTAS, VERNIZES E SECANTES
para impressão

Fábrica e escritórios
CABO RUIVO — OLIVAIS — LISBOA-6
Telefs.: 389061 - 389082 Teleg.: LORILUX

NITRATOS DE PORTUGAL
S. A. R. L.
Rua dos Navegantes, 53-2.° — LISBOA

Produziram em dois anos mais de 290 000 toneladas de:
NITROLUSAL com 20,5 % e 26 % de azoto, metade nítrico, metade amoniacal
NITRATO DE CÁLCIO com 15,5 % de azoto nítrico
NITRAPOR — complexo binário com 20 % de azoto e 18 % de potássio
Destes quantitativos foram exportados em dois anos para Espanha, África do Sul, Roménia, Rodésias, Checoslováquia, Líbano, Síria, Austrália, Tailândia, Chipre e Turquia muitas dezenas de milhares de toneladas que corresponderam a mais de 160 000 contos de divisas entradas no País.

Após diversos ensaios industriais e agrícolas, vão ser lançados no mercado:
NITRAFÓS — complexo binário
NITRATRÊS — complexo ternário

NITRATOS DE PORTUGAL, S.A.R.L.

N N N N

Os adubos dos NNNN são, sem dúvida, os ADUBOS DAS BOAS COLHEITAS
Prefira-os
NÃO POUPE NOS ADUBOS!

Aspectos da vida literária portuguesa ao longo da existência do «Diário de Lisboa»

Quando o «Diário de Lisboa» desponta na Imprensa portuguesa como jornal moderno, arrojado e dinâmico, num estilo de incoerência que não invalidava a elegância e de inconformismo que não diminuía a sua expressa devoção pelos mais sérios valores a vida literária atravessava entre nós uma fase de indecisa transição. O século XIX estava ainda muito próximo, com a dominadora presença da geração de 70. O neo-romantismo *fin-de-siècle* e o simbolismo tinham esgotado prematuramente os seus motivos de inspiração, só na aparência renovadores. O ímpeto modernista da «Orpheu» passara sobre a superfície intelectuál e artística do País com o seu risonho sabor de escândalo — audácia de rapazes em que pouquíssimos terão adivinhado, na época, as prodigiosas virtualidades de futuro — e Fernando Pessoa continuava a deambular obscuramente pelos botequins da Baixa, ignorado de quase toda a gente. Aquilino Ribeiro, prosador sem par, estava ainda no início da carreira em que viria a construir a sua obra majestosa. Ferreira de Castro balbuciava apenas nos primeiros passos das letras. Raul Brandão só a raros intervalos desvendava uma ponta acidental do seu génio desigual. Teixeira Gomes, em Londres, era ainda, para quase todos, o elegante sibarita das artes, o político e o diplomata em que mal se reconhecia o escritor

O academismo ou um nefelibatismo de curtos vôos eram então, para o maior número, o cunho dominante no nosso mundo das letras. O «Diário de Lisboa» rompe para o grande público, para «a rua», em 7 de Abril de 1921, com as suas páginas largamente abertas aos interesses literários, marcando desde o primeiro número esse carácter que lhe atribuia Aquilino e que Ferreira de Castro tantas vezes tem afirmado perante compatriotas e estrangeiros: o de «jornal português mais acentuadamente literário». Amor da literatura, interesse vivo pelos escritores, acção sempre calorosa e dinâmica na sua irradiação junto do grande público — e, por isso, acção de inalterável independência, isenção e abertura larga. Não são as ferroadas malévolas ou grotescas de agora que alteram esta realidade perene de quarenta e cinco anos.

No artigo de apresentação do jornal já se escrevia com explícito desígnio: «Nunca como hoje Portugal careceu tanto de uma cultura...». E o «Diário de Lisboa» afirmava-se desde o primeiro número, sem prejuízo dos seus fins informativos e de multiforme debate, como instrumento de divulgação dos valores literários e culturais das mais diversas tendências. Nessa edição inicial de 7 de Abril de 1921, Aquilino Ribeiro, credenciado pelo jornal como «romancista brilhantíssimo que há muito conquistou um lugar de primazia nas letras portuguesas», estava presente como autor do folhetim então começado. Intitulava-se «O Esconjuro» e o comentário da redacção classificava-o como «interessantíssima novela regional» e como «modelo de prosa cintilante, cheia de colorido e vigor» Nesse primeiro número figura, também, uma crónica literária de Fernanda de Castro sobre Virgínia Vitorino e regista-se que «há cada vez mais livros nas montras dos livreiros: Júlio Dantas, calmo na sua emoção ultra-ligeira, toca de perto a prosa articulada e berrante de António Ferro; tal como os versos plácidos de Tomás Ribeiro Colaço repousam docemente ao lado das fantasias estéticas de Alfredo Pimenta. João do Rio manda o seu último volume, «Rosário de Ilusão», e Sousa Costa põe á venda «Milagres de Portugal».

Era esse o timbre característico da época. Mas o gosto do jornal pelos valores da literatura, com aplauso ou com sentido crítico, foi logo marcado e não se extinguiu mais. Joaquim Manso era um amador devotado das letras. João de Barros, na sua colaboração assídua, que foi por dezenas de anos uma presença fraterna, alimentava vivamente a chama. E o «Diário de Lisboa» prossegue o seu rumo de «jornal mais literário de Portugal», renovando em cada numero essa faina de sementeira fecunda junto do grande público. Em 9 de Abril celebra-se no jornal o centenário de Baudelaire e João de Barros publica um esplêndido poema consagrado ao Soldado Desconhecido. Em 11 de Abril já surge uma «Página de Artes e Letras» que se mantém quase diàriamente. Em 12 a página é dedicada a Junqueiro, que acabara de publicar «Poesias Dispersas». A 14, Afonso de Bragança comenta uma novela de António Ferro e anuncia-se uma secção regular de crítica de arte, confiada a Afonso Rodrigues Pereira. Logo a seguir, Aquilino Ribeiro inicia novo folhetim: «À Busca da Boa Sorte». A obra de Eugénio de Castro é largamente comentada em 20 de Abril; a 21 é Diogo de Macedo que evoca e aprecia largamente a personalidade artística de Santa Rita Pintor; e a 23, Alfredo Pimenta exalta numa crónica, á sua maneira de então, a obra de Óscar Wilde.

Nesses primeiros numeros já amarelecidos do «Diário de Lisboa», escritores e artistas vindos de todos os quadrantes assinalam o sentido cultural que o valorizava perante um público mais exigente: Afonso Lopes Vieira, Augusto Casimiro, Manuel de Sousa Pinto, Pina de Morais, Diogo de Macedo, Almada Negreiros, Bernardo Marques, Jorge Barradas, António Soares, José Pacheco, Leitão de Barros e tantos mais, além dos anteriormente assinalados, consagram com as suas colaborações um rumo indeclinável. É apenas o início de uma história que se alonga por quarenta e cinco anos, associando o jornal estreitamente á evolução da vida intelectual portuguesa durante esse longo tempo.

Em 1921, precisamente, iniciou também a publicação a revista «Seara Nova», cuja actividade de dignificação e europeização da cultura portuguesa, em outra esfera e associada a outros fins expressos, se manteve também até á actualidade. Pouco depois, reatando com maior largueza e equilíbrio a acção actualizadora e inovadora da «Orpheu», começa a publicar-se a revista «Contemporânea», editada por Agostinho Fernandes — uma personalidade que é outra força de vitalização das artes e das letras em Portugal, prolongada também até aos dias de hoje. O «Diário de Lisboa» acompanha diàriamente, e pelo tempo adiante, a germinação desses valores. Por volta de 1926 surge uma secção regular de «Novidades Literárias», em que se faz a transcrição assídua de trechos representativos dos «vient-de-paraître» literários, com apreciações críticas incisivas e breves. Pouco depois depara-se uma secção permanente de «Notas e Impressões sobre os livros da semana», assinada com o pseudónimo *Goloram*. As «Páginas de Quinta-Feira», de Norberto de Araújo, anotando os mais vários aspectos da vida nacional, incluem também frequentíssimas referências literárias.

Os anos passam, os colaboradores renovam-se entre os que vão permanecendo fiéis, e o jornal continua sendo o veículo de revelação de valores, de debate e de actualização cultural. Em 1927 inicia-se com José Régio, Gaspar Simões e Branquinho da Fonseca, depois com Casais Monteiro, Torga e tantos mais, o movimento renovador da «Presença». Pouco antes da 2.ª guerra mundial em «O Diabo», começa a esboçar-se outra corrente que vem a influenciar sucessivas gerações literárias, trazendo a força criadora de um realismo novo e de uma literatura apaixonadamente vinculada ás verdades essenciais do povo português. Nessa trajectória, abrindo ao acaso as dezenas de volumes da colecção do «Diário de Lisboa» — visto que percorrê-la na totalidade do quotidiano é tarefa de Hércules — deparam-se os ecos da evolução das nossas letras, transportada diàriamente até ao grande público nas páginas do jornal.

Nos primeiros anos da década de trinta publica-se um Suplemento Literário regular nas sextas-feiras de cada semana, com críticas de Norberto de Araújo, crónicas de Augusto Casimiro, Ferreira Lima, Varela Aldemira, Pedro Mayer Garção, etc. São especialmente expressivas da época, por volta de 1935, as entrevistas então publicadas no «Diário de Lisboa» com António Sérgio, Henrique de Vilhena, Assis Esperança, Roberto Nobre, Guedes de Amorim, Alfredo Pimenta, etc. Ferreira de Castro, que iniciara em 1928, com a publicação de «Emigrantes» e no ano seguinte com «A Selva», o caminho definitivo e vitorioso da sua carreira de escritor; Aquilino Ribeiro, trabalhando intensamente na construção da sua obra imperecível; Teixeira Gomes, que no exílio de Bougie retomara a devoção literária; os novos valores que vão surgindo nas letras e nas artes — encontram no «Diário de Lisboa» referências e estímulos quase quotidianos. A reportagem emocionante de Norberto Lopes sobre Teixeira Gomes foi acontecimento relevante na época.

Vêm os anos agitados da guerra de Espanha e da guerra mundial. No imenso e trágico tumulto, o jornal não abdica do seu timbre originário. Pela primeira vez num jornal diário de grande informação, iniciando um esforço esclarecedor que vem a constituir imensa faina alongada no tempo, João Gaspar Simões mantém no «Diário de Lisboa», durante anos sucessivos, uma secção de crítica literária que desempenha papel primacial na modernização da mentalidade portuguesa em tais matérias. Vem a suceder-lhe, durante algum tempo, João Pedro de Andrade. Outros continuam a acção empreendida, até á actualidade, com intervalos breves que não têm sido possível ao jornal, em certos casos, solucionar — mas mantendo-se, afinal, uma continuidade crítica que é já tradição enraizada e os leitores, com permanência que é um símbolo da missão literária do jornal, ao mesmo tempo que os colaboradores de letras e artes se renovam — como a própria literatura portuguesa e a vida do País em todos os seus aspectos.

Na colaboração literária destacam-se, durante a década de 50, as presenças assíduas de Ramada Curto e Hernâni Cidade; Artur Portela preenche activamente grande parte do trabalho redactorial nesse domínio; e Carlos Botelho, grande artista plástico que não se furta ao trabalho ilustrativo de jornal, é um dos valores mais notáveis que marcam desde essa data a sequência das tradições de cultura e arte no «Diário de Lisboa». Desde há largos anos, o suplemento semanal das quintas-feiras «Vida Literária e Artística» tem constituído, com inalterável regularidade, a via de contacto mais ampla do jornal e dos valores que o acompanham com o grande público interessado.

Pouco antes da morte, Aquilino Ribeiro recomeçou aqui uma colaboração sempre esmaltada pelo seu prodigioso talento de escritor. Foi no «Diário de Lisboa», em Fevereiro de 1963, que se deu início ás celebrações do Cinquentenário da vida literária de Aquilino Ribeiro, com um Suplemento integralmente consagrado á sua personalidade e á sua obra. O grande Mestre desapareceu em plena apoteose nacional, lançada e sustentada pelos seus amigos e admiradores — mas continuaram connosco outros altos valores da cultura portuguesa, mantendo o carácter tradicional do «mais literário» entre os jornais do País. São nossos colaboradores de agora, entre muitos que na resenha apressada não ocorrem, José Régio, Fernando Namora, Castelo Branco Chaves, Fernando Rau, o escritor brasileiro Oliveira e Silva, Manuel Ferreira, José Pedro Machado, Adriano de Gusmão, Mário Dionísio, Alexandre Pinheiro Torres, Antunes da Silva, Sophia Andresen, Jorge Barradas, José Augusto França, Rodrigues Miguéis, Rogério Fernandes, Francine Benoit, Casimiro de Brito, Carlos de Azevedo, Carlos Estorninho, Alberto Costa, Armando Martins Janeiro, Manuel Mendes, Serafim Ferreira, Varela Aldemira, Joel Serrão, Jaime Brasil, Maria Amélia Neto, Natália Nunes, Gastão Cruz, Mário Sacramento, Eduardo Prado Coelho — uma plêiade mais numerosa do que nunca, representativa das correntes mais diversas da cultura e da literatura portuguesas e continuadora, nas páginas do jornal, do largo espírito que o inspirou desde as origens.

O «Diário de Lisboa», que foi nestes quarenta e cinco anos decorridos «o mais literário dos jornais portugueses», continua fiel ao seu passado, num presente que abre ao tempo vindouro as perspectivas renovadas da sua trajectória, expressiva em tantos aspectos da evolução, dos problemas e das esperanças da vida nacional.

S.

SENHORES
ARQUITECTOS
ENGENHEIROS
EMPREITEIROS
CONSTRUTORES

CALCINA

É HOJE EM PORTUGAL O MELHOR LIGANTE HIDRÁULICO PARA ARGAMASSAS, REBOCOS E ALVENARIAS.
PREFIRAM, POIS, CALCINA

ENTREGAS PERMANENTES DE DIA E DE NOITE NAS FÁBRICAS DE CIMENTO «TEJO» — ALHANDRA, E DO «CABO MONDEGO» — FIGUEIRA DA FOZ, E ATRAVÉS DA VASTA REDE DE REVENDEDORES ESPALHADOS POR TODO O PAÍS

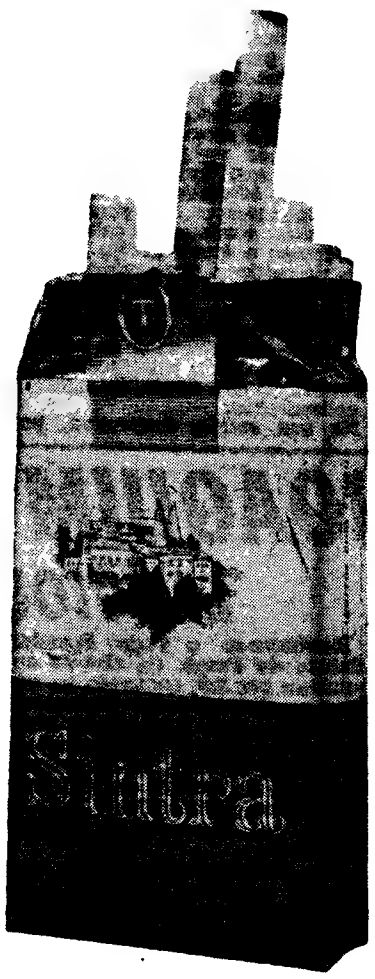
FOTOCÓPIAS-CIRCULARES
e cópias a duplicador. Cópias ozalid. Av. 5 de Outubro (junto ao Saldanha), 31 - r/c. Lisboa.

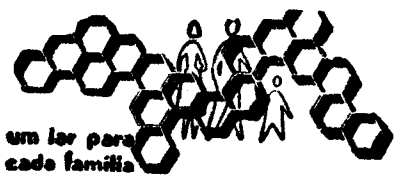
SINTRA ESPERA-O
NO DOMINGO
Para a sua deslocação utilize os
COMBOIOS ELECTRICOS

ALBA
Fábricas Metalúrgicas
AUGUSTO MARTINS PEREIRA, HERDEIROS
Sede em ALBERGARIA-A-VELHA
Telefone: P. P. C. 52206/7
Telegramas: «ALBA».
Delegação em Lisboa:
Rua dos Correeiros, 40, 2.º-Esq.
Telefone: 321363/4
Telegramas: «ALBA»
FUNDIÇÃO DE FERRO E LIGAS NÃO FERROSAS, CONSTRUÇÃO MECÂNICA
Acessórios para redes de água e saneamento. Artigos domésticos e sanitários. Aparelhagem vinícola. Acessórios para instalações eléctricas Artigos para construção civil, etc.

Sintra

Multi-Filtro





A. I. L.

Os Corpos Gerentes

DA

Associação dos Inquilinos Lisbonenses

(SOCIEDADE COOPERATIVA)

Desejam a todos os inquilinos do País e, muito especialmente para os seus numerosos associados UMA PASCOA MUITO FELIZ

António Moreira Rato & Filhos, L.da

MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO
CIMENTO «TEJO»
MÁRMORES — CANTARIAS
«TUBAGEM DE GRÉS»
LOIÇA SANITÁRIA
FIBROCIMENTO «NOVINCO»

Telefones: 660879 - 663708 — Telegramas: «Ratofilhos»
AVENIDA 24 DE JULHO, 54-G
LISBOA

CRÉDIT FRANCO-PORTUGAIS

ORGANIZAÇÃO BANCÁRIA

Fundado em 1895 pelo CRÉDIT LYONNAIS

SEDE EM LISBOA
Rua da Conceição 92 — Telef. 36 25 12

DEPENDÊNCIAS URBANAS:
Avenida Almirante Reis, 247-B — AREEIRO — Telef 710047
e Rua Duarte Pacheco Pereira, 24-F — RESTELO — Telef. 612202

AGÊNCIA NO PORTO
Avenida dos Aliados, 66-80 — Telef. 25705

Dependência de Matosinhos
Rua de Brito Capelo, 94 — Telef. 93 23 92

TODAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS

AO SERVIÇO DA ECONOMIA PORTUGUESA
AO SERVIÇO DAS RELAÇÕES BANCARIAS E COMERCIAIS
ENTRE PORTUGAL E O MUNDO

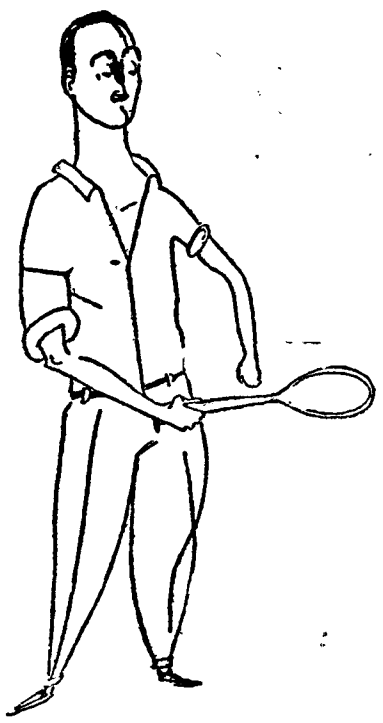
AGÊNCIA BARATA

GASTÃO MENDES BARATA
REGISTADA

A primeira organização do género no País
INSTALAÇÕES EM EDIFÍCIOS PRÓPRIOS

OS MELHORES E MAIS RICOS «AUTO-CARS» **FÚNEBRES**
GARAGENS E OFICINAS PRÓPRIAS NOS SEUS EDIFICIOS

SEDE NA RUA SARAIVA DE CARVALHO, 194-202 TELEFONE P. B. X. 661113 - 665027 PORTUGAL LISBOA



Almada Negreiros foi também colaborador do nosso jornal, a redigir e a desenhar. A gravura representa um desenho seu: um jogador francês de ténis que actuou em Cascais

Quem havia de dizer...

«Para evitar surpresas, desde já declaramos que seremos parcos em elogios. Os jornalistas queixam-se muitas vezes, de ingratidão das nulidades que, à sombra da Imprensa, conseguem elevar-se na política, nas artes e nas letras. O mesmo há-de suceder dentro em pouco aos jornalistas «sportivos». A nós não, que nos escasseia vontade de ter de responder por tal pecado no dia do juízo final.»

Este trecho tem a idade de quarenta e três anos e meio e aparece no «Diário de Lisboa», em 1922. Claro, na secção desportiva..

No dia em que o «Diário de Lisboa» saiu, pela primeira vez, o desporto nacional, ainda em fase primária, rejubilou. Era mais um órgão de informação, um reforço capaz de robustecer o fenómeno que se desenvolvia num crescimento tão natural como irresistível, captando o interesse das multidões, especialmente da juventude.

Em fins do século XIX, a partir de 1892, a Imprensa não ignorava a nova realidade. Vários jornais mantinham secções, reduzidas, é certo, mas, de qualquer modo, a significarem interesse. Ao «Sport», fundado em 1894, e feito por sócios do Ginásio Clube Português, seguiu-se, já no século XX, «Os Sports» (1905), e «Tiro e Sport» (1906), de feição especializada, e o «Jornal da Noite», diário político da capital, onde Norberto de Araujo começou a sua actividade jornalística, dedicando-se ao desporto.

Mais tarde, em 1913, no «Sport Lisboa», o primeiro jornal desportivo de carácter clubista, Norberto de Araujo assumiu papel relevante na já triunfante especialidade. Aliás, foi naquele ano, graças, também, ao aparecimento de «O Mundo», jornal republicano, que o futebol conheceu um forte impulso. A selecção da Associação de Futebol de Lisboa deslocou-se ao Brasil e várias iniciativas foram realizadas com êxito.

«A Pátria», de Nuno Simões, e a revista casapiana «Foot-ball», publicadas em 1920, foram como que o preludio, digamos, do «Diário de Lisboa», o qual testemunhou já o primeiro Portugal-Espanha, acontecimento de todo justificável. E' que, em 1920, o Benfica e o Sporting haviam completado a sua primeira centena de jogos, definindo, assim, uma rivalidade que jamais havia de fenecer — para bem do nosso desporto, considerando o pendor eclético a que ambos se devotaram com entranhado entusiasmo, a despeito de sacrifícios de natureza vária.

Integrando-se, portanto, na missão de informar, sem menosprezar a função formativa, o «Diário de Lisboa» passou a ser um moderno como esclarecido vespertino, atento á evolução do desporto, quer em Portugal, quer no estrangeiro. O publico habituou-se a ver nele o registo criterioso dos principais acontecimentos, sem prejuízo das modalidades de escol, então, o hipismo, o ténis e o bilhar.

Ainda sem a edição dominical, que passou a existir a partir de fins de 1932, e sem o Suplemento Desportivo das segundas-feiras, que surgiu em 8 de Fevereiro de 1954 — foi o «Diário de Lisboa» o primeiro jornal diário a dedicar ao desporto oito páginas exclusivas — as manifestações atléticas contaram sempre nas nossas colunas com o apontamento ajustado. Aliás, não se hesitou em inserir-se, na primeira página de 23 de Dezembro de 1921, uma fotogravura alusiva ao 1.º Portugal-Espanha, que se disputou em Madrid. A leganda refere a presença dos dois «capitães», dos quais um era Candido de Oliveira, que, mais tarde, viria a ser redactor desportivo do «Diário de Lisboa», com presença breve.

Quarenta e cinco anos de desporto, para mais consubstanciados no registo de um diário que cedo alcançou excepcional relevancia em todos os sectores da vida nacional, fundamentariam, inspirando uma interessante como valiosa compilação de factos susceptíveis de fornecerem substanciais subsídios para a obra que ainda está por realizar, ou seja, a história do desporto nacional.

Se fosse viável meter ombros á tarefa, decerto não chegaria uma meia duzia de edições bem recheadas de páginas, segundo o modelo actual do «Diário de Lisboa», para se produzir um trabalho digno da grandeza desse fenómeno no decurso de largo período, a avizinhar-se do meio século. Assim, ante o objectivo de fazer uma resenha em jeito de pincelada impressiva, respeitando, no entanto, a cronologia demarcada no tempo, consoante a relevância dos sucessos desportivos, optou-se pelo que se afigura mais viável na circunstância, isto é, a mutação de casos que, em certa medida, servem para assinalar a adesão do «Diário de Lisboa», adesão, frise-se, que implicava um reconhecimento tácito da projecção e importância do ciclo evolutivo do nosso desporto.

Desde a sua fundação até hoje, o «Diário de Lisboa» pode, mui dignamente, orgulhar-se de ter contribuído bastante para o progresso do desporto nacional. As suas colunas apresentaram nesse longo interregno noticiário actualíssimo, publicado em função do que o espaço permitia, num estilo que acabou por justificar, estimulando os imitadores ao mesmo tempo que familiarizava os leitores, solicitados por quefazeres quotidianos, a ler aquilo que podia ser fácilmente aprendido. Neste aspecto, o «Diário de Lisboa» pode gabar-se de ter sido o precursor do estilo «digest», principalmente nos comentários dedicados ao futebol, em que vários dos seus repórteres, especialmente o saudoso Tavares da Silva — a pena, quiçá, mais fulgurante, verdadeiramente inimitável, que bateu pela vitória da ideia desportiva — capricharam em observar, segundo características pessoais peculiares, não isentas, todavia, de um significativo apuro de forma, a denunciar um grau de cultura que disfarçava, tornando atraente a aridez própria das análises de acentuado teor técnico.

Neste extenso período de quarenta e cinco anos da sua existência, o «Diário de Lisboa», fiel ao princípio que o seu fundador preconizou, exemplificando, procurou sempre ser coerente nas suas considerações críticas, fazendo-o com aquela independência que não se coaduna com flutuações ocasionais, norma que, aliás, nunca cultivou.

O crescimento gigantesco que o desporto português conheceu nas duas ultimas décadas, em especial na ultima, teve, portanto, da nossa parte incondicional apoio, extremoso carinho e rasgada benevolência, considerando certas incidências de ordem pessoal, quando o interesse individual, afectado por deficientes e nocivas intervenções, visava, habidosamente, confundir a missão que é inerente a quem critica sem receio de criticar. Sem vaidade o dizemos, o «Diário de Lisboa», pisando um terreno movediço, sujeito a incompreensões que partem de egoismos desenfreados e vaidades desmedidas, pode ufanar-se de ter cumprido o seu dever, informando e estimulando.

Na sua secção desportiva, presentemente desenvolvida — uma página, pelo menos, por dia, várias ao domingo, e o Suplemento Desportivo ás segundas-feiras — os clubes, sem graduações, habituaram-se a encontrar o amparo compreensivo, que se processa sem visar benesses e còmpensações de ordem material. Acontece que, inumeras vezes, em transes de espaço cerceado, por sucessos de invulgar projecção interna e externa, jamais deixou de se publicar o noticiário desportivo que as circunstancias justificam.

Enumerar as realizações, que empreendemos com significativo êxito, constituiria pecado em que não queremos incorrer. Quem nos lê, sabe o que fizemos, com a mais pura das intenções, pelo que se torna desnecessário pormenorizar iniciativas e campanhas, sempre dignas e sempre construtivas, e outorga de troféus para a disputa de torneios de multiplas modalidades.

Ciente de que os leitores são credores dos máximos esforços, não representará exagero da nossa parte referir, quanto a factos recentes, os sacrifícios que implicaram a deslocação de um redactor ao Japão, onde, em 1964, se realizaram os Jogos Olímpicos — os primeiros em território asiático — e a realização de concursos (um está a decorrer com retumbante sensação) que, em certa medida, apoiaram a justa pretensão de Portugal figurar, pela vez primeira, na fase final do campeonato do Mundo de futebol.

O «Diário de Lisboa» tem a consciência de haver cumprido. E isso já é suficiente para o satisfazer, embora o anime o desejo de realizar mais e melhor, norma que invariávelmente o norteou desde o dia do seu nascimento — 7 de Abril de 1921.

Estilo cerimonioso

«Como o bilhar é uma coisa que interessa a bastantes leitores fomos procurar os srs. Luís Gorjão Mestre e Angelo dos Santos, amador.»

Era assim que rezava, no começo, a primeira reportagem desportiva do «Diário de Lisboa», em 17 de Maio de 1922...

O colega de «in illo tempore» dirigiu a um dos bilharistas a seguinte pergunta:

— V. Ex.ª é o campeão de bilhar?

O futebol na pacatez de Lisboa

A duas colunas, em 27 de Novembro de 1922 — já lá vão, por conseguinte, para cima de 43 anos — o «Diário de Lisboa» publicou uma crónica em que era anunciado o 2.º Portugal-Espanha, em futebol.

Respigamos este trecho:

«Este ano, a 17 do mês que vem, o jogo realiza-se em Lisboa, grande acontecimento nesta pacata e discreta Lisboa onde só há manifestações políticas.»

As primeiras do «Diário de Lisboa»

NOTÍCIA

Foi dada no n.º 5, em 12 de Abril de 1921, uma terça-feira, e era dedicada ao futebol. Nesse tempo escrevia-se «football» e «sport», portanto, sem ainda os discutidos aportuguesamentos.

Na mesma notícia falava-se da reunião da comissão organizadora do torneio para o qual foi instituída a taça «Mutilados da Guerra». Treze linhas na 1.ª página, 4.ª coluna. O jornal compreendia 8 páginas, idênticas ao formato actual, cada uma com quatro colunas.

CRÍTICA

Apareceu a duas colunas, em 16 de Abril de 1921, uma segunda-feira, assinada com as iniciais S. L. e nela aludia-se a uma arbitragem desfavorável ao Sporting no jogo contra o Internacional. Henrique Prazeres, o árbitro, ordenou a repetição de um «penalty» após o guarda-redes Guimarães ter defendido. Gerou-se uma situação difícil e, momentos volvidos, o publico, por causa de uma «mão», «aproveitando a falta dos mantenedores da ordem» invadiu o campo, tentando agredir o árbitro, que fugiu.

Na 2.ª parte, o sr. Alvaro Mata surgiu como árbitro, o Sporting marcou o golo do triunfo e os adeptos «leoninos» deixaram de protestar...

ESTRANGEIRO

O combate, para o campeonato dos «pesados», realizado em 2 de Junho de 1921, mereceu as honras de proporcionar a primeira notícia sobre o desporto no estrangeiro, em 24 de Maio.

Posteriormente, saíram várias referências e, o que foi sensacional, o célebre combate inspirou a publicação de páginas inteiras, por quatro vezes.

Carpentier gozava da simpatia dos portugueses e o «Diario de Lisboa», após a luta, escreveu a toda a largura de uma página «A força bruta de Dempsey venceu a ciência de Carpentier».

Em Lisboa, fizeram-se apostas no montante de 200 contos...

DOMINGO

Foi em 17 de Dezembro de 1922 que, pela primeira vez, o «Diário de Lisboa» saiu a um domingo. Motivo: o Portugal-Espanha, em futebol. Na 1.ª página, uma gravura a 2 colunas com Zamora «numa das suas interessantíssimas defesas». E nas páginas centrais uma desenvolvida reportagem do jogo.

O acontecimento, de resto, fez «perder a cabeça» ao nosso jornal. Nunca, anteriormente, fora dado tanto espaço aos repórteres desportivos.

HORA HÍPICA

O desporto na secção Arte e Letras, com uma crónica de António Ferro! Foi em 17 de Junho de 1921. Tema: «A hora hípica». Crónica dedicada ao mundanismo: «Nos camarotes, nas galerias, há olhos a galgar sobre outros olhos, a vencer distancias, a cometerem faltas... Há corpos de mulheres em «habits rouges», corpos nervosos, corpos a sacudir tintas, corpos hípicos... No «p r o m e noir», deslisam, em «film» de actualidades, os modelos do Amieiro, demasiado modelos, figurinos ingénuos a gritarem: «nós somos modelos! nós somos modelos!...»

... ...

«Ah! Como eu gostava de ver as portuguesinhas, de rostos nus, ansiosos, fixos na roleta do hipódromo... As portuguesas têm um véu na pele do rosto...».

A admirável crónica era ilustrada com a cabeça de «Man War's», o cavalo mais notável do Mundo. A imagem representou a primeira gravura que o «Diário de Lisboa» dedicou a uma actividade desportiva.

JOAQUIM MANSO
ELOGIOU O DESPORTO

Realizava-se o jogo Sporting-Sparta de Praga. Os «leões» empatavam por 2-2, enquanto na véspera os checoslovacos derrotavam o Benfica, por 6-0. Lisboa entusiasmou-se com os visitantes e o «Diário de Lisboa», no dia seguinte, em 14 de Janeiro de 1922 num dos lapidares editoriais de Joaquim Manso, seu fundador e director, perguntava:

«Que manifestação política conseguiria manter a pé firme e debaixo de chuva dez mil pessoas?».

E seguiu-se um rasgado elogio do desporto, que hoje assume a expressão de profecia, decorridos 45 anos:

«O *sport* é a tensão para a perfeição física, para uma maior harmonia plástica, para uma maior beleza, para mais força e mais saúde. O *sport* é um ideal.

Os espectáculos *sportivos* são apenas uma consequência do actual movimento de regeneração física — e num plano diferente. São a projecção de ideias novas, exaltando a multidão que só as pode receber pelas emoções que dão as lutas atléticas.

Os espectáculos *sportivos* são um pouco como a língua de Esofo: bons e maus — constituem o meio eficaz de difusão, e também um perigo, pelo exagero — mas são actualmente indispensáveis...».

Foi em 18 de Dezembro de 1921 que se verificou a estreia da selecção nacional de futebol, contra a Espanha, a qual triunfou, em Madrid, por 3-1. Da esquerda para a direita: Jorge Vieira (Sporting), José Maria Gralha (Casa Pia), António Augusto Lopes (Casa Pia), António Pinho (Casa Pia), Ribeiro dos Reis (Benfica), Raul Nunes (director da F. P. F.), Candido de Oliveira (Casa Pia), Artur Augusto (F. C. Porto), Vítor Gonçalves (Benfica), João Francisco Maia (Sporting), Carlos Guimarães (Internacional) e Alberto Augusto (Benfica)

A PROJECÇÃO DO «DIÁRIO DE LISBOA» NO PORTO E NO NORTE DO PAÍS

(Continuação da pág. 33)

Resolvida a situação no «Século», seguimos para o Porto.

● Falam os telefones do progresso do jornal

As instalações do «Diário de Lisboa» no burgo portuense ficaram no terceiro andar do prédio com o n.º 69, da Rua Sá da Bandeira, edifício do café «A Brasileira», onde foram montados dois telefones, um da A.P.T., outro do Estado.

Não tardou que ali aparecessem Alfredo Pinto e Pedro Bordallo, acompanhados pelo sr. Joaquim Soares, que fora gerente do Banco Pinto & Sotto Mayor. Iam os saudosos amigos entregar-me a delegação, proporcionando-me os meios para ocorrer aos gastos necessários.

A diferença nas despesas de então para hoje dá bem ideia do desenvolvimento do serviço e da expansão do «Diário de Lisboa». Numeros elucidativos são, por exemplo, os que correspondem ao montante das chamadas telefónicas: 71$20 no mês de Janeiro de 1936; 5000$00 no mesmo mês do ano corrente!

Lembra-nos do primeiro serviço que transmitimos para a redacção em Lisboa. Foi no dia 13 de Maio de 1934 e era a notícia de um almoço oferecido por figuras portuenses de relevo á actriz Luísa Satanela, a qual pôs em leilão um beijo que rendeu 3125$00, importância logo repartida por três instituições de beneficência: Asilo Profissional do Terço, Asilo de São João e Instituto de Regeneração «Corpus Christi» em Gaia.

● Expansão crescente

Sob o título *Delegação do «Diário de Lisboa» no Porto*, publicava o jornal, em 24 daquele mês, a seguinte local:

No intuito de melhor servir os interesses do Norte e de acompanhar mais de perto os acontecimentos que naquela região do País se produzem, o «Diário de Lisboa», que conta para além do Douro numerosos e dedicados leitores, acaba de criar no Porto uma delegação que fica instalada na Rua Sá da Bandeira, n.º 69, um dos pontos mais centrais daquela cidade.

Trata-se de um melhoramento considerável, que representa não só uma necessidade absoluta para um jornal que, como o nosso, pretende servir o melhor possível o publico, mas também, e principalmente, uma satisfação dada aos que há muito acompanham o «Diário de Lisboa», por terras do Norte, com um entusiasmo que só serve para nos estimular.

Com a criação da Delegação do nosso jornal no Porto, que fica a cargo do nosso dedicado camarada sr. Guilherme Carvalho, coincide o estabelecimento de uma organização mais perfeita no Norte, que nos permitirá alargar, na medida do possível, a nossa informação relativa áquela região do País.

Em 3 de Junho inseria o jornal a primeira entrevista que fizemos, com o director da I Exposição Colonial, expondo os objectivos e a importância do notável certame.

Durante o período de funcionamento da Exposição, que foi visitada por mais de milhão e meio de pessoas, o nosso jornal (que no dia 17 daquele mês publicava, em gravura, a fotografia da fachada da Delegação) procurou sempre dar o maior relevo aos importantes acontecimentos relacionados com o certame.

Entretanto, crescia a expansão do «Diário de Lisboa», cuja venda no Porto subia de centenas a milhares de exemplares, subindo a par a publicidade e alargando-se a rede de assinaturas.

● Efemérides da vida do jornal

Crescendo em tais proporções, os dedicados leitores tornaram numa força considerável de opinião publica o «Diário de Lisboa», fazendo dele o que corresponde aos nossos sonhos: um grande jornal atento aos superiores interesses da Nação e aos problemas colectivos e procurando sempre dar a sua colaboração objectiva, esclarecedora para as soluções dos mesmos no plano da equidade e da justiça. Janela aberta para o vasto mundo, as suas colunas reflectem todos os acontecimentos com especial relevo para o que se passa no País.

Mantendo uma tradição e sempre com espírito inovador, deve-se, por exemplo á delegação do Porto a criação, mais tarde secundada por outros jornais, de um serviço que trouxe largas vantagens não para a Imprensa, mas para outras entidades. Foi o serviço de transporte dos jornais em automóvel, entre Lisboa - Porto, nos dois sentidos. Com a supressão de comboios, iniciada no decurso dos primeiros dias da ultima guerra e prejudicando, desde logo, as ligações ferroviárias entre o Sul e o Norte, esse serviço evitou maiores prejuízos para as duas cidades e permitiu-lhes a leitura inalterável dos jornais.

Entre outras efemérides curiosas na vida do jornal, no que ao Norte se refere, recordamos a greve dos *ardinas*, com acentuados efeitos. Para atenuá-los e corresponder á ansiedade dos seus leitores, fomos nós mesmos, juntamente com alguns engraxadores do «Café Imperial», vender os exemplares do «Diário de Lisboa», que o seu agente, sr. Manuel da Silva Braga nos confiara.

Em 3 de Setembro de 1939 nos dias cruciantes do começo da guerra, lançava-se uma tiragem extraordinária do jornal — um suplemento, que saiu ao meio-dia, anunciando: «Depois da França, a Inglaterra declarou a guerra á Alemanha».

Havia também no Norte o anseio de notícias sobre o terrível acontecimento. Quanto a comboios, existia apenas o «Sud», que, ao chegar á Pampilhosa, tomava o caminho da Beira Alta. Milhares de exemplares foram embarcados na estação do Rossio. Mas era preciso ir buscá-los á Pampilhosa e trazê-los para Espinho, que regurgitava de banhistas, para o Porto e a Póvoa de Varzim, onde, no Verão, cai principalmente todo o Minho.

Num automóvel de praça, guiado por experiente motorista e com meia-duzia de «ardinas», fomos a caminho da Pampilhosa, onde o comboio internacional chegou á tabela. Em breves minutos se transportaram os maços de jornais para o automóvel, que veio, como se costuma dizer «pelo ar», a uma velocidade diabólica. Era preciso chegar a Espinho e á Póvoa antes de terminarem as touradas. E ali estávamos á hora precisa. Em Espinho os maços desapareciam, arrancados das mãos dos garotos. Na Póvoa de Varzim foi a mesma coisa. Era a primeira vez que, tanto numa como noutra praia, se vendia o «Diário de Lisboa», ainda com sol. Foi um dos muitos e clamorosos êxitos do nosso jornal.

Pouco depois, em 17 do mesmo mês, repetia-se a operação. Outro suplemento anunciava, desta vez, outro golpe sensacional no decorrer da guerra: a Russia invadira a Polónia. Então iam connosco no automóvel dez dos mais pequenos vendedores de jornais — e todos no carro como sardinhas em canastra. Voltámos ao Porto sem um unico exemplar do «Diário de Lisboa», cujas tiragens por muitas outras vezes se esgotaria.

● Fiel à tradição pelo caminho do progresso

Outras vitórias, outras batalhas se assinalam, com justificada euforia ao longo de trinta e dois anos de esforçada actividade, que se dá por bem empregada em prol deste jornal — e implicitamente da causa jornalística.

Aos telefones atribuimos a causa principal do nosso calvário, pelo tempo gasto á espera das ligações, tempo que se perdia, em prejuizo do noticiário — sempre da maior urgência para o jornal,

Quantas horas se esvaíram e nós á espera de uma ligação, que nunca mais chegava, por vezes duas, três, quatro ou cinco horas a sofre, quase todos os dias, e se calhava, a ligação era feita em menos tempo, outros percalços acontecia. Não se ouvia, ou quando se ouvia era mal e confusamente.

Após o ciclone de Fevereiro de 1941, estivemos mais de quinze dias sem comunicações telefónicas. Até de um posto de rádio militar nos socorremos! O serviço era muito deficiente e quantas vezes com grandes atrasos.

Hoje, isso passou, temos um serviço de teleimpressores, ao ritmo da época. Transmitimos o noticiário e o mais á hora que queremos; fazem-se perguntas que têm imediata resposta; não há problemas complicados.

Aqui damos uma ideia do esforço, na parte que ao Norte compete, para a expansão, o engrandecimento do «Diário de Lisboa» — um jornal de tradições, que segue pelo caminho do progresso na sua época.

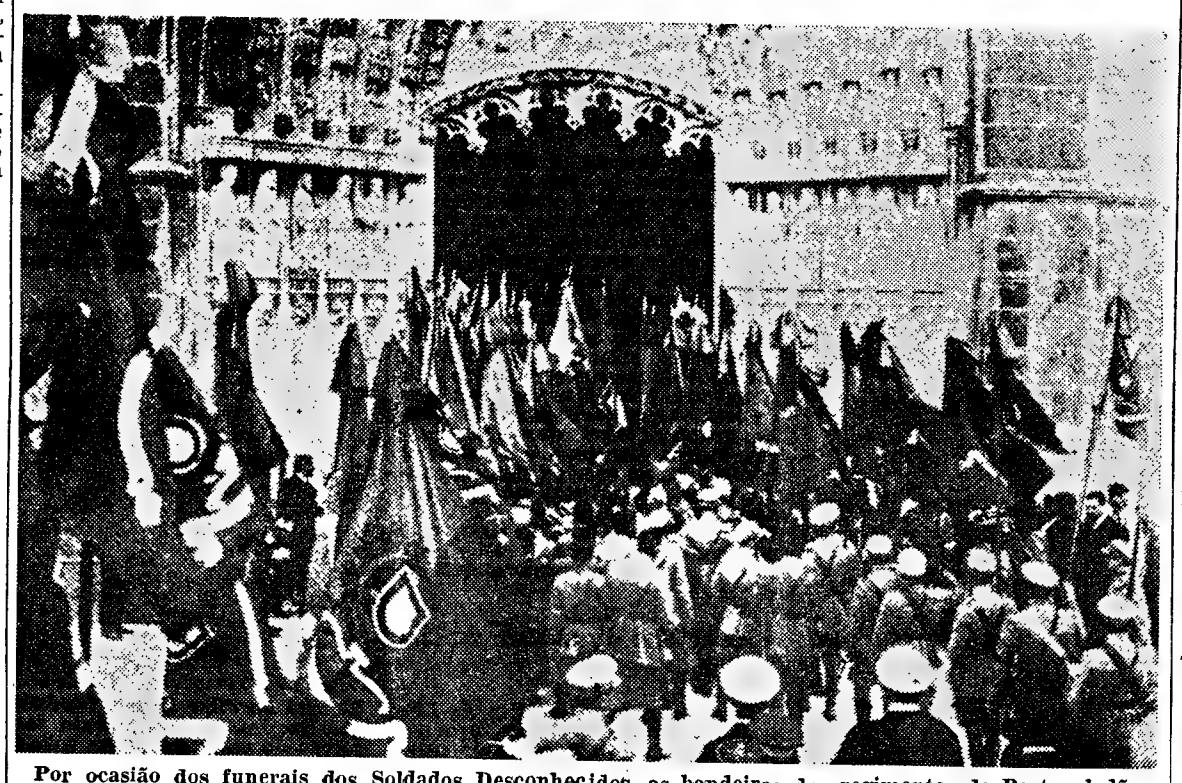
O momento histórico em que Gago Coutinho e Sacadura Cabral descolaram do Tejo para o voo ao Brasil

Grandes acontecimentos da vida nacional

(Continuação da 39.ª pág.)

e no ultramar, foram nas nossas colunas relatadas com a exclusiva preocupação de prestar culto á verdade e obedecer ás regras da probidade profissional que sempre nos nortearam. A vida da metrópole e do ultramar, com as suas alternativas, pode ser apreciada folheando as colecções deste jornal que, por vezes, no meio de dificuldades e contratempos, se conservou fiel á sua tradição e aos princípios em que se criou e cresceu. Durante vinte anos ocupando a chefia do Estado o marechal Carmona e estando á frente do Governo o professor dr. Oliveira Salazar, que contou com a colaboração de numerosas equipas ministeriais, prosseguiu a tarefa de transformar o País, adaptando a sua evolução ao condicionalismo das duas décadas de 1930 a 1950.

Entretanto, não nos conservámos alheios ás flutuações da vida internacional. A guerra civil espanhola e a segunda guerra mundial tiveram directas repercussões entre nós e delas nos ocupámos nos seus multiplos aspectos, ao mesmo tempo que a actividade política nacional se manifestou em campanhas eleitorais para a escolha do Chefe do Estado e da Assembleia Nacional e nos trabalhos desta e da Camara Corporativa. A adaptação da economia ás regras do corporativismo e os reflexos que este teve na vida social e profissional, foram aspectos que assinalámos com o relevo correspondente á sua importancia. Factos e homens, acontecimentos e figuras, episódios e individualidades que os animaram, tudo o que, de longe ou de perto, directa ou indirectamente, se relacionou com a vida e o progresso de Portugal metropolitano e ultramarino foi por nós tratado nos limites da nossa capacidade e no ambito dos nossos recursos. Desde 1961 a guerra nas províncias da Guiné, Angola e Moçambique, o doloroso episódio da India, passaram a ocupar lugar predominante no pensamento dos dirigentes do País e na vida do povo, pelo que lhes fizemos as destacadas referências que merecem como factos de decisiva importancia no presente e para o futuro da Pátria.



Por ocasião dos funerais dos Soldados Desconhecidos, as bandeiras dos regimentos de Portugal dão entrada no Mosteiro da Batalha

SOCIEDADE DE CONSTRUÇÕES AMADEU GAUDENCIO

ESCRITÓRIO E OFICINAS R. ALEXANDRE BRAGA, 4-A LISBOA

ARQUITECTURA E ENGENHARIA

TELEFONES

P. P. C. A. 43191 - 43192 - 43193

End. Telegráfico: «CONSTRUÇÃO»

CONSTRUÇÕES CIVIS
BETÃO ARMADO E PREESFORÇADO
CARPINTARIA MECÂNICA
TRABALHOS DE PINTURA E ESTUQUES

DEPÓSITO DE MATERIAIS:
ESTRADA DE MOSCAVIDE, 17-19

Telefone 38 90 72
LISBOA

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO
Para a sua deslocação utilize os COMBOIOS ELÉCTRICOS

VISITE ELVAS
Organização Hoteleira e Turística
OFERECE:
RESIDENCIAL C/ SNACK-BAR
O LIDADOR
ESTALAGEM DE SANTO ANTÓNIO
com parque para automóveis no BAIRRO DE STA. LUZIA
Micro — Produtos regionais
Estação de serviço Sonap
RESERVAS TEL. 602 — ELVAS
Guias para a visita á cidade e a Espanha

SEJA DO SEU TEMPO E VIA
motor

PELO TRILHO DO PROGRESSO

SEGUE O «DIÁRIO DE LISBOA» SEMPRE MAIS DEPRESSA PARA O PORTO E TERRAS NORTENHAS

No começo da segunda guerra mundial, afectadas as comunicações, agravando-se a situação difícil pelas supressões de alguns comboios, a venda do «Diário de Lisboa», considerável no Porto e na região nortenha, sofreu as consequências de tal anormalidade, que tendia, naturalmente, a agravar-se.

Impunha-se resolver tal situação, pois a massa dos leitores sentia mais, então, como fácilmente se compreende, a falta do jornal com o seu largo noticiário dos acontecimentos históricos que o Mundo vivia. Haveria que descobrir maneira de evitar que o «Diário de Lisboa» chegasse ao Norte no dia seguinte. Para isso se começou a trabalhar, desenvolvendo a Delegação no Porto, apreciável actividade. Descobriu-se, por fim, a solução do problema: o transporte de jornais em automóvel, serviço que se organizou com toda a regularidade, sem que houvesse limites nos encargos e sacrifícios para atender as legítimas aspirações dos dedicados leitores do «Diário de Lisboa».

Na Delegação do Porto trabalhava-se no esquema preparatório dessa ligação diária entre as duas cidades, de modo que a capital do Norte tivesse o jornal no próprio dia. Com a colaboração de Jácome Dias, fizeram-se cálculos de tempo e distancias, de despesas e outros pormenores indispensáveis e chegou-se á conclusão de que o «Diário de Lisboa» podia aparecer, diáriamente, no Porto ás 23 horas.

Outro dedicado amigo, Urbino Amado, deu, também, o seu melhor esforço para a realização da iniciativa, Jácome Dias, por influência do também nosso amigo Gaspar Baltar, que fora director do nosso prezado colega «Primeiro de Janeiro» foi obtido de Manuel Pinto de Azevedo Junior o consentimento para uma experiência. Assim, no dia 6 de Outubro de 1939 saí do Porto num velho carro «Lancia», pertencente a um tio de Urbino Amado, o sr. Moita (que ainda hoje faz o serviço entre Leiria e Porto). Chegou o automóvel a Lisboa cerca das 10 e 30 e aqui se vendeu o «Janeiro» a essa hora. Havia que resolver alguns problemas que interessavam aos jornais de Lisboa, mas o principal da experiência, de valor fundamental para nós, era levar o «Diário de Lisboa», todos os dias, para o Norte, a hora propicia, de modo a corresponder aos anseios dos seus numerosos e fieis leitores.

● Experiência mais dura que um «rally»

Saiu o carro de Lisboa ás 17 horas, na viagem de retorno, e chegou ao Porto ás 22 e 30.

Foi um esforço tremendo da máquina e dos homens. O automóvel ardia por baixo, perdera o tubo de escape e outras peças, mas a experiência cumprira-se com os resultados previstos. Ainda havia, contudo, quem duvidasse da possibilidade de se manter a ligação com os horários calculados e mantidos naquela experiência decisiva. E até alguns automobilistas acostumados a duros «rallyes» afirmavam que jamais conseguiram manter a média conseguida na grande experiência do «Diário de Lisboa».

Estabelecida, entretanto, a combinação «Janeiro-Diário de Lisboa», os nossos amigos Jácome Dias e Urbino Amado fizeram, entre eles, uma sociedade particular para a exploração da carreira. Carros não havia! (Estávamos em tempo de guerra). Eram táxis alugados em Lisboa e no Porto, onde chegavam á noite com o «Diário de Lisboa», sem se saber ainda qual seguiria, de madrugada, para baixo com «O Primeiro de Janeiro». Era uma improvisação, ao sabor da sorte...

Assim iam as coisas andando, até que um dia aquela sociedade comprou o primeiro carro, o qual «estoirou» porém ao fim de pouco tempo. Carros e mais carros foram adquiridos, carros usados em segunda, em terceira, em muitas mãos... A coisa começava, porém, a dar dinheiro e a sociedade teve carros novos. Um dia, contudo ela desfez-se: saiu o sócio Dias, ficou o Amado, que parece continua só a manter a carreira ao serviço dos jornais.

● Em velozes aviões

Várias fórmulas foram usadas para o transporte dos jornais entre Lisboa e Porto. Lembra-nos, por exemplo, que, durante alguns anos o «papel» para o Porto e estações do percurso, seguia por caminho de ferro, no «rápido» então já restabelecido.

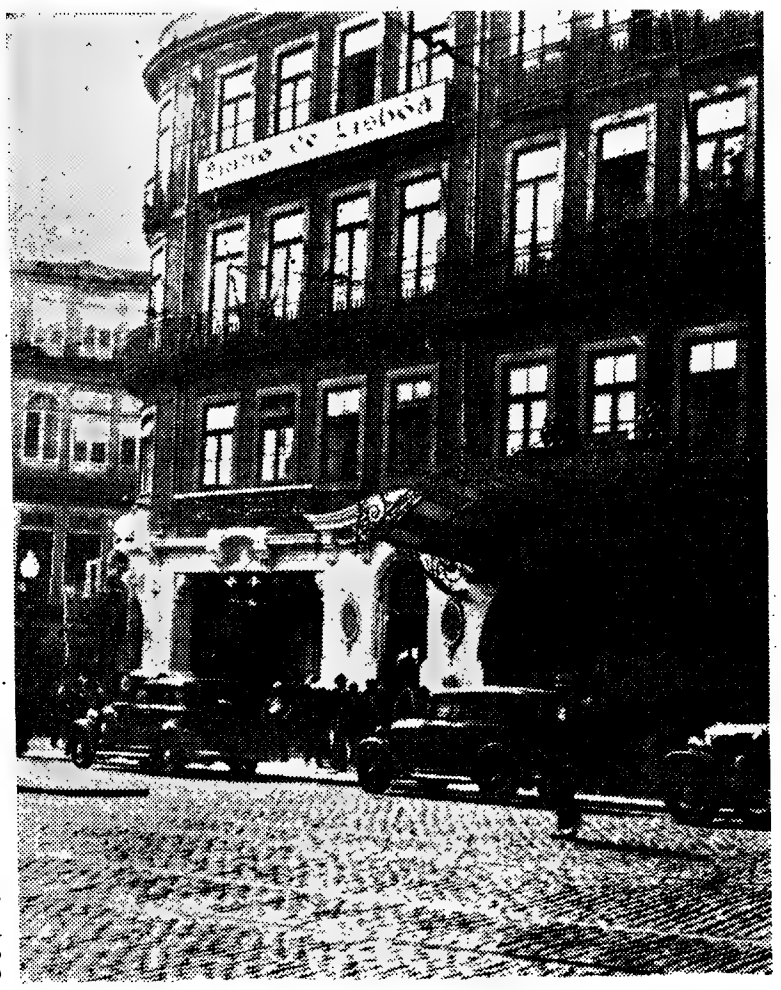
A remessa ia para Devesas e dali os carros da Auto-Transportado dos jornais conduziam-na á estação local, onde os exemplares eram contados e entregues aos vendedores. Com isso ganhava-se cerca de mela hora.

Da venda tomou conta sempre Manuel da Silva Braga, cuja conceituada agência se encarregou, muitas vezes, de transportar em automóvel para a cidade de Braga.

E chegou o dia em que o jornal foi para o Porto de avião. Em 1948 repetia-se essa experiência mais veloz...

No ano findo, operou-se nova remodelação no sector da expansão do jornal, que passou a chegar ao Porto, normalmente, por volta das 18 e 40.

Esta breve resenha das ligações Lisboa-Porto para levá-lo cada vez mais rápidamente ás laboriosas terras nortenhas — é bem o símbolo do próprio «Diário de Lisboa» no caminho do progresso inovador, para corresponder ao favor dos seus dedicados e sempre mais numerosos leitores.



A primeira sede da delegação do «Diário de Lisboa», no Porto, na Rua Sá da Bandeira, onde esteve até Abril de 1937

A nossa delegação no Porto em pleno funcionamento

Os valiosos colaboradores que têm impulsionado a crescente expansão do «Diário de Lisboa» no Norte

Desde o seu primeiro numero, e numa expansão sempre crescente, o «Diário de Lisboa» é distribuído no Porto, pela Agência de Publicações, fundada em 1895 por Manuel da Silva Braga, que teve como dedicada e incansável colaboradora, sua esposa, sr.ª D. Maria Ribeiro da Silva Braga.

Durante o período da sua esforçada e valiosa colaboração, Manuel da Silva Braga manteve as melhores e mais amistosas relações com todos os que, no seu tempo, trabalhavam no «Diário de Lisboa», especialmente com Alfredo Vieira Pinto e dr. Joaquim Manso, por quem Manuel da Silva Braga tinha grande admiração.

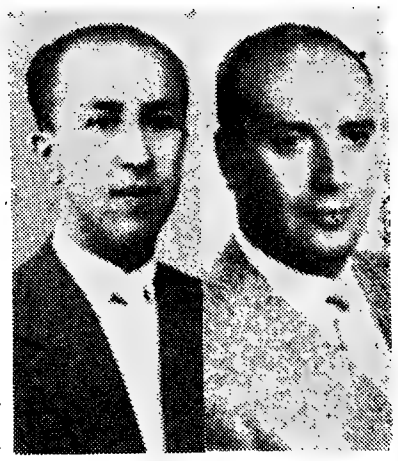
Falecido Manuel da Silva Braga em Dezembro de 1959, sucedeu-lhe, como proprietário e continuador da Agência de Publicações, seu filho, Mário da Silva Braga, nascido, bem se pode dizer, entre os jornais e que dava, havia já muitos anos, a melhor colaboração a seu pai. Com o «Diário de Lisboa», onde a sua dedicação é muito apreciada, mantém as mesmas relações de amizade. Animado do mesmo espírito de luta e norteado pelos mesmos princípios de leal cooperação, contando com um grupo de excelentes colaboradores, alguns dos quais com vinte e trinta anos de serviço, modernizando, tanto quanto possível, os seus serviços de distribuição, Mário da Silva Braga continua no firme propósito de bem servir o «Diário de Lisboa» e outras empresas que representa.

● O «vício» do «Diário de Lisboa»

Durante anos, o «Diário de Lisboa» chegava á capital do Norte pelo comboio «rápido», cerca da meia-noite. E havia grupos de leitores, com o «vício» do jornal, que o aguardavam, mesmo nas noites invernosas, nos «cafés» e na Praça da Liberdade, avolumando-se esses magotes á saída dos cinemas.

Aguardavam, também, a chegada do jornal os funcionários da Agência de Publicações, de Silva Braga, que logo na estação de São Bento procedia á entrega dos exemplares aos «ardinas», os quais, velozmente, se espalhavam pelas várias zonas da cidade, fazendo retinir o seu pregão que ia alegrar tanta gente, os fiéis leitores do «Diário de Lisboa», ansiosos pelo seu jornal.

Também já nesse tempo os poucos estabelecimentos do burgo abertos á hora tardia da chegada recebiam, contudo, o «Diário de Lisboa», por assim dizer no próprio dia. Hoje, no Porto é lido á mesma hora em que circula na capital — mercê de um esforço que não é poupado para servir o seu publico e tem a larga compensação de grandes dedicações e sólidas amizades.



AGOSTINHO MARTINS e ANTÓNIO FERNANDES RODRIGUES RIBEIRO, dois dedicados funcionários da Agência de Publicações, de Silva Braga, que contribuem também para a larga expansão do «Diário de Lisboa», nas terras nortenhas. O primeiro (á esquerda), empregado de escritório, é o unico ainda vivo dos que foram distribuidores dos jornais aos «ardinas», ainda antes de 1939. O segundo, António Fernandes Rodrigues, tambtambém unico antigo «ardina» vendedor do «Diário de Lisboa», desde 1934, é empregado da Agência, onde ainda se ocupa dos problemas da distribuição do jornal, e ainda unico sobrevivente dos mais antigos dos seus vendedores

Manuel da Silva Braga, fundador e impulsionador da Agência de Publicações, que contribuiu largamente para a expansão e projecção do nosso jornal em todo o Norte do País; sua esposa, sr.ª D. Maria Ribeiro da Silva Braga, que foi sua dedicada colaboradora nessa tarefa, e o seu filho e seu activo sucessor sr. Mário Braga, actual chefe da casa

Vida literário e artístico

2.º CADERNO
SUPLEMENTO SEMANAL DO
Diário de Lisboa
N.º 401
7-4-1966

NOTAS À MARGEM

DE «ALEGRIA BREVE», ROMANCE DE VERGÍLIO FERREIRA

por CASIMIRO DE BRITO

A palavra romance ainda permanece. Inalterável. E no entanto é velha de séculos e muito se tem falado da morte do romance. Da sua morte e da sua vitalidade. O poema épico da antiguidade, as «Crónicas» e «Mistérios» da Idade Média, o «Amadis de Gaula» e o «Tristão e Isolda», a experiência antimedieval de Cervantes, os romances moralistas dos séculos XVII e XVIII e, simultaneamente, a literatura diferente então disputada (Crebillon, Brantôme, D. A. F. de Sade, «Les plaisirs et les jeux secrets de la Cour de Louis XV»), o romantismo de um Goethe e o realismo moralista de um Balzac e mais tarde de um Flaubert, o romance-espectáculo proposto por Tolstoi e o romance da consciência preconizado por Dostoievski, o já anti-romance de Musil e as alarmantes proposições de um Kafka e de um James Joyce, o romance existencialista e o contraponto socialista dos neo-realistas, o romance do olhar, o pop-romance, o romance da memória tão aprofundado por um Proust e agora tão interrogativamente caotizado pelo nosso Vergílio Ferreira, aí estão a afirmar-nos que o romance não é um género estático, que a uns mitos outros se sucederão — e, assim, o romance permanecerá junto do seu público.

Romance: obra de imaginação; narrativa em prosa ou em verso de aventuras inventadas ou transformadas pelo autor na intenção de um certo publico. Encontramos, nesta definição, as chaves da criação e da utilização do romance: a imaginação e a capacidade de despertar o interesse. Chaves da obra, que é afinal um objecto de convívio, um por vezes difícil objecto de comunicação entre os homens. Donde se conclui que, apesar de todas as suas crises, rejeições e superações, o romance continuará porque continuará o diálogo (e a necessidade dele) entre os homens.

Vêm estas breves considerações sobre o futuro do romance a propósito do ultimo romance de Vergílio Ferreira, «Alegria Breve». Na realidade, podemos afirmar que, a cada nova experiência deste escritor (alguém lhe chamou, com muito acerto, «contemporaneo do futuro»), corresponde uma actualização do género romanesco. Após a clarificação de um espaço obscuro processada em «Aparição», a insistência nessa obscuridade em «Apelo da Noite», as aproximações estéticas de «Espaço do Invisível», o autor propõe-nos agora uma desmistificação dessas claridades obscuras. E, assim, «Alegria Breve» é o romance do homem perante o seu desgaste corporal, a sua depuração, e, ao mesmo tempo, o romance da alegria (breve) de saber-se renascido em cada acto.

Assinalemos que o tema essencial deste romance nos parece ser a «descontinuidade do homem em relação ao seu meio», com a inerente fixação de identidades em relação ao mesmo meio: o espaço e o tempo (cuja imobilidade acabamos de aprender com Elsa Triolet, em «Le Grand Jamais»). E quais são os teres e haveres de um objecto descontínuo? E quais os principais temas do seu diálogo

(Continua na ultima página deste suplemento)

VERGÍLIO FERREIRA

ALBERTINE SARRAZIN

O PRÉMIO DOS QUATRO JÚRIS

E' uma ideia generosa e simpática, sem duvida, a que inspira o Prémio dos Quatro Juris, instituído para celebrar os autores que tenham obtido minorias de votos nos concursos para os quatro grandes prémios literários franceses de cada ano. O Prémio de 1965, agora atribuído, coube á escritora Albertine Sarrazin pelos romances «Astragale» e «La Cavale», publicados pela editora Pauvert.

BUROCRACIA E SADISMO

Nota sobre o romance «A Duna» de Ray Rigby

por CARLOS LOURES

Em «A Duna» (1), romance do escritor inglês Ray Rigby, somos postos em presença de um curioso documento sobre o sistema prisional do exército britanico durante a ultima guerra. Já, em «Os Patriotas», James Barlow denunciara a inumana estrutura dos regulamentos que regem as cadeias civis (onde os presos estão, *por lei*, sujeitos a castigos aviltantes como o de serem vergastados um numero de vezes correspondente á gravidade da infracção que tenham cometido).

Através de um esquema de grande simplicidade, com espaços situacionais reduzidos e perfeitamente delimitados — o pátio, a cela, o posto médico, o gabinete do comandante — Rigby, conduz-nos a um ambiente de grande densidade emocional e dramática, a lembrar no seu esquematismo um logrado clima teatral: em plena guerra, a um campo militar de detenção no deserto da Líbia, chegam cinco novos prisioneiros; cinco personagens básicamente diferenciadas, numa gama caracterológica de grande amplitude — entre a brutalidade instintiva e a hipersensibilidade. Todavia, a partir da entrada do portão, estes cinco caracteres estão reduzidos a um denominador comum, ao zero, á sujeição incondicional a uma selva de regulamentos em cuja tessitura o *factor homem* foi alienado. Um sargento-ajudante psicopata, um pequeno Hitler, é o «dono» do campo e o senhor absoluto das três centenas de prisioneiros que o habitam; o comandante, por comodidade, confia plenamente nele e limita-se a assinar papéis—«assinaria a própria sentença de mor-

(Continua na 3.ª página deste suplemento)

Bernard Pingaud e o romance noeclássico

Ao analisar aqui a obra do grande romancista francês moderno Bernard Pingaud (quase desconhecido entre nós, òbviamente,

por Frederico Montenegro

pois não é nenhum escritor de moda, nem literária nem política) preocupam-me, para além das determinantes formais próprìamente ditas que a possam definir e situar, as determinantes culturais que me parecem dar-lhe significado, unidade e fundamentação. Dado que considero a estética na razão directa da cultura — assumindo a palavra «cultura», neste caso, o valor histórico de civilização —, Bernard Pingaud interessou-me na medida em que me surgiu como romancista de um renascimento cultural que designarei, em princípio por neo clássico.

Vejamos, primeiro, quais os temas dominantes na obra de Bernard Pingaud.

O tema do amor é nela tentacular. Desencadeia uma gama infinita de interrogações e de respostas, em graduações subtis, ecléticas, que vão do mito á história, da religião á filosofia, da concepção da arte á concepção de sociedade. E é, por certo, um dos mais elevados e mais raros valores da obra de Bernard Pingaud esta mundividência intelectualista, centrada no tema do amor, já que os romances de amor contemporâneos são, na maioria, apenas pretextos para uma retórica poética degradantemente alegórica e ambígua. A tal não escapou o próprio Lawrence Durrel, que, no entanto, com o célebre *Quarteto de Alexandria*, se revelou um renovador (afinal, também neo clássico) do romance de amor como romance de tese.

De facto, *L'amour triste* (1950), *Le prisonnier* (1958) e *L'imparfait* (1965) são obras em que o tema do amor, sempre criticamente, não se circunscreve á criação de personagens, nem á forma, nem ao conteudo — antes se projecta para um universo de ideias em que personagem, forma e conteúdo se harmonizam num todo indivisível.

Assim, sendo fundamentalmente o homem o elemento do conhecimento racionalista e a mulher o elemento do conhecimento intuitivo, ambos procuram uma unidade do ser que construa o futuro. Mas uma solidão metafísica une-os e separa-os, simultaneamente. A pujança crítica das personagens masculinas—quase sempre intelectuais universitários de uma neoburguesia insatisfeita e consciente — é ainda suplantada pela pujança demiurgica das personagens femininas. De facto, nos romances de Bernard Pingaud, a mulher surge como ponto de confluência criadora dos elementos mais contraditórios. Ela é, ao mesmo tempo, mítica — a mulher-infinito, a mulher-ascese (tipo Idade-Média — Isolda), bem como a mulher-desafio intelectualista (tipo amante do século XVIII — as heroínas de Sade) — e socialmente real, como mãe, como mantenedora de uma ética da família.

A base desta exaltação de um amor vivido quotidianamente mas projectado infinitamente num mundo sempre renovado de ideias, é um sentido metafísico da fidelidade entre homem e mulher. Esta fidelidade no amor é fidelida-

(Continua na página central deste suplemento)

Uma exposição consagradora

de Jacques Prévert

Na livraria e galeria de arte «La Pochade», situada no «boulevard» Saint-Germain, em Paris, foi aberta ao publico uma exposição destinada a assinalar o aparecimento de um novo livro de poesia de Jacques Prévert, intitulado «Fatras». Além de poemas propriamente ditos, o volume inclui outros textos líricos do escritor e artista, desenhos e colagens, que figuram na exposição. Nessas multiformes expressões de uma personalidade discutida mas incontestávelmente rica, desvendam-se aspectos desconhecidos de Prévert, em que sempre prevalecem o seu temperamento e o seu humor. Para além de um aparente jogo de formas, verbais ou plásticas, e das expressões insólitas que estas apresentam por vezes, o poeta vem a revelar-se, afinal, na sua essência grave e séria, insurgindo-se contra os aspectos destruidores do progresso e procurando salvaguardar o que constitui interesse mais profundo da vida.

Jacques Prévert junto de uma composição plástica da sua autoria actualmente exposta em Paris

Um livro póstumo de Hemingway

Intitula-se «Paris é uma Festa» o livro de Hemingway que só depois da dramática morte do escritor veio a publico e que é a evocação enternecida e saudosa dos verdes anos da chamada «Geração Perdida». Grandes vultos do mundo das letras universais perpassam nesta obra a um tempo cruel e feliz, que Hemingway terminara pouco antes de morrer e que possui o forte poder de sedução dos seus melhores romances. «Paris é uma Festa» será brevemente lançado na colecção «Dois Mundos» da editorial *Livros do Brasil*.

PEQUENO MAGAZINE

HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 7 de Abril de 1936 publicava:

«VIENA (Abril) — As nossas concepções sobre a Lua são todas erróneas, na opinião do astrónomo vienense Josef Weisberger. Afirma este professor que a Lua possui a sua atmosfera própria, pelo que, a ser certa esta teoria, seria possível a vida orgânica neste planeta e, por consequência, «o homem da Lua» seria qualquer coisa mais que uma utopia. Weisberger escreveu o resumo das suas teorias especialmente para a United Press.

«As minhas experiências e estudos levam-me a afirmar que as teorias correntes sobre a Lua são falsas.»

CURIOSIDADES

● Amor e dinheiro

O par de namorados vive na localidade espanhola de Tomelhoso (Ciudad Real) Ele vinha juntando, de há muito, moedas para lhe oferecer, numa prenda invulgar, quando fosse pedir a sua mão.

Nesse dia, dirigiu-se a casa dela, acompanhando um tractor no qual acamara seis sacos com moedas de dez cêntimos, totalizando quarenta mil pesetas. Despejados os sacos, cresceu aos pés da rapariga um monte de dinheiro, quase a chegar-lhe aos joelhos

● Os astros e as vísceras

«Governa o Sol o coração; o cérebro é governado pela Lua; e o baço está sob o império do Sol».

Assim o proclamava, no século XVI, o famoso Paracelso, médico e alquimista suíço, considerado o pai da medicina hermética. *Esse nome de* Paracelso, *que ficaria célebre, fora adoptado por Filipe Auréolo Teofrasto Bombast de Hohenheim, querendo assim afirmar a sua superioridade sobre Celso, famoso escritor dos tempos antigos.*

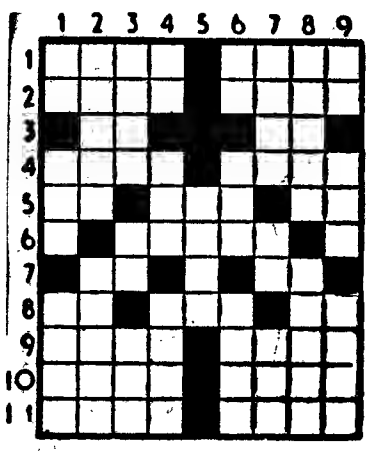
EFEMÉRIDES

Abril

- 1498 — Dia 7 — *Vasco da Gama chega a Mombaça, na costa oriental africana.*
- 1879 — *Memorável apelo do cientista francês Elisée Reclus contra a pena de morte.*

— Sim, desde que ela não largue o emprego...

PALAVRAS CRUZADAS



(COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 4066

HORIZONTAIS: 1 — Aquele que. Lodo. 2 — Tecido forte de linho. Clima. 3 — Atmosfera Preposição latina que designa movimento 4 — Leva á sirga. Na parte exterior. 5 — Rio de Itália. Negativa. Antes de Cristo. 6 — Entrada de um porto. 7 — Tempo do verbo haver. Batráquio. 8 — Símbolo químico do cério. Colorido. Deus dos pastores. 9 — Rezar. Anual. 10 — Terreiro em volta ou em frente de uma igreja. Personagem de uma tragédia de Shakespeare. 11 — Fronteira. Ecoar.

VERTICAIS: 1 — Abreviatura de quanto baste. Bolo de farinha de arroz e azeite de coco usado na Ásia. Filtrar. 2 — Sal do ácido urico. Recebe como herança. 3 — Eira. Símbolo químico do bário. Apelido. 4 — Dois mil em romano. Nome de mulher. Troveja. 5 — Qualquer porção de uma curva 6 — Nota musical. Tempo do verbo ir. Em mais alto grau. 7 — Jarro (planta). Viração. Negativa. 8 — Desenvolve. Safa. 9 — Artigo definido. Ferro temperado. Impulso.

Resolveu completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 4065

HORIZONTAIS: 1 — Anta. Nero. 2 — Arrua. Er. 3 — Adia. Daca. 4 — Banl. Asar. 5 — A. Sia. 6 — Arpar. 7 — Pé. QUEM. 8 — Usou. Pã. 9 — Reli. Rail. 10 — Ajo. Marat. 11 — Sarro. Era.

VERTICAIS: 1 — Aba. Puras. 2 — NADA. DESEJA. 3 — Trina. Olor. 4 — Arai. Aqu: 5 — Aru. Mó. 6 — NADA. Perra. 7 — Assam. Are. 8 — Recair. Piar. 9 — Orara. FALTA.

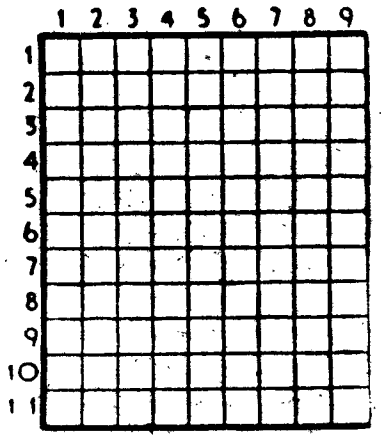
Provérbio: A QUEM NADA DESEJA NADA FALTA.

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 7911

HORIZONTAIS: 1 — Serra de Portugal. Califa que mandou incendiar a biblioteca de Alexandria. 2 — Freguesia do concelho de Oeiras. 3 — Preposição. Língua antigamente falada ao sul do rio Loire. 4 — Larva das feridas dos animais. 5 — Cidade e porto da Austrália. 6 — Mostra de algum modo que está escandalizada. Cada uma das partes duras e calcificadas que formam o esqueleto dos animais. 7 — Relativo aos campos ou á agricultura (pl.) 8 — Mulher chinesa da classe baixa. 9 — Antes de Cristo. Um dos pontos cardeais. 10 — Atravessamos. 11 — Içam. Doença que dificulta a respiração.

VERTICAIS: 1 — Alternativa. Artigo indefinido. Ilha da Republica da Indonésia no arquipélago de Sunda. 2 — Agite. óxido de cálcio. 3 — Apelido. Assalar.a. Batráquio. 4 — Governanta. Botequim Figura que simboliza o povo americano. 5 — Descrente. Peixe escombrida do Algarve. 6 — Composição poética. Grande quantidade. Balela. 7 — Pedra de moinho. Aflição. Abreviatura de Santíssimo. 8 — Cincho. Célebre actor trágico de Roma, amigo de Pompeia e de Cícero. 9 — Casta. Sufixo que designa abundancia. Aqui.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7910

HORIZONTAIS: 1 — Beco. Cria. 2 — Ala. Areia. 3 — Gap. Nel. 4 — Elar. Bo. 5 — Alão. Ni. 6 — Suar. Ul. 7 — Aro. Opala. 8 — Rã Tragar. 9 — Mói. Ave. 10 — Afina Rei. 11 — Orla. Casa.

VERTICAIS: 1 — Baga. Sardão. 2 — Ela. Aura. Fr. 3 — Capelão. Mil. 4 — Lar. Tona. 5 — Anão. Oriá. 6 — Crer. Upa. 7 — Rei. Nágara. 8 — II. B. Laves. 9 — Aaro. Tareia.

ANEDOTAS

■ **Uma jovem apresenta-se numa agência de modelos para passagem de modas. Dirige-se ao secretário:**

— Venho por causa do anuncio. Parece que contrata manequins. Que devo fazer?

O secretário não ergue sequer os olhos; abre uma gaveta, de onde tira um fato de banho, e diz:

— Faça o favor de preencher isto!

■ Um rapaz, apaixonado pelo Teatro, quer ser actor. O pai zanga-se:

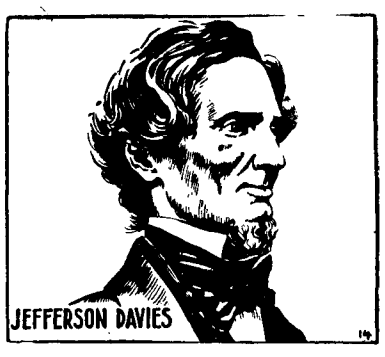
— Queres desenrar o nome de teu pai, exibindo-se no palco! E's um mau filho...

— Mas — protesta o jovem — poderei mudar de nome...

— Pois claro! — exclama o pai.

— Um pseudónimo... E amanhã, se fores célebre, ninguém saberá que és meu filho!...

FACTOS REAIS «ABRAHAM LINCOLN»



13 — *Quem era este Lincoln que o destino colocava á testa dos Estados Unidos na hora mais grave da sua História? Ouçamos o que diz um historiador americano: «Aquele corpo enorme, só ossos e musculo, aquele rosto talhado á podoa, aquele ar de sátiro bem disposto, aqueles braços herculeos e desajeitados, aqueles olhos tristes e profundos, eis Abraham Lincolne. O homem produzia uma estranha impressão de força e ingenuidade. Espantava toda a gente com a rudeza das suas maneiras, embora, por outro lado, as serenasse com a sua evidente sinceridade. Não era um político brilhante, mas notava-se no seu estilo um vigor e uma nobreza que nenhum dos seus ministros possuia. Não tinha grande cultura. Gostava de contar historietas. Trazia para a tragédia do seu país um elemento de comédia, e, até mesmo, de farsa, apesar do que exprimia melhor que ninguém os pensamentos mais graves. Chamavam-lhe oportunista, e era-o a tal ponto que achava inutil a intransigência. Era o grande «Demos» americano, honesto, direito, rude, cheio de bom senso, alegre, destemido, cometendo, por vezes, erros, mas progredindo através desses mesmos erros em direcção ao que entendia por justo. Orgulhava-se de haver saído do povo. E porque incarnava o povo americano, possuia uma natural soma de bondade e de compaixão».*

14 — *A primeira região a separar-se da União, no dia seguinte á eleição de Lincoln, foi a Carolina do Sul. Esta ia ser seguida em breve pela Carolina do Norte, Virgínia, Geórgia, Florida, Alabama, Luisiana, Mississipi, Arkansas, Tennessee e Texas. O Sul escolheu uma capital, Richmond, e um presidente, Jefferson Davis, filho dum pioneiro que se tornou plantador e aristocrata, antigo coronel da guerra contra o México e esclavagista moderado.*

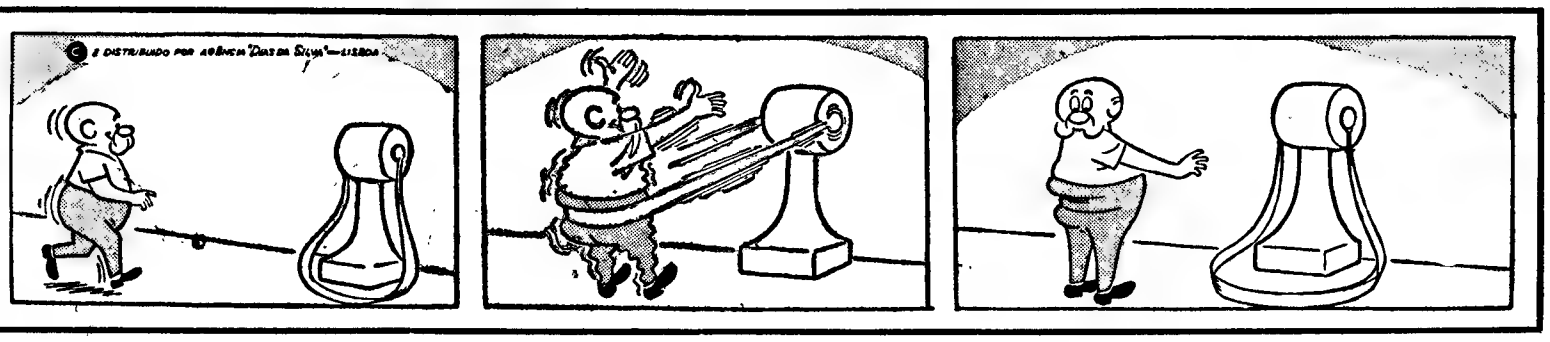
15 — *Lincoln pressentia que a guerra, contráriamente ao que pensavam muitos políticos, seria longa e dura. O Sul estava melhor preparado. Pusera-se na defensiva, mas podia derrotar o Norte apesar da grande riqueza e do maior desenvolvimento industrial deste ultimo.*

Em compensação o Norte estava mais unido na causa que defendia, ao contrário do Sul, cujos estados se tinham por independentes uns dos outros e associados sómente para uma luta temporária.

16 — *O país estava dividido tão profundamente que alguns estados, cidades e famílias tinham voluntários simultaneamente nas forças federais (Norte) e confederadas (Sul): Mary Lincoln viu dois irmãos morrerem pelo Sul. Todos os dias o presidente recebia ameaças de morte. No dia 4 de Março de 1861 prestou juramento em Washington, diante do Capitólio ainda em construção, com mau tempo e rodeado de militares. A 12 de Abril, na Carolina do Sul, os Confederados fizeram fogo contra Forte Sumter, que se recusava a evacuar as forças da União. Eram os primeiros tiros da guerra civil. No dia seguinte, Lincoln convocava o seu Gabinete e mobilizava 75 mil voluntários das milícias. Começava uma luta sangrenta.*

(Continua)

AVENTURAS DO TIO CARLOS



ACTIVIDADE EDITORIAL

«A MEMÓRIA DAS PALAVRAS» de José Gomes Ferreira em segunda edição

Foi um dos acontecimentos literários de 1965 o aparecimento de «A Memória das Palavras», de José Gomes Ferreira, ainda recentemente distinguido com o Prémio de Ensaio da Casa da Imprensa.

O livro será de ensaios? Será de memórias? Simples recordações? Ou poesia apenas? José Gomes Ferreira, poeta por fazer versos e porque vive autênticamente como tal, deu ao livro o subtítulo que melhor traduz o conteudo: «...o gosto de falar de mim».

Mas de que é que há-de falar um poeta senão dos seus sentimentos, das suas memórias, recordações de infância e outras, dos seus amigos e dos acontecimentos por ele vividos e de que foi participante?

«A Memória das Palavras» é, de facto, um livro de ensaios sobre a vida deste século, toda a vida de José Gomes Ferreira. Mas é a vida portuguesa e mundial, crivada pelo coração generoso e pela sensibilidade requintada de um grande poeta

Desde as recordações de infância que são os primeiros anos da Republica áquela arrancada heróica dos académicos contra os

JOSÉ GOMES FERREIRA

invasores da Traulitânia, á vida de um cônsul de Portugal em terras nórdicas, ás tertulias amigas dos cafés de Lisboa, com as sombras de Manuel Ribeiro de Pavia, de Bernardo Marques e outras a projectarem-se nas páginas do livro, José Gomes Ferreira fala de si e dos que tem perto do coração.

O publico esgotou rápidamente o volume porque aprecia tanto as memórias de José Gomes Ferreira como os seus versos. A edição é da Portugália, com uma capa expressiva de João da Camara Leme.

NOTAS DE LINGUÍSTICA

O SORTILÉGIO FONÉTICO

por JOSÉ PEDRO MACHADO

O essencial da Fonética foi alcançado pelos Fenícios, os primeiros, creio, que viram em cada palavra, ao lado do valor semantico, a representação sonora de uma ideia e, ainda, o total fonológico, isto é, o conjunto de sons por que é composta. Assim, em Português, *barco* tem valor representativo de um conceito, mas não é menos verdade que a sua transmissão se obtém pela sucessão dos sons *b-a-r-k-o*.

Nesta aparente simplicidade reside a ideia básica da Fonética: o isolamento dos sons orais E foi a partir daqui que os mesmos Fenícios conseguiram estabelecer o seu tão célebre alfabeto, que representou uma das maiores inovações conseguidas pelo Homem no sentido de fixar pela escrita e difundir conhecimentos, em oposição a outros sistemas, quase que herméticamente limitados a uma classe privilegiada, como acontecia entre os Egípcios seus contemporaneos. Mas essa oposição a tudo que representasse hermetismo não ficou no que tal sistema de escrita tinha de vulgarizante, porque se transmitiu a outras nações, superou outros processos gráficos, para hoje poder ser considerado o princípio mais usado, embora sob diversas formas e a tal ponto que, segundo parece, estão contados os dias do principal dos actuais representantes da escrita ideográfica: o chinês.

Depois desta grande vitória, velha de mais de dois mil e quinhentos anos, tudo se tornou fácil neste campo, mas não definitivamente, pois os espíritos começaram a observar como, afinal, qualquer escrita tem sempre carácter convencional e é sempre incompleta, mesmo as que se baseiam no tão prático sistema de invenção atribuído aos Fenícios. Basta dizer que a vida dos idiomas arrasta, por vezes, o aparecimento neles de novos sons, mas essas novidades raramente impõem a criação de novos símbolos gráficos; prefere-se adaptar, de preferência, de qualquer modo que pareça prático, algum dos antes em uso, processo que, quanto a mim, poderá a princípio proporcionar confusões, mas que oferece a vantagem de não complicar a aprendizagem da escrita com representações novas. Lembro, para exemplificar, a inovação verificada na ortografia portuguesa durante a segunda metade do século XIII que nos trouxe o *lhe* e o *nh* para reproduzir os tão conhecidos sons palatais da nossa língua. Se bem que se trate de imitação de usos provençais, isso não significa total invalidação da doutrina antes exposta, porque se a a adapatação não se verificou em Português, mas em Provençal, idioma que, evidentemente, não estava proibido de proceder a esta e a outras inovações, como, afinal, qualquer outro.

Nunca se pretenda negar o interesse da descrição fonética de um idioma (que em pormenor só interessa em estudos especializados dirigidos a técnicos), do estudo da evolução dos fonemas (que nos casos romanicos, pelo menos, não oferecem, na generalidade, grandes dificuldades) e ainda da vantagem metódica de oferecer ao principiante boa introdução ao hábito de observar e comparar, vantagem, de resto, compartilhada com outras e, pelo menos, igualmente interessantes actividades de natureza diversa. Em tais estudos assinala-se o som ou a evolução de cada som, mas raríssimos são os tratados (não falo, como se verifica, de compêndios) que assinalam as razões da evolução fonética ou da presença de deteminado som em certo idioma ápenas a partir de dada época.

Este desinteresse quase geral da Fonética, de limitadas vistas e preocupada quase que só com a mecanica glótica, pela entoação (factor decisivo em muitos e difíceis problemas, de capital importancia para o estudo, por exemplo de certas épocas do Português) e pela história das gentes que falam determinados idiomas, trouxe-lhe a desconfiança de estudiosos. Entre estes, alguns chegam mesmo a esquecer o que ela, apesar de tudo, vale, porque os seus espíritos nunca chegaram a verificar em que ela consiste.

Para a penetrar quase por completo, no caso português, basta estudar as obras de Gonçalves Viana. O interessado pode acreditar que, sob este aspecto, nelas está tudo e ainda por muitos anos. — *J. P. M.*

Livros novos de autores estrangeiros

«OS GRANDES PROCESSOS DA HISTÓRIA»

de Henri Robert

O 4.º volume, agora publicado pela editorial *Livros do Brasil*, da série «Os Grandes Processos da História», do consagrado historiador e jurista Henri Robert, traz aos leitores novos temas apaixonantes de evocação do passado. Surge, em primeiro lugar a vida movimentada de «mademoiselle» de Montpensier, eternizada sob o nome de «Grande Mademoiselle». Herdeira de uma fortuna imensa, que a transformava na pessoa mais rica de França, enjeitou o casamento com diversos reis para mais tarde se tornar num verdadeiro joguete nas mãos corruptas e habilidosas do duque de Lauzun. Surge, seguidamente, o Grande Condé, invencível homem de guerra com quem as armas de França se recamaram de glória. Henri Robert explica-nos depois o mistério do Máscara de Ferro, de quem se propalava ser irmão de Luís XIV, ocupando-se, logo a seguir, do rei Murat, cunhado de Napoleão e rei de Nápoles. O volume termina com o processo do Marechal Ney, imortalizado em numerosas batalhas, e a quem os veteranos da Guarda Imperial denominavam o «Bravo dos Bravos», injustamente condenado por crime de alta traição.

Escrevendo com vigor e perfeição formal, Henri Robert prende irresistivelmente a atenção do leitor, e, dissecando com rigorosa objectividade os meandros sinuosos dos processos mais retumbantes do agitado período histórico de que se ocupa, dá-nos uma obra cheia de ensinamentos e de atractivos. Profusamente ilustrada com extratextos que nos documentam acontecimentos referidos no livro ou nos revelam a fisionomia de vários dos seus protagonistas, o 4.º volume de «Os Grandes Processos da História» apresenta uma capa muito elegante e sugestiva. A tradução é da autoria de J Costa Neves e Leonel Vallandro, tendo sido revista para Portugal.

«O EMBAIXADOR»

de Morris West

A versão portuguesa do mais recente romance de Morris West, «O Embaixador», realizada por A. Silva Branco, foi apresentada pela Livraria Clássica Editora na Colecção Orbe.

Com uma arte literária excepcional, Morris West faz neste livro não só uma evocação apaixonante da guerra do Vietname do Sul, das suas implicações, e do papel que nela desempenharam diferentes personagens mais ou menos obscuras — diplomatas, agentes secretos, conspiradores profissionais —, mas também um romance sobre o drama de um homem ultrapassado pela sua missão, dilacerado pelas exigências da sua profissão e da sua consciência. Este livro excepcional, cujo interesse humano é tão grande como o seu interesse histórico e documental, constitui, assim, a obra mais notável que Morris West escreveu depois de «O Advogado do Diabo»

«UM DIA NO CREPÚSCULO DO MUNDO»

de William Saroyan

O estilo de Saroyan como observador da vida social norte-americana tem neste romance, publicado pela *Editora Ulisseia* em tradução de Marina Aparício e Fernando Lopes, um testemunho impressionante. A narrativa baseia-se na experiência quotidiana e pungente de um «homem inacabado, sem realização total, condenado em função da própria morte, do próprio acto de nascer». A própria vida da cidade é um pulsar contínuo e insistente através da obra — desde o luxo silencioso da Plaza até ao rouco movimento comercial da Bowery Saroyan evoca Nova Iorque com a sabedoria, o amor do homem que percorreu a pé as suas ruas, observou o seu povo, e ressentiu o seu ritmo nos próprios ossos.

Numa crítica á sua obra, a *New York Book Review* define o estilo de Saroyan com a seguinte afirmação: «Um claro, inesperado e intenso estilo que em nossos dias tantos tentam imitar mas que se mantém inimitável».

«QUANDO O MAR SE RETIRA» de Armand Lanoux

Armand Lanoux, o poeta francês consagrado com o Prémio Apollinaire de 1953, romancista de êxito em «Commandant Watrin» (Prémio «Interallié» de 1956), biógrafo celebrado de Zola, tem no romance «Quando o mar se retira» um dos momentos capitais da sua carreira literária. Por processos simples e lineares, mas apaixonantes de clareza e de poder narrativo, uma efabulação ágil, vívida, inteligente, sob o manto de um estilo cintilante, exclamativo até, na atitude, consegue o autor vertiginosa sucessão de matizes que tingem todo o ambiente de uma interioridade autêntica, um pouco insólita por vezes.

«Quando o mar se retira», que obteve o Prémio «Goncourt» em 1963, é um romance da guerra e da paz — mas também do tempo e da sua forma humana, o esquecimento.

O romance acaba de ser publicado pela Livraria Bertrand, em tradução de Gina de Freitas, na colecção «Autores Universais».

«A DUNA» DE RAY RIGBY

(Continuação da 1.ª página deste suplemento)

te, se eu lha pusesse á frente», gaba-se o sargento cujo objectivo consiste em modelar, na «lama» e no «lixo» que, para ele, os presos representam, soldados, *verdadeiros soldados* e, com isto, quer dizer: seres sem raciocínio individual, pensando e respirando através de códigos e de ordens do dia. Assim, trezentos homens estão á mercê da furia pedagógica de um maníaco.

O elemento didáctico de que Wilson, o sargento, mais se orgulha é a duna, elevação artificial com cerca de vinte metros, construída no meio do pátio pelos detidos: qualquer delito, real ou simplesmente inventado pelo zelo sádico dos guardas, passa a ser punido com uma «viagem á duna», o que significa subir, descer, contornar, voltar a subir, durante sucessivas horas, o monstro de areia e de pedra. Uma terrível emulação entre a personalidade dos homens e a duna, símbolo de uma burocracia desumana, constitui, pois, a espinha dorsal deste romance.

Fruto de experiências pessoais do autor, este livro, é prejudicado por uma certa falta de objectividade crítica. Bem escrito, sem adornos formais desnecessários, focando problemas de grande interesse humano, «A Duna», fica-se, no entanto, na epiderme das coisas. Havia ilacções fundamentais a tirar a partir deste vigoroso documento, ilacções que o próprio autor deveria ter integrado no seu romance.

Apesar disto, este livro de Ray Rigby, escritor práticamente ignorado entre nós, possui motivos de interesse suficientes para que saudemos o aparecimento desta tradução.

CARLOS LOURES

(1) — «A Duna», de Ray Rigby — tradução de Manuel Rodrigues — colecção «Romances Exemplares» — «Publicações Dom Quixote» — Lisboa, 1965.

EDIÇÕES EM FASCÍCULOS

«A IGREJA DO PRESENTE E DO FUTURO»

A iniciativa da *Editorial Estampa* de reunir numa edição sistemática os textos e informações fundamentais para a história do Concílio Ecuménico Vaticano II tem sido realizada com exemplar continuidade e método. O fascículo 10.º da obra, agora distribuído, insere expressivos documentos e testemunhos sobre o problema das relações da Igreja católica com outras igrejas ou correntes religiosas e inclui os capítulos VII a IX, relativos ás «Decisões da Segunda Sessão do Concílio», debates sobre a comunicação social da Igreja, Constituição de Liturgia o Papa e o Concílio, etc.

O texto é acompanhado de ilustrações expressivas de vários passos da magna reunião conciliar, que veio abrir novos horizontes ao mundo cristão.

«OBRAS DE SHAKESPEARE»

Está prestes a terminar esta edição que veio renovar, em traduções excelente, o interesse pelo genial dramaturgo e testemunhar a sua presença viva na cultura contemporânea. O fascículo 36.º, há pouco dado a público, prossegue o texto do estudo final sobre a obra de Shakespeare, iniciando o capítulo consagrado á projecção histórica e política que essa obra assumiu na civilização moderna.

ESCAPARATE

De 28 de Março a 4 de Abril de 1966)

Autores portugueses

Título — «Maria da Luz sem Olhos».
Autor — Marques Gastão.
Editora — Sociedade de Expansão Cultural.
Número de páginas — 392.
Preço — 45$00.

Título — «Crítica de Circunstância».
Autor — Luís Pacheco.
Editora — Ulisseia.
Colecção — Vária, 6.
Número de páginas — 258.
Preço — 25$00.

Autores estrangeiros

Título — «Uma Confidência de Maigret».
Autor — Simenon.
Tradutor — Augusto de Freitas.
Editora — Livraria Bertrand.
Colecção — Série Inspector Maigret, Vol. XVII.
Número de páginas — 140.
Preço — 12$50.

Título — «A Viagem ao Fim da Noite».
Autor — Louis Ferdinand Céline.
Tradutor — Aníbal Fernandes.
Editora — Ulisseia.
Colecção — Série Literária, 76.
Número de páginas — 506.
Preço — 65$00.

Título — «Os Gregos até Alexandre».
Autor — Robert M. Cook.
Editora — Verbo.
Colecção — História Mundi — Vol. III.
Numero de páginas — 274.
Preço — 60$00.

Título — «Dai-lhe o Eterno Repouso».
Autor — André Lay.
Tradutor — M. Ercilla.
Editora — Ibis.
Colecção—Circulo Vermelho, 11.
Número de páginas — 148.
Preço — 30$00.

Franz Marc — um grande pintor alemão que ficou no início do caminho

Há meio século, na primeira guerra mundial, caiu morto no campo de batalha, em França, o pintor alemão Franz Marc. Tinha, então, 36 anos e havia sido, por ironia do destino, um dos paladinos da escola moderna de Paris na Alemanha.

Conquistado pelo cubismo, depois de ter experimentado os seus rumos de artista em outras direcções, Franz Marc imprimiu-lhe imediatamente, na sua obra, um cunho de forte personalidade, de tendência abstraccionista, que se representou em vigorosas criações. Em 1911, juntamente com o pintor russo Kandinski, que pôde exercer muito mais largamente a sua influência e irradiação perdurável, Franz Marc fundou o grupo artístico «Der Blaue Reiter» (O Cavaleiro Azul) e fez divulgar a nova corrente de pintura inspirada no cubismo francês. Ao grupo aderiram, logo depois, pintores que vieram a conquistar muito maior projecção, como Paul Klee e Macke, acentuando a tendência abstracta e os seus novos caminhos na pintura contemporânea.

Em plena vitalidade criadora, Franz Marc foi varado por balas francesas e ficou sepultado na terra invadida da França. Teria sido, sem dúvida, um dos grandes mestres da arte europeia no nosso século se a brutal carnificina não o tivesse ceifado, como a tantos outros artistas e escritores de outros países, arrastados para os dois campos em luta.

A Alemanha celebra, agora, a memória do pintor prematuramente morto, quando a sua obra ascendia ao primeiro plano da irradiação mundial. O quadro «A Torre dos Cavalos Azuis», que nesta página se reproduz, é testemunho da riqueza e força de composição do artista, transitando do cubismo para novas fórmulas de pintura e anunciando uma obra que atingiria, decerto, a altura da que consagrou Klee e Picasso. O quadro é de 1913 e Franz Marc foi morto em 4 de Março de 1916.

O pintor alemão Franz Marc

Foi criada em Espanha a «Ordem de Sancho Pança»

No povoado manchego de Alcázar de San Juan, em que se conserva devotamente a tradição cervantina, foi criada ultimamente a «Ordem de Sancho Pança», com o objectivo expresso de exaltar a figura do fiel escudeiro de Don Quixote. São sete os sócios fundadores, mas a «Ordem» ficará aberta á participação de outros membros. A sede da instituição ficará situada no Moinho de Sancho Pança que foi reconstruído expressamente para este fim junto a uma estrada da Mancha.

A inscrição está aberta a espanhóis e a estrangeiros, com base nas seguintes condições: ter lido «Don Quixote», possuir alto sentido da amizade, saber montar em burro, ser bem disposto e alegre de natureza, ter bom apetite. Anualmente promoverá a «Ordem de Sancho Pança» um repasto colectivo em taberna manchega, com suculentos pratos «al gusto del país». A agremiação vai ter, sem dúvida, largo êxito.

O quadro de Franz Marc «A Torre dos Cavalos Azuis»

BERNARD PINGAUD

(Continuação da 1.ª página deste suplemento)

de ao próprio ser. As suas raízes são as de uma cultura cristã, mesmo depois de a fé em Cristo e na Igreja estar totalmente esboroada: *Il ne croyait plus en Dieu; ses idées sur la vie, sur le monde s'étaient nuancées au contact d'idées différentes, leur belle harmonie avait fait place á un chaos d'évidences contradictoires; mais, au milieu de ce désastre subsistait, insolent, ce roc: «Je veux faire quelque chose de difficile, je ne veux pas m'abandonner.» (...) La souffrance, se disait-il, est comme un clou qui vous fixe e vous supporte* (1).

Pelo que disse até aqui, já se poderá avaliar a riqueza dos temas dos romances de Bernard Pingaud. Todavia, isso seria ainda pouco se, paralelamente, não houvesse neles — como de facto há — uma riqueza de invenção estética neo clássica. A propósito de Bernard Pingaud poder-se-á até falar em realismo neo clássico. Será talvez oportuno citar — já que este artigo pretende ser apenas uma apresentação de Bernard Pingaud — algumas das suas afirmações mais significativas sobre romance e realidade: *Le roman renvoie à la réalité dans la mesure où, renonçant à la copier, n'essayant pas d'en être le miroir, ce n'est plus un réel qu'il dévoile mais un possible. J'apelle possible une expérience qui n'est plus garantie que par le langage* (2).

De facto, há em Bernard Pingaud uma procura realista da linguagem que não seja nem catalização encantatória de um idealismo abstracto de essência nem, por outro lado, dissecação pragmática (e quase sempre dogmática) da existência.

Sem duvida, a palavra é em Bernard Pingaud mais real do que a própria vida — a vida como acção, como movimento histórico —, mas isso apenas porque tende a hormonizar as forças contraditórias da existência, criando uma realidade que seja recriação do próprio ser, evolução espiritual, evolução essa não linear mas cíclica.

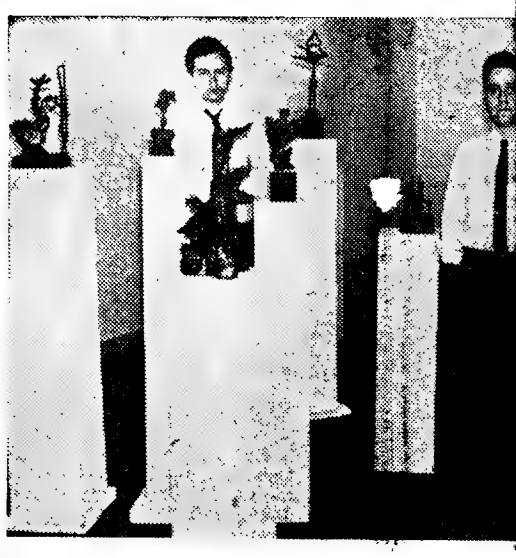
Depois de Beckett e dos cultores do *nouveau-roman* — sobretudo Alain Robbe Grillet — parece-me que nada mais se poderá fazer para mitificar a linguagem, para a tornar desesperadoramente ambígua, destruindo-a como agente de sínteses culturais. Bernard Pingaud é dos raros escritores contemporaneos que correspondem precisamente a essa necessidade de conferir á linguagem — e muito em especial á linguagem no romance — um rigor harmonioso, quer na análise, quer na invenção.

E perante os dilemas, ao fim e ao cabo sofísticos, do romance contemporaneo — ineficazes que foram as panaceias psicológicas ou as de um objectivismo histórico fatalista e demagógico — os dilemas entre forma e conteudo e, paralelamente, entre tempo e espaço, há que aproveitar a lição de Bernard Pingaud e regressar ás origens culturais do romance. Esse regresso, evidentemente, não pode ser repetição saudosa e enciclopédica de ideias e de formas, mas tentativa de síntese didáctica. Didáctica, sim. Pois não será verdade que mais do que qualquer outra forma estética, o romance — mesmo quando, como em Kafka, põe em questão a condição humana de uma maneira alegórica e interroga metafísicamente — visa á exemplaridade, mais — á exemplaridade universal?

FREDERICO MONTENEGRO

(1) *L'amour triste* — págs. 125-7 — Edição *10/18* — 1965.
(2) Posfácio a *L'amour triste* — *Roman et réalité* — edição citada, pág. 157.

O cartaz anunciador da exposição dominava por completo uma rua de Upsala



Charters de Almeida e Nuno de Siqueira durante a m

DOIS ARTISTAS PORTU... NUMA GALERIA DA...

O pintor ... escultor C... tiveram as... sição realiz... tico de U... exposição ... to de rele... êxito dos ... flecte-se n... nosso temp...

Desde a ... logo aos re... Imprensa s... gente, bem ... houve pon... sentação d... candinávia.

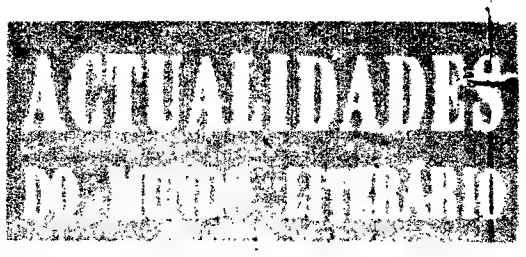
A exposi... iniciativa d... Konstforen... que Upsal... dio da F... benkian to... lização ao ... portugueses... acolheram ... tendo a i... acontecime... Estiveram ... de Portuga... grandes n... país.

O mais ... Upsala o ... referiu-se ... á exposição ... da cerimón... ziu, a duas ... cada um d... sobre a ex... teresse», di... lanço daqu... Portugal e ... verificamos...

● **A celebração do centenário do nascimento de Romain Rolland tem ressuscitado o prestígio do escritor e do cidadão do mundo, mesmo nos sectores literários mais exigentes. Jean Guéhenno, no «Figaro Littéraire», proclamou: «Conheci muitos homens e alguns grandes homens, mas nunca encontrei nenhum maior do que o autor de «Jean-Christophe». André Maurois afirma: «Sempre admirei Romain Rolland». E Maurice Nadeau, crítico exigente e isento, escreve no «Nouvel Observateur»: «Injustamente esquecido no seu próprio país, Romain Rolland é célebre no estrangeiro. Na Russia, alcançou o «record» absoluto de tiragem, com 7 500 000 exemplares dos seus livros — e no mundo inteiro têm sido promovidas grandes manifestações por motivo do centenário». Entretanto, acaba de publicar-se em França, numa edição de três volumes em papel bíblia, a colectânea das suas três obras fundamentais: «Jean-Christophe», «L'Âme Enchantée» e «Journal des Années de Guerre, 1914-1918».**

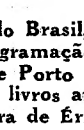
● **Ante a erupção de uma nova corrente de vanguarda teatral norte-americana consubstanciada notadamente na obra de jovens autores como Jack Gelber e, sobretudo, Edward Albee — a poesia, a um tempo mágica e depressiva, da obra de Tennessee Williams parece ter perdido um pouco do antigo prestígio. Na realidade, os truques de seu estilo e de seus temas mórbidos estavam a artificializar-se sensívelmente. Não quer isto dizer, entretanto, que as peças tenham deixado de apresentar interesse — ético e literário. Prova disso é o estudo feito por Esther M. Jackson sobre «O Mundo Partido de Tennessee Williams», ou seja, no original, «The Broken World of Tennessee Williams», há pouco publicado nos Estados Unidos.**

● **Entre as principais editoras do Brasil, a primeira a apresentar uma programação completa para 1966 foi a «Globo», de Porto Alegre. José Condé cita os mais notáveis livros anunciados. Para começar, uma nova obra de Érico Veríssimo, «Sol e Mel», impressões de viagem á Grécia. Mas, ao que informa a editora, não ficará por aí: presentemente, nos Estados Unidos, está trabalhando num livro de «Memórias». A seguir, as novidades que promete a colecção «Cataventos», de livros de bolso: uma novela de espionagem de Iam Fleming, «O Homem de Revólver de Ouro»; uma selecção de contos da escritora chinesa Nieh Hua-Lin, «A Bolsa»; a novela «Bel Ami», de Guy de Maupassant; «O Homem Disfarçado», do ficcionista português Fernando Namora; «Histórias que mamãe nunca me contou», seleccionadas por Alfred Hitchcock, onde figuram páginas de Ray Bradbury, Shirley Jackson, Jane Rice e F. Scott Fitzgerald, entre outros.**



no de Siqueira durante a montagem da exposição

TAS PORTUGUESES OBTIVERAM ÊXITO GALERIA DA SUÉCIA



psala

O pintor Nuno de Siqueira e o escultor Charters de Almeida obtiveram assinalado êxito na exposição realizada no Instituto Artístico de Uppland. Em Upsala, a exposição constituiu acontecimento de relevo e, naturalmente, o êxito dos dois jovens artistas reflecte-se na arte portuguesa do nosso tempo.

Desde a originalidade do catálogo aos reflexos da exposição na Imprensa sueca, até na mais exigente, bem se pode dizer que não houve pontos baixos nesta apresentação dos dois artistas na Escandinávia.

A exposição foi organizada e da iniciativa desse Instituto (Uplands Konstforening) da província de que Upsala é capital. Um subsídio da Fundação Calouste Gulbenkian tornou possível dar realização ao acontecimento que os portugueses que vivem na Suécia acolheram da melhor maneira, tendo a inauguração constituído acontecimento de relevo social. Estiveram presentes o embaixador de Portugal, dr. João Afra, e os grandes nomes de artistas do país.

O mais importante jornal de Upsala o «Upsala Nya Tidning» referiu-se por mais de uma vez á exposição e, além da fotografia da cerimónia inaugural, reproduziu, a duas colunas, uma peça de cada um dos artistas. No artigo sobre a exposição, «cheia de interesse», diz: «Se fizermos o balanço daquilo que sabemos de Portugal e da Arte Portuguesa, verificamos que não é muito. A arquitectura e a escultura na Idade Média e no Renascimento são de grande interesse para a história da Arte em geral; mas pouco sabemos depois disso. Foi por isso que decidimos ir ver esta exposição e aproximarmo-nos do país e da sua arte».

Falando de Charters de Almeida, acentua que ele «utiliza velhas imagens tradicionais, evitando os pormenores, nas suas composições bem definidas e com ornamentações muito limitadas». Fala depois dos seus «perfis suaves, de grande poder sugestivo, que se ajustam ás formas com um padrão orgânico e cheio de vida».

Antes de falar da «unidade surpreendente» das obras do escultor, assinala á sua forma pessoal nas «composições que partem de uma base limitada e se desenvolvem como formas de coral ou cactos, vegetais com ramos que mais parecem torcer-se á medida que andamos á sua volta».

De Nuno de Siqueira o articulista, que principiara a crónica por assinalar a associação de Portugal e da vida portuguesa ao mar, diz que a «sua obra varia em torno de um tema formal unitário», para indicar depois a «divisão de superfícies em linhas horizontais, com inserção de episódios de colorido suave». E depois: «É como se estivéssemos diante de uma onda atlantica caminhando em direcção á praia. As formas da sua pintura são sólidamente associadas mas permitem uma fuga individual. Siqueira parte de um esqueleto formal que ele preenche com pinceladas li-

(Continua na ultima página deste suplemento)

Uma sugestão

nos 50 anos de vida literária de Ferreira de Castro

O cinquentenário de actividade literária de Ferreira de Castro tem suscitado vivas repercussões em Oliveira de Azeméis, sede do concelho onde nasceu o escritor e donde partiu criança para a sua crucial experiência amazónica. Foi já sugerida a afixação do seu nome numa rua da vila e lançou-se a ideia da colocação em algum dos seus jardins de uma estátua ao Emigrante — evocativa do escritor que lierâriamente o representou em páginas inapagáveis. Depois de João da Silva Correia, que tem assinalado com maior relevo o imperativo da participação de Oliveira de Azeméis nas celebrações do Cinquentenário, trouxe ultimamente o publicista Alberto Couto, no jornal «Correio de Azeméis», uma outra sugestão que merece as atenções dos que puderem realizá-la. Aqui a reproduzimos, nas próprias palavras do autor:

— «Que num local silencioso do parque de La-Salette, sobranceiro ao vale por onde corre a estrada do Covo, se faça construir um poiso acolhedor, á maneira do que em Espanha se chama «glorieta», com um pequeno banco de pedra coberto por delicado caramanchão e um muro protector onde seria colocado um medalhão com o alto-relevo do busto do escritor de «Emigrantes». Desse refúgio, prestes á leitura e á meditação, os olhos abarcariam *«a casaria ainda esfumada da aldeia de Vilar»* e todo o vale viçoso circundante onde se pressente a sombra do Manuel da Boiça que, *«desiludido e gasto»*, desceu de Ossela, caminho do Brasil, a pisar a mesma rota de esperança que, um dia calcorreou, ao peso de belos sonhos, um ignorado rapazito de Salgueiros. E, no enlevo de uma luminosa visão transposta para cinco dezenas de anos passados, esses mesmos olhos podiam aperceber-se de que *«o azul do Caima ia-se tornando negro, a água confundia-se já com a terra, sob o mesmo véu escuro, e os amieiros, apagado o recorte da folhagem, ficavam ali como vultos, como embuçados prescrutando o mistério da noite»*.

Talvez naquela bucólica moldura de lembranças melhor se afeiçoem os espíritos á perfeita compreensão do sentido humano da obra de Ferreira de Castro».

Informação das comemorações do Cinquentenário

● **O governador do Estado de Guanabara e antigo embaixador em Portugal, dr. Negrão de Lima, vai dirigir a Ferreira de Castro uma mensagem de congratulação pessoal e oficial pela celebração do seu cinquentenário como escritor.**

● **O consagrado escritor brasileiro José Condé associa-se expressamente ás homenagens ao autor de «A Selva» e vai enviar-nos um artigo evocador.**

● **O escultor Vasco da Conceição está a trabalhar numa medalha, comemorativa da personalidade e da obra de Ferreira de Castro, que será cunhada e posta á venda dentro de poucos meses.**

● **O pintor Julio Pomar será o ilustrador de uma edição especial de «Emigrantes» que virá a publico no ano corrente, continuando assim neste livro a obra de interpretação plástica que o artista brasileiro Portinari realizou com «A Selva».**

● **A Exposição Bibliográfica e Iconográfica comemorativa do cinquentenário literário de Ferreira de Castro, que está prevista para Junho próximo, terá a direcção artística do pintor e técnico expositional Fernando de Azevedo, que está já a participar nos trabalhos preparatórios da Exposição.**

● **As organizações rotárias de Portugal metropolitano anunciaram o seu propósito de se associar ás homenagens deste ano a Ferreira de Castro, promovendo um encontro consagrador da sua personalidade e da sua obra.**

● **Está prevista para o Outono deste ano a realização na Casa da Imprensa, em Lisboa, de uma sessão comemorativa em que serão evocadas a vida e a acção de Ferreira de Castro como jornalista.**

A Comédia Humana de

BALZAC

«Balzac é um tema infinito e acima das minhas forças...»
Gorki

«Hoje, Balzac descansa em paz. Ergue-se acima das controvérsias e dos ódios. Entra, no mesmo dia, na glória e no túmulo. Doravante, vai brilhar por cima de todas estas nuvens, que estão sobre as nossas cabeças, entre as estrelas da sua pátria.»
Victor Hugo

«*A Comédia Humana* é a obra mais revolucionária que se pode ler.»
Zola

★

Primeiros volumes publicados

OS INSURRECTOS DA BRETANHA
A MULHER DE TRINTA ANOS
Tradução de JAIME BRASIL

A Comédia Humana será constituída por volumes com um mínimo de 400 páginas, com duas tiragens: uma, vulgar, e outra, especial, limitada a 500 exemplares, cartonada, com sobrecapa em acetato, impressa em papel *offset* e ilustrada com uma policromia. Está prevista a publicação de 6 volumes por ano.

Preço da edição vulgar ..... 50$00
Preço da edição especial ..... 120$00

CUPÃO para consulta gratuita a enviar à **PORTUGÁLIA EDITORA** Av. da Liberdade, 13-Lisboa

Desejo receber, para consulta gratuita, o 1.º volume de **A Comédia Humana** (edição vulgar) acompanhado do folheto elucidativo das condições de assinatura, comprometendo-me a:

1. Se estiver interessado em assinar **A Comédia Humana**, remeterei no prazo máximo de oito dias o respectivo postal-inscrição, podendo em seguida enviarem-me o 2.º volume e efectuarem a cobrança da assinatura;
2. Se concluir que não estou interessado na assinatura, devolverei este 1.º volume no prazo máximo de oito dias, **sob registo;**
3. Se no prazo máximo de oito dias não remeter o postal de inscrição nem devolver o exemplar recebido para consulta gratuita, é porque desejo ficar com ele (sem qualquer compromisso em relação aos restantes), pelo que poderão efectuar a respectiva cobrança de Esc. 50$00.

A edição especial não é enviada para consulta gratuita

INDICAÇÕES INDISPENSÁVEIS
Nome .....
Endereço .....
Nome e endereço da firma onde trabalha .....
.....
.....

há pouco publi-

do Brasil, a pri-
gramação com-
e Porto Alegre.
livros anuncia-
ra de Érico Ve-

ADES
ERÁRIO

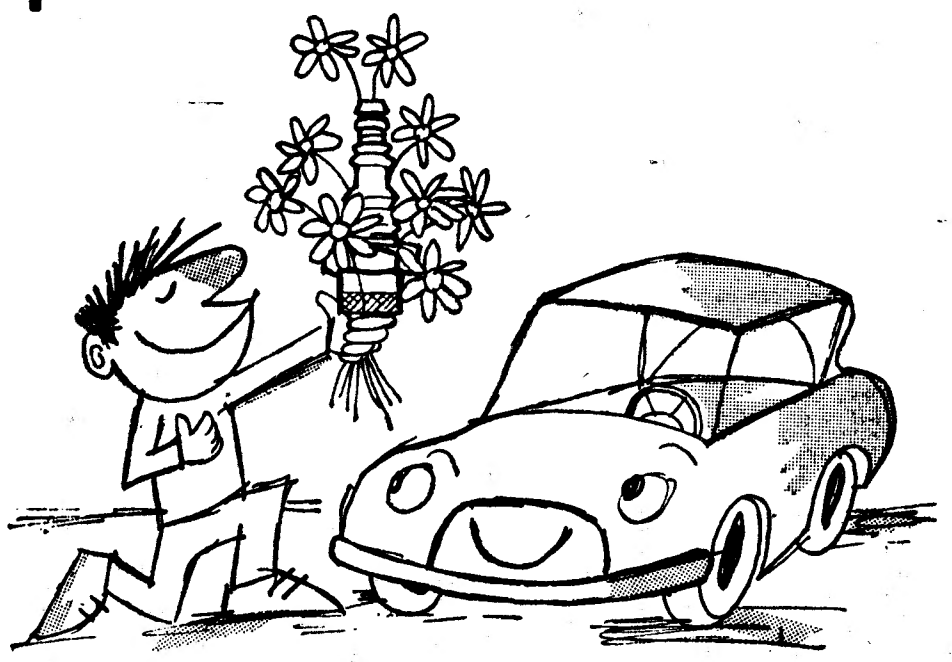
de viagem á
tora, não ficará
s Unidos, está
rias». A seguir,
ão «Cataventos»,
de espionagem
e Revólver de
a escritora chi-
a novela «Bel
Homem Dis-
Fernando N-
a me contou»,
ck, onde figu-
hirley Jackson,
entre outros.

Friedrich Dürrenmatt, de quem a «Globo» já editou anteriormente as novelas «A Pane» e «A Suspeita», reaparecerá com «Grego Procura Grega». Dois títulos na colecção «Biblioteca dos Séculos»: «As Leis», de Platão, e «Poética», de Aristóteles; um na colecção Província: «A Colonização Alemã no Rio Grande do Sul», de Jean Roche.

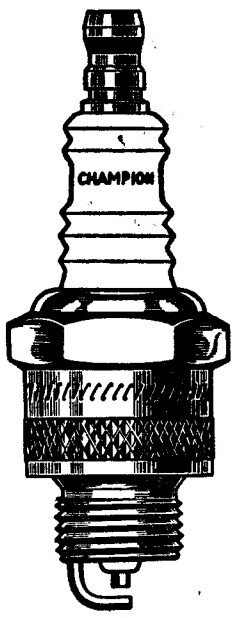
● **Numa academia madrilena proferiu Joaquin de Entrambasaguas uma conferência intitulada «Larra en Madrid, donde escribir es llorar». Foi todo o processo psicológico do romantismo espanhol o tema primacial da conferência, em que o autor salientou o lugar específico da capital espanhola, depois das invasões, guerras civis, lutas incessantes, como centro de uma vivência romântica sem paralelos na Europa. Larra é a figura típica desse romantismo madrileno, apaixonado e fatalista, que a sua própria morte simboliza. Mas quem lê hoje Larra, fora dos meios literários eruditos ou de mais indagadora cultura?**

● **Não tem sido muito comum, no campo dos estudos filosóficos anglo-americanos, o interesse pelas correntes ditas existencialistas. Não é o caso do ensaísta William Barrett, autor de uma obra ainda recente: «What is Existentialism?» (Grove Press, Nova York) cujo tema central é a oposição entre Hegel e Heidegger. Barrett vê Hegel como uma suma de racionalismo contra o qual se rebelou Kierkegaard, pai do moderno existencialismo. Neste parece avultar a figura controvertida de Martin Heidegger. O autor do livro publicou anteriormente «The Irrational Man», obedecendo a linhas semelhantes de análise das tendências filosóficas existenciais.**

porque não o melhor para o seu carro?



Todos nós temos "um fraco" pelo nosso carro. É o amigo fixe, o companheiro de todas as horas. Mas só lhe prestamos atenção quando surge o enguiço Não puxa, arranca com dificuldade ou consome demais? Claro, nunca mais se lembrou das velas! Mas não mude simplesmente **as** velas. Mude **de** velas, porque se todas custam o mesmo, pelo mesmo preço pode comprar o melhor. Faça ao seu carro aquilo que ele merece.
Dê-lhe o melhor
Dê-lhe velas CHAMPION.

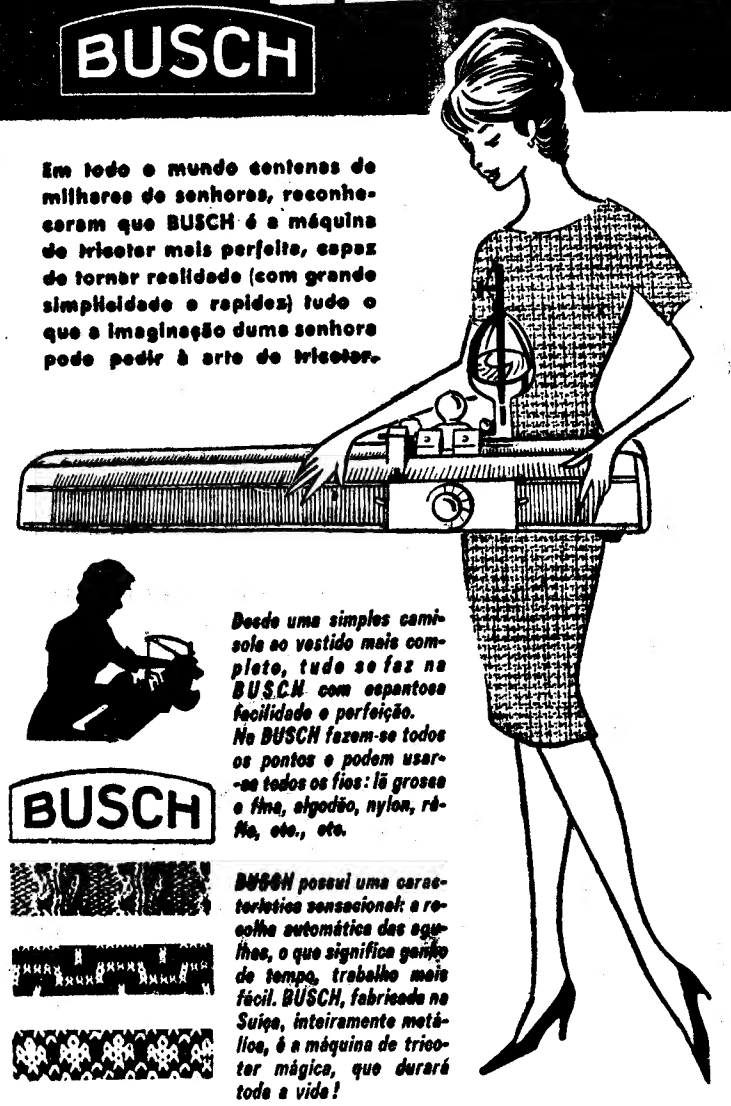


CHAMPION A vela favorita do mundo

Apresentando...

O MAIS RECENTE MODELO DAS MÁQUINAS DE TRICOTAR

BUSCH



Em todo o mundo centenas de milhares de senhoras, reconheceram que BUSCH é a máquina de tricotar mais perfeita, capaz de tornar realidade (com grande simplicidade e rapidez) tudo o que a imaginação duma senhora pode pedir à arte de tricotar.

BUSCH

Desde uma simples camisola ao vestido mais completo, tudo se faz na BUSCH com espantosa facilidade e perfeição.
Na BUSCH fazem-se todos os pontos e podem usar-se todos os fios: lã grossa e fina, algodão, nylon, ráfia, etc., etc.

BUSCH possui uma característica sensacional: a recolha automática das agulhas, o que significa ganho de tempo, trabalho mais fácil. BUSCH, fabricada na Suiça, inteiramente metálica, é a máquina de tricotar mágica, que durará toda a vida!

A máquina BUSCH dupla super-automática pode ser adquirida apenas por Esc. 200$00 por mês. Visite as nossas salas de demonstração. Damos instrução gratuita por tempo indeterminado.

Distribuidores Exclusivos:
Soc. de Rep. **SIDA - SUECA**, *limitada*
Departamento de Vendas BUSCH
Av. Fontes Pereira de Melo, 15-D // Tel. 73 31 11 • LISBOA
Agentes no Norte
Est. M. SIMÕES JR., S. A. R. L.

SALÃO ROSSIO

ROSSIO, 93-1.º, DT.º — TELEF. 326431

O CABELEIREIRO MAIS CENTRAL DE LISBOA

MASSAGISTA — MANICURE e CALISTA

SOCIEDADE DE CONSTRUÇÕES AMADEU GAUDENCIO

ARQUITECTURA E ENGENHARIA

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os COMBOIOS ELÉCTRICOS

SALSICHARIA FAVORITA, LDA.

CHARCUTERIE
DELIKATESSEN

RUA DO OURO, 283 TELEFONE 325232
LISBOA

BANCO BORGES & IRMÃO

PORTO S. A. R. L. LISBOA

Instituição fundada em 1884
Capital e Reservas — Esc. 271.000.000$00

Dependências no Porto — Bonjardim (Casa Antiga) — Sá da Bandeira — Infante D. Henrique — Costa Cabral — Campanhã — Carvalhido — Foz do Douro — Boavista — Carlos Alberto e Costa Cabral (Areosa)

Dependências em Lisboa — Estados Unidos da América, Fontes Pereira de Melo, Pascoal de Melo, Álvares Cabral (ao Rato) Duque da Terceira, Estrela, Olivais.

AGÊNCIAS — Braga, Setubal, Ovar, Matosinhos, Amarante, Lourosa, Gondomar, Vila do Conde, Murtosa, Albergaria-a-Velha, V. N. de Gaia, Valença, Arrifana, Faro, Oliveira do Hospital e Cascais.
POSTO em Vilar Formoso

Correspondentes no Rio de Janeiro — BANCO BORGES
Correspondentes em Luanda e Lourenço Marques
BANCO DE CRÉDITO COMERCIAL E INDUSTRIAL

TODAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS

CAMBISTA TESTA

CÂMBIOS-LOTARIAS

Cambista TESTA TOTOBOLA
câmbios - lotarias - totobola RUA DO ARSENAL, 74

SE QUER FESTA...
Jogue no «TESTA»

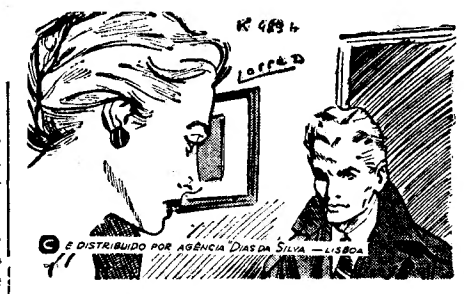
«A HERANÇA DE THÉODORE BORJALY»

por STÈVE DAMONT

RESUMO — Théodore Borjaly, velho celibatário que escrevia um livro sobre a hereditariedade, foi envenenado. Vivia com a sua velha criada, Sidonie, e com a secretária Clara. Recebia frequentes visitas do sobrinho Gérard, investigador científico, e da sobrinha Nelly, com a qual se reconciliara após vários anos de relações cortadas. O inspector Durieu está encarregado do inquérito.

13 — Durieu reflecte no que acaba de dizer-lhe o dr. Ménard. Não pensava que o livro pudesse ter tanta importância. E no entanto este pormenor dá mais precisão ás suas duvidas quanto á culpabilidade de Gérard... Durieu apressa-se a ir ao Solar dos Mureaux. Está impaciente por ler o famoso manuscrito. E se alguma personagem importante da cidade se sentiu visada e suprimiu o autor?... O inspector percorre a comprida alameda central que leva á propriedade. A casa parece abandonada depois da morte de Borjaly. Tem as janelas fechadas. A velha Sidonie enclausurou-se na cozinha e Clara vive práticamente no quarto. Durieu sabe que a criada faz a vida impossível á ex-secretária de Borjaly. Sidonie tem uma ideia fixa: afastar Clara dos Mureaux. Clara, por seu lado, quer fazer exactamente isso, mas a Polícia exige que ela fique onde está até ao fim do inquérito. Durieu aproxima-se da casa quase deserta. Na varanda, em frente do quarto de Clara Verneuil, está uma cadeira de convés vazia. Durieu observa maquinalmente o recanto agradável e escuro que Clara acaba sem duvida de deixar. Aproxima-se mais. Na cadeira está pousado um livro: «Poemas», de Lamartine. Durieu sorri «Aqui está uma secretária romântica», pensa. Mas de repente uma fotografia cai de entre as páginas do livro. É a fotografia de Gérard...

14 — Durieu contempla durante alguns instantes a fotografia do jovem. O móbil do crime vem-lhe outra vez ao pensamento: a herança! Clara Verneuil está apaixonada por Gérard. Mas conhecerá Gérard esses sentimentos? Estará também apaixonado? Terá havido entre ambos uma ligação secreta? Nesse caso Clara poderia querer repartir a fortuna de Borjaly com o amante. E talvez fosse ela a envenenar o velho. Gérard desconheceria então tudo. Durieu pensa em Clara. Onde já viu este rosto? A memória nada lhe diz. Finalmente decide-se a telefonar á «Sûreté» de Paris e pede a um colega que consulte o ficheiro. «Dá-me um quarto de hora», diz o inspector de Paris. «Vou procurar em Verneuil e depois liga para aí.» Durieu dá voltas ao salão. «Clara pode ter mudado de identidade», murmura entre dentes. Mas a campainha do telefone fá-lo sobressaltar. «Está? Durieu?», diz uma voz de Paris. «A tipa chama-se mesmo Clara Verneuil. Lembras-te do caso Poncelet, aquele fulano que foi morto a tiro? Clara Verneuil era a secretária de Poncelet. Não se conseguiu provar a culpabilidade dela e soltámo-la.»



15 — Durieu lembra-se agora bem de Clara Verneuil. Viu-a durante o processo. Resolve interrogá-la imediatamente: «Recebi informações de Paris. A senhora esteve implicada num caso de assassínio. Envenenou Borjaly para casar com o herdeiro único, Gérard.» «Não», grita a rapariga, «não fiz nada disso!» «Você é amante de Gérard», insiste Durieu. «Não» repete Clara. «É certo que o amo, mas sou-lhe totalmente indiferente.» Quando o inspector lhe mostra a fotografia escondida no livro, Clara responde sem hesitar: «Encontrei-a nos papéis do sr. Borjaly.» E continua: «Também não tenho nada a ver com a morte do sr. Poncelet. O sr. Borjaly era amigo do sr. Poncelet. Quis provar que eu estava inocente, e era por isso que escrevia uma obra acerca das famílias da cidade e das suas taras hereditárias. Poncelet era desta região. Dava-se aos estupefacientes e frequentava ambientes equívocos. Por isso foi morto. Mas a família abafou o caso e deixou-me no lugar de principal suspeita. Não queria que a verdade viesse ao de cima. Tem a prova de tudo isto no livro do sr. Borjaly.» Clara caiu numa poltrona e chora. Durieu pede-lhe que não saia da propriedade e dirige-se á biblioteca para ler calmamente o manuscrito.

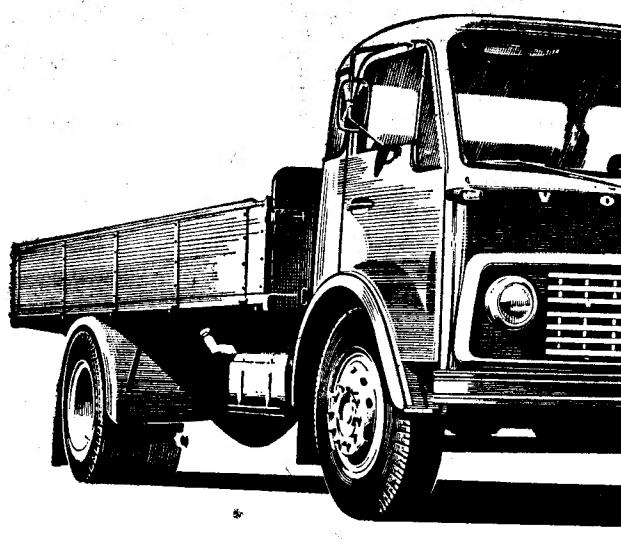
16 — A biblioteca, simultâneamente escritório do falecido Borjaly, ficou tal qual estava na altura da morte do dono dos Mureaux. Há papéis em cima da mesa. Uma resma de folhas tem por título «Consequências da hereditariedade — Caso Poncelet». Durieu senta-se a ler a copiosa obra, quando de repente se interrompe. Acaba de descobrir uma folha de papel de formato diferente e coberta com a letra inclinada de Borjaly. Durieu lê-a espantado. É um testamento datado de quinze dias antes da morte de Borjaly. Esse testamento lega toda a fortuna a Nelly.

(Continua)

LEILÃO DE AUTÓGRAFOS NA ALEMANHA

O leilão de autógrafos há tempo realizado pela casa Stargardt, em Marburg, na Republica Federal da Alemanha, foi um dos mais importantes do seu género ultimamente efectuados no Mundo. Coleccionadores e representantes de bibliotecas e arquivos dos mais diversos países apresentaram propostas para a compra de mais de 1500 autógrafos.

Houve quem pagasse 33 000 marcos (cerca de 237 contos) por uma colecção de cadernos de excertos de Karl Marx, da época em que começara a escrever «O Capital». Um autógrafo de Lutero, com votos de felicidade enviados por ocasião de um casamento, obteve 15 500 marcos. A «Stiftung Preussischer Kulturbesitz» adquiriu, por 7100 marcos, manuscritos de duas páginas de Ludwig van Beethoven com alguns trechos do Quarteto para Cordas em Dó Menor. Uma casa parisiense licitou por 6100 marcos um fragmento de sete páginas de Claude Debussy. Foi, também parisiense o comprador de um manuscrito de Igor Stravinski, do ano de 1928. Um manuscrito de Goethe, a segunda metade do proémio de «O acordar de Epimenides», foi adquirido pelo Museu Goethe, em Düsseldorf, por 20 000 marcos. Uma firma sueca pagou 6800 marcos por uma carta inédita de Thomas Mann, dirigida em 1914 ao seu editor S. Fischer.



LIVROS & AUTORES

APRECIAÇÕES CRÍTICAS DE

MÁRIO SACRAMENTO

«AS IMAGENS DESTRUÍDAS», romance de FAURE DA ROSA (Portugália)

Escritor exigente e probo, Faure da Rosa não sacrificou nunca a sua obra na aras do êxito fácil. De lanço em lanço, foi conquistando os segredos da luz que imprime transparência ás águas profundas. E chegou á marca da maré em que uma obra pode ser a

FAURE DA ROSA

um tempo rica e acessível, densa e comunicativa. O seu livro é um mimo que a Primavera nos trouxe! E um escorço de problemática que seria erro ignorar, pois há nele valores fundamentais do nosso tempo e um poder expressivo, castigado e seguro, que vem alargar os horizontes da nossa novelística actual.

Decorre a acção em cinco dias, sem que isso diminua a extensão romanesca das vivências, que se espraiam em trajectórias longas e acidentadas. Historia a vida, em círculo fechado, de três casais da pequena burguesia lisboeta. Inclui-se assim, como a maior parte da obra de Faure da Rosa, numa tradição de literatura conjugal que passa pela «Carta de Guia de Casados» e pelo «Primo Basílio» — para assinalar, apenas, as marcas de duas estruturas sociais diferentes. E isso me parece fundamental, porque interpretar este romance em termos de crise da pequena-burguesia, tão-só, é, a meu ver, tomar a parte pelo todo, e desinseri-lo duma perspectiva sem a qual a sua riqueza se desvanecerá. Para além dos condicionalismos epocais, o que dá perenidade á questão é a incógnita do que seja a fidelidade e o amor, e da razão ou sem razão com que se define o homem como animal monogâmico, poligâmico, poliândrico — e o mais que sobra... Mas, dentro dentro desse condicionalismo, o aspecto fundamental, sem duvida, é o da independência económica e social da mulher, e esse gostaria eu de o ver mais definido no romance de Faure da Rosa. Entre o refugio final de Paula na casa paterna e a decisão, em que fosse posta, de se bater por um emprego, eu teria preferido a alternativa, á qual o autor não fecha, todavia, a porta, e por isso eu me regalo a sonhar-lhe este *post scriptum*.

O processo narrativo, em regime de *full time*, é muito hábil. A descristalização stendhaliana dos sentimentos, muito bem marcada. As anotações psicológicas, muito finas. A figura de Paula, inexcedível — inesquecível. Aliás, as três mulheres são, todas elas, um encanto, e até parece que os homens é que estão lá a mais. O estilo, uma vez por outra atravancado ainda (mas raramente) por um certo pendor para as palavras pesadas ou abstractivas, mas sempre muito bem orquestrado e sugerindo mais do que diz.

Em resumo, dum livro destes ou se escreve muito ou se declara apenas: não o percam leiam-no!

«ESTILISTICA DA LÍNGUA PORTUGUESA», por M. RODRIGUES LAPA, 4.ª edição (Dep. Atlântida, Coimbra)

Rodrigues Lapa continua a erguer monumentos á língua e á literatura portuguesas. Após a edição crítica das Obras Completas de Tomás António Gonzaga, do exaustivo estudo sobre a vida e a obra de Alvarenga Peixoto e de outros valiosos trabalhos que levou a cabo durante a sua permanência no Brasil, publicou há meses, em edição igualmente crítica, as «Cantigas d'escarnho e de mal dizer», por ele recolhidas dos cancioneiros medievais.

Também á sua divulgação dos clássicos, nos cadernos da «Seara Nova» e na colecção Sá da Costa, reportamos, muitos de nós, o contacto que tivemos com o património literário comum.

Equivale a isso, com efeito, a bela «Estilística da Língua Portu-

RODRIGUES LAPA

guesa» que Rodrigues Lapa publicou em 1945, e agora vai, no Brasil, a caminho da sua 5.ª edição revista e aumentada. Ao longo dos anos, é esta a terceira vez que a leio. E sempre descubro alguma coisa que me escapara. Nenhum gramático, nenhum erudito, nenhum filólogo poderia escrever um livro como este se não fosse, do mesmo passo, um estilista ele próprio. E Rodrigues Lapa — bem no sabemos os seus leitores doutrora —, é-o não só como Mestre, mas como escritor. Essa a pequena diferença que tudo transforma e nos faz ler este livro com o agrado de quem se recria sobre uma obra de lazer. Constantemente apoiado em exemplos escolhidos com segurança e bom critério entre os mais belos da nossa história literária, Rodrigues Lapa encara as realidades da língua com um bom-senso e um bom gosto que desarmam o mais libertário de todos os antigramáticos: «*A língua é muito rica em meios expressivos. Saibamos empregá-los todos, a seu tempo, para dar variedade ao que escrevemos. Os puristas têm a ruim tendência para considerarem uma só forma correcta. Se nos convencermos do contrário, é meio caminho andado para chegarmos a escrever bem. E tiremos de tudo isto esta conclusão segura: a Estilística, preconizando a liberdade criadora, está muitas vezes em conflito com as regras da Gramática, que se apoia nos ditames duma tradição empedernida*».

«ANTÓNIO NOBRE» estudo biobibliográfico por Guilherme de Castilho (Arcádia)

Guilherme de Castilho é o autor da principal obra de fundo sobre António Nobre, editada em 1950 pela Bertrand, de que o presente livro é uma espécie de *abrégé* ou edição popular, seguido de antologia e generosamente ilustrado. Cumpre assim correctamente os propósitos do autor e da colecção em que se integra — *A Obra e o Homem*.

Não posso, todavia, furtar-me a dizer que me decepcionam sempre as bagatelas biográficas — boletins de saude, contas de hotel, bilhetes-postais — que é de regra encontrarmos nos estudos dedicados a António Nobre. Há qualquer coisa de excessivo e aberrante nesta tendência para centrar na doença todo o *curriculum* do poeta e para aureolar de Via-Sacra o mais ínfimo e trivial dos seus passos. Confronte-se o caso de Nobre com o de Cesário e logo se verá como o poeta do *Só* tem sido encarado numa perspectiva que é mais de album de família do que de literatura. Seria assim desejável que de futuro houvesse a preocupação de o enquadrar na problemática geral da sua geração, e se estudasse mais detidamente a questão das fontes da sua cultura e a das influências que recebeu.

«Alegria Breve», de Vergílio Ferreira

(Continuação da 1.ª página deste suplemento)

com o universo? A solidão, a cobardia, a velhice, a morte — a solidão que se pretende acompanhada, a velhice ou longo esgotamento de tudo, a cobardia com seu contraponto de coragem quotidiana, a morte todos os dias interrompida, todos os dias perfeitamente recomeçada no convívio da cidade e da memória.

Vergílio Ferreira situou o seu romance em dois cenários simultaneos: uma aldeia abandonada e a memória do seu herói, Jaime Faria. Não, não foi deslize a palavra herói. Com a permanência do romance mantém-se inalterável a presença do herói. Um herói que nada tem que ver «directamente» com o herói romantico nem com o herói realista, mas que, tal como os seus antepassados da história da literatura, escava na imitação da vida a sua importancia, o seu ideal de equilíbrio, as relações positivas da sua presença no universo.

Jaime Faria tem, ao longo de todo o romance, ao longo da sua trajectória mítica, uma palavra na boca: «alguém terá de ficar» — alguém terá de responsabilizar-se pela cidade do homem ainda que abandonada pelos homens. Transfigurada, a aldeia, transfigurada pelas reinvenções da memória de um homem cansado, velho, mas que ficou, ela é não só a afirmação do vazio, do caos, da podridão, da morte, mas também da esparança, do recomeço, do companheirismo e do amor. A aparente substituição do tempo real pelo tempo reabilitado na memória não exclui, em Vergílio Ferreira, a constante afirmação do ar que se respira, do espaço que se preenche, do amor que se faz até ao frenesi. Romance de relações, portanto: onde o próprio amor carnal, a «animalidade quente e escura», atinge a máxima dimensão, a dimensão excessiva que rebenta com o nexo das palavras e as liberta das suas habituais combinações.

Subjugado pela guerra, mortos os deuses, os olhos abertos sobre a solidão e a velhice, desconfiado da eternidade, o que resta ao homem senão debruçar-se sobre o seu corpo, esse corpo susceptível de todas as corrupções mas que é afinal o unico veículo do sangue, o unico veículo do futuro? A chave do homem está no seu sangue, a unica herança transmitida aos filhos — a salvaguarda da vida.

Os outros? Os outros também estão mortos, frios na carne — e no entanto como se acende a sua presença na memória! E, neste cenário, porventura o mais real, Jaime Faria levanta o corpo maravilhoso de Vanda, a pacata serenidade do Padre Marques, a miséria amarga de Águeda, a presença hierática de Ema, a afirmação da sua virilidade pela impotência do Inglês... A memória não é, pois, menos cenário de espectáculo, de diálogo entre pedras contraditórias do que a igreja na colina, as minas na montanha, a cama grande como um palco; a memória não é aqui um mero refugio de solidões e cobardias: polarizadora de inquietações, clareira implacável onde se digladiam todas as misérias do homem, a memória nos romances de Vergílio Ferreira é um meio agreste, por vezes profundíssimo, onde a vida do homem é escalpelizada até á exaustação.

Aproximando, uma vez mais, os problemas do romance na sua qualidade de género literário velhíssimo de séculos, pergunte-se: Como recomeçar, antes de destruir? Não será o romance deste escritor universal uma tentativa por vezes lograda de destruir as formas mais actualizadas do romance? Uma afirmação da sua continuidade? É que, se é um facto que todas as questões se esgotaram, é-o igualmente a permanência do homem na vida e a permanência do romance como forma de expressão. «Reconstruir tudo desde as origens, desde a primeira palavra». Poderá o homem vencer a memória a não ser pelo suicídio? Donde me parece que o grande problema do romance (proposto por Vergílio Ferreira) será salvar a memória ou destrui-la?

Tal como o homem, o romance (invenção de aventuras) do homem permanecerá. E, se é um acto de coragem acreditar nessa permanência, o que diremos da coragem exaustiva de o afirmar? O que diremos da «alegria breve» de quem sabe estar na posse do milagre do ser — que é também a presença absurda e dinamica do estrume da terra?

CASIMIRO DE BRITO

O monumento a Ruben Dario

por VICTÓRIO MACHO

Há cem anos que Ruben Dario nasceu e a Espanha está a comemorar o centenário do grande poeta com cerimónias várias. Os seus versos esses continuam a ser lidos, como lidas continuam a ser as obras de poetas, prosadores e pensadores dessa admirável geração de 98 que tanto enriqueceu o património espiritual do seu país.

Um grande escultor, Victório Macho, tem fixado quase todas essas figuras, desde o seu Unamuno, firme, hirto, o olhar de mocho a ver longe e pronto na réplica sangrenta, talhado em granito, que se encontra na escadaria do Colégio Anaya, em Salamanca, a Galdós, Benavente, Ramon y Cajal.

O monumento a Ruben Dario, o dos «Cantos de vida e esperanza» vai ser erguido no Parque del Retiro, o parque dos poetas em que as crianças madrilenas encontram a liberdade. Victorio Macho concluiu já o esboceto para esse monumento. Será uma fonte rematada por uma grande lira a enquadrar a cabeça do poeta ensimesmada. E sobre a cabeça do poeta, modelada com a largueza de Victório Macho, parece mirar as alturas a própria musa inspiradora de seus cantares.

O monumento a Ruben Dario

O monumento foi encomendado a Victório pelo alcaide de Madrid, o conde de Mayalde. No Parque do Retiro se encontram já os monumentos a Campoamor, Benavente, irmãos Quintero, Galdós, entre outros.

DOIS ARTISTAS PORTUGUESES NA SUÉCIA

(Continuação da página central deste suplemento)

vres e espontaneas que dão á pintura uma profundidade multiforme. Prende-nos realmente a combinação entre a construção formal e a espontaneidade pictórica.»

A exposição que esteve aberta ao publico durante umas semanas foi sempre muito visitada. Algumas das obras foram adquiridas por coleccionadores suecos e por instituições culturais, a começar pelo próprio Instituto Artístico de Uppland que comprou uma peça de cada um dos artistas.

Insista sempre em...

Schweppes